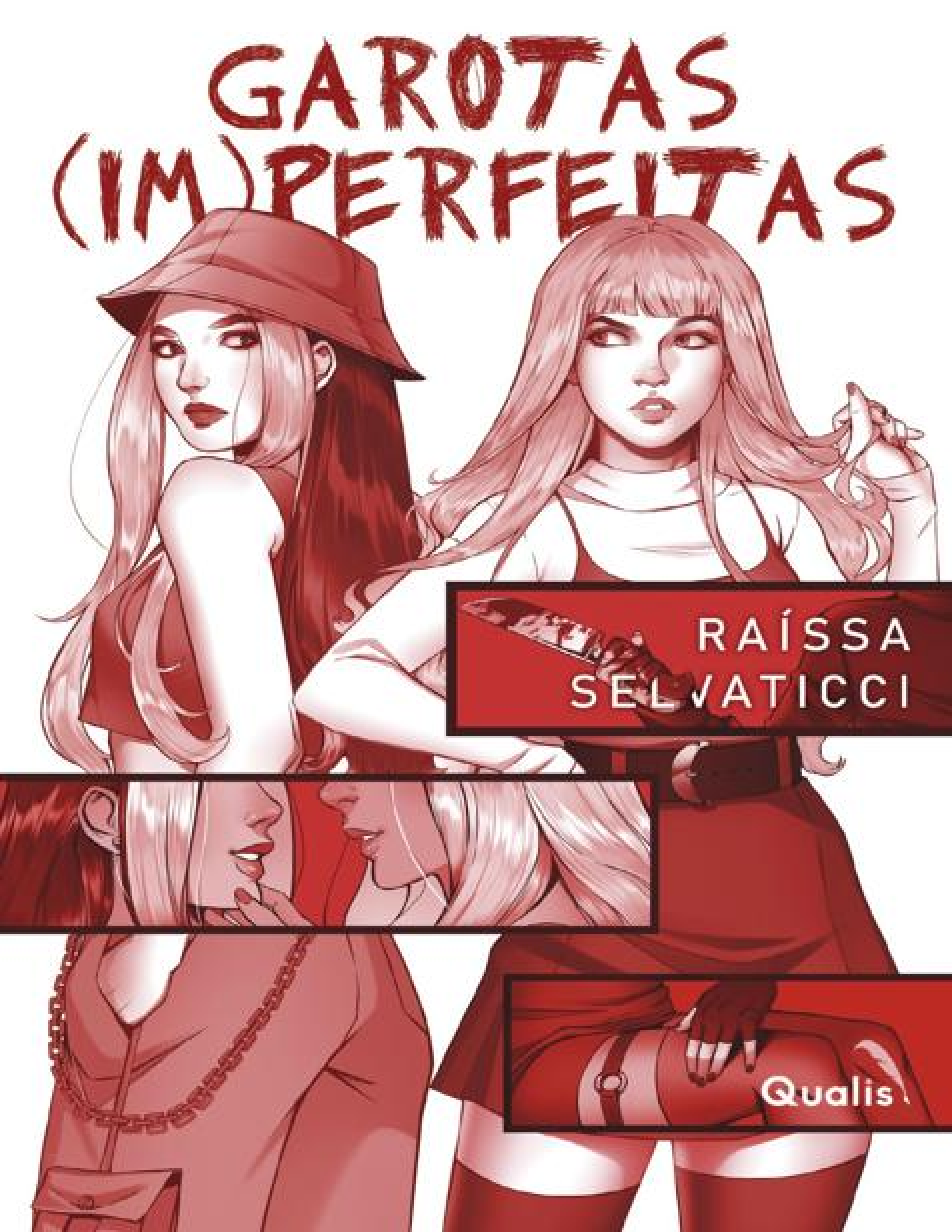


GAROTAS (IM)PERFEITAS



RAÍSSA
SELVATICCI

Qualis



GAROTAS (IM)PERFEITAS



RAÍSSA SELVATICCI

GAROTAS (IM)PERFEITAS

1ª Edição

Santa Catarina - 2022



Copyright © 2022 Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia anuência da editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, datas e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

<i>Editora Responsável</i>	Simone Fraga
<i>Produção Editorial</i>	
<i>Preparação de Texto</i>	
<i>Assistente Editorial</i>	Bianca Jung
<i>Revisão Ortográfica</i>	Ediane Silva Simone Fraga
<i>Ilustradora</i>	Ana Paula Salvatori
<i>Capa</i>	Renato Klisman
<i>Projeto Gráfico</i>	Qualis Editora
<i>Diagramação</i>	Renato Klisman
<i>Imagens Internas</i>	Shutterstock

S469g

Selvaticci, Raíssa - 1998 -
Garotas (im)perfeitas / Raíssa Selvaticci. — [1. ed.] —
Florianópolis, SC: Qualis Editora, 2022.
280 p. : il. ; 23 cm.

ISBN Impresso 978-65-87383-83-5

ISBN Digital 978-65-87383-82-8

1. Literatura 2. Romance Brasileiro 3. Suspense 4. LGBT 5. Ficção
I. Título

CDD – B869.3

CDU – 821.134.3(81)

+16 - contém violência e linguagem sexual.

1ª edição – 2022



Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda
Caixa Postal 6540
Florianópolis - Santa Catarina - SC -
Cep.88036-972



www.qualiseditora.com



www.facebook.com/qualiseditora



[@qualiseditora](https://www.instagram.com/qualiseditora)



[@qualiseditora](https://www.youtube.com/qualiseditora)



contato@qualiseditora.com

Para todas as garotas que abraçam diariamente as suas (im)perfeições.

E para todas as outras que ainda estão aprendendo a fazer isso.

“Mamãe disse ‘você é uma garota linda’

O que você tem na cabeça não faz diferença

Penteie o seu cabelo, corrija os seus dentes

O que você veste é tudo o que importa”

(Pretty Hurts, Beyoncé)

Estou 10% pior hoje
do que estava ontem

Áustria Fontes foi ameaçada de morte naquela manhã de quarta-feira.

Aconteceu nos corredores brilhantes da American Saint de São Paulo, quando um aluno engraçadinho decidiu colocar um bilhete anônimo no seu armário. Odiava bilhetes anônimos. Ao longo dos seus dezessete anos, havia assistido séries de suspense o bastante para saber que nada de bom vinha deles.

Por alguns minutos – o tempo de tirar o bilhete do armário, colocar na bolsa, fechar o armário e correr até a sala de aula vazia para ler – ela preferiu pensar que o papel cheio de corações era obra de algum idiota sem autoestima que, em um estado avançado de delírio, pensou que poderia ter alguma chance com ela. Já tinha recebido declarações de amor anônimas antes, mas, dessa vez, não poderia estar mais errada.

Eu sei. Essas duas palavras eram as únicas que podiam ser vistas no bilhete, escritas com um canetão de quadro azul que deixara o papel cheirando a tinta. Para uma pessoa com tantos segredos quanto Áustria, a mensagem fora bem direta.

Eu sei.

Eu sei.

Eu sei.

A frase estava saltitando dentro do cérebro de Áustria desde que seus olhos tocaram nas letras. Se suas unhas de gel não tivessem sido um rombo tão grande no orçamento, ela teria roído cada uma.

— Tri — a voz de Osmar invadiu o banheiro, acompanhado por um suave bater de portas —, seu namorado chegou.

Áustria assentiu, então se deu conta de que o pai não podia ver seu gesto.

— Já vou — murmurou, irritada por ter sido arrancada da sua bolha de lamentações. Teria que ir até o lado de fora do bar, interagir, submergir dos pensamentos obsessivos sobre o bilhete guardado em algum canto da bolsa.

A verdade era que sua integridade física não corria risco algum – e ela

não estava feliz com isso. Quem quer que fosse o responsável por aquelas míseras duas palavras, ameaçava de morte unicamente a sua reputação, o que era bem pior.

Ela não podia ir na polícia e reclamar que alguém “sabia de algo” .

Áustria ajeitou os fios de cabelo loiro atrás das orelhas, bagunçando a franja curta. Perguntava-se como tinham descoberto se sempre fora tão cuidadosa. Ela sabia que as paredes de American Saint tinham olhos de águia. Já os alunos, tinham bicos.

Bicos fortes, perigosos, resistentes . Prontos para atacar qualquer pessoa que agisse contra o que era esperado.

Não que Áustria estivesse reclamando. Ela precisava daquelas pessoas, que ansiavam sua queda tanto quanto ansiavam sua posição para se manter onde estava. Fazer parte da realeza do ensino médio era um jogo de risco – e não poderia ser diferente. Um passo em falso e você está fora, sendo escolhido por último nos jogos da educação física e lanchando no banheiro para ninguém perceber o quanto você é solitário.

No Ensino Médio, mais do que em qualquer outro lugar, a solidão machuca.

Áustria se levantou, empurrando a porta da cabine sanitária com uma das mãos. Fez uma careta de nojo logo em seguida e besuntou os dedos com o álcool gel que costumava carregar no bolso da calça. Assim que terminou, procurou pelo celular. Com os dedos ainda um pouco úmidos, pesquisou por

“aula de reforço” no campo de buscas do aplicativo de mensagens e abriu a primeira conversa que encontrou.

Áustria (12:32) diz:

Cancele as aulas de reforço por um tempo.

Mordeu o lábio depois de enviar a mensagem. Pensou em bloquear o contato, mas logo chegou à conclusão de que seria uma atitude suspeita.

Guardou o celular e deu uma breve olhada no espelho, antes de sair, dessa vez, empurrando a porta com os pés.

Dentro do bar, fez uma careta para a silhueta feminina de seios enormes que enfeitava o corredor dos banheiros. A decoração do espaço era pavorosa, pensada para agradar homens de meia idade, viciados em cerveja artesanal.

Áustria odiava cada centímetro do espaço, desde as mesas feitas com barris reaproveitados até a iluminação meia luz, que deixava sua pele num tom mórbido de cinza e seus cabelos loiros estranhamente opacos.

Se não fosse por seu pai, ela nunca colocaria os pés em um lugar como aquele.

Quando chegou no corredor principal do estabelecimento, Áustria agradeceu por terem poucos clientes naquele horário. Ela já conseguia imaginar as manchetes nos principais canais de moda: “Modelo prodígio e aposta dos maiores concursos de beleza de São Paulo é vista em boteco copo sujo em plena luz do dia”. Seria suficiente para que os juízes dos concursos lembrassem dela e a desclassificassem, numa próxima oportunidade.

Se o ensino médio era um jogo de risco, os concursos eram um jogo cruel. Doloroso, porque a perfeição é cansativa, mas ninguém nunca está disposto a desistir dela.

— Tri! — O chamado de Osmar fez com que se aproximasse do bar, onde ele servia uma porção de batatas assadas para Hélia. Ela cerrou os olhos e inspirou profundamente, tentando descobrir, pelo cheiro, se haviam sido afogadas com azeite ou com manteiga. Manteiga era um *terror*. — Não me disse que foi eleita presidente da turma este ano.

Áustria passou os olhos por Hélia, sentado há poucos centímetros de distância de Osmar. Ele abriu um sorriso malicioso, declarando-se culpado antes mesmo que a garota proferisse sua suspeita.

Não havia dito nada para o pai, porque suas conversas não costumavam ser muito produtivas. Era um amontoado de “sim”, “pois é”, “tudo bem” e

“que ótimo”. Áustria tinha para si a teoria de que, ao longo da vida, não trocaram mais de duzentas palavras. Isso até aquele fatídico ano, quando sua mãe resolvera largar sua carreira brilhante de neurocirurgiã e fazer trabalho voluntário em países subdesenvolvidos. As pessoas elogiavam a mulher, dizendo que fora uma escolha bonita e altruísta. Áustria só conseguia pensar que era maluca e que odiava ter que morar com seu pai até que a médica se recuperasse daquele surto.

— Eu devo ter esquecido — ela deu um sorriso amarelo. Gostava de Osmar, mas o homem não fora alguém presente em sua infância e agora toda interação parecia forçada, como se levasse consigo um lembrete de “tarde demais”. Ele não parecia seu pai, mas um estranho simpático. Toda vez que esse tipo de pensamento percorria a cabeça de Áustria, ela se forçava a lembrar que havia pais muito piores, então se sentia grata por ele.

— Você sabe. Com toda a correria dos concursos, minha memória não é das melhores. Mas foi divertido. Eu nem tinha me candidatado e me escolheram mesmo assim.

— O que um presidente de turma faz — Miguel se intrometeu na conversa, recém-saído da cozinha. Ele limpou os dedos sujos de detergente no avental com a logo do bar e começou a arrumar a bancada. —, além de trabalhar de graça numa escola de gente rica e mimada?

Áustria cruzou os braços, frustrada. A pior parte de morar com seu pai não era o apartamento pequeno ou o cachorro soltando pelos em suas roupas.

Ela podia lidar com isso, com as visitas frequentes ao bar e a falta de alimentos saudáveis na geladeira, mas Miguel era um caso à parte. Se Osmar era um estranho simpático, seu meio-irmão era um estranho inconveniente.

— Somos pessoas de confiança dos professores — Áustria respondeu, empinando o nariz —, mantemos a ordem, ajudamos outros estudantes...

Não espero que entenda o que significa, porque sempre foi um péssimo aluno. É por isso que está aqui, limpando mesas, como todos os seus professores do ensino médio previram que faria.

— Tri — Osmar repreendeu —, não seja tão dura com o seu irmão.

Sabe que ele está estudando pra faculdade.

— Não crie falsas esperanças, pai. — Áustria moveu a cabeça em negativa. — Ele não vai passar — resmungou ela, como quem roga uma praga.

Miguel não respondeu. Ele se limitou a levantar o dedo médio na direção dela e se afastou, levando consigo o pano que usava para limpar a bancada. Era uma reação típica de quando estavam perto do pai. Se estivessem sozinhos, Miguel não perderia a oportunidade de dizer que Áustria era uma garotinha mimada e que sua mãe preferia cuidar de crianças mortas de fome a lidar com seus chilikies.

O celular de Hélio tremeu na bancada.

— Nosso motorista chegou. — Ele sorriu abrindo a carteira e tirando uma nota de cinquenta para Osmar. Áustria gostava da forma como ele dizia *nosso*, mesmo que o motorista fosse privilégio único e exclusivo *dele*. —

Obrigada pelas batatas, estavam ótimas. — E, como de costume, Hélia estava mentindo: Não tocara nas batatas.

Vendo de longe, a mentira soava como uma daquelas coisas inocentes que dizemos para parecermos educados e gratos, mas com Hélia o buraco era um pouco mais embaixo. Ele mentia porque podia mentir, porque estava entediado, porque gostava de ver a reação das pessoas às suas falsas verdades. Era sua forma de manter o controle.

Áustria ajeitou a bolsa nos ombros e acenou para o pai, sendo a primeira

a sair do bar. Do lado de fora, piscou algumas vezes para acostumar os olhos verdes à claridade, aliviada em ter se livrado das luzes escuras do espaço.

— Sebastian não conseguiu uma vaga aqui na frente. — Hélia apontou para o carro de vidros escuros no topo da rua, há alguns metros distante de onde estavam. — Como sempre, um inútil. — Ele revirou os olhos e deixou uma risada cruel escapar antes de tomar uma das mãos de Áustria.

Todos na escola American Saint sabiam que Hélia era um garotinho mimado e insuportável. O rapaz era filho do herdeiro da Golucci S.A, uma das maiores empresas de transporte do Brasil, o que explicava como podia pagar os 12 mil reais de mensalidade. Enquanto Áustria estudava graças à uma bolsa, ele se divertia pedindo favores impossíveis aos seus subordinados.

A atividade favorita de Hélia era pedir que fossem ao supermercado em busca de produtos que só existiam na Europa, apenas para que perdessem tempo.

Quando voltavam, ele dava um sorriso sarcástico e alegava que deveriam estudar mais sobre produtos importados.

Os burburinhos nos corredores costumavam chamá-lo de *Príncipe Cruel*, e nem os boatos mais constrangedores sobre sua personalidade terrível eram capazes de diminuir sua popularidade. As pessoas desejavam sua amizade tanto quanto desejavam ter sua vida.

Certa vez, Áustria vira em um documentário que o ser humano tem uma facilidade maior para perdoar os erros de pessoas bonitas. Era uma explicação lógica e simples para que Hélia se mantivesse como uma figura popular, mesmo que fosse rude com boa parte dos alunos. Enquanto a maioria dos garotos passava por aquela

fase terrível da adolescência onde a pele se enche de espinhas e a voz não decide se é fina ou grossa, Hélia emanava um brilho próprio. Ele parecia um samurai, com seus fios de cabelo longos, sempre presos em um coque. Desde os quinze anos, Hélia dizia seguir uma religião chamada *sikhismo*, onde os homens não eram autorizados a cortar os fios de cabelo. Áustria tinha a impressão que era uma forma do rapaz se mostrar mais interessante do que de fato era, mas nunca contestou.

Como modelo, ele também tinha um físico interessante. Não era tão forte quanto os atletas viciados em academia, mas tinha músculos o suficiente para se exhibir nas aulas de natação da educação física. Eram sua classe favorita, porque, como ele mesmo dizia, sua pele cor de mogno reluzia quando os raios de sol entravam na água.

— Recebeu alguma mensagem estranha nos últimos dias? — Áustria perguntou, de repente, enquanto subiam a rua. Hélia possuía mais contatos

dentro da escola. Ela tinha certeza que ele descobriria em dois tempos o responsável por aquele bilhete, mas não podia tocar no assunto com o namorado. Não diretamente.

Ele acariciou os dedos dela com o polegar à medida que andavam.

— Que tipo de mensagem estranha? — Áustria não respondeu. Dizer que havia se preocupado com um mero bilhete escrito “*eu sei*” era assinar um atestado de culpa, colocar um alvo na própria cabeça. Ela deu de ombros e olhou para o chão, truque que usava, com frequência, para desviar de um assunto. Como esperado, Hélia mordeu a isca:

— Tri, nós somos a realeza da escola. É normal que as pessoas nos amem e nos odeiem na mesma proporção. O que foi? Alguma garota te chamou de vadia?

— Tipo isso. — Áustria passou a língua pelos lábios antes de encarar seu rosto de novo. Os olhos cor de mel estavam cerrados, mas não havia preocupação neles. Poucas coisas no mundo podiam tirar a paz de um garoto que tinha tudo. — Mas pense em um tom mais... ameaçador.

— Quero te matar, sua vadia?

Áustria riu. Ele não estava levando o assunto a sério, mas, de certa forma, isso era bom. Se não levava a sério, não fazia perguntas demais.

— Não chega a ser tão agressivo assim.

— Ótimo — ele sorriu, dentes brancos se destacando na pele escura. —

Desde que não te ameacem de morte, estamos bem. Sorte a nossa não morarmos nos Estados Unidos.

Áustria arqueou uma sobrancelha. Sebastian buzinou quando se aproximaram do carro, destravando as portas automáticas.

— Por quê?

Hélia puxou a porta para que Áustria entrasse.

— Aqueles casos de atiradores malucos que rolam por lá. — Ele entrou no carro logo depois dela. — Já reparou? Eles sempre matam os bonitos primeiro. Deve ser uma forma de fazer reparação histórica ou sei lá. Não sei como a cabeça de gente pirada funciona.

Dentro do carro, Áustria deu um meio sorriso para Sebastian, enquanto Hélia o cumprimentou com um aceno de cabeça. O homem se limitou a sorrir para os dois, sem dizer meia palavra.

— Estamos indo pra escola — informou Hélia. — Suba os vidros, por favor.

Sebastian assentiu. Não era dos vidros da janela que Hélia falava, mas das divisórias automáticas que separavam o banco do carona do motorista.

Todos os veículos da família Golucci tinham separações como aquela.

Segundo o rapaz, seu pai era um homem ocupado e costumava fazer reuniões importantes no carro, a caminho do trabalho. Era uma forma de evitar que dados importantes vazassem para os concorrentes, garantindo o máximo da privacidade.

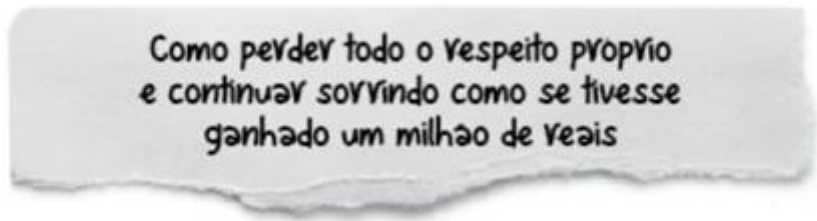
Hélia colocou uma das mãos na cintura de Áustria, apoiando a cabeça em seu ombro.

— Me acorde quando chegarmos lá.

Áustria fez que sim, enrolando uma mecha do cabelo claro nos dedos, empurrando-os de um lado para o outro. Em silêncio, torceu para que demorassem o máximo possível naquele trajeto. Depois de remoeir o bilhete que recebera de todas as formas possíveis, o último lugar onde gostaria de estar era a escola.

Alguém sabia.

E não tinha nada que pudesse fazer quanto a isso, além de esperar.



Como perder todo o respeito próprio
e continuar sorrindo como se tivesse
ganhado um milhão de reais

O horário de trabalho era o melhor momento para se ter uma conversa com Lúcia Jeong.

A mulher, nos seus quase quarenta anos, trabalhava no departamento de marketing de uma marca de maquiagens consolidada e odiava seu chefe o bastante para aproveitar ao máximo cada pausa para um cafezinho. De quinze em quinze minutos, ela acreditava estar dando um grande prejuízo para o homem ranzinza, de quem era subordinada. Embora Maya achasse mais inteligente – e maduro – se demitir, não discutia. No fundo, até achava que a mãe se divertia com aquele jogo de gato e rato.

— Então — Lúcia murmurou do outro lado da linha —, você *precisa* de três mil reais? — a ênfase na palavra deixava claro que a mulher não enxergava tal necessidade da mesma forma que a filha. Também transparecia a sua pior característica: Era sovina, ainda que dinheiro não fosse um problema.

A família Jeong tinha um passado forte no ramo de concursos de beleza.

A avó de Maya ganhara tantos troféus, ao longo da vida, que dois quartos de sua casa eram reservados aos prêmios, além do corredor cheio de fotos de cada coroação. Cada uma daquelas coroas enfeitadas representava também um montante significativo em dinheiro. Cinco, dez, vinte, cinquenta mil.

Min-Ji Jeong fizera um dinheiro gordo apenas por ser bonita ou, como os juízes dos concursos costumavam dizer, *exótica*.

Maya desconfiava que tal colocação era racista, mas sua avó tinha ficado três semanas sem falar com ela da última vez que comentara sobre o assunto.

— Na verdade, preciso de uma mesa de som nova — Maya murmurou, passando os dedos pelos escaninhos do corredor. Ela gostava de observar a forma como os alunos decoravam seus armários, ainda que fosse uma prática não autorizada pela direção da American Saint. Os mais rebeldes até chegavam a colar adesivos na porta. Os mais discretos usavam fitinhas. —

Que custa três mil reais — e emendou. — Tem algumas mais em conta, mas não são tão boas.

Lúcia suspirou.

— Ai, lá vem você. A história da música de novo. Você deveria usar o que aconteceu com seu pai de exemplo e...

Ela não deixou que a mãe terminasse.

— Sim, mãe, de novo. — Maya respirou fundo, colocando uma das mechas brancas atrás das orelhas. Faziam um contraste tremendo com o resto do cabelo preto. — O diretor me convidou pra tocar na festa de formatura.

Tenho que fazer um teste e competir com outros alunos, mas sei que tenho boas chances de ganhar.

— O diretor não pode contratar um músico de verdade?

Maya revirou os olhos.

— Está incentivando nossa veia artística.

— A formatura não é só no fim do ano? — Uma chaleira apitou. Sua mãe estava fazendo café. — Por que precisa dessa mesa agora?

— Preciso ensaiar. Já faz dois meses que meu equipamento estragou, meus dedos estão ficando enferrujados. — Maya se lembrava com clareza da ocasião, quando um aluno do segundo ano derrubou uma garrafa inteira de cerveja em cima do seu controlador. Ele prometeu pagar uma mesa nova, mas Maya descobriria mais tarde

que se tratava de um bolsista. Acabou ficando com pena e nunca mais tocou no assunto. — Por favor!

— Sabe uma forma interessante de ganhar dinheiro?

— Não me diga trabalhar. — Maya continuou caminhando pelo corredor. Parou em frente ao escaninho de Gabriela, onde um bilhete pregado na porta chamou sua atenção. — Eu estudo em tempo integral, mãe.

Prostituição deve ser o único emprego com horários exclusivamente noturnos.

— Tenha modos, May-may — Lúcia repreendeu. O uso do apelido não era um bom sinal. Normalmente, a mãe utilizava-se dele como uma estrategista de guerra, colocando-o nas frases sempre que diria algo que Maya não gostaria de escutar. — Ouvi dizer que as inscrições do concurso de beleza Fibonacci encerram hoje.

— Ouviu dizer? — Maya riu. — Como se você não fosse inscrita em todas as *newsletters* sobre concursos de beleza que existem no mundo.

— Não importa. — Maya teve a impressão que a mulher estava gesticulando. — O prêmio é de dez mil reais. Pode comprar sua mesa e ainda sobra. De quebra, deixaria sua velha avó muito feliz.

— Eu não sirvo pra essas coisas — ela protestou. Seus dedos empurravam o bilhete de Gabriela de um lado para o outro. O pedaço minúsculo de fita adesiva que pregava o papel na superfície metálica cedeu, derrubando-o no chão. — Prefiro lavar banheiros do que participar desse concurso.

— É uma pena que lavar banheiros não sirva como crédito escolar, hum? — disse Lúcia, casualmente. — As inscritas são liberadas das aulas vespertinas e recebem todo material dos professores para estudar em casa.

Pelo que eu vi, American Saint está patrocinando o concurso.

Maya se abaixou para pegar o bilhete. Cerrou os olhos para o desenho de troféu mal feito que enfeitava a página, acompanhado de vários números um. No verso, uma letra embolada dizia: *primeiro lugar na categoria de garota mais feia da escola*.

Maya deu um soco na própria testa. Em pleno 2018 e as pessoas não tinham evoluído nada. Ainda estavam no tempo das cavernas, só trocaram as tochas de

madeira por smartphones.

— Eu vou pensar — disse, desconcertada pelo bilhete. — Obrigada, mãe — agradeceu, arrependendo-se em seguida. A mulher não tinha ajudado em nada.

Desligou o telefone, antes que Lúcia respondesse, analisando as palavras grafadas no papel com um pouco mais de atenção. Não se lembrava de ter visto aquela letra em nenhum dos cadernos da sua turma e tinha certeza que era feia o suficiente para que se lembrasse. Chegou a caminhar na direção da sala do diretor, mas recuou. Da última vez que tinham conversado, Gabriela dissera que era melhor deixar o assunto de lado.

A voz de Hélia quebrou o silêncio do corredor, fazendo seu coração disparar de susto.

— Precisando de dinheiro?

— Seus pais não te ensinaram que ouvir a conversa dos outros é falta de educação? — ela reclamou, cruzando os braços. — E sim, preciso, mas não do seu.

Hélia abriu um sorriso.

— Te peguei num mau dia?

Maya apoiou as costas no armário, mal humorada.

— *Péssimo* dia. — Ela esticou uma das mãos na direção dele, evidenciando o bilhete. — Isso não tem nada a ver com você, tem?

O rapaz deu alguns passos para frente, tomando o papel das suas mãos.

Ele fez questão que seus dedos se esbarrassem no processo, deixando-a apreensiva.

— Não é minha letra — deu de ombros, encostando-se ao lado dela. —

Mandaram pra você? — Ele riu, incrédulo.

— Pra Gabriela.

— Pra sua amiga feia — Hélia zombou.

Maya passou os olhos por ele. Respirou fundo antes de seguir a conversa.

— Prometeu que isso ia parar.

— *Eu* prometi parar — disse, amassando o papel. Fez uma bolinha e mirou na lixeira mais próxima do corredor, dando um sorriso ao acertar. — E

parei, tá? Tem séculos que não falo com a Gabriela. — Ele ergueu as mãos em sinal de rendição. — Juro. Nenhuma humilhação pra conta.

— Diga aos seus amigos que façam o mesmo — Maya pediu, séria.

Hélia franziu o cenho. Seus dentes morderam o lábio inferior, num gesto que Maya acompanhou atentamente.

— Meus olhos são aqui. — Ele apontou para o próprio rosto, fazendo a garota desviar sua atenção. — E não sei porque você acha que tenho controle do que meus amigos fazem.

Maya bufou.

— O príncipe da escola não tem controle dos seus súditos?

Hélia moveu a cabeça em negativa. O sorriso irônico que despontava em seus lábios não combinava com o gesto.

— Era uma vez, em um reino muito distante — ela se afastou dos armários, parando na frente de Hélia. Os fios de cabelo lisos estavam presos, mas caíam desordenadamente sobre a testa. Maya segurou o ímpeto de afastá-los dos olhos dele. Quis perguntar o que o garoto fazia fora da aula, mas notou o maço de cigarro no bolso de sua calça e fez suas deduções —, um casal formado por um príncipe e uma princesa. Os moradores do reino acreditavam que eram um par perfeito, mas o príncipe tinha um segredo.

Apesar de se dizer perdidamente apaixonado pela princesa, ele tinha um caso com sua amiga de infância, uma reles plebeia — Maya deu uma pausa, abrindo um sorriso. — Sabe o que acontece quando o povo descobre sobre os dois?

Hélia a encarou, pouco intimidado.

— O quê?

Maya levou um dos dedos até o seu pescoço, simulando uma faca.

Dedilhou sua pele negra de uma extremidade à outra, abrindo mais um sorriso ao terminar.

— O príncipe vai pra guilhotina.

Hélia segurou seus dedos, afastando-os do seu pescoço. Não os soltou, no entanto.

— Não acho que foi assim que aconteceu. — Ele umedeceu os lábios.

— O povo nunca soube de nada. Nossa plebeia valorizava a amizade do príncipe e sabia que o melhor era ficar em silêncio. Ou ela mesma poderia terminar na guilhotina, por ser um pouco menos afortunada.

Maya franziu o cenho.

— É uma ameaça?

Ele deu de ombros.

— Você me ameaçou primeiro, *May-may* — o apelido saiu de seus lábios de forma irônica. Aquele era o tipo de curiosidade que você só obtém sobre uma pessoa com quem passou a infância inteira. Ele sabia que a mãe a chamava de May-may, ela sabia que seu pai tinha problemas com a bebida.

Era desproporcional, lógico. Quanto mais dinheiro na conta bancária, mais tenebrosos são os segredos escondidos entre quatro paredes.

— Não acredito em você.

Seus dedos ainda estavam nas mãos dele.

— O quê?

— Na sua ameaça, não acredito — Maya pontuou. — Não seria capaz de fazer nada contra mim. Mesmo que eu contasse tudo. Mesmo que eu fizesse um inferno e sapateasse nas migalhas da sua reputação, não faria nada. Cão que ladra não morde, Hélia. Você sempre foi assim.

— É bom que pense dessa forma — Hélia sorriu. — Vai ser mais fácil te pegar despreparada. — Ele desceu as mãos até sua cintura, puxando-a para mais perto. Maya colocou um dedo em seus lábios grossos, impedindo que a beijasse.

— Tem câmeras demais aqui — disse, dando um passo para trás. —

Não quero levar uma advertência por comportamento inapropriado. Passe lá em casa mais tarde. Minha mãe e minha avó vão sair pra jantar.

Hélia assentiu, deixando que suas mãos caíssem ao lado do corpo. Maya caminhou até o próprio armário, tirando sua carteira e colocando-a no bolso.

Hélia fez uma careta.

— Não vai voltar pra aula?

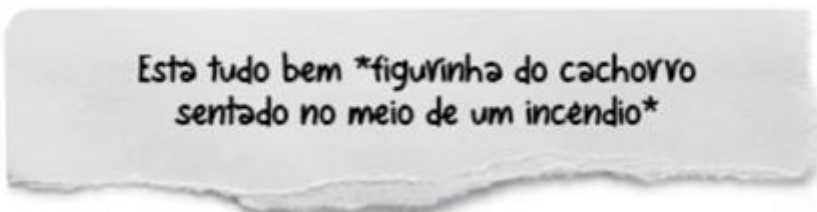
— Vou me inscrever nesse concurso de merda — falou, tirando os fones

de ouvido de dentro do armário e colocando nas orelhas. — Talvez... — ela deu uma pausa, mordendo o lábio. — Eu até destrone a sua princesa.

Ele achou graça do comentário.

— Boa sorte. Áustria é do tipo que *mataria* por uma coroa.

Mas a música já tocava alto nos fones de Maya e ela nem sequer ouviu.



Esta tudo bem *figurinha do cachorro
sentado no meio de um incendio*

Áustria sentiu sua língua formigar quando bebeu um gole de água.

O líquido gelado consumia a bala de menta extra forte em seus lábios.

Certa vez, Hélia tinha dito que a combinação afastava o sono, mas ela continuava sonolenta – e agora com a boca ardendo. Em definitivo, confiar nas sugestões do garoto não tinha sido uma boa ideia.

Depois das últimas aulas da tarde, ela tirou um tempo para ficar na biblioteca e adiantar seus deveres. Com a proximidade do concurso, não teria muito tempo para focar nos estudos e, mesmo que American Saint fosse um dos patrocinadores oficiais do Fibonacci, não perdoariam notas ruins vindas de uma *bolsista*.

Ela ainda se lembrava do olhar chocado que recebeu quando, no ano retrasado, entrou na diretoria para se informar sobre os programas de assistência financeira. O homem deu um sorriso e, primeiro, perguntou se Áustria tinha algum amigo interessado em estudar lá. Depois, perguntou se seus pais tinham falido.

— Você não precisa de uma escola tão cara assim — Paula dissera, poucos minutos depois de anunciar que faria trabalho voluntário. Áustria não podia entender como a mãe queria que aceitasse tal colocação. Havia pagado um colégio de elite por anos e, então, do dia para noite, decidiu que não precisavam disso. Da mesma forma que decidiu que não precisavam de uma casa no bairro Jardins, nem precisavam ser uma família.

Passar no programa de bolsas foi uma questão de honra. Ela, que era uma aluna nota 6-, precisou se esforçar para se manter entre as notas 8 e 10.

Parou de dormir nas aulas, sorria para os professores e até elogiava seus cortes de cabelo fora de moda. Se fechasse bem os olhos, ainda veria o slogan de American Saint estampado na prova: *Somos humildes quanto aos nossos talentos e generosos de espírito.*

Áustria moveu a cabeça na direção da porta da biblioteca, quando um estrondo chamou sua atenção. Era Karen Matos entrando, com uma bolsa cheia de cadernos a tiracolo e os olhos castanhos atentos, feito os de um

predador. Evidente que tinha novidades para contar.

Ela apoiou a bolsa na mesa e sorriu para Áustria, sentando-se ao seu lado.

— Dever atrasado?

— Dever que *vai estar* atrasado — explicou. — Temos a primeira reunião do concurso amanhã à tarde. Não me diga que esqueceu?

Karen fez que não, dedilhando o próprio colar de cristal no pescoço. Ela era obcecada com pedras, um verdadeiro dicionário ambulante de misticismo.

— Não é como se eu me importasse com o prêmio. Só me inscrevi pra te fazer companhia. — Passou os olhos pelos blocos de exercício. — E não me importo com os deveres também. Eu mal sei falar inglês — riu, o que conquistou uma risada de Áustria também, embora ela soubesse se tratar de uma mentira. Ter inglês fluente era pré-requisito para estudar em uma escola americana como American

Saint. Karen tinha o costume de fingir ser mais burra do que realmente era, para atrair a atenção das pessoas. Preguiçosa, dispensava formas complexas de conquistar o foco dos holofotes. — Já soube da última?

Áustria fez que não, fingindo ler o enunciado de uma questão de matemática.

Irritada com sua aparente falta de interesse, Karen empurrou a folha de exercício para o outro extremo da mesa.

— Verona, sabe? A outra garota com nome de cidade que estuda aqui.

— Áustria não quis dizer que seu nome vinha de um país e não de uma cidade. — Parece que a confusão é séria dessa vez. O namorado dela, Marion, não vem à aula tem uns três dias. Os boatos dizem que ele *morreu*.

— Áustria fez uma careta. — De overdose, aparentemente. Ainda não sabemos se ela estava envolvida com drogas também, mas vi os pais dela na secretaria e o diretor está fazendo de tudo pra não sair na mídia que ela estudava aqui. Acho que vão pedir transferência.

— Marion — repetiu. — Já ouvi esse nome antes. Hélia já deve ter comprado alguma coisa com ele.

— Sabemos que tipo de coisa. — Karen franziu os lábios, reprimindo um risinho. — Se a Verona sair da escola, quem vai ser a garota mais rica?

— Ela cerrou os olhos, pensativa. — Seu pai já abriu aquela franquia nova do bar, em Los Angeles?

Áustria afundou o corpo na cadeira fria. Fez que não.

— Não sei quando vai acontecer. — *Nunca*. Era só uma das coisas que

tinha inventado para o trabalho do pai parecer um pouquinho mais interessante. — Talvez eu seja a garota mais rica quando minha mãe parar de brincar de ajuda humanitária.

— Dizem que experiências de quase morte mudam as pessoas. — Karen encarou as próprias unhas, empurrando uma cutícula para dentro. — Deve ter sido isso que aconteceu com ela.

Áustria moveu a cabeça em afirmação, mas seus lábios discordaram.

— Sei lá. O dia do assalto foi horrível. Ela levou um tiro, teve uma hemorragia, todos nós ficamos preocupados..., mas não sei se é o tipo de coisa que me faria desistir da minha carreira. Ela devia ter feito uma avaliação psicológica antes de ir.

No fundo, o que incomodava Áustria não era *só* a carreira. Quando Paula saiu do hospital, ela pensou que passariam aquele período de recuperação juntas, mas a mãe havia dispensado sua ajuda e batido a porta na sua cara na primeira oportunidade.

— São Paulo é uma cidade violenta — disse Karen. — Talvez esteja tentando fugir disso.

“ Está tentando fugir de si mesma ”, Áustria pensou, sem verbalizar o comentário. Seu celular tocou antes que pudesse. Com o canto dos olhos, ela encarou a tela. *Aula de reforço chamando.*

Áustria ficou paralisada por alguns instantes. Um arrepio percorreu sua espinha, e ela sentiu que não era capaz de controlar o próprio corpo. Sua atenção estava presa no celular, mas suas mãos não se moviam na direção dele.

Karen percebeu sua hesitação.

— Não vai atender?

— Não. — Áustria moveu a cabeça em negativa, os fios da franja curta caindo nos olhos, enquanto fazia tal gesto. Ela considerava que tinha uma testa enorme, por isso mantinha o cabelo sempre daquela forma. — É da minha aula de reforço.

Ela arqueou uma das sobrancelhas, enrolando parte do cabelo ruivo e curto nos dedos.

— São sete da noite. — Karen a encarou. — Que professora folgada.

Você podia estar no meio de alguma coisa importante — resmungou. —

Deixa eu atender e fazer uma gracinha com ela.

— Não! — Áustria recuperou seu telefone do centro da mesa, dando um sorriso amarelo ao perceber que tinha se exaltado. — Quer dizer, não precisa.

É uma amiga do meu pai. Vai reclamar se eu for grosseira. — Recusou a chamada. — Falo com ela depois.

Karen arqueou uma das sobrancelhas ruivas.

— Você tá bem? Parece — cerrou os olhos — meio nervosa. Aconteceu alguma coisa que eu não sei?

Áustria passou uma das mãos pela nuca. A frase da amiga fez com que se lembrasse automaticamente do maldito bilhete.

— Não, tudo bem — sorriu, mais calma e mais convincente. — Estou ansiosa com a proximidade do concurso, só isso. É normal. Fico uma pilha de nervos. — Ela enfiou seus blocos de exercício dentro da bolsa. — Vou pra casa. Tomar um chá de camomila, eu acho. Quer carona? O motorista do Hélia vem me buscar. — Ela desbloqueou a tela do aparelho em mãos. — Ele já chegou, na verdade. — Áustria também viu uma mensagem do namorado dizendo que não se sentia muito bem naquela noite. Tinha mandado Sebastian sozinho.

— Vou dar uma olhada no treino do time de futebol feminino. — Karen sorriu, apoiando a própria bolsa nos ombros. — Elas acabam às nove. Quem sabe eu não saio acompanhada daqui.

Áustria deixou uma risada escapar. Por um instante, sentiu inveja da amiga e da sua segurança em dizer que estava de olho em uma garota. Parecia tão natural nos lábios dela que, por alguns segundos, Áustria se permitiu esquecer que não era aquilo que esperavam de meninas finas da alta sociedade.

Karen tinha sorte. Estava no alto da cadeia alimentar adolescente, mas não no topo. Era bonita, mas nunca ganhava nenhum concurso. Era *comum*, não era perfeita. Tinha direito a mais deslizes que alguém como Áustria.

— É melhor que saia — murmurou, observando o campus pelas janelas da biblioteca. — Essa escola, à noite, me dá arrepios.

A fantástica lista de coisas que poderiam acontecer
em uma música da Taylor Swift ou em um filme da
sessão da tarde (de um jeito menos mórbido)

— T

ive um sonho estranho, envolvendo zumbis — Maya comentou, encarando o céu. Eram pouco mais de dez da noite e ela gostaria que o terraço da cobertura onde morava servisse para mais do que ocupar espaço. Gostaria de ver as estrelas, mas estavam em São Paulo.

— Zumbis? — Hélia passou o cigarro de uma mão para a outra, sem nunca o levar até os lábios de fato. — Tipo *The Walking Dead*?

— Eram zumbis diferentes. Não cheguei na parte da explicação científica, mas o vírus afetava animais também. Tive que matar um monte de cachorros na base da marretada. — Ela fez uma careta. — Fui mordida no final, mas acordei antes de saber como era ser um zumbi.

— Acho que se livrou da parte mais assustadora do sonho. — Os olhos de Hélia acompanhavam a chama do próprio cigarro, interessado. — Deve ser uma merda. Morrer e não morrer de verdade. E ainda ser um estorvo pra todo mundo, atacando os outros.

Maya concordou.

— São monstros sem graça. Prefiro vampiros — disse, convicta. — O

que tem sonhado?

— Com fogo. — Hélia, finalmente, deu um trago no cigarro. A forma como a chama incandescente iluminava seus olhos fazia a cena parecer ensaiada.

— Fogo?

— É. Cidades inteiras pegando fogo, esse tipo de coisa.

— Dizem que é mau presságio.

— Sonhar com fogo?

— Sonhar com cidades pegando fogo.

Hélia riu.

— Acho que meu subconsciente se preocupa demais com o aquecimento global, só isso. — Ele observou as cinzas do cigarro caírem, se espalhando pela espreguiçadeira onde estava sentado. — A vida é boa demais comigo.

Não tem nada que possa dar errado, no momento, então, não tem por que eu me preocupar.

— Seu pai pode sofrer um golpe e acordar pobre — Maya sugeriu. —

Uma pandemia terrível pode acontecer e dizimar a humanidade, como foi a Gripe Espanhola.

— A gripe espanhola não dizimou a humanidade — Hélia zombou. — E

tenho certeza que somos evoluídos demais para deixar outra pandemia do tipo acontecer.

Maya não deu atenção ao comentário.

— Ou — deu uma pausa dramática — pior ainda que todas essas alternativas, você pode perder o concurso.

Hélia riu.

— Ah, fala sério, nem você acredita nisso. Ninguém teria coragem de me colocar em um palco e entregar menos que a coroa de primeiro lugar.

Seria um sacrilégio.

Maya repetiu a palavra mentalmente algumas vezes, até que ela deixasse de fazer sentido. Sentou-se nos próprios joelhos na espreguiçadeira e olhou para ele. — Acha que Áustria terminaria com você se perdesse?

— Não. — Ele moveu a cabeça em negativa, então deu um sorriso maldoso. — Mas se eu ficasse pobre, com certeza. Ela gosta de dinheiro mais do que gosta de si mesma. E ela gosta *muito* de si mesma.

— Imagino que, pra pessoas ricas como você, aquela conversa seja diferente. — Ela passou os olhos pelo céu de novo, sem encontrar nenhuma estrela. — Sabe? Quando os filhos estão crescendo e chega a hora de falar sobre sexo. Consigo

imaginar seu pai mandando um empregado criar *powerpoints* sobre o golpe do baú. Aliás, por que chamamos de golpe do baú? Não são baús, são grávidas.

— Se chama golpe da barriga — Hélia riu, mas Maya percebeu que seus ombros estavam tensos. Ele passou a língua pelos lábios e a encarou, com o sorriso desaparecendo aos poucos. — E a gente nunca transou, na verdade.

Maya fez uma careta.

— *Nunca?* — Cerrou os olhos. — Ela é virgem? Escolheu esperar?

Ele moveu a cabeça em negativa.

— Eu nunca namoraria alguém do *Eu Escolhi Esperar* — debochou. —

Sei lá, só nunca aconteceu. Não quero criar explicações mirabolantes sobre o assunto. — Hélia levou o cigarro até os lábios de novo. — E você?

— O quê?

— Terminaria comigo se eu ficasse pobre?

Maya soltou o ar pelos lábios. Era uma pergunta mais complexa do que Hélia costumava ser.

— Nós não estamos namorando, não tenho como terminar.

Ele revirou os olhos.

— Você me entendeu.

— Odeio o céu de São Paulo — Maya bufou, frustrada, uma mudança repentina de assunto. — Acho que morar em uma cidade onde não podemos ver as estrelas nos impede de refletir. Levantar a cabeça, olhar pra cima e perceber o quanto somos pequenos em relação ao universo.

Hélia ergueu o rosto na mesma direção que Maya observava.

— Besteira. Eu sou meu próprio universo.

— Não seria tão egocêntrico se tivesse crescido em uma cidade com estrelas.

— Meu pai me levou pra ver as estrelas no deserto do Atacama quando eu tinha dez anos, sinto muito por destruir sua teoria. Não foi a falta de constelações que moldou meu péssimo caráter.

Maya revirou os olhos.

— A resposta é não. Não terminaria se fosse pobre. Eu até gosto um pouquinho de você, príncipe cruel.

Hélia se levantou da espreguiçadeira que ocupava, girando o corpo para se sentar em frente a ela.

— Acho que você é a única — ele soltou o ar pelo nariz com um pouco de deboche, fazendo o comentário parecer uma grande piada. Maya nunca conseguia identificar se Hélia se importava ou não com as opiniões dos outros ao seu respeito, mas, olhando de longe, sua posição parecia difícil. Ele comandava a escola. As pessoas o amavam. O odiavam. Queriam estar no seu lugar. Tudo ao mesmo tempo.

Hélia se aproximou do rosto de Maya, agora apoiada nas costas da espreguiçadeira. Ele levou o cigarro até os arcos de madeira e apertou a brasa contra a superfície.

— Minha mãe gosta desse móvel mais do que gosta de mim — ela protestou. — Vai matar você.

Hélia negou.

— Ela não pode saber que eu estive aqui.

— Você é um arruaceiro — ela riu, enquanto movia a cabeça em reprovação. — Um arruaceiro aproveitador.

Sua resposta veio no formato de um meio sorriso irônico. Hélia se levantou, incapaz de ficar quieto por mais de cinco minutos. Contornou a espreguiçadeira de Maya, parando em frente aos pés. Desceu uma das mãos até suas pernas e dedilhou a pele, dos joelhos até as canelas. Com cuidado, puxou seu corpo pelos tornozelos, fazendo com que deitasse, arrancando de seus lábios uma risada surpresa.

Apoiou as mãos ao redor do seu corpo, como se estivesse prestes a fazer uma flexão e murmurou, próximo de seu ouvido:

— Você é a única estrela que nós vemos em São Paulo — disse, e como em todas as vezes que dizia algo que saía do comum, pressionou os lábios nos dela, impedindo que expressasse verbalmente qualquer reação.

No aniversário de doze anos de Maya, Hélia havia roubado um buquê de flores do jardim premiado do seu vizinho, só para dar a ela. Ele tinha contado a peripécia com um sorriso no rosto e os olhos brilhando, como se as flores tivessem mais valor por terem sido roubadas. Naquela ocasião e em muitas outras, Maya percebeu que fazer as pessoas se apaixonarem por ele era o que Hélia fazia de melhor.

Mas não se tratava de amor, nunca.

Era uma *competição*.

Quando alguém demonstrava qualquer reciprocidade, Hélia ia embora.

Talvez por isso ainda estivesse ali, com Maya. Ela não tinha dificuldade alguma em fingir que suas artimanhas não surtiam efeito algum. Para ele, Maya era um jogo frustrante que nunca conseguia zerar.

Por esse motivo, Maya não parou o beijo para agradecer o elogio. Seus dedos percorreram o cabelo escorrido de Hélia, parando em seu pescoço e puxando-o para mais perto. O gosto de cigarro dos seus lábios se misturava ao gosto de menta dos dela, causando uma sensação inebriante. Era exatamente o que Maya queria: Inebriar qualquer sentimento que estivesse aparecendo demais. Não só inebriar, mas afogá-lo nos beijos dele.

Suas mãos estavam prestes a se infiltrar na calça de moletom de Hélia, quando ouviu seu nome ser chamado dentro do apartamento.

— Maya, você está aí em cima? — a voz ecoou pelos cômodos vazios, atingindo-os em cheio. — Estou subindo.

— Não precisa! — Maya se viu gritar, ainda um pouco zozza por ter sido tão bruscamente interrompida. — Eu já vou descer.

— Quem é? — Hélia perguntou, movendo os lábios, sem emitir som algum. Era sempre desconcertante para Maya estar tão perto dos seus olhos

cor de mel.

— Gabriela — disse, após alguns segundos. — Nós moramos no mesmo prédio.

— E como ela entrou?

— É minha vizinha de porta — murmurou, mordendo o lábio. — Tem uma cópia das chaves.

Hélia revirou os olhos. Antes que o garoto protestasse, Maya prosseguiu:

— Ela é minha amiga, não contaria nada se soubesse.

Ele repetiu o mesmo gesto.

— Ela me odeia.

— Você tem mania de perseguição. — Maya observou Hélia se levantar, afastando-se da espreguiçadeira. Ela também se levantou, frustrada.

— Vou lá embaixo. Não faz nenhuma idiotice. Espera aqui e eu te mando uma mensagem quando for de boa descer.

Hélia ergueu as duas mãos, apontando para o que havia ao redor dele.

As espreguiçadeiras, uma piscina vazia, materiais de jardinagem. Nada que pudesse usar para descer de um prédio.

— Como se eu tivesse outra opção.

Maya abriu a porta que dava para o interior do apartamento, ajeitando a bandana vermelha que usava no cabelo. Passou as costas da mão nos lábios por precaução e balançou um pouco o corpo, tentando tirar qualquer resquício de perfume masculino. Desceu as escadas correndo e encontrou Gabriela prestes a subir o primeiro degrau.

A garota arqueou os lábios em um sorriso.

— Ei, não precisava descer só por minha causa.

— Tudo bem — Maya respondeu de imediato. — Estava começando a ficar frio pra caramba lá fora. Deve chover mais tarde. O que acha?

— Sobre a chuva? — Gabriela arqueou uma das sobrancelhas. — Não acho nada — disse, deixando uma risada nervosa escapar. Estranhou o comportamento da amiga. — Estava sozinha lá em cima? Tive a impressão de ter ouvido vozes.

— Eu estava vendo *Grey's Anatomy* — explicou Maya. Ela fez um sinal para Gabi e seguiu para cozinha, esperando que a garota fizesse o mesmo. —

No meu celular. — Tirou o celular do bolso do short, mostrando para ela. —

Mas detesto séries grandes demais, não espere que eu continue vendo.

Gabriela sorriu. Maya sabia que era uma das suas séries favoritas.

— Até qual episódio você viu?

— Só o primeiro. — Ela caminhou até a geladeira. — Quer beber alguma coisa?

Gabi fez que não.

— Gosto desse episódio. Minha cena favorita é quando a Meredith faz massagem cardíaca no cara que ela estava saindo.

Maya tirou uma garrafa de refrigerante da geladeira. Percebeu que teria que abdicar do hábito, se quisesse ter qualquer chance no concurso.

— Eu também — disse, fingindo interesse. — Um primeiro encontro de peso, eu acho. Aconteceu alguma coisa? Não me mandou mensagem dizendo que viria.

— Ah! — Gabriela abriu um sorriso. — Fiz um vaso de crochê pra suas pimenteiras. — Ela correu até a sala e voltou para cozinha em um instante, animada. — Tinha deixado no seu sofá. O que achou? Ele ficou um pouquinho molenga, mas dá pra usar. Não sou muito boa em firmar os pontos.

Maya abandonou o refrigerante na pia e se aproximou para pegar o objeto. Era vermelho e preto, as cores favoritas de Maya. Enquanto dedilhava a lâ, sentiu-se muito mal por esconder as coisas de alguém tão doce quanto Gabriela. Ela merecia amigas muito melhores.

— Eu adorei — sorriu, agradecida. — Vou colocar na pimenteira hoje mesmo.

— Que bom que gostou. — Gabriela esticou o pescoço para enxergar as plantas na sala. — Posso fazer pra suas outras plantas. Quantas são?

— Sete — Maya disse, de cabeça. — Mas não precisa se preocupar com isso.

— Eu preciso treinar — explicou. — Minha mãe costuma crocheter entre uma audiência e outra. Diz que relaxa. Depois, ela doa tudo que faz para moradores de rua. Quero fazer o mesmo.

Maya a encarou.

— Nunca tinha me dito isso.

— Ela não gosta que eu fale — Gabi riu —, pra manter a pose de juíza séria.

— Deve ser difícil. — Ela rodou o vasilho de crochê nos dedos. —

Quer dizer, ser juíza. A maioria dos colegas dela são homens, não são?

Gabriela assentiu.

— Ela se tornou uma pessoa mais fechada, desde que passou no

concurso, com certeza. — Ela arrastou os olhos pela cozinha. — Bom, eu vou voltar pra casa. Aproveitei o intervalo da novela pra vir. Já deve ter terminado.

— Crochê e novela. Você é mesmo uma garotinha de oitenta anos —

Maya debochou, acompanhando a amiga até a porta. — Valeu mesmo. — Ela ergueu a peça em suas mãos.

Gabriela deu de ombros, como quem diz um “deixa disso”. Ela saiu pela porta, e Maya ficou na ponta dos pés para ver o olho mágico, sentindo que invadia um espaço que não era mais seu. Esperou a amiga desaparecer dentro do próprio apartamento para mandar uma mensagem para Hélia.

Maya (22:43) diz:

Barra limpa.

Me desculpe, esse é um apocalipse privado.
Você vai ter que sair.

— A sequência de Fibonacci foi descoberta por Leonardo de Pisa. Para chegar a essa sequência devemos considerar que o primeiro termo é um... — Áustria precisou se esforçar para não dar um bocejo diante da fala mansa do professor Aurélio.

A primeira reunião do concurso Fibonacci aconteceria naquela tarde e os professores de American Saint foram encarregados de relacionar o tema com a aula. No caso da matemática, era um assunto que raramente usariam no ENEM, mas ela duvidava que os diretores da escola estivessem preocupados com o Exame Nacional do Ensino Médio. Uma universidade pública não era nada para pessoas que saíam da formatura com cartas de recomendação em Harvard e Yale. Às vezes, dentro daquela bolha, Áustria nem se lembrava que estava no Brasil.

Seu celular vibrou. Na mesa ao lado, Karen moveu os olhos na direção do aparelho, ansiosa por ver a reação da amiga ao que tinha enviado. Áustria observou o professor antes de esconder o celular debaixo da mesa, abrindo a aba de mensagens.

Karen (08:32) diz:

*Acabou de sair no site do concurso o nome das
inscritas que foram aprovadas. Divulgaram cedo.*

Áustria deu de ombros. Era bom que divulgassem com antecedência, para que as garotas pudessem se organizar para a reunião. É claro que Áustria já tinha o feito, porque sabia, desde o começo, que não corria o risco de não ser selecionada.

Ela virou a cabeça na direção da ruiva, sem entender. Os dedos de Karen digitaram freneticamente contra a tela do celular.

Karen (08:32) diz:

Maya Jeong. Não sabia que ela iria participar

depois do que aconteceu da última vez.

Os olhos de Áustria percorreram a sala de aula, pousando em Maya. A garota estava sentada em uma das mesas próximas à parede, rabiscando a

contracapa do seu caderno. Áustria conseguiu ver um fone de ouvido em uma de suas orelhas cheias de piercings. Queria saber como tinha os feito antes de completar dezoito anos. De repente, ela parou de rabiscar e se levantou para sair da classe, movendo os lábios na direção da música que ouvia. Aurélio nem sequer notou a saída da garota, não que o homem fosse impedi-la. Os funcionários de American Saint gostavam de se dizer mais evoluídos que os de outras escolas, o que significa que não obrigavam os alunos a ficar presos dentro da sala. Fazia sentido, já que era meio humilhante ter que *pedir* para ir ao banheiro.

Karen (08:33) diz:

Sabia que a avó dela foi miss? Chegou a ir

para os Estados Unidos competir.

Áustria fez uma careta.

Áustria (08:34) diz:

Todo mundo sabe, é fofoca da semana passada. Ela não parece ter herdado o gosto pelas competições de beleza da família.

Áustria (08:34) diz:

O que é até bom. Seria frustrante se ela gostasse mesmo disso.

Karen (08:35) diz:

Não acha ela bonita?

Áustria voltou a olhar na direção da mesa vazia de Maya, como se isso ajudasse a recuperar a imagem da garota de alguma forma. Ela era bonita.

Tinha olhos lindos, amendoados e usava um modelo de delineado que realçava o formato. Seus cílios também chamavam atenção, pareciam ter sido roubados de

uma boneca. Era baixa, mas nem tão baixa. Atraente, com certeza, ainda que usasse maquiagem demais para às sete da manhã.

Ela não estava disposta a admitir que tinha uma concorrente à altura.

Áustria (08:36) diz:

Sei lá. Ela parece ser do tipo que anda com gente feia pra parecer mais atraente. De qualquer forma, não é só sobre ser bonita.

Ela não tem postura. É legal demais pra vencer nesse mundo.

Áustria (08:36) diz:

E eu nem estou tentando ser maldosa ou algo do tipo.

Karen respondeu com uma sequência de *emojis* rindo. Ainda digitava uma segunda mensagem quando Áustria bloqueou a tela do celular e se levantou, deixando a amiga com cara de interrogação. Ela andou calmamente

até a porta e saiu, dando uma olhada discreta no corredor vazio. Seus olhos encontraram Maya no bebedouro, ao lado do banheiro feminino. Áustria quis analisar melhor a garota antes de se aproximar. Todas as características listadas por sua memória batiam perfeitamente, ainda que ela não se lembrasse de tê-la observado atentamente por mais que uma vez.

Áustria cruzou o corredor, parando atrás dela no bebedouro. Maya ainda estava com os fones nos ouvidos, cantarolando alguma música desconhecida pela loira, enquanto enchia sua garrafinha. A frase “*eu nunca poderia ser uma Kardashian porque eu tenho talento*” enfeitava o vidro, agora suado por causa da água gelada.

Áustria quase achou graça.

— Soube que vai participar do concurso esse ano — comentou. — É muito corajoso da sua parte, depois do que aconteceu da última vez.

Maya tirou apenas um fone do ouvido, franzindo o cenho.

— Por que está falando comigo?

— Não posso falar com você?

— Não — Maya respondeu, colocando o fone de volta. Aumentou o volume da música, o suficiente para que Áustria conseguisse ouvi-la de onde estava.

— Não seja grosseira — reclamou, puxando um dos fones para fora de sua orelha. Maya a fuzilou com os olhos, irritada. — Você deveria ter falado comigo que pretendia participar.

Maya arqueou uma das sobrancelhas. Terminou de encher sua garrafa d'água e suspirou, impaciente.

— Por quê?

— Porque sou vencedora de todos os concursos juvenis por três anos seguidos — disse, orgulhosa — Todas as garotas novas pedem minha benção antes de se inscrever neles. É um ritual de iniciação.

Ela deu longo gole na garrafa.

— Sei, tipo uma seita? Vou ter que sacrificar alguma virgem e me banhar no sangue dela pra participar?

Áustria fez uma careta enojada.

— Que tipo de pergunta é essa?

— Você não tem senso de humor, entendi. — Os lábios de Maya se transformaram em uma linha fina, enquanto ela assentia. — Enfim, sem interesse em participar da sua seita, mas é muito gentil da sua parte me convidar — ironizou. — Eu já me inscrevi no concurso, então, imagino que

seja um pouco tarde demais pra pedir sua benção.

— Não quero que peça. — Áustria cruzou os braços. — Mas é importante que alinhe as suas expectativas. *Ninguém* ganha esses concursos.

— Ninguém além de você?

— Eu não quero ser egocêntrica. — Maya revirou os olhos cheios de delineador, diante do comentário. — Mas as últimas coroas que recebi me dizem que sim.

Maya concordou, pensativa. Passou as mãos pela própria cabeça, ajeitando a touca que usava por cima do cabelo. Ia contra as regras de vestimenta da escola e ela seria punida mais cedo ou mais tarde.

— Eu não quero ser egocêntrica — repetiu —, mas parece que eu fiz você se sentir ameaçada.

Áustria soltou ar pela boca.

— Por sua causa? — riu. — De jeito nenhum. Só não queria que corresse o risco de entrar no concurso sem entender como as coisas funcionam. Estou sendo *gentil*. Te alertando. Competir é divertido, de qualquer forma.

Ela bebeu mais um gole de água, antes de fechar sua garrafa, dando de ombros.

— Então tá, patricinha — Maya murmurou, sem interesse. — Não faço ideia do que eu faria sem seus gestos tão amáveis — ela deu um sorriso falso na direção de Áustria, ao se afastar, caminhando na direção da sala, antes que a conversa pudesse ser prolongada.

Áustria fez uma careta. Se aproximou das janelas do corredor para enxergar melhor o próprio rosto. Ajeitou a franja cor de pérola que caía na testa com as unhas, sorrindo para o reflexo. Ela se virou para voltar para sala, mas notou algo estranho nos jardins, com o canto dos olhos. Voltou a olhar para fora, mais atentamente dessa vez.

Hélia estava caminhando pela grama, ignorando o caminho de pedras por onde os alunos costumavam passar. Diferente do usual, não havia ninguém com ele. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo frouxo, que escorregava, de um lado para o outro, cada vez que ele andava. Em uma olhada rápida, Áustria não encontrou seu maço de cigarros ou sua mochila.

Hélia andava de uma forma esquisita, sem a confiança arrogante — e atrativa — de sempre.

Com uma das mãos, Áustria bateu no vidro, tentando conquistar sua atenção. O namorado seguiu sua caminhada desengonçada, alheio,

desaparecendo do seu campo de vista segundos depois do gesto. Ela suspirou.

Tirou o celular do bolso da calça e digitou uma mensagem.

Áustria (08:47) diz:

Acabei de te ver.

Áustria (08:47) diz:

Tá indo pra onde?

Hélia visualizou a mensagem. Áustria esperou alguns minutos, mas ele não respondeu nada que parecesse lógico.

Hélia (08:48) diz:

Fim do mistério.

Hélia (08:48) diz:

Ela sempre esteve certa.

Ela soltou um ganido frustrado, sem entender, e caminhou em direção às escadas, descendo cada um dos degraus até o primeiro piso. Saiu do prédio de aulas, fazendo uma careta para o tempo nublado. Era como se a natureza estivesse de cara fechada, soturna, esperando ansiosa para que uma desgraça acontecesse.

Áustria procurou Hélia na quadra de esportes primeiro, sem resultado.

Passou pelo jardim de inverno, pelo *playground* do maternal, pelo refeitório e pela biblioteca. Quando estava quase desistindo, arriscou dar uma olhada dentro de um dos banheiros masculinos, mas também não teve sorte.

Sua última aposta foi o ginásio de natação. Estava vazio quando ela entrou, um cheiro forte de cloro e flores tomando conta do ambiente. Três buquês de tamanhos diferentes ocupavam uma mesa próxima da piscina fechada, ao lado de um pequeno pódio. Ela se lembrou que haveria uma competição de nado mais tarde, para os alunos do ensino fundamental.

Áustria teve a impressão de ouvir alguém espirrando. Girou o corpo pelo ginásio e confirmou, mais uma vez, que estava sozinha, ainda que tivesse a estranha sensação de que a observavam de muito perto.

— Hélia? — chamou, mas não obteve resposta.

O espaço coberto e o tempo nublado do lado de fora contribuíam para a escuridão no local. Áustria estava certa de que aquele lugar não era tão aterrorizante da última vez que estivera ali, mas preferiu pensar que a atmosfera sombria do ambiente era fruto exclusivo da sua imaginação.

Conseguia sentir seus ombros tensos, o corpo frio. Não era nenhum exemplo de calma naquele momento.

Sem alternativa, Áustria caminhou até o quadro de interruptores e apertou os primeiros botões. As luzes internas da piscina e do teto acenderam. Uma delas piscou, denunciando um mau contato.

Passou os dedos pelo primeiro botão. A superfície metálica espetou sua pele, em um choque elétrico que demorou poucos segundos. Áustria balançou os dedos para diminuir a ardência, encarando o painel de botões com raiva.

Mais receosa que antes, pressionou o último botão. Um estrondo brusco fez seu corpo inteiro tremer. Por um instante, achou que tinha levado outro choque.

Ela respirou fundo, quando percebeu se tratar da cobertura retrátil da piscina se abrindo aos poucos.

— Hélia? — tentou de novo, ainda sem resposta. Uma silhueta que não conseguiu identificar de cara surgiu na porta. Ela hesitou por um instante. —

Pensei que tivesse voltado pra aula.

— Lembrei que esqueci minha touca na última aula de natação. —

Maya deu um sorriso amarelo, no que era uma mentira visível. Ela se aproximou da piscina recém-aberta, cerrando os olhos. — Tem alguma coisa... — Levantou os olhos para Áustria, rugas de preocupação contornando sua testa. — Acende as luzes do fundo.

Áustria quis retrucar, mas a sensação de estar sendo observada se intensificava a cada minuto, olhos invisíveis presos em suas costas. Queria fechar a piscina e voltar para sala de aula, o mais rápido que conseguisse, onde se sentiria segura pela presença dos outros colegas. Ela não conhecia Maya o suficiente para que a garota servisse como um tranquilizador. Muito pelo contrário.

Relutante, Áustria apertou o botão que julgava ser o certo.

— Merda! — Maya exclamou, de repente, os olhos arregalados. Áustria deu um passo em sua direção, mas ela ergueu um dos dedos em riste. — Não vem aqui — pediu, o rosto se contorcendo em uma careta. Ela parecia enjoada.

— O que foi? — Áustria deu mais um passo. — Tem um animal afogado na água?

Maya fez que não.

— Fica aí! — insistiu, movendo as mãos. — Eu vou ligar pra polícia.

No mesmo instante, Áustria ignorou o pedido de Maya, aproximando-se da borda da piscina. A primeira coisa que notou foi a pele escura, reluzente sob as luzes que tinha recém-acendido. A segunda foi o cabelo negro, solto e

bagunçado, parecendo uma mancha de óleo boiando na água.

A respiração de Áustria ficou estranha, como se o mundo tivesse parado de rodar. Tinha certeza que seu peito estava subindo e descendo, mas não conseguia absorver o oxigênio que entrava em seu corpo. Ela piscou, como se isso fosse suficiente para que o cadáver na água desaparecesse. Piscou várias vezes, mas continuou ali, bem em sua frente.

Como podia estar morto se tinha o visto minutos antes?

Maya a empurrou contra a parede, antes que pudesse absorver mais detalhes da cena. Áustria percebeu que suas mãos eram macias e que seu cabelo tinha cheiro de morango, o que parecia inapropriado diante da cena que tinha acabado de presenciar. Ela cerrou os olhos, irritada, encarando as mãos da garota pressionadas contra seus ombros. Percebendo sua indignação, Maya deu um passinho para trás.

— Vai por mim, você *não quer* ficar olhando pra um cadáver — disse, a voz um tanto mais fina que o de costume, como se estivesse dividida entre o escândalo e o choque.

Então, Hélia Golucci estava morto.

“ J

á pensou em quantas pessoas iriam no seu velório? ”. Maya se lembrava de Hélia ter feito essa pergunta no seu aniversário de dezesseis anos. Segundo ele, seu pai costumava sugerir esse exercício mental para descobrir quem são suas amizades mais verdadeiras. Se você não consegue imaginar alguém jogando a própria rotina pelos ares para prestar uma última homenagem, são amigos de verdade?

Hélia tinha o costume de imaginar seu velório vazio. Dizia que estaria morto aos trinta anos, com um rastro de destruição tão grande que ninguém teria vontade de ser condolente. Depois, acrescentava que talvez seu motorista estivesse presente, para levar seus pais e tirar uma foto bonita para os jornais que anunciariam o seu falecimento. Maya tinha prometido ir no velório, mesmo que fosse só pra depredar seu túmulo.

Hélia estava errado.

Tanto sobre morrer aos trinta anos, quanto sobre o velório vazio. Na verdade, havia tanta gente que Maya tinha dificuldade em localizar as pessoas da família Golucci no mar de roupas pretas e óculos escuros.

Maya sentiu um par de mãos esguias se apoiarem em seu ombro, segundos antes de localizar a presença da mãe.

— Você quer comer alguma coisa? — Lúcia perguntou, com um sorriso complacente no rosto.

Maya fez que não.

— Comida de cemitério? – deu uma risada triste. — Nem morta, obrigada.

Lúcia assentiu, mas não expressou nenhuma reação diante do seu comentário ácido.

“ Hélia teria gostado da piada ”, Maya pensou, deixando um suspiro melancólico escapar dos lábios. Desde que descobrira o corpo, estava focada em não se deixar abalar. Tinha respondido às perguntas da polícia, assinado um milhão de papéis e se trancado no quarto de casa com três garrafas de

vinho – bebida que, particularmente, ela odiava. Bebeu até seu cérebro virar manteiga e acordou cedo para estar ali, acompanhada de seus colegas.

Não era a primeira vez que precisava lidar com a morte. Seu avô era bombeiro e tinha morrido em um incêndio quando ela tinha apenas seis meses e, desde que descobrira, Maya questionava as vantagens de ser alguém altruísta. Talvez não fosse essa a questão, porque Hélia era a pessoa mais egoísta que conhecia e estava numa vala da mesma forma.

“ Se estiver ouvindo meus pensamentos, do mundo dos mortos, por favor, *não puxe meu pé*”, pediu ela, em silêncio. Teve vontade de rir, mas não o fez. As pessoas não entenderiam que sua forma de lidar com o luto era fazer piada da própria desgraça.

— Já cumprimentou os pais dele? — Lúcia perguntou. Maya estava tão absorta nos próprios pensamentos que nem se dera conta que a mãe ainda estava ali, plantada.

Maya fez que não. Seus olhos percorreram o cemitério em busca dos dois metros de altura do senhor Golucci, mas não encontrou nenhuma silhueta que se parecesse minimamente com o homem.

— Estão no velário — a mãe completou, percebendo sua procura.

— Não tenho certeza se quero ver o corpo — explicou —, *de novo*.

Lúcia levou um dos dedos até as têmporas, tirou os óculos escuros do rosto.

— Não acredito que estou pagando uma fortuna de mensalidade pra essa escola de merda — e era evidente que estava irritada, porque a mãe da garota não costumava usar palavrões em sua frente — deixar que você passe por esse tipo de trauma. Tenho certeza que não vão querer se responsabilizar por sua terapia mais tarde.

— Tudo bem, mãe. Se não fosse eu, alguém teria que encontrar —

Maya deu de ombros. — Pelo menos, foi rápido. Quer dizer, se o corpo ficasse tempo demais na água teria apodrecido. O tipo de coisa que deixaria Hélia irritado

se ele pudesse reclamar.

— Posso fazer uma pergunta indelicada? — Lúcia perguntou, passando a língua pelos lábios. — É curiosidade de mãe, tá? O que aconteceu com ele?

Maya deu de ombros.

— A polícia ainda não chegou à uma conclusão. Pegaram as filmagens das câmeras de segurança, mas a piscina fica em um ponto cego. Pelas perguntas que me fizeram, imagino que achem que foi uma morte acidental ou um suicídio, mas tenho certeza que Hélia não faria isso.

Lúcia assentiu.

— Bom — mordeu o lábio —, pelo menos, não tem um assassino na sua escola.

Maya achou graça. A ideia era absurda. Os alunos de American Saint não tinham o costume de apelar para violência física e, ainda que tivessem, ninguém teria *coragem* de matar um aluno tão notório quanto Hélia. A família Golucci colocaria São Paulo a baixo apenas para descobrir o responsável.

Seria impossível provocar uma família tão influente e sair vivo para contar a história. Qualquer um sabia disso.

— É melhor eu cumprimentar os pais dele — Maya disse. — Não parece que vão sair de perto do caixão tão cedo.

Lúcia fez que sim, apontando com a cabeça na direção da lanchonete, metros distante. Maya conseguia imaginar, perfeitamente, a mulher de cabelos longos e pele pálida pedindo um suco verde para o atendente, que respiraria fundo na tentativa de não rir do pedido. Duvidava que tinham suco verde no cemitério.

Maya seguiu o caminho de pedras até o velário, incerta sobre sua capacidade de vivenciar aquela cena. Encontrar Hélia na piscina era diferente.

Quando seu primeiro cachorro morreu, a psicóloga infantil da escola havia dito que era importante que os pais de Maya fizessem um enterro, para que ela entendesse o que tinha acontecido. O caixão simbólico, as flores, o corpo peludo e duro. Tudo isso eram confirmações. Absorver tais elementos era fundamental para que o cérebro processasse a morte.

Maya não tinha certeza se queria processar alguma coisa.

Se manter absorta, como de costume, parecia uma boa opção. No carro, enquanto sua mãe praguejava o trânsito péssimo, encarou a câmera frontal do celular e forçou os olhos para que o choro saísse. Estava tentando se sentir melhor, mas só terminou frustrada. Não conseguia chorar. Nunca conseguia.

— May! — como intervenção divina, a voz de Gabriela interrompeu os passos de Maya antes que ela entrasse na sala. — Oi. — Ela acenou, dentro do seu vestido preto. Gabriela odiava preto, porque sua pele era branca demais, e a cor parecia intensificar o tom azedo. Ela fez uma careta triste antes de continuar.

— Eu soube.

Maya deu de ombros, porque não tinha o que responder.

— A escola deve ter mandado e-mails — disse, embora não tivesse checado os seus. — Notas de falecimento.

Gabriela fez que sim.

— É. Que merda.

Ela cruzou os braços. Conversas em velórios eram sempre estranhas. Se eram felizes, pareciam inadequadas. Se eram tristes, deixavam o clima pesado. Maya não fazia ideia do tipo de diálogo que poderia ter com uma amiga num momento daqueles.

— Ele sempre disse que morreria cedo — murmurou, como se tal fato melhorasse as coisas. Como se, de alguma forma, Hélia conquistasse autonomia diante de seu destino trágico.

Os lábios de Gabriela se transformaram em uma linha fina. Não concordou nem discordou da fala da amiga.

— Vai conversar com os pais dele?

Maya assentiu.

— Quer que eu vá com você?

— Não precisa — agradeceu com um aceno. — É *bad vibe* demais.

Você já fez muito vindo aqui.

— Tudo bem. — Gabriela deu um meio sorriso, puxando Maya para um abraço. — Se precisar de alguma coisa... Me disseram que você teve que falar com a polícia. Sabe que minha mãe entende dessas coisas, então, se te chamarem pra depor de novo...

— Obrigada. Eles ficaram um pouquinho no meu pé. Por causa do meu pai... Mas era só um depoimento de testemunha. Nada que vá me comprometer mais tarde. Mas sabe o que vai fazer eu me sentir melhor?

Vasos de crochê.

Gabriela achou graça.

— Seu pedido é uma ordem.

Maya observou a amiga desaparecer pela imensidão de visitantes. Antes de entrar na sala, ela notou um rosto muito conhecido no meio das roupas pretas, como se sua fala anterior tivesse invocado sua presença. Leonardo acenou para ela, os fios de cabelo longos presos em um respeitoso rabo de cavalo. Maya olhou para os lados, conferindo que Lúcia não estava por perto.

Seu pai e sua mãe tinham uma boa relação, mas nada de agradável acontecia quando ficavam mais de cinco minutos no mesmo ambiente.

Ela acenou com a cabeça, gesto que o homem entendeu como uma brecha para aproximação. Eles tinham uma relação de pai e filha metódica.

Próxima, mas metódica.

— Oi — Leonardo deu um meio sorriso. As tatuagens dos seus braços estavam cobertas pela camisa social preta, e Maya tinha certeza que o pai havia se chamado de idiota várias vezes antes de sair de casa. — Só vim ver como você estava. Coisa rápida. — Seus olhos vasculharam o local, o desconforto visível diante a possibilidade de ser visto com ela.

— Bem — Maya soltou o ar pelos lábios —, dentro do possível. Já fiz tudo que um adolescente em crise faz. Bebi, fiquei um tempão esperando o choro vir, mas...

nada. Nem alcoolizada eu consigo chorar.

— Não se cobre tanto. — Ele ergueu um dos ombros. — Cada um sente a dor do seu jeito.

Maya assentiu, frustrada.

— Quer entrar comigo e cumprimentar os Golucci?

Leonardo fez que não.

— Mandeí uma mensagem — sibilou. — Você sabe como as coisas são, é melhor eu não ficar muito tempo aqui, *dando bandeira*. Renato deve me chamar pra tomar uma cerveja qualquer dia desses.

— Tudo bem.

— A gente se fala, May — Leo deu um sorriso amarelo antes de beijar o topo da cabeça de Maya, afastando-se na mesma direção pela qual tinha chegado.

Sem opção, Maya tomou o impulso necessário para entrar na sala.

Encontrou uma quantidade assustadora de flores, de todos os tipos e tamanhos. Tulipas, callas, orquídeas e cravos. O caixão de Hélia estava no centro do espaço, cercado por uma redoma transparente. Graças aos reflexos que a luz causava no vidro, Maya não conseguiu enxergar o corpo com clareza.

Ela fez uma careta ao perceber que não tinha pensado em comprar flores.

Os olhos da senhora Golucci caíram nela antes que pudesse voltar para o cemitério e sair em busca de um buquê.

— Maya — Hortênsia deu um sorriso. Os olhos cor de mel, tão parecidos com os de Hélia, estavam opacos, sem ânimo. — Que bom que veio.

Maya caminhou na direção dela, agradecendo o cumprimento. De novo, sentiu um aperto na garganta, a presença de um silêncio que não poderia ser preenchido com palavras. Tudo que pensava em dizer parecia burro e inadequado, então ficou calada, torcendo para que a mulher tivesse mais tato

que ela e conduzisse a conversa.

Felizmente, ela o fez.

— Sinto muito pelo que aconteceu — disse, e Maya demorou alguns segundos para entender que Hortênsia falava sobre o fato de ter encontrado o corpo. — Deve ser ainda mais difícil pra você, que cresceu com ele.

Maya respirou fundo.

— Foi uma fatalidade, eu acho.

— Uma *irresponsabilidade* — o senhor Golucci corrigiu, surgindo ao lado da esposa. Bem como Maya se lembrava, Renato era um homem grande e intimidador na mesma proporção. Hortênsia parecia uma boneca ao seu lado, pequena e delicada. Não deveriam ter deixado aquela piscina aberta.

Até uma criança poderia ter caído e se afogado.

— Não estava aberta, senhor — Áustria murmurou. Só então Maya percebeu sua presença, dentro de um conjunto preto de terno e saia que lembrava *As Patricinhas de Beverly Hills*. — Talvez tenha sido um problema no fechamento retrátil. Acredito que a escola deva ser responsabilizada, de qualquer forma. É uma perda muito grande pra todo mundo.

Renato assentiu. Seu rosto branco estava rosado, o que fez Maya perceber que a garrafa que passava de uma mão para outra não continha água.

Os problemas com a bebida haviam persistido, durante todos aqueles anos.

— Tenho uma reunião com o diretor na segunda. Espero que tenham ótimas explicações.

Hortênsia apoiou uma das mãos nos ombros do homem.

— Tenho certeza que não é do interesse deles nos deixar no escuro, querido — tranquilizou. Ela era muito mais parecida com Hélia do que o pai.

Tinham os mesmos olhos, a mesma pele negra e o mesmo cabelo escorrido.

— Não vamos falar de assuntos chatos, hum? — se virou para Maya — Hélia nos disse que ia tocar na formatura.

Maya teve a impressão de ver Áustria revirar os olhos.

— Ele sempre falava muito de você — a loira comentou. Seu tom não era aborrecido, mas neutro. Era impossível saber o que estava sentindo.

— Ainda tenho que competir com alguns outros alunos — explicou. —

E minha mesa de som está estragada, por enquanto, mas ainda devo ter algum tempo pra resolver isso.

— Estava ensinando o Hélia a tocar? — Renato perguntou.

Maya fez uma careta confusa.

— Não.

— Ele comprou uma mesa de som — Hortênsia disse. — Chegou *ontem*. — Ela respirou fundo, os olhos adquirindo um tom vermelho aos poucos. Estava perto de desabar, mas Maya torceu para que a mulher não chorasse. Enterros eram assim. Quando alguém começa a chorar, todas as outras pessoas aproveitam a deixa.

Maya mordeu o lábio. Se lembrou da conversa com a mãe no corredor, quando Hélia perguntara se precisava de dinheiro. “Meu Deus! ”.

Ainda que o velário fosse grande e arejado, Maya sentia o lugar cada vez mais claustrofóbico. Era como se o caixão de Hélia agora tivesse um dardo, incitando que olhasse em sua direção, se despedisse do cadáver mais uma vez. Se pudesse voltar no tempo alguns minutos, ela voltaria. Aquele era o tipo de informação que tornava as coisas mais difíceis, mas não contribuía em nada.

— É uma pena — Maya murmurou. — Tenho certeza de que ele se sairia bem... como de costume, eu acho.

Depois de alguns segundos, Maya percebeu que estava se esforçando demais para não transparecer sentimentos ruins. Tanto que, talvez, até tivesse soado insensível.

Um dos funcionários do cemitério se aproximou de Renato. Ele cochichou algo que Maya não conseguiu ouvir e terminou a conversa com um aceno. Renato se virou para a pequena roda onde conversavam e deu um sorriso. Era difícil entender se ele estava tentando passar algum tipo de conforto ou se só estava bêbado.

— Vão tirar o caixão agora — disse mais para Hortênsia do que para o resto.

Maya aproveitou o momento para sair do velário. Teve a impressão de ter passado por um ou dois colegas de sala, mas, naquele momento, não tinha a paciência necessária para cumprimentá-los. Suas mãos estavam tremendo.

Parecia questão de tempo até que sua alma descobrisse que precisava sair do corpo.

Maya se sentou em um banco nos fundos do velário, fechando os olhos.

Respirou e inspirou várias vezes, focada nos sons alheios a ela. Ouviu um passarinho cantar. O barulho de passos esmagando folhas secas. Uma criança chorando. Uma cigarra, anunciando que uma tempestade estava por vir.

Também havia cheiro de terra, que se misturava com perfume, que se misturava com o odor rançoso dos salgados fritos em óleo da única lanchonete. Maya nunca tinha parado para pensar, mas os cemitérios eram

lugares muito plurais.

Ela se manteve de olhos fechados, apertando-os, como se pudesse fazer que lágrimas escorressem na base da força bruta. Anos atrás, tinha visto uma reportagem dizendo que chorar é positivo para o organismo e tem efeito anestésico, mas, aparentemente, se seu corpo dependesse disso para se manter saudável, terminaria tão morta quanto Hélia. Ainda de olhos fechados, um novo som chamou sua atenção. Eram passos delicados contra as pequenas pedras de jardim no chão, acompanhados pelo cheiro enjoativo de Chanel número cinco. “O cheiro mais clichê do mundo ”, Maya pensou, um tanto amarga.

Não abriu os olhos. Fingiu não ter notado a presença ao seu lado, que, por sua vez, não pareceu se importar com sua indiferença. A figura colocou uma das mãos em seu ombro e, em um gesto de consolo, deu dois tapinhas.

Quem quer que fosse, parecia ruim em consolar os outros, mas Maya não reclamaria.

Tão rápido quanto havia surgido, a presença desapareceu.

Como ficar sabendo de tudo e não se
tornar uma pessoa altamente paranoica?
Google, pesquisar!

A morte de um aluno do ensino médio nunca é esperada.

É o tipo de tragédia que abala as estruturas de uma escola, do primeiro andar ao último.

Eram nove da manhã e ninguém parecia saber ao certo como seguir as atividades do dia. Áustria se sentia em um *looping* da mesma cena de *Garota Infernal*, depois que os corpos dos alunos eram encontrados e grande parte do elenco – com exceção da Megan Fox – entrava em um estado de luto profundo.

Ninguém entendia bem o que tinha acontecido com Hélio. Uma nota oficial para imprensa sairia naquela tarde, mas nenhum dos burburinhos que se ouvia pelos corredores fazia sentido. Primeiro, Hélio nunca se mataria.

Segundo, seu corpo jogado na piscina não parecia fruto de uma morte acidental. Ele aparentava estar um pouco bêbado quando Áustria o vira do andar de cima e suas mensagens não faziam sentido algum, mas isso não era suficiente para se afogar. A cobertura também não estava aberta quando chegara no ginásio. Não teria como Hélio cair na piscina e fechá-la por conta própria, a menos que mais *alguém* estivesse com ele.

Essa opção também não era convincente para Áustria. Ela não via motivos para alguém matar um adolescente dentro de uma escola tão renomada quanto American Saint. Atenção era tudo que um criminoso não queria e, ainda que o diretor estivesse se esforçando para que o caso não vazasse na mídia, era só uma questão de tempo até que alguém influente ficasse sabendo. A família Golucci era conhecida demais na alta sociedade e não podiam ter um filho em um dia e, de repente, não ter mais.

Áustria sentiu um arrepio percorrer sua nuca. Tecnicamente, era isso que tinha acontecido. As pessoas estavam vivas em um dia, depois, não estavam mais.

— Você não se importa se eu ficar com isso, não é? — Áustria deixou seus pensamentos de lado para observar a cena que se desenrolava no final do corredor.

Ela não se lembrava do nome do garoto que falava, mas tinha a

impressão que fazia parte do time de esportes da escola, principalmente pelo seu tamanho. Talvez fosse filho de um senador importante. Áustria precisava prestar mais atenção nas pessoas que estudavam com ela. — Eu não tive tempo de fazer esse trabalho.

Ele balançava um *pendrive* na frente de Gabriela, de um lado para o outro. Ela se apoiava em um dos armários do corredor, desejando ser engolida por um deles. O garoto estava perto demais, dando um tom desconfortável à conversa.

— Se usar os meus arquivos, os professores vão perceber que nossos trabalhos estão iguais — Gabriela argumentou, sem olhar para ele.

— Você faz outro. — O garoto encarou o próprio relógio. — Tem uns quarenta minutos até a aula de química começar. Você consegue. É uma garotinha inteligente. — Ele deu dois tapas leves em sua cabeça, como se estivesse cumprimentando um cachorro. Colocou o *pendrive* dentro do bolso do casaco e sorriu para ela.

Gabriela soltou um longo suspiro.

Ela percebeu a presença de Áustria e a encarou, como se esperasse algum apoio de sua parte. Áustria queria fazer alguma coisa a respeito, mas, caramba, seu namorado tinha acabado de morrer. Alguém sofrendo *bullying* não era problema seu.

Estava pronta para dar meia volta e fingir não ter visto nada quando o garoto se afastou de Gabriela, levando seu *pendrive* consigo.

— Ei, Áustria — ele também tinha reparado nela —, sinto muito pelo que aconteceu com Hélia. — E deu um sorriso complacente. Agora, seu tom era quente e simpático, o oposto do que usava com Gabriela. Era como se enxergasse Áustria como uma pessoa e Gabriela como... um objeto. Ou alguma coisa abaixo disso.

Áustria agradeceu com um aceno. Com o canto dos olhos, viu quando Gabriela fez uma careta.

— Valeu pela ajuda — ela murmurou, enfiando seus livros dentro do armário.

— Reclame com um funcionário — Áustria revirou os olhos. — Eu não trabalho aqui. Agradeça por eu não estar roubando seus deveres também.

Gabriela não disse nada. Bateu a porta do armário de uma forma que Áustria julgou indelicada e seguiu em direção aos laboratórios de ciência, disposta a refazer o maldito trabalho.

— Que grosseria — Áustria reclamou. Desejar pêsames seria o mínimo

da boa educação, como a maioria dos outros alunos tinha feito. — É por isso que as pessoas sofrem *bullying* — murmurou, ciente que a garota não podia ouvi-la.

Áustria dedilhou a própria nuca. Queria voltar para sala, mas sentia-se ansiosa demais para prestar atenção na matéria. Os professores haviam entrado em um acordo de não registrar faltas pelos próximos três dias e, ao se levantar naquela manhã, ela pensara em faltar, porém a ideia de ficar enfiada dentro do próprio quarto, por um dia inteiro, era desconfortável.

Não queria correr o risco de discutir com o irmão de novo, embora imaginasse que ele fosse mais compreensivo que o de costume. Ouvira Osmar contando a ele sobre o acontecido.

Áustria escolheu não convidar nenhum dos dois para o velório. Tinha passado horas tentando analisar o que Hélia faria no lugar dela e chegou à conclusão de que os falecidos mereciam ter as pessoas certas presentes na sua última celebração. Seu raciocínio não previa a quantidade de alunos irrelevantes marcando presença, é claro. Em dado momento, Áustria temeu que Hélia levantasse do túmulo apenas para expulsá-los. Com um sorriso irônico, ele perguntaria: “Quem te chamou aqui?”, como fazia com os penetras que entravam em suas festas na surdina.

A decisão de Áustria viria a deixar Hortênsia curiosa. Ao longo do dia, ela havia se esforçado para arrancar alguma informação sobre seus pais, mas Áustria apenas dava de ombros.

— *Paula deve estar adorando o trabalho voluntário. É uma experiência que muda vidas, não acha?*

— *Sim, com certeza*

— *Ela é tão altruísta*

— *Demais*

— *Você não tem vontade de fazer também?*

— *Claro, quem sabe.*

Como se o pensamento atraísse a mulher, o celular de Áustria vibrou, anunciando uma nova mensagem de Paula.

Paula (09:54) diz:

Seu pai me contou

Paula (09:54) diz:

Você está bem?

Paula (09:54) diz:

Tem uma caravana saindo daqui em três dias.

Posso passar algum tempinho no Brasil, se você quiser.

Áustria fez uma careta para a última mensagem. O “se você quiser”

vinha acompanhado de um “mas, por favor, não queira” invisível. E, de fato, Áustria não queria.

Ela desbloqueou o celular para responder, enquanto entrava no elevador.

Fechou os olhos e escolheu um dos andares da escola de forma aleatória.

Esperou que a porta andasse e voltou sua atenção para o teclado do celular, sem saber o que responder.

Não estava bem.

Não estava mal.

Estava anestesiada.

Não seria hipócrita. Seu relacionamento com Hélia era um pouco fora do convencional, mas isso não significava que desgostava dele. Na verdade, tinha se acostumado com sua presença ao longo daqueles três anos e agora as coisas estavam estranhas. Não conseguia fazer nada sem ter a sensação de que algo faltava.

Áustria (09:56) diz:

Estou mais ou menos, eu acho. É cedo pra dizer.

Áustria (09:56) diz:

Não precisa vir. Não quero incomodar.

Áustria encarou a tela do celular, esperando que a mãe respondesse que não seria incômodo algum. Pela barra de status, viu que a mãe digitou e apagou a mesma mensagem várias vezes.

Paula (09:57) diz:

Tudo bem. Me ligue se precisar.

Ela soltou ar pelos lábios, frustrada.

Previsível.

O elevador abriu no andar da diretoria. Ela pensou em sortear outro botão e ir embora, mas as portas entreabertas da diretoria chamaram sua atenção. De onde estava, conseguiu ver um homem careca sentado em uma cadeira pequena demais para sua estatura esguia. Ele mordida uma caneta em ritmo constante e parecia irritado com o rumo daquela conversa.

Áustria notou o crachá da polícia em seu pescoço e se aproximou alguns passos, tentando ouvir o que falavam.

— A coletiva de imprensa foi marcada para às três da tarde. Precisamos entrar em um acordo até lá.

Áustria não conseguia enxergar o diretor.

— Não deveriam ter divulgado uma coletiva sem a minha autorização

— o homem bufou. — Estamos lidando com uma família influente, cada passo precisa ser cuidadoso. Um caso como esse é prato cheio pra mídia.

Entende que tivemos um aluno morto por overdose na semana passada? Uma *herdeira* foi convidada a se retirar da escola por conta disso. Nem nos recuperamos desse baque e agora essa *mer...* É evidente que vão destruir a nossa imagem!

— A polícia entende seu ponto, senhor, mas não podemos escolher a narrativa que seja mais conveniente com a reputação do colégio e ignorar as evidências. Isolamos o ginásio e pegamos o celular do garoto. Ele mandou uma mensagem dizendo que estava na cena do crime, às nove e dez da manhã, mas a necropsia apontou oito e cinquenta e sete como hora da morte.

— Áustria fez uma careta. Ele não tinha mencionado o ginásio na mensagem que tinha mandado para ela. — Nossa teoria é que o assassino queria que encontrassem o corpo logo.

Um barulho tomou conta da sala. Áustria imaginou que o diretor tinha dado um soco na mesa.

— Nenhum assassinato aconteceu na minha escola.

— Senhor...

— De quanto precisa pra manter a história da morte acidental?

— Vai ter que subornar o departamento inteiro, se é isso que pretende.

— Diga o valor e nós conversamos — o diretor insistiu. — Disse que havia substâncias ilícitas no corpo do garoto, certo? Seria terrível pra imagem da família que algo assim fosse amplamente divulgado.

— Onde o senhor quer chegar?

— Não acho que vão aceitar bem essa história de morte acidental, mas uma mão lava a outra. Vamos manter essa informação em sigilo se eles não insistirem em uma investigação mais complexa. O garoto já está morto. Ficar fuçando nessa história só vai machucar mais pessoas.

Áustria engoliu em seco. Viu quando o policial desligou o gravador que levava consigo e entregou para o diretor, uma forma silenciosa de dizer que concordava

com o acordo. Ela deu um passo para trás, desconcertada. Pensou em ligar para os pais de Hélia, mas seria sua palavra contra a do diretor.

Talvez Hortênsia lhe desse algum crédito, mas não podia contar com Renato.

E se a investigação estivesse errada?

A maioria dos alunos de American Saint estudavam ali há anos. Era

uma escola exclusiva. As pessoas tinham boa parte da sua vida investigada durante o processo de admissão. Miguel, por exemplo, não tinha sido aceito quando sua mãe tentara matriculá-lo há alguns anos, quando queria fazer o papel de madrasta “gente boa”. Ele tinha dado um soco em um colega de sala, na sétima série, e, segundo a papelada que recusara sua matrícula, não era o perfil de aluno que estavam procurando.

Mas se Paula tivesse assinado alguns cheques, talvez...

“Ninguém teria motivos para matar o Hélia”, Áustria pensou, tentando convencer o próprio cérebro de que sua teoria tinha sentido.

“T é m medo e são apaixonados por mim na mesma proporção”, era o que ele sempre dizia.

O relógio do celular poderia ter pifado em contato com a água. As horas da morte e da mensagem não baterem poderia ser um problema técnico. Não provava nada.

Áustria mordeu o lábio. Estava mentindo para si mesma, talvez porque não quisesse lidar com sua vida perfeita desmoronando. Seu namorado estava morto, sua mãe não se importava e o diretor da melhor escola de São Paulo *subornava* policiais.

Áustria deu alguns passos para trás. Observou o diretor Felipe guardar o gravador dentro de uma gaveta e se abaixou, quando ele virou a cabeça em sua direção, escondendo-se atrás de um vaso de plantas. Ainda abaixada, foi até as escadas.

Precisava de uma segunda opinião sobre o assunto. Pensou em Karen, mas a ruiva não sabia manter a boca fechada. Em dois segundos, a escola inteira saberia sobre o suborno e, o que deveria ser chocante e sério, seria resumido à fofoca adolescente. Já tinha descartado os pais. Não tinha nenhum outro amigo próximo.

Áustria deu um soco na própria testa. Estava sozinha com aquela bomba em mãos.

Ela se sentou nos degraus da escada, respirando fundo. Tirou o celular do bolso, mais uma vez, pensando em anotar tudo que sabia sobre o acontecido, para que não esquecesse mais tarde.

Antes que pudesse abrir o bloco de notas, uma notificação tomou conta da tela:

@HeliaGolucci postou um novo vídeo.

Áustria sentiu seu sangue gelar. Ela hesitou antes de clicar na

notificação, notando o coração bater cada vez mais forte dentro do peito. A internet nas escadarias era lenta. Cada pedacinho do círculo que indicava o carregamento da página era uma tortura.

Ela levou um dos dedos até a boca, mordendo a ponta das unhas e arrancando uma lasca de esmalte rosa nude. Não fazia ideia do que encontraria no vídeo. Hélia não era do tipo que postava muito nas redes sociais, mas tinha seguidores o bastante para causar um estrago. Se perguntou por que não tinham desativado o maldito perfil ainda.

Um “X” tomou conta da página. Áustria deu um soco na parede ao perceber que o carregamento tinha falhado. Balançou os dedos para afastar a dor e tentou de novo. Na segunda tentativa, os comentários foram carregados antes do vídeo.

@jotad456 diz: alerta de avalanche na Áustria. previsão de mortes: uma.

@dinizgouveia diz: quem postou isso????

@raqueldacosta diz: denunciem a postagem. o garoto não tem privacidade nem depois de morto?

@yantomaz diz: e choca um total de zero pessoas.

@fernandahorta diz: acho chique termos uma miss corna no concurso desse ano. representatividade.

O carregamento do vídeo falhou mais uma vez. Áustria subiu alguns degraus da escada, levantando o celular o mais alto que podia. Seu coração já estava na boca.

Ela sentia que poderia desmaiar a qualquer momento e a culpa seria unicamente da sua operadora de telefone.

Na quarta tentativa, o vídeo carregou.

A primeira coisa que Áustria notou é que tinham substituído o áudio da gravação por *Love Story*, da Taylor Swift, em um gesto que era tão irônico que chegava a ofender. Talvez fosse essa a intenção, assim como os frames de Hélia e Maya que vinham a seguir.

Hélia e Maya em um restaurante nos arredores da escola.

Hélia e Maya de mãos dadas.

Hélia e Maya rindo um para o outro.

Hélia e Maya se beijando.

Havia tantas cenas em contextos diferentes que a dupla parecia um casal há anos.

Áustria controlou o impulso de quebrar o celular contra a parede.

Continuou assistindo ao vídeo até o final. A tela se tornava preta, nos últimos cinco segundos, dando destaque para o nome de usuário de Áustria. Ela cerrou os olhos para ler melhor.

@AustriaFontes eu ainda sei.

A tela se apagou, deixando seu reflexo em evidência. Suas bochechas estavam vermelhas, como se, de repente, o sangue corresse com mais vontade contra a pele pálida. Ela andou de um lado para o outro, às vezes, batendo os pés contra o chão, numa tentativa frustrada de deixar a raiva e a ansiedade escaparem.

Se tivesse opção, esqueceria aquela história de lado, da mesma forma que fizera com o bilhete no armário. Uma grande perda para a sua paz de espírito, porque a postagem era um recado direto demais para ser ignorado.

Era uma regra implícita do Ensino Médio. Quem está no topo, defende o território. Ninguém espera provocar a rainha da escola sem sofrer as consequências e, agora,

o restante dos alunos mortais aguardavam ansiosamente os próximos passos de Áustria.

Felizmente para os amantes da fofoca, ela sabia exatamente o que fazer com todas as informações que reuniu naquela manhã.

Regina George (acho que agora os jovens dizem Maddy Perez) fazendo escola

Maya acreditava piamente que o mundo seria um lugar melhor sem a internet, onde ninguém correria o risco de ter suas fofocas viralizadas nas redes sociais. Não era culpa da enorme rede de computadores, na verdade, ela era ótima. Maya beijaria o Google, se ele fosse uma pessoa, por todas as vezes que a livrara de gastar tempo com pesquisas em livros. Uma vez, sua avó dissera que fazia as pesquisas, para a escola, em barsas, uma coleção de enciclopédias de conhecimentos gerais que era passada de geração em geração. Maya se viu espirrando só de pensar.

Ela não podia culpar a internet. Computadores não tem discernimento, não são bons ou maus, *pessoas* são. Não era a primeira vez que usavam ferramentas aparentemente inofensivas para prejudicar alguém e, com certeza, não seria a última. Todos os aplicativos com opção de anonimato acabavam se tornando um espaço livre para o ódio, o que era interessante de se analisar. Todo mundo é bonzinho, até que não tenha ninguém olhando.

Maya estava fingindo não saber sobre seu vídeo com Hélia rodando pelo *Instagram*. Não fazia ideia de quem podia tê-los filmado por tanto tempo e por que alguém seguraria uma fofoca daquelas para soltar em um momento tão delicado, mas estava grata por não ser um vídeo de cunho sexual. Isso sim poderia trazer problemas. Lidaria com os olhares atravessados, as perguntas indiscretas e os comentários no corredor. Em uma semana ou duas, a elite de American Saint teria outros assuntos mais importantes para comentar.

— Maya, você fica no gol. — O professor de educação física estalou os dedos, chamando sua atenção. Apontou na direção das traves brancas e jogou um par de luvas para Maya, pouco interessado em sua opinião. — Carla —

apontou para uma garota baixinha —, vai ser goleira do outro time.

Gabriela sorriu para Maya, incentivando-a. Ela agradeceu com um aceno, enquanto caminhava para o gol, satisfeita em não precisar ficar correndo de um lado para o outro. Ao mesmo tempo, tinha medo que sua participação no jogo se transformasse em humilhação. Os alunos de American Saint levavam as disputas da educação física muito a sério. Como crianças mimadas e cheias de ego que eram, não podiam perder a

oportunidade de se mostrarem melhores que os outros.

— Estão sete minutos atrasadas — o professor Elias comentou, apontando para as duas garotas que se aproximavam da quadra. Áustria e Karen já estavam dentro de seus uniformes esportivos, com uma expressão pouco simpática.

Maya se apoiou nas traves do gol e vestiu suas luvas. Evitou olhar demais para Áustria, esperançosa em passar despercebida no radar da loira.

Ela era responsável pelos próprios atos e entendia que estava errada na situação com Hélio. Era ele o responsável pelo seu compromisso com Áustria, mas quando um não quer, dois não se *beijam*.

Em silêncio, Maya torceu para que Elias colocasse a garota em seu time, para não precisar enfrentar os chutes furiosos que viriam em sua direção. Era tão fácil que chegava a ser patético: Cinquenta minutos de aula e inúmeras oportunidades para Áustria acertar uma bola na sua cara.

Elias apontou para a ruiva primeiro.

— Karen, está no time da Maya — disse, gritando. — Áustria, time da Carla. — Apontou para o lado extremo da quadra.

Maya moveu os lábios na direção do professor. Uma desculpa esfarrapada sobre estar sentindo cólicas horríveis quase saiu, mas ela resolveu continuar no gol e enfrentar o seu destino. Quis acreditar que Áustria estava chateada demais para uma briga. O corpo de Hélio mal tinha esfriado no túmulo, e as pessoas sempre diziam que era mais fácil perdoar os erros dos mortos do que dos vivos.

De qualquer forma, Maya estava bem *viva*. Não duvidava que lhe cobrassem lidar com os erros dele e os dela.

Elias colocou a bola no centro da quadra e se afastou, deixando os passos marcados no chão de grama sintética. Maya observou a movimentação dos dois times, feliz em perceber que Junia Moraes, uma das jogadoras oficiais de futebol da escola, estava no seu time. Esperava que a garota fizesse um bom trabalho deixando Áustria longe do gol e, principalmente, longe dela.

Foi uma sequência tranquila de movimentos até que Junia, em posse da bola, invadiu a área do goleiro rival. Elias apitou.

— Pênalti para o time da Carla. — Ele entrou na quadra para pegar a bola e a levou até a frente do gol. — Quem vai bater?

O time de Carla não tinha uma jogadora tão boa quanto Junia, motivo pelo qual ficaram todas em silêncio. Antes que alguém tomasse a

responsabilidade, Áustria tomou à frente.

— Eu posso bater — ofereceu, sem hesitar.

Elias fez um sinal de joia com o polegar.

— Ótimo, Áustria. Pode se aproximar do gol.

Maya mordeu o lábio.

Encarou a loira, tentando desvendar qual seria seu próximo passo, mas ela não era alguém fácil de se ler. Seus olhos verdes tinham uma mistura estranha de tempestade e calmaria, como um céu dividido ao meio: Metade está com nuvens carregadas e a outra metade está com sol. Pode ser que chova. Pode ser que não aconteça nada.

Áustria deu alguns passos para trás, fechando um dos olhos antes de encarar a bola, como se estivesse estudando sua futura trajetória. Dos três uniformes que tinham em American Saint, o esportivo era o mais odiado pelos alunos e, mesmo assim, Áustria se destacava dentro da camiseta branca e sem graça, e os *shorts*, alguns centímetros acima dos joelhos, iam se moldando ao seu corpo, como se fossem costurados para ela.

Fazia sentido que tivesse ganhado tantos concursos. Se não a conhecesse e estivesse julgando apenas pela aparência, Maya também a escolheria sendo jurada.

Áustria tomou um pouco mais de distância e chutou.

Maya teve que se abaixar para que a bola assassina de Áustria não acertasse sua cabeça. Dois centímetros – ou talvez muito menos que isso – a separaram de um olho roxo. A bola tinha passado por cima de seu rabo de cavalo e entrado na rede, o que não aconteceria se não tivesse saído da frente.

Tinha chutado com uma força desnecessária para se fazer um gol, mas muito conveniente para alguém que quisesse acertar o goleiro.

Áustria bateu uma salva de palmas para si mesma, sendo acompanhada pelo restante do time. Junia fez uma careta, mais irritada por estar perdendo o jogo do que pela agressão que Maya tinha *quase* acabado de sofrer.

Sabia que, para o bem geral da nação, deveria continuar calada. Mesmo assim, seus lábios não se controlaram e a pergunta saiu ácida:

— Estava mirando na minha cara?

Áustria deu de ombros.

— Não sou muito boa com essa coisa de esporte.

— Mentira — Maya protestou. — Você *tentou* me acertar com a bola.

— Deixa de ser maluca — Karen interveio. — Só está com raiva porque é uma goleira horrível — ela deu uma breve pausa, então completou: — e

uma talarica de primeira.

Maya pensou em como o rosto de Karen ficaria inchado se levasse um tapa com aquelas luvas, mas segurou o impulso até que se tornasse apenas uma ideia maldosa. Felizmente, não poderia ser punida por pensar.

— Karen, não é esse o tipo de palavreado que almejamos ouvir de nossos alunos — Elias corrigiu.

Áustria abriu um sorriso, parecendo satisfeita com a atenção do professor.

— Eu sugiro que use um palavreado melhor na próxima, Karen. Nós podemos usar *trahi*, em francês. *Cheater*, em inglês. *Imbrogliona*, em italiano... Qual você

prefere, Maya? Tenho um vocabulário extenso, posso te dar opções o dia inteiro.

— Certo, garotas, acho que chega por hoje — Elias se intrometeu mais uma vez. As outras alunas mal olhavam para ele, ansiosas por um confronto que alimentasse ainda mais a pauta da semana. — Vou buscar os cones na sala de materiais. Vamos tentar corrida até o fim da aula.

Um silêncio sepulcral acompanhou a saída do professor.

— Não vai dizer nada? — foi Karen quem perguntou, diretamente para Maya. — Acho que um pedido de desculpas é o mínimo.

Maya soltou ar pelo nariz, incrédula.

— Um pedido de desculpas? Pra pessoa que acabou de tentar arrancar a minha cabeça?

— Não seja tão dramática — Áustria revirou os olhos. — Eu teria te acertado se quisesse. Quer ver?

O silêncio tomou conta, mais uma vez, quando Áustria cruzou a quadra.

Havia vinte alunas ali, ansiosas para descobrir o que o cérebro maldoso da rainha da escola estava maquinando. Maya tinha a impressão de que não esperavam coerência da parte dela, talvez porque tinha descoberto seu namorado morto e uma traição na mesma semana. Faziam parecer que Áustria Fontes era o novo coringa e, na verdade, gostavam da hipótese de uma rainha enlouquecida.

Maya se sentiu desconfortável pela forma como aquelas pessoas tratavam a morte. Não tinham nem sequer respeitado os sete primeiros dias de luto para vazar aquele vídeo. Agiam como se Hélia tivesse se ausentado, ao invés de falecido, como se acreditassem que o garoto surgiria com seu sorriso irônico na entrada de American Saint, a qualquer momento.

Não que não estivessem tristes, mas pareciam ansiosos para que a morte

de Hélia deixasse de ser uma pauta. Como se fosse um acontecido simples e ignorável, como o sol nascendo todos os dias.

Áustria pegou a garrafa transparente de Elias no banco próximo às arquibancadas. O professor era fã de energéticos em tons neon, daqueles que se pareciam muito

com detergentes. Maya entendeu o que Áustria pretendia desde o início, mas deixou que a garota continuasse. Queria ver até onde ela teria coragem de ir.

Esperar qualquer tipo de bom senso vindo de Áustria Fontes foi seu erro.

Ela voltou com a garrafa em mãos e parou a poucos centímetros de distância de Maya. Seus olhos verdes traziam consigo um desafio implícito.

Esperava que Maya a contestasse, mas ela não moveu um dedo. Poderia fazer um discurso inflamado sobre rivalidade feminina, ainda que Áustria e sororidade fossem palavras incompatíveis na mesma frase. Ela preferiu se manter com os braços cruzados, acompanhando seus passos, da mesma forma que os outros, atenta a cada segundo do espetáculo.

Áustria girou a tampa da garrafa e, em um movimento de segundos, despejou sob a cabeça de Maya. Foi um coro de “nossa”, “uau”, risadas e gritos contidos. Alguém, que Maya não conseguiu identificar com os ouvidos cheios de energético, comentou que era impressionante: Hélia estava mantendo o caos vivo mesmo depois de morto.

Áustria abriu um sorriso. Seus dedos alcançaram seu rosto, puxando, para o lado, uma mecha de fios brancos que grudou contra a testa, uma mistura nojenta de energético colorido e cabelo.

— Viu? — Ela estava extremamente satisfeita com a multidão que se formava ao redor delas. Alunos saindo de salas, pessoas se aproximando para conseguir o ângulo perfeito em um *storie*, funcionários chocados, um verdadeiro show para os estudantes entediados de uma escola de elite, onde as discussões eram sempre polidas. — Acertei você.

Maya não imaginou que seria mandada para a diretoria por um erro de Áustria. Segundo Elias, agressão física era um assunto muito sério e ela fora extremamente grosseira ao inferir que sua colega de classe estava tentando acertar seu rosto com uma bola. Também havia feito um discurso enorme sobre Áustria estar sofrendo com a morte do namorado e como precisava do apoio dos seus colegas. Maya quase perguntou se ele não achava melhor que

recolhesse a própria insignificância e fosse para a diretoria sozinha.

O cheiro adocicado de energético era terrível. Estava em seu cabelo, nas suas roupas, até na sua calcinha, embora ela não tivesse tido tempo para conferir esse último. A camiseta do uniforme grudava em sua pele e seus fios de cabelo lisos começavam a ficar *duros*. O professor perguntara se queria trocar de roupa antes de ir para a diretoria, mas Maya negou com veemência.

Estava disposta a deixar o líquido cair pelo corpo como um troféu de guerra.

Mais tarde, serviria de motivação para ganhar o maldito concurso e fazer Áustria engolir a coroa.

Projeto de Blair Waldorf maldito.

Nem Regina George seria tão baixa.

— Garotas — as olheiras em torno dos olhos escuros do diretor diziam que os alunos não eram os únicos afetados pela morte de Hélia —, podem entrar.

Maya deixou que Áustria se levantasse primeiro. Estavam na pequena sala de espera, em frente a diretoria que, na verdade, nem sequer era uma sala. Tinham três cadeiras posicionadas em um canto e um quadro com os valores de American Saint, além de paredes de madeira, que não combinavam com a estética de uma escola, no entanto eram caras e elegantes.

Havia também um vaso de espadas de São Jorge, mas todas estavam mortas.

Maya sabia que, assim como as pimenteiras, eram plantas que morriam em ambientes com energia negativa demais. American Saint precisava que alguém acendesse um incenso.

Maya segurou o impulso de chutar as canelas de Áustria, quando ela passou em sua frente, sentando-se na única cadeira que tinha na sala do diretor. Maya considerou pegar a cadeira onde estava, do lado de fora, mas uma das funcionárias da limpeza a recolheu antes disso. Tinha deixado um rastro de energético no assento.

— Quem quer me contar o que aconteceu? — O diretor Felipe era um homem sério e impaciente, mas, naquela manhã, parecia anestesiado demais para evocar o pulso forte, tão erroneamente recomendado na área da educação. Nenhuma das duas respondeu, então ele continuou: — Vocês duas costumam ter um ótimo comportamento. Surpreende-me que estejam aqui.

Áustria falou primeiro.

— Fiquei irritada quando Maya me acusou de agressão injustamente, diretor.

— Você mirou a bola no meu rosto!

— Maya — Felipe cortou —, teve a oportunidade de falar antes e ficou calada, espere sua colega terminar.

— Obrigada, diretor — Áustria prosseguiu, segurando-se para não soltar uma risada maldosa. — Como eu estava dizendo, fiquei irritada. A morte do Hélia ainda é muito recente. Deve imaginar que meu emocional não está no melhor momento.

Felipo assentiu.

— Foi por isso que derrubou energético na sua colega?

Áustria assentiu.

— Não é uma justificativa boa o suficiente para te livrar do castigo, senhorita Fontes. — Felipe cruzou os braços dentro da camiseta social.

Apesar de mais velho, era um homem que se cuidava. Estava com a academia em dia. — Mas entendo que todos estamos com os ânimos aflorados.

Enfrentar a morte de um aluno nunca é uma tarefa fácil, principalmente sendo alguém tão jovem e presente. Não vou colocar no currículo de vocês. —

Áustria deu um sorriso aliviado. Maya estranhou. — Vão organizar a biblioteca depois da aula amanhã. Nossa bibliotecária acabou de entrar em trabalho de parto e estamos a ver navios até encontrar um novo profissional.

Quero todos os livros limpos, separados por gênero e ordem alfabética. São mais de mil títulos, com certeza, vão aprender a trabalhar juntas nesse meio tempo.

O telefone da mesa de Felipe tocou, interrompendo seu sermão. Ele revirou os olhos discretamente antes de atender, cansado:

— Alô?

Maya não conseguiu ouvir o que diziam do outro lado.

— Tudo bem, já estou indo. — E voltou o telefone para o gancho. —

Como eu disse, todos estamos com os ânimos aflorados. Me esperem aqui, eu já volto.

Áustria assentiu para o homem, apoiando o queixo contra a palma das mãos. Seus olhos o acompanharam até a parte externa da sala e ela se levantou, assim que ouviu o som do elevador se fechar.

Maya arqueou uma das sobrancelhas.

— O que está fazendo?

Áustria não respondeu. Caminhou até a mesa de Felipe e tentou abrir as gavetas, conquistando cinco tentativas frustradas no total. A mesa era feita com uma imponente madeira de mogno e cada uma das gavetas contava com uma fechadura de prata. Estavam trancadas.

— O que está fazendo? — Maya insistiu, levantando-se. — Eu não quero levar outro esporro do diretor por sua causa.

— Por minha causa? — Áustria zombou. — Você não estaria fedendo a energético se tivesse seguido uma das regras básicas do feminismo. Não pode pegar o namorado de outra garota.

— É irracional brigar comigo por um cara que já morreu! — Maya disse, então se arrependeu da forma como as palavras soaram. — Eu sei que é a pior situação possível pra se descobrir que foi traída, mas...

A risada irônica de Áustria a interrompeu.

— Fala sério, você e o Hélia se acham *tão* inteligentes... — Ela balançou a cabeça em negativa, insistindo na gaveta. — Dois meses.

— Dois meses o quê?

— Foi o tempo que levei pra descobrir que estavam transando. — Ela desistiu da gaveta, tentando o computador. Fez uma careta para a tela exigindo uma senha.

Maya não entendeu.

— E você nunca disse nada?

Áustria a encarou, franzindo o cenho.

— Por que eu diria? — achou graça. — Era uma situação muito cômoda pra todo mundo. Você estava vivendo seu romance proibido, eu e o Hélia ainda éramos os pombinhos da escola. As pessoas amavam a gente! Por que estragar tudo falando de uma coisa tão insignificante?

— Então você não liga?

— Não dou a mínima.

Maya deu uma risada nervosa, descrente.

— Então, por que você... — Ela apontou para si mesma. — Estou coberta de energético por porra nenhuma?!

Áustria moveu a cabeça em negativa.

— É diferente agora que todo mundo sabe. Essa reputação de garota traída não é boa pra mim, principalmente num momento tão... *tenso*. Meu namorado foi assassinado, os concursos estão chegando. Eu precisava fazer alguma coisa pro resto dos alunos saberem que não podem mexer comigo.

Sabe quando a coroa portuguesa esquartejou Tiradentes e colocou a cabeça dele exposta em praça pública? É tipo isso.

Maya estava pronta para rebater seu argumento, então parou. Ficou alguns segundos em silêncio, tentando recobrar a fala de Áustria.

— O seu namorado o quê?

— Foi assassinado.

— Meu Deus, você enlouqueceu.

— Imaginei que fosse dizer isso, por isso, precisava te trazer na sala do diretor. — Áustria apontou para a mesa. — Eu não faria nada contra você dentro da escola se não quisesse ser punida, não sou idiota. Mais cedo, estava aqui em cima e ouvi uma conversa do diretor com a polícia — continuou agora sussurrando. — A hora

que o Hélia morreu não bate com a hora da sua última mensagem de texto, minutos depois. Foi pra você, não foi? Por isso apareceu lá.

Maya fez que sim.

— Ainda não entendi onde quer chegar.

— A polícia tem a teoria de assassinato, mas o diretor não quer que as investigações sigam essa linha — explicou, rapidamente. — Ofereceu um suborno pra que os policiais divulgassem uma nota dizendo se tratar de morte acidental. Pelo que eu entendi, vai sair ainda hoje.

Maya apontou para a mesa com a cabeça, crítica.

— A conversa estava sendo gravada. — Áustria deu um tapa na primeira gaveta. — Fiquei com medo que não acreditasse em mim, então queria roubar o gravador pra te mostrar. Meu plano visivelmente tem furos.

Eu devia saber que uma prova tão importante estaria protegida a sete chaves.

— Deixa eu ver se entendi. — Maya caminhou pela sala, parando em frente de Áustria. Deu uma olhada nas gavetas, mas não tentou abri-las. —

Você queria me acertar com uma bola de futebol, depois me chamou de traíra em três línguas diferentes e jogou energético na minha cara. — Ela balançou uma das mechas brancas do cabelo, evidenciando a mancha verde que a bebida causara. — Agora, está casualmente me chamando pra investigar um assassinato?

— É só pintar o cabelo de novo — deu de ombros. — As manchas saem. Não é como se eu tivesse raspado sua cabeça ou algo assim.

— Você é maluca — sentenciou. — Completamente maluca. — Maya se virou para sair da sala, mas Áustria segurou seu pulso antes que pudesse.

Ela desceu os olhos até a área onde a garota tocava, voltando-se para seu rosto em seguida.

— Você conhecia o Hélia bem melhor do que eu — se tem alguém que pode ajudar...

Maya negou.

— *Sem chance.* Nós somos garotas de dezessete anos sem nada na

cabeça, qual a probabilidade disso dar certo?

Áustria revirou os olhos.

— Não é uma investigação de verdade, tá? Sei lá, a gente só precisa fazer um quadro de suspeitos e tentar entender o que aconteceu. Talvez ele nem tenha sido assassinado de verdade. É uma teoria. De verdade, eu também não estou feliz de estar envolvida nisso, mas não posso fingir que não ouvi o que a polícia falou.

— Pois é exatamente isso que a polícia vai fazer!

— Maya, por favor! — Áustria pediu. — Não faça por mim. Faça pelo Hélia.

— Como você disse, eu conhecia o Hélia melhor do que você. — Maya se soltou das mãos dela. — Então, aqui vai o que aconteceu: Ele provavelmente teve uma briga fodida com os pais, usou droga pra caramba e se afogou na piscina. Fim da história, não precisamos saber mais que isso.

Áustria revirou os olhos. Ela ficou alguns instantes em silêncio, como se estivesse dividida em dizer ou não o que passava por sua cabeça naquele momento.

Acabou dizendo.

— Agora eu entendo por que você e o Hélia se davam bem. — Seus olhos verdes se mostravam mais tempestuosos que horas mais cedo. Agora, Maya conseguia interpretá-los: Ela estava furiosa. — É tão egoísta quanto ele.

Feito um furacão, Áustria marchou para fora da sala do diretor, deixando uma Maya confusa – e ainda encharcada – para trás.

Claro que você pode ser mais que meu amigo,
você pode ser meu fã.

— E

u quero ser você quando eu crescer. — Karen abriu um sorriso de orelha a orelha, enquanto cruzavam o pátio de American Saint, com um pirulito em formato de coração preso entre os dentes. — Sério, não acredito que sua única punição vai ser organizar os livros da biblioteca. E nem vai contar pro seu currículo! Eu já fui suspensa por muito menos.

Áustria deu de ombros, o nariz ligeiramente empinado em uma postura convencida.

— O diretor sabe que estou de luto. Ficou com pena de mim, eu acho.

— As pessoas estão te amando no *Instagram* — disse Karen, empolgada. — Ganhou uns mil seguidores, desde a aula de educação física pra cá.

— Hélia costumava dizer que as pessoas se divertem vendo os outros serem humilhados. — Áustria ajeitou a mochila nas costas. — Parece que ele nunca esteve errado, não é? — Era costume que Hélia cuspsse seu desprezo pelos alunos de American Saint sempre que tinha oportunidade. Isso não significa que podia viver sem o amor deles. Queria todos por perto, mesmo que fosse para odiá-los. — Só espero que os jurados do concurso não pensem que sou barraqueira.

— Ah, não. Na verdade, acho que vão gostar. Vai te dar mais personalidade. Pulso forte, como os mais velhos dizem. A garota pegou seu namorado, sabe? Não é como se você pudesse ficar quieta batendo palmas.

Particularmente, acho que a culpa não foi só dela, mas o outro responsável está morto, então...

— Passividade é o que esperam de uma miss — Áustria suspirou. —

Ainda posso sofrer as consequências disso, mas coisas mais importantes estavam em jogo.

— Sim — Karen assentiu, sem perceber que não sabia do que a amiga falava. — Você não podia virar uma piada entre os alunos. Conteve a situação, fim da história. Sugiro tampar o umbigo, pra afastar as energias

negativas e seguir em frente.

Áustria deu um sorriso complacente para a amiga. Estava pensando em contar a verdade sobre a conversa que ouvira na sala do diretor, mas tinha medo que Karen

reagisse da mesma forma que Maya. Se o plano de Áustria tinha um erro, era não ter previsto a reação da garota corretamente. Pensou que gostava de Hélia o bastante para superar as diferenças que existiam entre elas e tentar entender o acontecido.

No final das contas, Maya era só mais uma garotinha egoísta e não tinha como ser diferente. Se envolver com Hélia era como assinar um contrato com o próprio diabo, abdicando metade do seu caráter.

Áustria resolveu tentar outra estratégia.

— Acha que American Saint é uma escola segura?

Karen franziu o cenho.

— Sim? Tem câmeras em todo canto.

— Mas elas têm pontos cegos. A da piscina, por exemplo. Se tivesse alguém com Hélia... — ela deixou o comentário solto no ar, esperando que Karen seguisse sua linha de raciocínio.

— Onde está querendo chegar?

— Lugar nenhum. — Ela ergueu as duas mãos, como se estivesse se rendendo. — Estava vendo uns filmes de terror sobre assassinatos misteriosos em escolas. Acho que fiquei impressionada, só isso.

— O que eu vou dizer agora vai parecer doido. — Karen parou, de repente, segurando um dos braços da amiga. — Mas quando soube da morte, achei que fosse um assassinato.

Áustria arqueou as sobrancelhas. Um lampejo de esperança surgiu em seu peito.

— Por quê?

— Ah, nada de muito impressionante. É só que todo mundo tinha um motivo bom pra matar o Hélia. Foi como se um filme tivesse passado na minha cabeça, sabe? Todas as pessoas que ele humilhou, *frame* por *frame*.

Áustria cruzou os braços, moveu a cabeça em negativa.

— Não exagera. Ele fazia um pouco de *bullying*, mas todo mundo faz isso. Faz parte da nossa natureza. Os mais fortes devorando os mais fracos.

— Tá com medo que o espírito dele puxe seu pé à noite? — Karen riu.

— Olha só — ela apontou para um garoto loiro e gordo, alguns metros distante. Estava sentado debaixo de uma árvore, com um livro de física em mãos —, Fabrício Silveira, do segundo ano. Se lembra quando Hélia

descobriu que ele tinha intolerância à glúten e o obrigou a comer um pacote de pão de forma inteiro, no primeiro ano?

Áustria confirmou.

— Ele faltou a semana de provas porque estava com diarreia.

Karen estalou os dedos.

— E reprovou por causa disso! Parece um motivo bem sólido pra querer matar alguém, se me permite dizer. — Ela passou os olhos pelo pátio, procurando por cabeças específicas. — Carmen Savassi, do terceiro ano B —

agora, Karen olhava para uma garota de longos cabelos pretos e pele alva —, Hélia disse que ela tinha herpes e, depois disso, nenhum cara quis sair com ela.

— Motivo bobo pra matar alguém.

— Tenho certeza que ela discorda. — Karen girou o corpo, procurando por mais pessoas. — Lucas Moura, do time de futebol. Quer dizer, que *era* do time de futebol. Ele estava chamando atenção de American Saint, no ano passado. Tinha ganhado alguns patrocínios e em breve seria o jogador principal da escola, só que o Hélia, obviamente, não ficou feliz com isso.

Lucas foi expulso do time depois que encontraram drogas na mochila dele, mas quem será que colocou elas lá?

— Você nem tem provas disso.

Karen revirou os olhos.

— Honestamente, Tri, eu dou graças a Deus que ele não tenha sido assassinado, porque suspeitos não faltariam. Os alunos de American Saint, os empregados fartos das babaquices de garoto rico... É mais fácil encontrar pessoas que tinham motivos do que as que não tinham. Todo mundo odiava o Hélia.

Áustria fez uma careta.

— Amavam ele.

— Tinham medo dele.

— Você tinha?

Karen hesitou por um instante. Tirou o pirulito dos lábios e trocou de mãos várias vezes antes de responder.

— Não — disse, pensativa. — Ele era meu amigo. Estou no seletor grupo de pessoas que não tinham motivos. Eu seria uma péssima assassina.

Teria preguiça de limpar a cena do crime.

Áustria arqueou uma das sobrancelhas finas. Antes que pudesse tecer qualquer comentário, Karen prosseguiu a conversa.

— Nada disso importa. — Ela balançou o celular na frente do rosto de Áustria, mostrando a notificação de um aplicativo de notícias. Seus pais eram jornalistas, o que explicava seu vício por assinaturas online. — Acabou de sair a nota oficial.

— Tem razão. — Áustria deu um meio sorriso. — Que bom que ele não foi assassinado, eu acho.

— Espero que desativem o *Instagram* logo. — Karen mordeu um pedaço do pirulito, partindo o coração em dois. — É tão insensível *hackear* o perfil de uma pessoa morta.

Áustria concordou, uma expressão de nojo despontando na face.

Enquanto se dirigiam para a saída de American Saint, Áustria começava a pensar que era melhor manter as coisas como estavam. Maya tinha razão em dizer que eram *só* adolescentes. Apesar de tudo, o diretor Felipe tinha um bom coração — *tinha*? Ele não iria subornar a polícia se essa não fosse sua última alternativa.

Situações extremas pedem medidas extremas.

E uma investigação não traria Hélia de volta.

— Áustria — ela parou quando ouviu chamarem seu nome —, *meninas*

— Yuri se corrigiu, dando um sorriso simpático ao notar a ruiva. — Estão indo almoçar?

Karen fez que sim.

— Áustria quer experimentar o novo restaurante de sushi do Jardins —

respondeu, sem muito interesse, só porque a amiga não tinha o feito.

Áustria deu um sorriso para parecer mais simpática. Tinha trocado poucas palavras com Yuri Pimenta ao longo do ano letivo, mas os corredores o chamavam de Leonardo DiCaprio. Segundo as boas línguas, ele se parecia muito com o ator, no auge dos seus dezoito anos, mas Áustria achava que os dois eram apenas loiros e de pele branca.

— Meu pai foi lá na semana passada. — Yuri parecia radiante por ter encontrado um assunto em comum para aquela roda de conversa. Áustria não prestou atenção no que ele falava. Deu uma boa olhada em seu rosto —

maxilar quadrado, pele bem cuidada, olhos bonitos — e desceu por sua roupa, tentando encontrar algum sinal de personalidade. Ele parecia ser do tipo que preferia usar as próprias roupas ao uniforme de American Saint, o que era permitido, desde que não usassem nada colorido. Em sua bolsa, não encontrou nenhum *botton*. Nenhum fone embolado no meio de embalagens de bala e moedinhas de dez centavos. Era uma bolsa tão neutra quanto ele.

O primeiro indício de que era uma pessoa e não um manequim estava nos pés. Seu tênis ostentava a marca *Yeezy*, assinada pelo Kanye West. Era preto com solas verde-fluorescentes, e Áustria sabia que custava uma fortuna, mesmo que não fosse tão bonito.

Levantou os olhos para o rosto de Yuri, então percebeu que Maya estava logo atrás dele, sentada em um dos bancos do pátio. Seu cabelo ainda manchado de verde, mas uma touca colorida — não permitida pelo código de vestimenta — disfarçava o estrago. Tinha trocado suas roupas sujas por limpas e refeito a maquiagem.

Parecia distraída demais para notar que Áustria olhava em sua direção e, se notasse, talvez levantasse o dedo médio. Rabiscava alguma coisa em um caderno de anotações, os fones de ouvido no lugar de sempre e os dentes pressionando o lábio inferior, como se a vida dependesse disso. Era um fenômeno interessante de se observar, porque ela se mexia demais no banco, girando e cruzando as pernas, mudando de posição a cada minuto. Como assistir uma chuva de meteoros, talvez. Se você pisca, perde algo importante.

— O que você acha? — Yuri perguntou, um tanto incisivo. Áustria percebeu que tinha passado tempo demais olhando para Maya e perdido boa parte daquela conversa que, por sua culpa, se tornara um monólogo.

Ela cerrou os olhos. Ele tinha um olhar doce e um quê malicioso no sorriso, então Áustria deduziu que estava sendo convidada para sair. Tentou calcular as vantagens e as desvantagens, antes que o silêncio ficasse vergonhoso. Ele era bonito e relativamente popular, mas não tinha certeza se cairia bem sair com uma pessoa dias depois da morte de Hélia.

— Claro, você pode almoçar com a gente. — Ela sorriu e apoiou uma das mãos em seu ombro ao responder, esperando que fosse suficiente para que o garoto relevasse qualquer gafe. No fundo, Yuri sabia que ela não tinha prestado atenção em nenhuma palavra que saíra de sua boca, mas não diria nada porque queria conquistá-la.

Relações adolescentes eram complicadas e simples ao mesmo tempo.

Yuri acabou por aceitar seu convite.

— Eu vou passar no estacionamento pra pegar o carro. — Áustria assentiu. Um veículo podia significar independência ou falta de recursos financeiros, dependendo do ponto de vista. Tinha um carro, um tênis caro, roupas de marca e não tinha um motorista. Rico sim, milionário não.

— Ele é bonito — Karen comentou. — Não que você esteja interessada em sair com alguém agora...

— É bonitinho — Áustria não deu muita importância, passando os olhos por Maya mais uma vez —, mas não faz muito meu tipo.

Karen deu um meio sorriso, percebendo sua introspecção repentina.

Voltou a mexer no celular. Áustria gostava disso: Karen era o tipo de pessoa que tinha um bom desconfiômetro. Sabia quando falar e quando não falar.

Aos poucos, os alunos de American Saint desapareciam em direção aos melhores restaurantes de São Paulo, para o horário do almoço. Alguns iam a pé, mas a maioria chamava seus motoristas ou pagava por um *uber*. Áustria gostava de quando a escola estava mais vazia, porque a pressão diminuía na ausência das pessoas. Como alguém relevante, sentia que era impossível respirar sem que tal fato fosse relatado.

Seus olhos dispersos caíram no homem que atravessava o pátio, na direção da secretária. Diferente da maior parte das escolas, American Saint tinha uma fachada extremamente restrita. Era preciso se identificar na entrada e na saída e, mesmo assim, nem sempre deixavam qualquer um entrar. Por esse motivo, ela estranhou ao ver Sebastian, motorista de Hélia, por ali.

— Olha — Karen apontou para o carro recém-estacionado do lado de fora —, Yuri voltou.

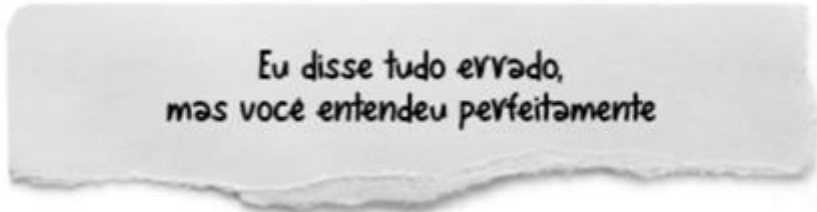
— Finalmente. — Áustria sorriu. — Eu estava morrendo de fome.

Áustria seguiu os passos da amiga até o carro, repetindo certas frases dentro da própria mente, como se fossem mantras.

Situações extremas pedem medidas extremas.

Maya tem razão.

Melhor deixar tudo do jeito que está.

A quote on a torn paper background.

Eu disse tudo errado,
mas você entendeu perfeitamente

N a opinião de Maya, a biblioteca de American Saint era um dos lugares mais bonitos da escola, ainda que ela não fosse uma grande fã de livros.

Desde sempre, preferia os filmes: Esperava anos pela adaptação cinematográfica de uma história, apenas para não ter que ler trezentas páginas. Gostava de analisar

os atores escalados, a paleta de cores das cenas e dava nota pra tudo no seu perfil do *Letterboxd*. Gostava mais das capas com atores do que capas normais, o que, para muitos leitores, era um sacrilégio.

Todas as suas provas de literatura que exigiam qualquer leitura foram feitas com base em resumos de cinco minutos no *Youtube*.

Não poderia se considerar uma leitora, mas a biblioteca de American Saint até dava vontade de ler. Era um espaço de três pisos, com escadas que ligavam um andar ao outro. Tudo era branco. As estantes, o chão, os degraus, as luzes, as mesas e os sofás. Isso transformava os livros em pequenos pontos de cor, se destacando no meio dos tons monocromáticos. Era impressionante como conseguiam manter cada centímetro do espaço perfeitamente limpo, como se uma força invisível estivesse espanando-os de cinco em cinco minutos. Ela tinha medo de tocar em qualquer coisa e deixar uma mancha, e isso não se limitava à área da biblioteca.

Por mais que sua família tivesse uma boa condição econômica, ela não se sentia parte de American Saint, não da mesma forma que todos os outros alunos sentiam. Sua primeira percepção sobre a escola, anos atrás, era que tinha um nome ridículo. *Santo Americano, hum? O que estão tentando dizer?*

Estudava ali há mais de três anos e ainda não achava estar integrada.

Nem mesmo podia se dizer colega de todos aqueles filhos de jogadores, deputados, médicos e fazendeiros. Tinha a impressão que dividiam o mesmo espaço, mas não a mesma *vida*. Se considerava consciente demais para viver dentro daquela bolha, embora, de onde estava, parecesse bem confortável.

Maya apoiou o pescoço nas costas da cadeira onde sentava, então olhou para cima. Áustria Fontes deveria ter chegado há mais ou menos dez minutos, mas, desde o momento que ouvira a sentença de castigo sair dos lábios de

Felipo, desconfiava que tinham grandes chances de a loira não aparecer. Isso se tornava ainda mais irritante se Maya pensasse que a tarefa de organizar os livros era culpa exclusiva e intransferível de Áustria. Ela não tinha feito nada além de pedir por direitos humanos básicos.

Maya tirou o celular do bolso. Passou pela *timeline* do *Instagram*, do *Twitter* e do *Facebook*, terminando no único aplicativo que nem sequer tinha permissão legal para usar: *Tinder*. Mentira sua idade para criar uma conta, mas dezessete e dezoito

eram quase a mesma coisa. Tinha certeza que suas opiniões sobre encontros, beijos e sexo continuariam iguais até o seu próximo aniversário.

Abriu sua aba de conversas. Muitas mensagens estavam sem resposta.

Se fosse sincera, ela diria que era contra a existência do aplicativo, mas costumava usá-lo para manter a autoestima alta. Era divertido quando julgava alguém como sendo atraente demais para ela e então conseguia um *match*.

Ela sabia que era bonita, é claro, mas tirando as princesas da Disney, todo mundo tem seus dias de luta.

Clicou na última mensagem recebida. Era de uma garota com quem tinha dado *match* duas semanas antes, com quem nunca tinha iniciado uma conversa.

Ei, você não é a garota daquela escola super cara?

Aquela com energético verde no cabelo.

Maya bufou.

Áustria Fontes, eu te odeio.

Maya não respondeu, fechando o aplicativo tão rápido quanto tinha aberto. Dizer que sim era humilhante e dizer que não era uma mentira tão óbvia que preferiu evitar. Se perguntou se as pessoas, na Internet, estavam criando uma história fantasiosa sobre como aquilo acontecera, como sempre faziam no caso de um vídeo viral. Tinha certeza que nem as teorias mais loucas chegariam perto de acertar.

Mesmo que Áustria fosse, visivelmente, uma maluca, seus comentários sobre a morte de Hélia não saíam de sua cabeça. Desde que tinham conversado, Maya vinha se colocando no lugar do garoto falecido, numa tentativa de entender o que poderia ter acontecido e, o principal, o que deveria fazer por ele. Estava perto de comprar um tabuleiro ouija e perguntar diretamente.

— Oi — a voz de Áustria reverberou pela biblioteca vazia. Maya

guardou o celular no bolso e não se moveu para cumprimentá-la. — Parece que seguiu meu conselho. — Ela deu um sorriso irônico, apontando para as mechas do seu cabelo, agora brancas de novo.

Maya ignorou a provocação.

— Está atrasada.

— Tive uma reunião com meu treinador hoje cedo — disse, estudando o rosto de Maya. — Não vim à aula, então, precisei pegar uma carona com meu irmão, mas ele é um idiota e esqueceu que sua carteira de motorista estava vencida. Tive que chamar um *Uber* no fim das contas.

— Treinador?

Áustria assentiu.

— Pro concurso. — Ela jogou sua bolsa na cadeira ao lado de Maya. —

Não me diga que está se preparando sozinha. Eu esperava mais profissionalismo da filha de uma miss.

— Na verdade, não estou me preparando. — Maya franziu o cenho. —

É só ficar lá e ser bonitinha. Quase deu certo das últimas vezes que participei.

Ela revirou os olhos.

— Você vai ser eliminada na primeira semana se continuar com esse pensamento. Não é só ser bonita. Precisa ter postura. Ter noções de etiqueta, uma boa pronúncia, ler os livros certos... no final das contas, é sobre manipular as pessoas até elas pensarem que você é boa demais pra todos eles

— deu uma breve pausa. — Até se sentirem tristes por não serem você.

Maya fez uma careta.

— Fez parecer problemático e doentio.

— Porque é — ela deu de ombros. Maya ouvira falar que pessoas que namoram por muito tempo tendem a ficar parecidas uma com a outra, mas só então começava a reparar como Hélia e Áustria tinham personalidades similares. — O lado bom é que você ainda pode desistir.

Ela fez que não.

— Problemático e doentio parece ótimo pra mim — zombou, levantando-se. — Temos aquilo pra organizar. — Com a cabeça, Maya apontou para uma das mesas de estudo, onde pequenas pilhas de livros aguardavam por elas, separadas de dez em dez. — Eu te passo os nomes e você cadastra no sistema. Depois é só colocar nas prateleiras que o programa indicar.

— Simples — Áustria murmurou. — O diretor provavelmente concorda que o que eu fiz nem foi tão ruim.

— Estava com pena de você — Maya riu. — De *nós*, se tiver ouvido as últimas fofocas.

— Ouvi dizer que ele já mandou um aluno recolher todo o lixo da escola depois que foi pego colando — disse tão pausadamente que parecia evocar uma memória. — Nos salvar desse castigo foi uma última boa ação do Hélia.

— Ele não precisaria nos salvar se você não tivesse jogado bebida em mim.

— Eu faria de novo. — Áustria deu um sorrisinho cruel. — Foi uma sensação ótima, na verdade. — Ela caminhou até o armário onde eram guardados os notebooks coletivos. Demorou alguns instantes até achar sua chave e tirar um computador. — Sente falta dele? — ela perguntou, quando estava abaixada, mexendo no armário.

Maya sentiu que a posição era intencional, para que não visse seu rosto.

— Sim — e a frase saiu estranha, desconfortável. — E você? — mais desconfortável ainda.

— É, acho que sim — respondeu, vagamente, colocando o notebook escolhido em cima de uma das mesas. Voltou, fechou o armário. — Nós éramos próximos, apesar de tudo. Mas deve ser pior pra você.

— Por quê?

— Você conhece alguém desde sempre e, da noite pro dia, precisa viver em um mundo onde essa pessoa não existe mais. — Áustria finalmente se sentou, desbloqueando o notebook. A logo preto e branca da escola tomou conta da tela. — É como se não soubesse viver sem essa pessoa, porque você realmente *não sabe*. Acho que o luto é como aprender a andar. É inevitável, você precisa passar por isso, se machuca e chora bastante durante o processo.

Penso muito nisso.

Maya fez que sim. Carregou uma pilha de livros até a mesa onde Áustria tinha se acomodado, sentando-se ao lado dela.

— É uma boa analogia — disse, dedilhando a lombada do primeira obra. — Inteligente, eu acho. Não esperava ouvir você falando assim.

Memórias Póstumas de Brás Cubas — leu, fazendo uma careta —, começamos bem.

Áustria soltou ar pelo nariz, um gesto um tanto debochado. Maya não entendeu se estava se referindo ao título mórbido ou ao fato de que não esperava que fosse inteligente. Talvez um pouco das duas coisas.

Ela digitou o nome no notebook. Tomou o livro das mãos de Maya e anotou o código gerado pelo computador na ficha grudada na contracapa.

Prendeu o cabelo loiro em um rabo de cavalo antes de continuar. Foi um movimento mínimo, mas suficiente para que Maya sentisse o cheiro doce de baunilha vindo da sua pele. Ela reconheceu de imediato as notas olfativas do mesmo perfume que sentira no velório de Hélia. *Chanel número cinco*.

Maya insistiu em pensar que era a fragrância mais clichê do mundo.

Ergueu os dedos para pegar o próximo livro, mas, sem muita atenção, acabou derrubando a pilha para trás. As duas primeiras obras do topo escorregaram para fora da mesa, caindo com as páginas abertas contra o chão. Sentiu um certo frio na barriga, o corpo tenso. A percepção do perfume, por mais insignificante que fosse, deixou Maya desconcertada.

— Que merda — ela reclamou, levantando-se para recolher o livro. O

primeiro, uma edição inglesa de *O Fantasma da Ópera*, estava bem. *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Bronte, levava a pior. A ponta da capa dura estava amassada, bem como as primeiras folhas do exemplar.

De onde estava, Áustria cerrou os olhos verdes para analisar melhor o estrago.

— Acho que você fez bem — disse, arrancando uma careta de Maya. —

Os livros estavam muito mortos.

Maya deu uma risada irônica, sem entender.

— E agora estão vivos?

— Tem algum resquício de vida neles, pelo menos. — Ergueu uma das mãos na direção de Maya, que entregou o livro para ela. Áustria fez o mesmo processo que tinha feito com o primeiro livro, anotando o código gerado na contracapa. — Gosto de livros estragados. — Ela passou os dedos pelo amassado na capa, então, deixou o exemplar de lado. — São como cicatrizes.

Significam que alguma coisa aconteceu.

Maya reorganizou a pilha e voltou a se sentar, quieta. Não soube o que dizer para Áustria. A loira tinha uma ótica estranha que transformava coisas bobas em questões filosóficas, intensas. Ela não parecia ser desse jeito, e a quebra de expectativa deixava Maya incomodada, como se tivesse medo de dar qualquer abertura e simpatizar demais com ela.

— Um desastre aconteceu — disse, finalmente. Passou para o próximo livro. — *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud. Que irônico.

Áustria registrou o nome.

— Por quê?

— Eu e Hélia — Maya julgou ser um assunto estranho para tratar com Áustria, mas prosseguiu —, desde crianças, contávamos nossos sonhos um

pro outro. Nossa última conversa foi sobre isso. Ele disse que estava sonhando com cidades pegando fogo, e eu disse que era um sinal de mau presságio.

— Parece que o sonho estava certo, no fim das contas.

Maya assentiu. Passou para o próximo livro, sem interesse em continuar o assunto.

— *Na Ponta dos Dedos* — ela leu o título do livro cor de rosa —, Sarah Waters.

Áustria arqueou uma das sobrancelhas.

— Não achei que fosse encontrar esse tipo de livro na nossa biblioteca.

— Esse tipo de livro? — Maya repetiu em tom de deboche. — É ruim?

— Não, é bom. Um dos meus favoritos, na verdade.

— Você não tem cara de quem lê livros clássicos.

Áustria revirou os olhos.

— O que seria a cara de um leitor de livro clássico?

Maya ergueu um dos ombros.

— Sei lá. Um homem careca, de trinta anos, com problemas na coluna e óculos fundo de garrafa. Você é padrãozinho demais pra ser leitora de livro clássico.

— Está dizendo que tenho que ser burra porque sou bonita?

Foi a vez de Maya fazer um gesto de deboche.

— Não. Não *tem*, mas a maioria das pessoas bonitas são. Acho que você não precisa se esforçar pra ser interessante quando todo mundo gosta da sua aparência.

Áustria balançou a cabeça em negativa.

— Isso é um estereótipo.

— Sim, pobres pessoas padrãozinho, constantemente oprimidas pela sociedade. — Maya riu, revirando os olhos. — O livro é sobre o quê?

Ela mordeu o lábio.

— Órfãs.

— Parece pouco assunto pra um livro de quinhentas páginas.

— Basicamente. — Áustria pareceu tensa. — A personagem principal, Sue, é uma ladra. De repente, ela tem a oportunidade de participar de um golpe milionário. Ela vai trabalhar na casa de um velho muito rico e precisa convencer sua única herdeira a se casar com um cara chamado Richard, assim que seu pai morrer. O plano dele é

se casar, tomar os bens dela e colocá-la num hospício, mais tarde. No meio disso tudo, a Sue acaba... — ela deu uma

longa pausa, deixando o silêncio. — Digamos que ela e a herdeira se tornam meio amigas.

Maya franziu o cenho.

— *Amigas?*

— É, enfim — desconversou. — Não é grande coisa. Eu só gosto porque é um livro que diz mais sobre mim do que posso falar em voz alta.

Próximo.

Maya percebeu que Áustria estava desconfortável, mas não insistiu.

— *A Culpa é das Estrelas* — Maya leu, fazendo uma careta. Tinha a impressão que era a única adolescente no mundo que nunca tinha lido o livro.

Esperou Áustria registrar e passou para o próximo. — *O Assassinato no Expresso Oriente* — murmurou, colocando o livro em sua frente, ao invés de passá-lo para a loira. — Sabe, sobre a nossa conversa na direção. Eu estive pensando e, sei lá, talvez você não seja tão maluca assim.

Áustria levantou os olhos para ela, indicando que continuasse.

— No fundo, acho que não quero ter que lidar com essa teoria — disse, pensativa. — É meio covarde da minha parte, mas não quero acreditar que alguém que conheço a vida inteira possa ter feito isso. Eu sei que o Hélia não era a melhor pessoa do mundo, mas ele não merecia acabar desse jeito.

Independente de ter sido... — Maya deu uma pausa, respirando fundo — aquela palavra com A ou não, ele merecia uma morte melhor.

Áustria assentiu.

— Concordo com as duas coisas. Que está sendo covarde e que ele merecia coisa melhor.

— Será que você consegue ficar cinco minutos sem me provocar?

— Foi você que disse, eu só concordei.

— Não era pra concordar.

— Certo, não quer que eu te chame de covarde — recapitulou. — Do que quer que eu chame, então?

Maya virou-se na direção de Áustria. Seus olhos escuros encontraram os dela, que agora pareciam mais cinzentos que verdes, como o tom que as árvores adquirem em dias muito chuvosos. Nenhuma das duas desviou o olhar, mas Maya falou primeiro.

— De nada. Não me importo com sua opinião, na verdade.

Áustria franziu o cenho. Se manteve olhando nos olhos dela, sem piscar.

— Você parecia se importar nos últimos três segundos.

— Me expressei mal. — Maya moveu a cabeça em negativa, devagar, sem perder o foco dos olhos de Áustria. — Você é irritante, só isso.

— Sei, entendi. — Áustria imitou o movimento de Maya, mas balançando a cabeça para cima e para baixo, em uma afirmativa.

Ficaram em silêncio. A chuva do lado de fora se intensificou ainda mais, gotas gordas explodindo em gotas menores quando se atiravam contra a janela. Maya desejou que algum funcionário ou aluno muito atrasado aparecesse, apenas para que tivesse uma desculpa boa o suficiente para desviar os olhos primeiro.

Estava começando a ficar nervosa, o que era atípico. Tinha alguma coisa na personalidade de Áustria que a deixava intimidada e, embora não soubesse dizer o que era, não gostava disso.

Áustria levantou uma das mãos, erguendo os dedos na direção de Maya.

Ela se manteve estática, os olhos no mesmo lugar, esperando para ver quais seriam seus próximos passos. Era uma péssima escolha, considerando o que tinha acontecido na aula de educação física. Talvez estivesse planejando empurrá-la da

cadeira ou bater na sua cabeça com um livro de mil páginas. A bíblia seria uma boa escolha, mas estava quase certa que não tinha nenhum exemplar dela naquela pilha.

Com o dedo indicador, Áustria dedilhou o canto do seu olho, bem acima das maçãs do rosto.

— Você usa rímel demais — disse, em tom de crítica, mostrando a pequena bolinha de rímel acumulado que tinha acabado de limpar. — Seus olhos são bonitos, não precisa ficar tentando fazer eles parecerem maiores. —

E cortou o contato visual bruscamente, virando-se para o notebook. —

Próximo livro.

Maya tirou outro exemplar da pilha. *Flores Raras e Banalíssimas*, de Carmen Oliveira. Ela fez uma careta para os desenhos da capa e o entregou para Áustria sem ler o título. A presença da loira passara a ser sufocante.

— Vou buscar uma água.

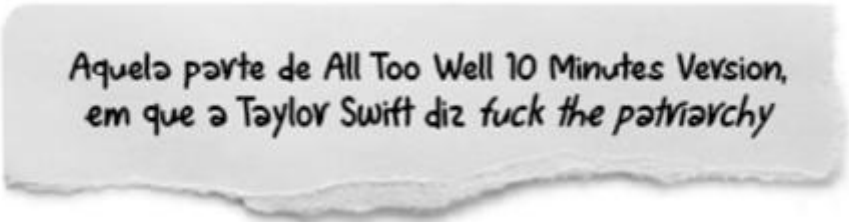
Sem perceber o desconforto de Maya, Áustria assentiu.

— Traz um suco pra mim.

De pé, Maya a encarou, como se seu pedido fosse uma piada.

— Sim, patricinha — ironizou —, com uma dose de laxante ou duas?

Áustria revirou os olhos, levantando o dedo médio para ela. Maya deu um sorrisinho antes de escapar da biblioteca, satisfeita em ter algum tempo sozinha.



Aquela parte de All Too Well 10 Minutes Version,
em que a Taylor Swift diz *fuck the patriarchy*

O *Instagram* póstumo – ou seja lá a melhor forma de chamar uma conta usada por uma pessoa morta – de Hélia foi desativado naquela manhã de sábado. Apesar de estar satisfeita em saber que nenhum outro vídeo engraçadinho sairia por aquele canal, Áustria ainda se sentia tensa.

A pessoa responsável pelo bilhete no seu armário e o recado no final do vídeo não havia mandado qualquer outro sinal de vida. Ela não entendia o motivo. Chegou a se perguntar se Hélia e Maya também teriam recebido bilhetes, antes daquela fofoca ser publicada. Se sim, por que alguém escolheria vaziar o segredo deles e não o *dela*? Talvez fosse uma das concorrentes do concurso, brincando com sua aflição. Seria mais fácil vencer se a participante favorita estivesse desestabilizada.

— O que você acha de neon?

Áustria se virou na direção de Karen. Apesar do final de semana, estavam no auditório de American Saint, para a primeira reunião do concurso Fibonacci, que fora atrasada em alguns dias, por causa da morte de Hélia. A equipe oficial não estava presente ainda, mas, com o canto do olho atento à janela, Áustria vira o carro deles parar no estacionamento.

— Uma festa neon? — Ela ajeitou o corpo na cadeira. — Disse que queria uma festa na piscina na semana passada.

Em um gesto oposto ao dela, Karen se afundou nas poltronas macias do auditório.

— Acho que ninguém quer uma festa na piscina agora — disse, sucinta.

— Seria de mau gosto. Se eu fizer a festa neon, as pessoas podem usar a piscina do prédio de qualquer forma. — Ela passou os dedos pela tela do celular, analisando as fotos festivas que o algoritmo do *Pinterest* recomendava. Parou para ver melhor a decoração de um aniversário de quinze anos inspirada na Chanel, e as duas deram uma risada ao mesmo tempo.

— Por que debutantes são tão bregas? — Áustria fez uma careta. — É como fazer uma festa com o tema de *McDonalds*.

Karen riu.

— Só está dizendo isso porque o tema da sua festa de quinze foi você mesma — apesar do comentário, ela assentiu, concordando com a amiga.

— Sim — ela respondeu, como se fosse óbvio. — Era a única coisa que eu tinha certeza que não me envergonharia anos mais tarde. A sua foi o quê?

Eu não me lembro. — Mordeu o lábio, tentando evocar a lembrança. — One Direction?

Karen passou o dedo por mais fotos.

— Isso! — Ela levou uma das mãos até o rosto, tampando a face. —

Tinha bonecos de papelão do Harry Styles pelo salão inteiro.

— Viu? É desse tipo de vergonha que eu estou falando. Neon, então. É um tema neutro. E *instagramável*, o que é um bônus. Ajuda a virar assunto.

Quem sabe você não chega na final do concurso na base da popularidade.

Karen fez uma careta.

— Até parece — desdenhou. — Duvido que colocariam uma lésbica na final de um concurso de beleza. Só estou aqui ocupando espaço. E te fazendo companhia, logicamente.

Os lábios de Áustria se fecharam em uma linha fina. Ela pensou em formas de contra argumentar, mas Karen não estava de todo errada. Aqueles concursos gostavam de garotas tão perfeitas quanto *patriarcais*. Do tipo que sonha em ter um marido, uma cozinha americana e três filhos.

Áustria sentiu vontade de se enfiar em um buraco e se esconder.

— Bom dia, meninas.

Áustria arrumou a postura mais uma vez, reconhecendo de imediato a voz de Rosa Medeiros, apresentadora de grande parte dos concursos de beleza do Brasil. Ela havia sido jurada por muito tempo, mas fora expulsa da confederação depois de priorizar uma modelo em troca de suborno. Sua imagem ficou queimada por alguns anos, mas nada que um bom dinheiro investido em gestão de crise não resolvesse. Não tinha recuperado o título de jurada, mas, como apresentadora, ainda era muito influente.

Rosa cruzou o auditório enorme de American Saint em cima de saltos vermelhos, que pareciam ter vida própria. A mulher era tão magra que se assemelhava a um

galho retorcido, com seus um e noventa de altura e, no máximo, sessenta quilos. Ela tinha alguma classe, mas não era bonita.

A mulher de longos cabelos loiros subiu as escadas até o palco.

Carregava consigo uma pequena caixa de madeira com o símbolo de Fibonacci entalhado, para onde o olhar da maioria se direcionou.

— *Bom dia* — ela repetiu, dessa vez obtendo uma resposta tímida da plateia. Áustria notou que Maya estava nos fundos do auditório, sem dar muita importância para Rosa ou qualquer outra pessoa. Ao menos, estava sentada direito. Normalmente, tinha uma postura péssima. — Imagino que todas aqui sabem meu nome, e se não sabem, não deveriam estar aqui — ela riu, mas não era uma piada. — Vocês devem saber também os motivos que nos levaram a adiar essa reunião em alguns dias. — Uma expressão triste tomou conta do rosto de Rosa por alguns segundos. Ela era amiga próxima da família Golucci. — Os juízes entraram em um acordo e o concurso masculino vai ser cancelado esse ano. — Ela batucou os dedos na caixa de madeira, deixando-a em evidência. Burburinhos gerais no auditório. — Queremos coroar o Hélia, em um gesto simbólico.

Uma garota levantou a mão na primeira fila. Não era de American Saint e Áustria nunca tinha a visto em um concurso antes. Rosa não lhe deu a palavra. Ignorou seu gesto por alguns instantes, até que o retirasse.

— Nossa campeã do ano passado vai entregar a coroa à família. — Rosa olhou na direção de Áustria. — Queríamos fazer uma pequena cerimônia, é claro, mas vocês devem imaginar como os Golucci são pessoas ocupadas. —

Ela abriu a caixa de madeira, revelando a coroa masculina. Se parecia com as joias usadas pela monarquia, cheia de pedras coloridas e ouro, apoiada em um tecido vermelho sangue. — A de vocês é parecida com isso. Mas se quiserem uma dessas, vão ter que se esforçar. — Ela deixou a coroa apoiada na mesa de projeção e, como se estivesse empolgada demais para fazer pausas, continuou falando. — O que vocês mais querem na vida?

A pergunta caiu pelo auditório, vagando entre as garotas presentes, sem nenhuma resposta. De forma paciente, Rosa esperou.

Esperou.

Esperou.

Esperou.

Ninguém respondeu.

— Muito bem, vai ser por livre e espontânea pressão. — Ela bateu as mãos na frente do corpo. — Ruiva — apontou para Karen, ao lado de Áustria

—, responda.

Karen franziu o cenho. Seus lábios se moveram algumas vezes, mas demorou até que formassem palavras concretas.

— É uma pergunta complexa pra alguém de dezessete anos responder.

— Gisele Bündchen estava desfilando pra Dolce & Gabanna com

dezessete anos, não acho que seja tão complexo assim. — Rosa juntou as mãos ossudas na frente do corpo. — Você nos fundos. O que mais quer na vida?

Áustria olhou para trás. Diferente da maior parte das garotas na plateia, Maya não parecia intimidada pela presença de Rosa. Ela não se importava o suficiente com o concurso para se preocupar, o que deixava a loira com os nervos à flor da pele.

Maya ajeitou a touca colorida que usava no cabelo antes de responder.

— Liberdade, eu acho. Parece uma boa alternativa.

Rosa fez que não, reprovando-a.

— A noção de liberdade é muito utópica em um mundo como o nosso.

Resposta ruim, mas melhor que a anterior. — De forma discreta, Karen fez uma careta. — Áustria, sua vez.

Diferente das outras, ela sabia o que Rosa queria ouvir.

— A sociedade foi criada visando nos colocar em lugares de competição, o que significa que estamos, o tempo todo, sendo julgadas como melhores ou piores, de pontos de vista e patamares diferentes. Eu poderia dizer que quero chegar em uma posição que não precise me preocupar com essas questões, mas não me parece

possível. Quanto mais bem sucedido você é, mais as pessoas te comparam. Por isso, minha escolha é vencer — ela deu uma pausa dramática, erguendo o queixo e abrindo um sorriso. — O que eu mais quero na vida é vencer. Sempre, independente de quem está do outro lado.

Rosa abriu um sorriso, satisfeita. Bateu uma salva de palmas contida, acompanhada pelas participantes da primeira fila, que ainda tentavam chamar sua atenção.

— Perfeito — pontuou. — O mundo das competições de beleza é um espaço inóspito. Se vocês não querem ganhar, não participem. Ao longo do concurso, vão receber perguntas como essa, e eu espero que estejam tão preparadas quanto a Áustria. Caso contrário, vão perder a coroa pra ela, de novo.

O silêncio sepulcral depois do comentário de Rosa foi suficiente para Áustria entender que todas as competidoras estavam com cara de enterro.

Talvez não Karen e talvez não Maya, porque elas não entendiam a importância de um concurso como o Fibonacci. Todas as outras, aquelas que eram como Áustria, levariam as palavras de Rosa a ferro e fogo, gravariam na pele e usariam como armadura de guerra.

— Estão liberadas por hoje. Quero ver mais interesse na semana que vem — Rosa criticou, a expressão apática. — Vamos treinar noções básicas de etiqueta e postura — disse, então, fez um sinal para que as garotas se dispersassem. — Áustria, venha buscar a coroa do Hélia.

Áustria assentiu e caminhou até o palco, a coluna o mais ereta possível.

Sorriu para Rosa, quando se aproximou, sem dizer nada até que fosse incentivada a fazê-lo. Quanto menos palavras trocassem, menos chance de pisar em ovos.

Rosa entregou a coroa para ela, a caixa agora fechada.

— Sinto muito pelo que aconteceu com seu namorado — murmurou —, mas você sabe o que dizem sobre a vida adulta, hum? Pegamos limões, transformamos em limonada. Se existe um lado bom nisso tudo, é que está mais perto de ganhar agora do que estava a uma semana atrás.

O sorriso congelou no rosto de Áustria. Ela entendeu o que Rosa queria dizer. A morte de Hélia deixava os jurados complacentes. A namorada do garoto morto ganhando o concurso parecia mais justo que qualquer outra coisa.

— Eu acho que não — foi tudo que ela conseguiu responder, incomodada com o comentário cretino de Rosa. Seu desejo era dar a resposta atrevida que pipocava em sua língua, o que, provavelmente, a faria não só perder o concurso, como ser expulsa de todos os outros.

— Tenho certeza disso — Rosa deu um sorriso e passou uma das mãos por suas bochechas, como se sua fala não fosse um problema. Ela desceu do palco em seguida, deixando Áustria com a coroa de Hélia e uma única certeza.

O mundo dos concursos de beleza não era inóspito.

Era *nojento*.

E por querer tanto fazer parte dele, ela era pior ainda.

Ideias que pareciam muito boas as duas da manhã
(mas, na luz do dia, poderiam acabar em processo)

— V

ocê acha que ela matou ou não?

— Se não foi presa, não deve ter matado.

— Acha que todos os criminosos são presos?

Deitada na cama, Maya jogou sua pelúcia para baixo e para cima. Era um ursinho em formato de coração, com uma expressão blasé, inspirado em um grupo de k-pop. Havia ganho de uma amiga da mãe no amigo secreto do ano anterior e achava engraçado porque, sendo descendente de coreanos, todos inferiam que ela era uma grande fã de k-pop.

Nunca tinha ouvido nenhuma música.

— A maioria deles — respondeu Maya, ainda focada em arremessar o bichinho. Ouviam um podcast sobre o caso Lizzie Border, garota acusada de matar o próprio pai e a madrasta, no verão de 1892. O caso terminou em aberto, e Lizzie foi

absolvida por falta de provas. — Deve ser difícil cometer um crime sem deixar rastros. Sei lá, eu esqueceria alguma coisa.

Sentada no outro extremo da cama, Gabriela fez que sim.

— Parece que todo criminoso precisa ser inteligente, no final das contas.

Maya atirou a pelúcia em sua direção.

— Quer dizer que não sou inteligente o bastante pra fazer merda e me livrar? — ela riu. — Cala a boca.

Gabriela segurou o urso no ar, antes que atingisse seu rosto.

— Essa conclusão foi sua. — Ela deu de ombros, com um sorriso convencido no rosto. — Eu só comentei uma informação óbvia.

— Sua mãe concorda? Que todos os criminosos precisam ser inteligentes?

— Minha mãe não fala sobre os casos dela comigo. — Gabi fez uma careta. — Diz que vamos conversar sobre isso quando eu for mais velha, mas dá essa desculpa desde que eu fiz treze. Agora já tenho dezoito e não acho que as coisas vão mudar quando eu fizer vinte e um.

— Falando em dezoito — Maya se levantou, aproximando-se da amiga na ponta da cama —, soube que Karen Matos vai dar uma festa de aniversário.

— E daí?

— Acho que vai ser bom — pra animar os ânimos depois do que aconteceu.

— Bom pra quem? — Gabriela voltou seu foco para a pelúcia, puxando pequenos pelinhos do brinquedo. — Não é o tipo de evento pro qual eu sou convidada.

Maya tomou o urso de volta, requisitando sua atenção.

— Mas eu sou, o que é quase a mesma coisa. Você pode ir comigo, duvido que proíbam a sua entrada.

Gabriela negou.

— Eu tô de boa, sério. Não vale o stress. Já aceitei que não tem nada no mundo que eu possa fazer pra esses riquinhos gostarem de mim. Posso ter o mesmo dinheiro que eles, mas alguém decidiu que não sou *como* eles. E tudo bem, não faço questão de ser. Daqui a um ano, vou estar na universidade e o ensino médio vai ser só um borrão. E adivinha? Não tem como colocar seu nível de popularidade num currículo.

Maya riu.

— É uma pena que a maioria dos alunos de American Saint não saiba disso.

— Áustria Fontes principalmente — Gabriela acrescentou. — Como foi o castigo com ela? Tenho certeza que deu algum chlique sem noção.

Maya moveu a cabeça em negativa. Hesitou.

— Ela é mais inofensiva do que parece. — Desviou os olhos de Gabi, porque parecia errado falar qualquer coisa positiva sobre Áustria. — E mais inteligente também. Não conversamos muito. Ela falou de um livro clássico que gostava. Pensei que ela fosse do tipo que só lê embalagens pra contar calorias.

— Que livro?

— Na ponta dos dedos.

Gabriela arregalou os olhos, então soltou uma risada nervosa.

— Como assim?

Maya não entendeu.

— Eu acho que é isso. Posso ter errado o nome, mas tenho quase certeza que...

— É um livro gay.

— O quê?

— Lésbico. Um romance lésbico.

Maya se sentou em cima dos próprios joelhos. Na ocasião, tinha notado como Áustria ficou nervosa ao ter que falar do que se tratava o livro. Ela não queria que Maya soubesse.

— Ok, mais uma informação surpreendente sobre a rainha do ensino médio.

Gabriela franziu o cenho.

— Acha que ela...

— Não. — Maya moveu a cabeça em negativa. — Não sei. Talvez tenha sido uma indicação da Karen. Ou ela leu por acaso. Não é porque alguém consome um livro LGBT que necessariamente faz parte da comunidade. Só significa que ela não é uma maluca homofóbica, eu acho. Enfim, não vamos falar sobre isso.

— Sobre o quê?

— Sobre Áustria gostar desse livro. — Maya desejou se afundar no colchão. — Não sabemos o que significa. Se as pessoas de American Saint souberem, vão criar teorias sobre a sexualidade dela. Vai ser desconfortável.

Quase como ser expulsa do armário.

— Como você foi?

Quando Maya completou quinze anos, sua mãe estava disposta a passar o legado da família para frente. Inscreveu seu nome em vários concursos de beleza e esperou que a garota honrasse o nome Jeong, levando muitos troféus pra casa. Isso não aconteceu. A única coisa que Maya levou dos concursos foi um coração partido e a fofoca de que estava apaixonada pela campeã, o que era verdade. Felizmente para Maya, seu amor não correspondido foi fazer um intercâmbio no Canadá e nunca mais voltou.

— É — Maya deu um longo suspiro. — Como eu fui. — Ela se levantou da cama de forma brusca. — Vamos beber alguma coisa. Cansei desse papo deprimente.

Gabriela concordou. Maya não teve certeza se seu aceno afirmativo foi para a parte do papo deprimente ou para o acordo de não falarem sobre o assunto, mas esperava que fossem as duas opções.

Junto de Gabriela, ela cruzou o apartamento. Na mesa da sala, duas notas de cem reais esperavam por elas, ao lado de um bilhetinho cheio de corações: *Fui jantar com sua avó, compre alguma coisa pra comer.*

— Tá com fome?

Gabriela fez que não.

— Comi mais cedo. Tinham umas peças de sushi de ontem na minha geladeira. Eles sempre ficam melhores um dia depois.

Maya fez uma careta.

— Isso só vale pra pizza.

Ela ergueu um dos ombros. Passou um dos dedos pelo nariz, como se estivesse irritado.

— Vale pra tudo.

Maya abriu a geladeira.

— Já terminou de fazer meus vasos de crochê?

— Quase. Faltam dois, eu acho. Devo terminar na semana que vem.

Ela sorriu, analisando as bebidas dentro da geladeira.

— Minhas plantas agradecem — disse, tirando uma garrafa de Ciroc Red Berry de dentro do eletrodoméstico. Odiava vodka saborizada e odiava mais ainda os rótulos sem tradução pro português. — É isso o que temos pra hoje. Minha mãe comprou e disse que é a pior coisa que já tomou na vida, então, vai ficar aqui na geladeira até apodrecer. — Ela girou a tampa da garrafa e, quando estava bamba, deu um peteleco para que caísse na pia.

Bebeu um gole. Juntou as sobrancelhas, desgostosa.

Gabriela a encarou.

— Acho que não recomendam beber puro.

— Deixa de ser careta. — Maya entregou a garrafa para ela.

— Sua mãe não vai ficar irritada quando ver que a bebida sumiu?

— Não. Desde que eu não dê vexame ou passe mal, minha mãe não liga que eu beba. Por via das dúvidas, é melhor você não comentar com a sua, ou ela vai aparecer aqui em casa com uma equipe de policiais pra me prender.

Uma menor bebendo no prédio da juíza? Que absurdo.

Gabriela achou graça.

— Minha mãe gosta de você — disse, dando um gole maior que o de Maya. Era meio doce, meio amargo. Tinha um gosto estranho e indefinido.

— Te deixaria responder pelo processo em liberdade.

— Você não imagina como isso me alivia. — Maya soltou ar pelo nariz, irônica. — O que achou?

— Ruim — bebeu mais um gole. — *Passável*.

Maya pegou a garrafa das mãos dela. Virou contra os lábios, deixando que a garganta queimasse. Se sentou na bancada da cozinha, sem dizer nada.

Ficou algum tempo em silêncio, só esperando que o álcool corresse por seu sangue e fizesse efeito. O princípio de uma dor de cabeça se instalava no centro da testa, mas Maya torcia para que a bebida resolvesse isso também.

— Você parece chateada — Gabriela comentou, sentando-se na cadeira da mesinha, alguns centímetros distante de onde Maya estava. — É por causa do Hélia?

— Não. Tô de boa quanto a isso, na verdade. Tinha um tempo que a gente não conversava muito. Aquele vídeo fez as coisas parecerem mais intensas do que eram. — Bebeu mais um gole, engolindo a mentira junto com o álcool. Entregou a bebida para Gabriela. — Tem sido dias meio estranhos, mas acho que é normal. Participar desse concurso me traz umas lembranças péssimas. Tenho a impressão que vou ser chutada a qualquer momento.

Ela dedilhou a borda da garrafa, deixando-a de lado por um instante.

— Por quê?

— Não sou branca, não sou hétero, não sou... sei lá. Não sou o que eles querem. Às vezes parece que Áustria é o único ser humano vivo que consegue chegar nesse nível de perfeição patriarcal.

— Deve ser por isso que ela é tão triste.

— Acha que ela é triste?

— Tenho certeza. — Gabriela bebeu mais um gole, sem dar muita importância ao comentário. — Acho que ninguém gosta dela de verdade. E

acho que ela sabe disso.

Por alguns segundos, Maya sentiu mais pena de Áustria do que de si mesma. Ergueu uma das mãos na direção de Gabriela, pedindo sua garrafa de volta. A amiga se levantou, aproximando-se da bancada onde Maya sentava.

— Foda-se esse concurso, May. — Ela colocou a garrafa nas mãos dela.

— Você nem queria participar, pra começo de conversa.

Maya deu mais um gole, limpou os lábios e acenou com a cabeça, concordando. Não queria mais pensar no concurso, em Áustria ou em Hélia.

Não se preocupou em mudar o assunto de forma brusca.

— Essa bebida me lembra o retiro de formatura do nono ano.

— Por quê?

— Nós fomos no refeitório roubar a bebida dos monitores mais velhos.

Era uma bebida barata, horrível, mas todo mundo estava se sentindo *tão* adulto por beber álcool. — Maya revirou os olhos. — Acho que não aguentamos nem uma garrafa inteira.

— Tenho uma lembrança vaga disso.

— A bebida deve ter devorado seu cérebro pré-adolescente — ela riu, sentindo-se mais leve. — Foi a noite que você beijou pela primeira vez, deveria ter uma memória mais afiada da data.

Gabriela levantou o dedo médio.

— Dessa parte eu lembro.

— É claro que lembra, porque foi comigo.

— A gente devia concordar em não falar sobre isso também. —

Gabriela disfarçou a risada nervosa que escapou dos lábios com uma tosse. A ponta do seu nariz estava vermelha, acompanhando o mesmo tom das bochechas.

— Não tá mais aqui quem falou — Maya riu, levando a garrafa até os lábios mais uma vez. — Mas que fique registrado que aconteceu.

— Cala a boca. — Gabriela revirou os olhos, mas estava sorrindo quando o fez. — Não seja a bêbada com memória de ferro, que resgata as lembranças vergonhosas das pessoas.

— Vergonhosas? Você devia ter orgulho de me beijar. Foi um dos seus maiores feitos.

— É vergonhoso perder o BV com uma amiga.

— A gente não era amiga na época.

— Assunto morto e enterrado. — Gabriela tirou a garrafa dos dedos de Maya, dando um gole. — Vou tomar um banho antes da gente dormir.

Maya assentiu, um sorriso travesso nos lábios. Ela deixou que a garota desaparecesse no corredor e continuou sentada na cozinha, alternando entre a garrafa de vodka e o *feed* do *Instagram*. Uma notificação nova brilhou no topo da tela.

@KarenMatos começou a seguir você

Maya arqueou uma das sobrancelhas. Bebeu mais um gole antes de abrir a página de Karen, sem entender. Ficou encarando a tela por alguns segundos, como se esperasse que a opção “seguir de volta” sumisse, denunciando um engano da parte de Karen.

Não aconteceu.

Na última vez que Maya conversara com Karen, ela estava a chamando de talarica.

Resolveu ver as fotos. O *feed* combinava perfeitamente com seus cabelos ruivos, todas as fotografias editadas com um filtro que deixava cores quentes *muito mais* quentes. Sua última postagem era uma selfie com Áustria,

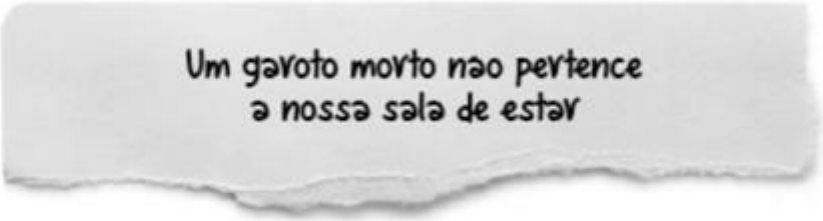
um coração laranja e um branco na legenda. Maya deu zoom, analisando as feições da loira por mais tempo que admitiria mais tarde. Ela estava sorrindo, e Maya não se lembrava de tê-la visto sorrindo de maneira não irônica alguma vez. A forma como sorria era bonita, na verdade. O tipo de sorriso que aquece seu peito e faz você se sentir como se estivesse correndo em um jardim cheio de flores, em plena primavera.

Era brilhante, terno e *quente*.

— Maya, onde você guarda o *shampoo*?

— Vou pegar pra você — respondeu.

Seguiu Karen de volta e bloqueou o celular, torcendo para que os pensamentos dos últimos cinco minutos pudessem ficar trancados dentro do aparelho.



Um garoto morto não pertence
a nossa sala de estar

Aulas de reforço (12:54) diz:

É a última vez que tento conversar

Áustria mordeu o lábio com tanta força que sentiu um gosto enferrujado de sangue invadir sua boca. O celular vibrou contra seus dedos, e ela observou a chamada correr como se não estivesse ali, disponível. Seu dedo quase arrastou o botão verde para o lado, mas então hesitou. Deixou que a ligação se perdesse e, quando a tela se apagou, o mundo pareceu um lugar um pouco mais terrível que o de costume.

No banco do motorista, Yuri arqueou uma das sobrancelhas.

— Não vai atender?

— É só meu meio-irmão — disse tão rápido que deixou sua mentira em evidência. Áustria não precisava se preocupar com isso, porque Yuri não se importava o suficiente para insistir no assunto.

— Ele não deveria ter vindo com você?

Áustria fez uma careta.

— Na casa do Hélia?

— É. Não sei. Parece ser o tipo de coisa que as pessoas fazem em família. Por causa do luto.

— Ele não gostava do Hélia. Não que eles se conhecessem bem. — Ela deu de ombros. — Acho que era ranço gratuito.

Yuri apertou os dedos no volante. Foi um gesto mínimo, mas Áustria reparou. Ele parecia estar se esforçando para não deixar escapar uma dose venenosa das suas

opiniões sobre o falecido.

— Deve ser coisa de irmão mais velho.

Áustria fez que sim, porque não queria dizer que Miguel não dava a mínima para com quem ela estava se relacionando ou não. Na verdade, eles mal se falavam na maior parte do tempo e, quando falavam, não era uma conversa, mas uma discussão.

Yuri não precisava saber disso.

Ninguém precisava.

— Obrigada pela carona — Áustria forçou um sorriso, ainda abalada com a ligação. — Pode estacionar aqui. — Ela apontou para o portão de ferro alguns metros à frente. A casa de Hélia fora construída em um terreno enorme e teria que andar um pouco para chegar até lá, mas tudo que Áustria mais precisava era de um tempo sozinha com os próprios pensamentos.

— De nada — o loiro sorriu de volta, mas seus olhos estavam um tanto nebulosos. Ele não parecia confortável com a ideia de Áustria ali e, na verdade, essa hipótese não surpreendia. Yuri seria só mais um na multidão de pessoas que não gostavam de Hélia. Depois de tantos anos namorando o rapaz, Áustria estava acostumada a sorrir e dizer que ele não era *tão* mau assim. — A gente se vê.

Áustria fez que sim, descendo do carro no instante em que o veículo parou. Fechou a porta com cuidado e acenou para ele, observando-o se afastar.

A vida de Yuri era muito fácil. Tinha repetido o terceiro ano e, ainda sim, ganhado um carro novo no aniversário de dezoito anos. A maioria das pessoas era expulsa de American Saint se reprovasse de ano, mas, por algum motivo, ele parecia ter conquistado um tratamento especial.

Áustria caminhou até os portões. O porteiro de Hélia sorriu para ela, autorizando sua entrada. Estava com a caixa da coroa na mão, embora tivesse pensado várias vezes em deixar o prêmio de lado. Hortênsia iria gostar de receber aquilo? Ela não fazia ideia se estava fazendo um favor ou só prolongando sofrimento de forma inútil.

Enquanto caminhava pelos jardins, Áustria sentia a ansiedade corroer seus pensamentos. Não era um sentimento novo. Ela sempre fora uma pessoa ansiosa, o

que se intensificara depois da morte de Hélia. Ela estava o tempo todo atualizando as redes sociais, o portal da escola, os sites de notícias. Era como se seu cérebro precisasse desesperadamente que algo acontecesse. Se era algo bom ou ruim, não fazia ideia, mas continuava em estado de alerta, como um computador prestes a apitar.

E se nada *nunca* acontecesse?

E se ela ficasse a vida inteira esperando?

Áustria quase tirou o celular do bolso para retornar aquela chamada perdida, mas não o fez. Continuou caminhando pelos jardins, como se seus passos e a força que empregava neles fossem suficientes para resolver o problema.

— Acredita mesmo nessa história sobre morte acidental? — Áustria

parou. Por um instante, se enganou achando que a pessoa responsável pelo comentário falava com ela. Se virou na direção da voz e percebeu a governanta, em cima de seus sapatos de boneca sem graça, conversando com o jardineiro. O homem estava dentro de uma cova no quintal, cavando espaço para uma muda de roseiras. Era por isso que a mulher falava alto.

Áustria deu uma olhada ao seu redor. Parecia deserto, exceto por eles.

A voz do jardineiro era mais difícil de ouvir.

— Não sei. Acho que pro bem do meu emprego, é melhor eu acreditar.

A corda sempre estoura pro lado mais fraco.

A governanta se abaixou.

— Estou achando isso tudo muito estranho — arrastou no português, o sotaque dos anos na França em evidência. — Me incomoda saber que um dos nossos foi o último a ver o garoto com vida.

— Agora está usando *garoto*? — dentro da cova, o jardineiro riu. —

Lembro que costumava chamá-lo de peste.

Ela bateu uma mão contra a outra, limpando uma sujeira imaginária.

— Tenho mais respeito pelos mortos do que pelos vivos.

— Bom, eu tenho respeito pelo meu emprego. Não me importa o que aconteceu com o garoto, mas também não vou reclamar. As coisas estão visivelmente mais tranquilas desde que ele se foi.

— Não posso discordar — a governanta assentiu. — Mas você precisa admitir que é estranho. Uma escola tão cara deveria oferecer o mínimo de segurança aos seus alunos. Tem alguma coisa nessa equação que não bate.

O jardineiro riu dentro da cova.

— Senhora, eu não teria escolhido passar a vida plantando flores se soubesse algo de matemática. Iria pra uma faculdade de engenharia, de certo.

Áustria se cansou da conversa. Seguiu caminho até a mansão envidraçada, no centro do terreno, seu próprio reflexo ia aumentando de tamanho à medida que chegava mais perto. De onde estava, conseguia ver Hortênsia sentada no sofá branco da sala, rolando a tela do *iPad* para baixo e para cima. A casa era linda, mas Áustria teria medo de morar em um lugar com tão pouca privacidade. Mesmo que o mundo de fora estivesse há metros de distância, ainda havia funcionários.

Tocou a campainha. Viu Hortênsia levantar os olhos e acenou para ela.

A mulher deu um sorriso antes de se levantar. Foram segundos até que abrisse a porta.

— Áustria! — Apesar das olheiras profundas, ela parecia muito feliz em

vê-la. — Que bom que veio. Estamos recebendo muitas visitas de American Saint esses dias. É ótimo. Essa casa está precisando de um pouco de movimentação.

— Oi — sorriu também, franzindo o cenho. Ficou curiosa para saber de quem ela falava, mas não perguntou. — Vim entregar uma coisa. Um presente do concurso, na verdade.

Os olhos de Hortênsia caíram na caixa apoiada nas mãos de Áustria.

— Claro. — A mulher deu espaço para que entrasse. — Quer comer alguma coisa?

A sala de Hélia tinha um cheiro agradável de café. A estética era parecida com a da biblioteca de American Saint: Grandes colunas brancas, estantes e móveis da mesma cor. Áustria não se sentou. Agradeceu com um movimento de cabeça, fazendo que não.

— Na verdade, eu queria fazer uma pergunta.

Hortênsia voltou para o lugar onde estava antes, no centro do sofá branco. Ela colocou os antebraços nos joelhos, deixando claro que Áustria tinha toda sua atenção.

Áustria travou. Bateu os dedos contra a caixa de madeira, sem fazer barulho para que não atraísse sua atenção. Teve impressão que a sala estava girando ao seu redor, que seu corpo não funcionava direito e que não conseguiria formar uma frase coerente. Precisava de uma boa desculpa para fazer aquela pergunta e se arrependeu de não tê-la formulado antes.

— Queria saber se posso ficar com a aliança do Hélia — disse, mostrando o próprio dedo anelar, onde jazia um anel de ouro com a letra “H”

gravada. A de Hélia vinha com um “A”. — Não é bem uma aliança. Era tipo um anel de compromisso. É simbólico. Seria importante, pra mim, ficar com ela.

Hortênsia abriu um sorriso.

— Claro. Tenho certeza que ele ia querer que ficasse com você. Sabe onde está?

Áustria fez que não.

— Ele usava todos os dias — mentiu, ciente de que Hortênsia não reparava o suficiente no filho para perceber tais detalhes. — Mas não estava com ele quando... encontrei o corpo. — Ela fez uma careta. — Acho que perdeu no caminho da escola. Ele foi de *uber* naquele dia?

Ela cerrou os olhos, buscando por uma lembrança.

— Não, Hélia sempre ia pra escola com o motorista, você sabe. Estou

certa de que Sebastian o levou naquele dia também. Pode ser que tenha caído no carro.

Áustria fez que sim. A verdade era que Hélia tinha usado a aliança por um mês e depois deixado de lado, com o argumento de que o anel estava apertado e machucava seus dedos. Se quisesse encontrá-la, sabia que estava guardada no porta-joias do quarto, ao lado da sua coleção de estatuetas. Hélia adorava colecionar miniaturas de aviões.

— Vou pedir pro Sebastian dar uma olhada antes de ir embora —

Áustria sorriu, agradecida. — Bom, a sua caixa. — Ela se aproximou do sofá.

— Os juízes acharam justo que Hélia ganhasse esse ano.

Os lábios de Hortênsia tremeram. Ela abriu a caixa com cuidado, ciente de que o conteúdo dentro da embalagem deixaria suas emoções ainda mais sensíveis que já estavam. Seus dedos tiraram a coroa com cuidado, apreciando-a.

— Foi muito gentil da parte da organização — fungou, contemplativa.

— Pode colocar no quarto dele pra mim? Eu estou evitando entrar lá. Ainda é muito... — ela deu uma pausa, a voz embargada — *doloroso*.

Áustria fez que sim. Recuperou a posse da caixa e caminhou em direção às escadas, já familiarizada com o caminho até o quarto de Hélia: Terceiro cômodo, segundo andar da casa, uma placa de “não perturbe, já sou perturbado o suficiente” na porta. Quando ela entrou, percebeu que tudo estava da mesma forma que Hélia deixara. Os lençóis embolados no canto da cama, a xícara de café pela metade em cima da escrivaninha. Sua mãe não estava mentindo. Não tinha entrado ali desde o acontecido. O cheiro de Hélia ainda estava no quarto.

Áustria caminhou até a escrivaninha, deixando a caixa com a coroa ao lado do suporte para notebook do namorado. Ela fez uma careta ao perceber que o computador de Hélia não estava em nenhum lugar visível do quarto.

Ficou em silêncio por alguns segundos, tentando ouvir a movimentação no primeiro andar da casa. Praticamente não ouvia barulho, o que a fez concluir que Hortênsia tinha voltado para o seu *iPad*.

Áustria teve receio em mexer nas coisas de Hélia. Ela mordeu a ponta da própria unha, considerando quão cretina ela seria por fuçar no quarto de um garoto morto, ainda que suas intenções fossem as melhores. Deixou a ética de lado quando ergueu a colcha desarrumada com a ponta dos dedos, sem encontrar nada na cama.

Levantou os travesseiros, sacudiu os lençóis e se esforçou para deixar tudo como havia encontrado.

Deu um passo em direção ao armário. Empurrou as camisetas de Hélia para o lado, encontrando uma pilha de revistas antigas no fundo. Fez uma careta, porque ler em revistas não era um costume da sua geração. Dedilhou a pilha, encontrando uma superfície mais firme na base. Seu coração acelerou quando as revistas tombaram para o lado, despencando no chão.

— Áustria, você está bem? — A voz de Hortênsia subiu as escadas, um filete de suor escorreu pela coluna da loira.

— Sim! Eu deixei a caixa cair, só isso. Obrigada! — respondeu, afobada.

Ela esperou para ver se a mulher iria até o quarto, mas Hortênsia não o fez.

Áustria se aproximou do armário, seus olhos encontraram o *macbook* de Hélia embaixo das revistas. Ela tirou o aparelho, colocou as revistas de volta onde estavam e se sentou na cadeira colorida da escrivaninha, apoiando o computador onde ele deveria estar, desde o começo.

Ficou ali por alguns segundos, apenas sentindo o próprio corpo contra a superfície acolchoada, temendo fazer qualquer movimento e ser pega. Olhou para trás, certificando-se de que estava sozinha. Seus dedos tensos se direcionaram até o *mac*, levantando a tela.

Fez uma careta para a tela inicial, o espaço em branco para que digitasse uma senha.

Tentou o mais óbvio primeiro.

10/11/2001

A data de aniversário de Hélia foi negada. Áustria suspirou.

Tentou de novo.

HeliaGolucci10/11/2001

Errou mais uma vez.

Fechou os olhos e correu os dedos pelo teclado, no que seria sua última oportunidade.

HeliaMarques10/11/2001

Áustria deu um sorriso ao perceber que o *notebook* fora desbloqueado.

Enquanto Golucci era seu sobrenome por parte de pai, Marques era seu sobrenome por parte de mãe. Com pesar, ela se lembrou de todas as vezes que Hélia reclamou das bebedeiras de Renato. Aquela senha era mais forte do que parecia.

Áustria encarou o plano de fundo de Hélia. Era uma *selfie* dos dois juntos, naquele mesmo quarto. Mesmo sabendo que não tinham um relacionamento normal, os olhos da loira arderam. Ela respirou fundo e se obrigou a seguir adiante, incerta do que estava esperando encontrar.

Deu uma olhada rápida na galeria de fotos. A maioria eram registros antigos, de dois ou três anos antes, quando as pessoas ainda tinham o costume de passar fotos para computadores. No histórico de pesquisa, não encontrou nada de anormal. Questões de prova, eventos do *Facebook*, lojas de roupa, marcas de bebida.

Nada suspeito.

Nada sobre Sebastian.

Ela estava louca em achar o motorista suspeito?

Estava quase desistindo quando decidiu olhar as mensagens.

No topo da tela, um aviso de “não sincronizado” piscava em vermelho.

Áustria demorou alguns instantes, mas logo entendeu que as mensagens do celular de Hélia não estavam sincronizadas com as mensagens do *macbook*.

Isso significava que tinham coisas ali que a polícia não tinha acesso.

Áustria sentiu seu coração disparar dentro do peito. Ficou ainda mais nervosa quando observou as mensagens atentamente. A falta de sincronização deixara todas as conversas sem um contato relacionado. Os números de telefone também pareciam embaralhados, fruto de algum *bug* entre a conexão dos dois aparelhos.

Merda.

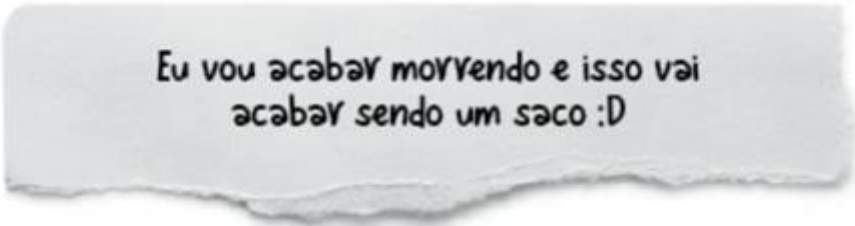
Frustrada, leu todas as mensagens, mas apenas uma chamou sua atenção. Fora enviada um dia antes da morte de Hélia.

Uma hora ou outra, as pessoas precisam se responsabilizar pelos seus atos. Você sabe o que fez de errado, poor rich boy.

Hélia respondera de forma simples: um *emoji* de sorriso, a conotação irônica que era sua marca registrada.

Áustria sentiu um arrepio percorrer seu corpo.

Não havia outra forma de interpretar aquela mensagem se não como uma ameaça.



Eu vou acabar morrendo e isso vai
acabar sendo um saco :D

O s passos de Maya contra o asfalto poderiam ser ouvidos a metros de distância. Ela tinha uma sensação de urgência estranha e pouco bem vinda no peito, como se alguém estivesse em seu encalço, observando seu tênis marchar e achando uma graça que ainda se esforçasse para andar rápido. A rua estava deserta. Tinha conferido mais de uma vez.

A noite de São Paulo era fria e Maya não fazia ideia para aonde estava indo. Sentia seu coração batendo no peito, como se estivesse prestes a explodir, em combinação com um frio na barriga desagradável. Estava nervosa, mas não entendia *por que* estava nervosa.

Sua caminhada apressada guiou seus passos até um portão enferrujado.

Maya olhou para cima e fez uma careta confusa ao ver a placa de um parque aquático, que não se lembrava de ter visto em nenhum momento antes. Ela se virou para tomar o caminho de volta, mas percebeu que estava perdida. Não se lembrava por que tinha saído de casa.

Maya coçou a testa. Tirou o celular do bolso e tentou uma ligação, mas logo percebeu que o telefone estava sem sinal. Desistiu. Se afastou alguns metros do

portão do parque, então ouviu alguém chamar seu nome.

— May.

Maya virou-se na direção dos portões. Agora, eles estavam abertos, como se convidassem sua entrada. Ela precisou apertar os olhos para ler o nome do parque, uma combinação de letras clichê, dançando em cima do que parecia representar uma bolha de água: *Splash*.

Ela deu um passo para frente, então hesitou. Não parecia seguro avançar. Estava sozinha no meio da noite, arrepios desciam por sua nuca e seu celular não funcionava. Dar mais um passo parecia receita para um desastre.

De novo, a voz de antes chamou seu nome.

— May.

Maya mordeu o lábio. Olhou ao seu redor mais uma vez, sem encontrar ninguém nos arredores da rua ou dentro do parque. A calma não fazia sentido. São Paulo era uma cidade agitada e, de repente, ela parecia ser a

única moradora da capital.

Receosa, Maya entrou no parque. Ligou a lanterna do seu celular para tentar enxergar melhor, as luzes alaranjadas dos postes da rua cada vez mais distantes.

Os portões se fecharam de forma brusca atrás dela, trazendo consigo uma rajada fria de vento. Maya quis voltar, mas talvez fosse tarde.

Continuou.

O estado do parque era deplorável. A grama das partes verdes tinha crescido de forma descontrolada, passando das canelas de Maya. Os toboáguas pareciam cobras de ferro retorcido, prejudicados pelos anos embaixo do sol, sem direito à manutenção. As lixeiras eram personalizadas, rostos de palhaço com a boca aberta espalhados pelo parque. A pintura estragada deixava todas elas com um aspecto bizarro: Alguns, não tinham mais olhos. Os lábios vermelhos de outros estavam descamando. A maioria deles contava com uma espessa camada de lodo nos cabelos coloridos, o que arrancou uma careta de Maya.

Nunca tinha gostado de palhaços.

— May.

Ela olhou para cima, tentando se localizar. As placas que indicavam as principais atrações do parque também sofriam com o tempo, estavam gastas e com letras faltando. O feixe de luz da lanterna do seu celular atingiu o corpo sem vida de uma capivara, e Maya desviou os olhos com urgência, esforçando-se para ignorar a imagem antes que fizesse morada em seu cérebro.

Continuou caminhando pelo parque, guiando-se pela voz, que se parecia com um sussurro do vento. Não tinha certeza de onde estava vindo. Em alguns momentos, Maya tinha a impressão que estava a poucos centímetros de distância. Em outros, que estava no extremo oposto do parque, talvez até do lado de fora.

Maya parou na frente de um banheiro aberto. Enxergou seu reflexo no espelho rachado ao meio, a luz do celular tomou grande parte do espaço.

Uma mancha vermelha acompanhava a trinca no vidro, o que causou um arrepio em sua nuca. Ela notou uma silhueta escura se aproximando e, segundos depois, a luz do celular se apagou, o aparelho morrendo sem bateria.

— May.

Agora, Maya tinha certeza que a voz estava perto.

De repente, todas as luzes do parque se acenderam. A noite não era mais fria, mas agradável. Uma música ambiente animada tocava ao fundo e, de onde estava, Maya conseguia ouvir conversas, risadas e crianças. O ar tinha cheiro de algodão doce.

— Você parece assustada, May-may. — Ela não se lembrava de ter visto Hélia se aproximar. Não tinha certeza se era sua voz chamando durante todo aquele tempo, mas a presença dele era dolorosa. Como se olhar para ele, para o seu cabelo brilhante e seu corpo forte fosse uma tortura feita especialmente para ela. — Se eu não te conhecesse bem, diria que essa tristeza nos seus olhos tem outro nome.

Maya moveu a cabeça em negativa.

— Não estou triste.

— Talvez seja esse o problema. — Ele dedilhou seu rosto, deixou uma das mãos descer até seu pescoço. — Acho que deveria estar. Eu nunca fui importante, Maya?

Você sabe que não foi um acidente. Você sabe e escolheu não fazer nada quanto a isso.

O toque de Hélia se tornou gelado. As luzes desapareceram. Não havia mais risadas, e o cheiro de algodão doce deu lugar ao odor de *decomposição*.

Maya não conseguiu andar. Seu cérebro não controlava seu corpo. Ela se sentia uma mera espectadora das cenas que aconteciam diante dos seus olhos, sem que pudesse fazer qualquer coisa a respeito.

— Você é complacente com o que aconteceu, Maya — a voz de Hélia se transformou em um ruído grosso. Ela não conseguia mais vê-lo na escuridão, mas seus dedos ainda estavam em seu pescoço, agora apertando a pele contra suas mãos frias. — Você não se importa. Seu melhor amigo morreu e você nem tentou entender o que aconteceu com ele!

O aperto se tornou mais forte, tomando todo ar dos pulmões de Maya.

Ela não conseguia mais falar. As mãos invisíveis ao redor de seu pescoço esmagavam seus ossos e a dor deixava sua cabeça cada vez mais zozna.

Maya tossiu.

E acordou.

Seus olhos ardiam e uma sequência de lágrimas rolou por seu rosto, antes que conseguisse pensar em qualquer coisa. Ela queria se levantar, mas de imediato não conseguiu. Seu cérebro ainda estava em choque, como se fosse incapaz de entender que as cenas, no parque, nunca tinham acontecido na realidade. Maya encolheu o corpo contra a coberta. Respirou fundo. Uma, duas, três, dez vezes. Demorou alguns minutos analisando o quarto escuro e

finalmente se levantou, evitando fazer barulho. Arrastou o corpo até a cômoda onde seu celular carregava. Levou uma das mãos até o peito e sentiu o coração acelerado, batendo contra a pele quente.

Você nem tentou entender o que aconteceu com ele.

Seu sonho tinha uma mensagem óbvia. A imagem de Hélia não era nada mais que sua consciência culpada se manifestando e, embora Maya conseguisse entender tal

detalhe, não tornava a experiência menos aterrorizante. Ainda sentia o fantasma de seus dedos frios em seu pescoço.

Não era a primeira vez que sonhava com Hélia. Acontecera antes de sua morte e com mais frequência depois dela. Detalhes claros separavam os sonhos antigos dos novos. Costumavam ser coisas bobas, lembranças em uma linha de tempo confusa ou devaneios lascivos. Agora, todos eram *pesadelos*.

Tirou o celular da tomada e voltou para cama, enfiando-se debaixo das cobertas.

Entrou no grupo de *chat* do terceiro ano e rolou a tela até encontrar o administrador: como boa representante de sala, a responsável era Áustria Fontes. Maya clicou no perfil da garota e abriu a conversa, sem coragem para mandar uma mensagem.

Analisou a foto de Áustria primeiro. Estava na praia, usando a parte de cima de um biquíni azul royal, que ficava ainda mais chamativo em comparação com sua pele branca. A expressão que contornava seu rosto era séria. Os cabelos loiros caíam ao lado do corpo, em um rabo de cavalo que deixava apenas a franja curta solta. Maya se sentiu intimidada, porque aquela foto parecia ter acabado de sair de um catálogo da Victoria Secret's.

Digitou uma mensagem.

(RASCUNHO): *Oi. Queria falar sobre a morte do Hélia.*

Deletou. Aquilo parecia um e-mail de trabalho.

(RASCUNHO): *Oi. Boa noite (madrugada). Tudo bem?*

Acho melhor conversarmos sobre a morte do Hélia.

Maya fez uma careta, arremessando o celular no colchão. Sentou-se na cama e recuperou o aparelho, apagando a mensagem novamente. Tentou de novo. A única forma de fazer Áustria querer tocar naquele assunto mais uma vez seria amaciando seu ego.

Maya (02:53) diz:

Você tinha razão.

Ela esperou.

Pensou que era uma péssima ideia ter mandado aquela mensagem tão tarde, porque ficaria a noite inteira esperando Áustria responder, mais ansiosa a cada minuto de silêncio, questionando ferozmente sua decisão.

Três pontos brilharam embaixo do perfil da loira. Ela apareceu digitando por longos segundos, até que uma nova mensagem apareceu na tela de Maya.

Áustria (02:56) diz:

Como se eu já não soubesse disso.

Maya fez uma careta, ultrajada. Digitou todas as letras da frase “você é insuportável”, mas não teve tempo de enviar, porque seu telefone tocou primeiro. Uma chamada de vídeo com Áustria.

Ela se pegou ajeitando as mechas brancas da frente do cabelo atrás das orelhas antes de atender. Deu um soco na própria testa, depois reconsiderou.

Era normal que quisesse estar bonita na frente de Áustria. A garota poderia muito bem tirar print dos seus piores momentos e espalhar pela escola. Maya não duvidava, porque Áustria era baixa *assim*.

Aceitou a chamada.

— Parece que alguém tomou um chá de bom senso. — O sorriso convencido de Áustria tomou conta da tela. Apesar do seu comportamento, Maya tinha certeza que sua confiança não era tão inabalável assim. Depois da conversa na sala do diretor, a loira não tinha feito nada sobre a morte de Hélio. E se não tinha feito, era porque não acreditava nas teorias da polícia tanto quanto queria demonstrar.

Ou talvez ela precisasse de uma parceira de crime. Alguém para se ferrar junto com ela, caso as coisas saíssem de controle. As pessoas se sentem mais seguras para fazer idiotices quando em conjunto.

— Cala a boca. — Maya acendeu o abajur do lado da cama, iluminando o próprio rosto. — Além da teoria da polícia, o que você sabe?

— Você parece um *bad cop* falando. — Áustria caminhou pelo próprio quarto. Pelo que conseguia ver da câmera, suas paredes eram pintadas com um tom vivo

de nude. — Não sei muito. Acho melhor recapitular, do dia da morte até aqui.

Maya concordou.

— Então faça isso.

— Lembro de ter ouvido um espirro quando cheguei na piscina. Hélia me mandou uma mensagem esquisita sobre ela sempre estar certa, mas não

falou quem era *ela* — disse. Maya não conseguiu pensar em alguém que preenchesse as lacunas daquela mensagem. — Depois você já sabe. A história na sala do diretor, blá, blá, blá. — Ela bocejou. — Vi Sebastian na escola esses dias.

— Sebastian? O motorista?

Áustria assentiu. Seus movimentos estavam com alguns segundos de *delay*.

— Hélia não gostava dele.

— Hélia não gostava de *empregados* — corrigiu Áustria. — E eles também não gostavam dele.

Maya suspirou.

— Dá na mesma.

Áustria seguiu sua linha de pensamento.

— Fui na casa de Hélia entregar a coroa. Sebastian foi o último a vê-lo com vida — os lábios de Maya se curvaram em um “o” mudo —, mesmo assim, ele é um dos funcionários mais antigos da família Golucci. Não acredito que tenha feito isso.

— E de quem você desconfia?

— De todo mundo — Áustria respondeu, como se fosse óbvio. —

Sendo honesta — ela mordeu o lábio —, acho que você e a Karen são as únicas fora da minha lista de suspeitos. Você estava apaixonada por ele. —

Maya revirou os olhos. — E Karen é... *devagar* demais pra matar alguém e não ser pega.

— Quis dizer burra.

— É, tipo isso.

— É uma amiga adorável.

— Eu usei um eufemismo antes de falar.

Maya bufou.

— Não estamos chegando a lugar nenhum.

— Nem vamos chegar, se continuar implicando com a forma que eu falo sobre minhas amigas — ironizou, ajeitando a franja na câmera frontal. —

Precisamos de uma lista de suspeitos menor. A polícia, obviamente, não está do nosso lado, então, não podemos falar com eles sem uma acusação fundamentada. Vai na festa da Karen amanhã?

Ela fez uma careta, sem entender.

Áustria se adiantou.

— É uma boa oportunidade pra conversar com as pessoas. O álcool

entra, a verdade sai. Acho que conseguimos eliminar muita gente na base do papo. Se você não tiver sido convidada...

— Eu *fui* convidada.

Ela fez uma careta, como se isso a ofendesse.

— Bom, então temos um plano.

— Espera. Temos que fazer algum tipo de... *pacto*.

— Você não consegue ter uma conversa que nem gente normal?

Maya passou a língua pelos lábios, irritada. Por pouco não desligou.

— Vai dizer que nunca fez um pacto de sangue na infância?

— Não — murmurou, enojada. — Como eu disse, sou normal —

repetiu.

— Que seja — Maya colocou um dos dedos na tela —, se vamos fazer isso, precisamos estar juntas, independente do que aconteça. Coloca seu dedo aqui.

Áustria deixou um risinho escapar antes de colocar o dedo em cima da imagem do de Maya.

— E aí?

— Calma. — Maya se levantou da cama, encontrando alguma dificuldade em deixar seu dedo parado na tela. Na escrivaninha, pegou um bloco de notas. Mostrou para Áustria. — Vamos escrever nossos maiores segredos nesse pedaço de papel hoje e entregar uma pra outra, quando nos encontrarmos, na segunda. Pensei que poderíamos trocar os papéis na festa da Karen, mas é melhor não misturar álcool, adolescentes bêbados e segredos.

Segunda — repetiu.

Áustria arqueou uma das sobrancelhas loiras.

— Por que eu faria isso?

— Porque — Maya voltou para a cama com uma caneta — não confiamos uma na outra. Não podemos investigar um possível assassinato sem confiança, então eu pensei em...

— Chantagem? — Áustria abriu um sorrisinho cruel.

Maya soltou ar pela boca.

— Você escolheu a pior palavra que podia pra definir.

— Vamos compartilhar nossos piores segredos pra garantir que uma não faça merda com a outra. Parece com chantagem pra mim, mas tudo bem, já fiz coisas piores. — Áustria deu de ombros. — Só tenho uma condição. —

Ela desceu o dedo pela tela. Maya acompanhou o gesto. — Só vamos ler os segredos em último caso. É uma garantia. Se tudo correr bem, queimamos os

papéis sem ver.

Maya não discordou.

— Precisa ser o pior deles. Alguma coisa que ninguém mais sabe.

— Alguma coisa que ninguém mais sabe — Áustria concordou. Seus dedos ainda se encontravam no centro da tela e nenhuma das duas parecia ter coragem de se mover, como se isso quebrasse o acordo que tinham acabado de selar. — Vejo você na festa.

Maya assentiu.

— Boa noite.

Áustria sorriu, dessa vez sem o tom cruel com o qual Maya estava acostumada. Parecia mais com a garota da foto no perfil de Karen e menos com Áustria Fontes, o mau em figura de garota.

— Boa noite. — Ela hesitou por alguns segundos antes de desligar.

Mordeu o lábio, como se esperasse que Maya preenchesse o silêncio entre elas, o que não aconteceu.

Maya observou a tela de Áustria se apagar, o vazio tomando conta do quarto. Seu celular tocou de novo, antes que pudesse escrever o segredo.

Áustria (03:12) diz:

Sei que está fazendo isso pelo Hélio, mas aprecio sua decisão.

Ela revirou os olhos para a palavra “aprecio”.

Áustria (03:12) diz:

Obrigada :)

De nada, patricinha. Maya respondeu, apenas em pensamento.

Tem pessoas que tem namorado, tem pessoas
que tem namorada. Sabe o que eu tenho?
Necessidade compulsiva de aprovação.

Áustria afundou o canudo dentro do copo de vidro, esmagando um morango contra a superfície. A bebida tinha gosto de leite condensado e vodka, além de uma cor rosada que parecia iogurte. O gosto era bom.

Doce, de um jeito que nem parecia alcóolico.

— Eu estou indo. — A mãe de Karen deu a volta na cozinha, uma mala abarrotada em cada mão. Tinha um sorriso genérico no rosto, alheia à festa que acontecia nos dois andares da cobertura. — Não bebam demais, hum? —

A mulher deu um tapinha no ombro de Áustria e um beijo na testa de Karen.

Depois, desapareceu na sala, ansiosa para superar a correnteza de convidados e sair do apartamento.

A mãe de Karen se parecia com June George, de *Meninas Malvadas*. *Eu não sou uma mãe comum, sou uma mãe legal*. Desde que a filha não cometesse nenhum crime – o que era irônico, porque dar uma festa com menores bebendo álcool poderia se enquadrar nisso – ela estava de boa.

Estava viajando para as Ilhas Maldivas com o novo namorado naquela noite e, diferente de todos os outros adolescentes, Karen não precisou esconder que daria uma festa. Ela parecia um pouco magoada com a mãe viajando no dia do seu aniversário de dezoito anos, mas conhecendo bem Karen, Áustria não esperava que se pronunciasse sobre o assunto.

As vozes de Anitta e Pablo Vittar escaparam dos alto-falantes. Áustria caminhou até o liquidificador na pia e terminou de encher seu copo com a bebida que tinham acabado de bater.

— Convidou muita gente pra festa? — Áustria perguntou, casualmente.

A conversa com Maya, na madrugada anterior, a deixara curiosa. Não esperava que Karen a convidasse.

Karen assentiu. Seus dedos envolviam o celular e, de onde estava, Áustria viu quando mandou uma localização em tempo real pelo aplicativo de mensagens.

— Uma galera! Pessoas bonitas, pessoas que eu quero pegar, pessoas com dinheiro pra comprar mais bebida, caso as minhas acabem. —

Considerando a quantidade absurda de garrafas de vodka na dispensa, isso não era uma opção. — Convidei o Yuri também, se é isso que quer saber —

ela lançou um sorriso malicioso em sua direção.

Áustria levou o canudinho até os lábios.

— O que tem ele?

— É um cara bonito que tem interesse em você.

— Sim — sua atenção estava nos morangos, continuava esmagando todos eles —, como uma infinidade de outros caras. Não é grande coisa.

— Não vai ficar com ele?

— Vou ficar — ela limpou uma mancha de batom vermelho do canudo

— quando for vantajoso ficar com ele. Estou observando, por enquanto.

Karen riu. Pegou a garrafa de vodka que estava na pia e colocou em um copo de *shot*, oferecendo para Áustria. A loira fez que não.

— É meu aniversário — choramingou, enchendo outro copo idêntico ao dela. — Só se faz dezoito anos uma vez na vida. Bebe comigo.

Áustria revirou os olhos. Não era um bom argumento, mas resolveu aceitá-lo. Virou a bebida transparente e fez uma careta quando o líquido queimou sua garganta. Não costumava beber com frequência.

Karen abriu um sorriso de orelha a orelha. Diferente da primeira, não pareceu ter problemas com a bebida amarga, pelo contrário: repetiu mais dois *shots*. Depois de terminar, colocou os copos na pia e ofereceu uma das mãos para Áustria, que aceitou com um aceno.

Foram para sala.

O apartamento de Karen não parecia mais uma casa, mas uma boate.

Tinha contratado uma empresa de decoração de festas e a equipe fizera um bom trabalho transformando sua sala em uma pista de dança, com luzes negras instaladas no teto e painéis coloridos cobrindo as paredes. Um “K”

gigante brilhava em tons de rosa, enfeitando o primeiro degrau das escadas, que levavam ao segundo andar. Os corrimãos também tinham sido decorados, luzes de *led* coloridas foram enroladas em cada centímetro.

Era uma poluição visual absurda e bonita.

Os olhos de Áustria correram pelos convidados. Conhecia a maior parte dos presentes, sendo seus colegas de escola ou pessoas relevantes dentro da bolha social de São Paulo, com quem já tinha trocado uma palavra ou duas.

Apesar disso, havia entre eles um rosto que ultrapassava as noções de intimidade que tinha com todos os outros. Um rosto que ela não queria ver de jeito nenhum.

Áustria se virou para Karen.

— Convidou gente da Graded?

A forma como pronunciou a frase foi carregada de sarcasmo. Graded era a segunda maior escola americana de São Paulo, perdendo apenas para American Saint. Todos sabiam que os alunos da Graded tinham o mesmo nível de influência e dinheiro que os de American Saint, mas esse era um fato que se divertiam ao ignorar. Algum prêmio de educação idiota tinha dito que os *santos americanos* eram melhores e os alunos tinham vestido essa carapuça desde então.

Um garçom passou ao lado de Karen. Ela aproveitou para pegar mais um copo de *shot*, esse com confeitos coloridos enfeitando a borda. A ruiva estava empenhada em passar o seu aniversário de dezoito anos o mais bêbada que conseguisse.

— Umas duas, dez pessoas. Mais ou menos.

Áustria esmagou mais um morango. Queria dizer à amiga que havia um rio de diferença entre duas e dez pessoas, mas não disse.

— Posso usar o banheiro do seu quarto?

Karen fez que sim. Tirou a chave de dentro do bolso da saia e entregou para ela. Aquele tipo de festa saía do controle muito fácil, e era óbvio que Karen não queria entrar no seu quarto e encontrar suas paletas de maquiagem quebradas ou um casal transando na sua cama.

Áustria sorriu para a amiga. Deu mais um gole no seu copo de bebida e olhou para as pessoas na pista de dança uma última vez, antes de subir as escadas. Sabia que, no meio daquela multidão, havia alguém que iria atrás dela, mesmo depois de negar tal possibilidade.

Entrou no quarto de Karen. O ambiente denunciava sua mania de organização, tudo milimetricamente alinhado, dos móveis planejados até as canetas separadas por tons de cor na mesa de estudos, indo do preto até o branco, em um degradê perfeito. Os lençóis combinavam com o tapete, que combinava com o tom de rosa queimado das paredes. Até suas pantufas de monstro estavam perfilada com a cama.

Psicótico, no mínimo.

Áustria se sentou na penteadeira. Dedilhou a lateral do móvel, procurando pelo botão que acendia as luzes do espelho. Seus olhos arderam com a potência, a pupila teve que ir se acostumando aos poucos. Encarou seu próprio reflexo, permitindo-se apreciar a própria aparência por alguns segundos.

Sua pele era bonita. Não estava usando base, mas não havia sinais de cravos ou espinhas. Evitava ao máximo franzir a testa, porque se preocupava com o futuro das suas linhas de expressão. Tinha usado algumas camadas de corretivo, para esconder as olheiras da noite mal dormida, mas o tom era tão próximo da sua pele real que beirava o imperceptível.

Seus olhos eram bonitos. O tom de verde estava marcado por uma camada de rímel transparente. O delineador era rosa neon, como Karen havia explicitado, várias vezes, que queria ver: Maquiagem temática ou nada feito.

Seu cabelo era bonito. As pessoas costumavam sofrer com pontas duplas e centenas de outros problemas capilares, mas ela não conhecia nenhum deles. Seus fios loiros eram naturalmente hidratados, sem que precisasse fazer o mínimo

esforço para que ficassem daquela forma. Se vampiros fossem reais, Áustria diria que teriam cabelos como os dela.

Era isso que ela era, não é?

Bonita.

Tinha crescido ouvindo isso. As pessoas paravam sua mãe, na rua, para dizer que tinha um bebê lindo e brincar com suas mãozinhas pequenas. Seu pai tinha escolhido o nome Áustria, porque era um dos destinos mais lindos da Europa. Até seu meio-irmão, que não gostava tanto dela, não tinha comentários negativos sobre sua aparência.

Áustria adorava ser daquele jeito. As pessoas viviam em busca de coisas que ela já tinha naturalmente: Olhos claros, um nariz mais fino, peles lisas. A beleza havia lhe dado muitas coisas. Uma posição de destaque na escola, os concursos, *Hélia*. Mesmo sendo grata, ela costumava se questionar quais eram seus outros pontos fortes. O que ela era além de uma garota bonita?

Não sabia responder.

A maçaneta do quarto girou. Os dedos de Áustria tocaram no canudinho do copo, sugando mais um pouco da bebida.

— Tranque a porta — pediu, sem olhar naquela direção. Ainda encarava o espelho, fingindo uma tranquilidade digna de meditadores. — Na sua mensagem, disse que era a última vez que tentava falar comigo, mas me seguiu até aqui, mesmo assim. O que devo pensar disso?

O barulho da fechadura girando veio antes da resposta.

— Não interprete isso como um sinal de que estou correndo atrás de você.

— Correndo não. *Andando*.

— Imaginei que não fosse me ignorar pessoalmente, só isso.

Áustria fez que sim.

— Alguém viu você subindo?

A garota deu de ombros.

— Não sou tão obcecada com a minha reputação a ponto de ficar reparando.

Ela revirou os olhos.

— Viu? É por isso que não funcionamos juntas.

— Parece um bom motivo pra ter fingido que eu não existia nas últimas três semanas — ironizou.

Áustria moveu a cabeça de um lado para o outro, negando.

— O mundo não gira ao seu redor, Isis — disse, evitando não transparecer o quanto estava nervosa. — Tenho vários motivos pra ter ignorado você.

Isis arqueou as sobrancelhas escuras, como se não acreditasse.

— Vá em frente, tenho todo o tempo do mundo.

Áustria finalmente se virou na direção dela, apoiando as mãos nos joelhos. Isis era uma das melhores alunas da Graded. Seu nome estava sempre no quadro de honrarias do site, motivo pelo qual Áustria tinha recorrido a ela quando precisou melhorar suas notas. Não queria pegar aulas de reforço com alguém de American Saint, porque não queria contar que sua única forma de continuar estudando naquela escola era através de uma bolsa.

Para sua sorte, Isis era uma ótima professora. Para o seu azar, seus beijos eram ótimos também, o que culminava na situação que estavam.

Áustria tinha certeza que os bilhetes anônimos que recebera eram sobre Isis e não havia tido alternativa senão ignorá-la, desde então.

— Acho que eu me enganei.

Isis enrolou um cacho do cabelo nos dedos.

— Sobre o quê?

— Sobre tudo. Por um momento, eu pensei que pudesse gostar de meninas também, mas eu só estava confusa. Felizmente, as coisas estão claras agora. Não

podemos continuar, porque eu me descobri uma garota hétero.

Isis a encarou. Seus lábios pintados de rosa tremeram, e Áustria percebeu que estava segurando uma risada.

— O que tem de tão engraçado?

— Eu acho que pessoas hétero não se descobrem.

— É claro que se descobrem! — Áustria se levantou, indignada. —

Você não pode dizer que não gosta de uma coisa se nunca experimentou.

Isis deixou um risinho escapar. Não era maldoso. Era como se tivesse pena de Áustria, o que era bem pior.

— Não, de verdade. — Isis abanou o próprio rosto, a pele negra contornada por uma maquiagem brilhante. — Não é assim que a cabeça de gente hétero funciona.

— Eu acho que é sim. — Ela virou mais um gole de bebida. Os morangos amassados no fundo começavam a se misturar no líquido. — E

tenho mais propriedade pra falar, já que é a *minha* cabeça que estamos analisando.

— Sabe quando você parecia muito hétero? — Áustria não respondeu, então Isis seguiu a conversa. — No meu quarto, traindo seu namorado —

provocou.

— Eu estava numa jornada de descobrimento — disse, como se o tom malicioso da garota não estivesse presente. — Obrigada por fazer parte dela.

— Acho que eu também me enganei.

Áustria se sentou na cama de Karen.

Isis acompanhou o movimento, cruzando as pernas.

— Sobre o quê? — foi a vez da loira perguntar.

— Sobre você — Isis deu um sorriso amarelo. O deboche tinha desaparecido do seu rosto pálido. — Quando a gente se conheceu, pensei que fosse do tipo que não

se importa com a opinião dos outros. Achei que tivesse personalidade forte.

— Eu tenho uma ótima personalidade, obrigada.

Isis discordou com a cabeça. Os cachos do seu cabelo balançaram junto

— Olhando agora — de novo, havia pena em seus olhos azuis —, acho que você é só mais uma dessas garotas que vivem rastejando pela aprovação de pessoas que só as amam quando estão sendo perfeitas.

Áustria levou os lábios até seu canudo, postergando o assunto. Pensou quanto de bebida teria que engolir até Isis perceber que não queria continuar aquela conversa. A fala da garota deixara algo preso em sua garganta, e Áustria não sabia se estava com vontade de vomitar ou de chorar.

O canudo fez um barulho contra o copo, denunciando o fim do *drink*.

Tinha bebido tudo em menos de minutos e, agora, seus lábios estavam melados por causa do leite condensado.

— Está dizendo isso só porque eu te dei um fora — disse, sugando o líquido que não existia mais no copo. — Quer sair por cima da situação, mas

não dou a mínima. Se te faz sentir melhor, que seja.

Isis revirou os olhos. Ela moveu os lábios mais uma vez, sem dizer nada. Levantou da cama e caminhou até a porta, girando a chave contra a fechadura. Áustria a chamou de novo, antes que abrisse.

— Isis.

Ela se virou.

— Não conte a ninguém sobre o que aconteceu entre a gente — seu tom não era um pedido, mas uma ordem.

— Eu não vou contar. — Isis soltou o ar pelo nariz em um gesto de deboche. — Sou eu que não quero que as pessoas saibam que já estivemos juntas.

Ela saiu do quarto antes que Áustria tivesse tempo de responder. A loira se afundou na cama, sentindo as lágrimas tomarem conta da sua visão. O

ambiente perdeu a nitidez. Ela ficou um tempo olhando para o teto, concentrada na própria respiração, sem permitir que as lágrimas caíssem.

Quando achou seguro, levantou e foi até a penteadeira, de onde tirou um cotonete. Usou a ponta do objeto para absorver as lágrimas nos cantos dos olhos e sorriu para o espelho.

Ela não era uma farsa.

Ela era bonita. *Perfeita.*

Áustria esperou mais alguns segundos para sair do quarto. Do lado de fora, um garçom ofereceu um copo de bebida que ela aceitou, mesmo sem fazer ideia do que se tratava. O cheiro parecia de tequila, mas o aroma de todos destilados eram praticamente iguais.

Bebeu tudo em um gole só. A vontade de vomitar voltou, mas ela se manteve firme. Desceu os degraus da escada de forma cuidadosa. Sua visão estava um pouco turva, motivo pelo qual os corrimões foram essenciais na sua jornada até o primeiro piso. Tentou encontrar Karen, mas não havia sinal dela na pista de dança.

— Ei, Tri...

Era um garoto que falava com ela, mas Áustria não deu atenção. Acenou e seguiu em frente, sentindo-se ébria demais para engatar uma conversa. Se lembrou do combinado com Maya, na noite anterior. Ela já estava ali? Se sim, tinha falado com alguém?

Não teve sucesso em encontrar o cabelo laranja de Karen. Saiu da pista de dança, percorrendo os outros cômodos onde a festa acontecia. Na sala de televisão, um grupo de seis adolescentes jogava uma rodada de verdade ou

consequência. Áustria pensou em perguntar se tinham visto a aniversariante, mas eles pareciam todos muito empolgados com o jogo, gritando palavras desconexas cada vez que alguém girava a garrafa de cerveja no centro da roda.

Seguiu em frente. Na sala de jogos, um casal disputava uma partida de Mortal Kombat e dividia uma garrafa de bebida. Ela se cansou de procurar, então perguntou:

— Vocês viram a Karen?

A garota fez que sim, olhando para a tela, temendo perder a rodada.

— Ela desceu tem uns quinze minutos. Acho que foi pros jardins.

— O que ela foi fazer nos jardins?

A resposta foi um levantar de ombros como quem diz um “quem é que sabe?”.

Áustria respirou fundo. Enfrentou a multidão de adolescentes dançarinos mais uma vez, cortando caminho até o elevador pelos fundos do apartamento. Karen, provavelmente, estava perdida pelo prédio, talvez bêbada demais pra lembrar que morava na cobertura. Ninguém poderia julgá-la, porque estava fazendo dezoito anos e bebendo legalmente pela primeira vez.

Áustria apertou o botão do térreo e esperou. Os jardins do prédio de Karen eram lindos. Ficavam atrás da portaria e contavam com uma imensidão de flores, plantas e árvores. Se lembrava de ouvir a amiga dizendo que ganhara algum prêmio importante, mas não tinha prestado atenção para saber o nome.

Desceu no saguão. Cumprimentou o porteiro, mas logo percebeu que o homem dormia na sua cadeira presidente preta, apagado. Deu um sorriso para a própria gafe e continuou andando até os jardins. Tirou os sapatos antes de entrar, para que os saltos não afundassem na terra. Se estivesse sóbria, talvez arriscasse se equilibrar em cima deles.

Ela ouviu a voz de Karen antes de localizá-la.

— Eu tenho certeza que isso são briófitas.

Como esperado, estava muito bêbada, deixando uma risada escapar a cada palavra.

— Eu tenho certeza que faltou nas aulas de biologia. Gramas são angiospermas.

Áustria parou ao ouvir a segunda voz. Quase deu meia volta, mas seus olhos curiosos encontraram a dupla primeiro: Karen e Maya estavam

sentadas embaixo de uma árvore, dividindo um cigarro. De onde estavam, não tinham uma visão de Áustria. Ela precisaria se aproximar mais alguns centímetros, se quisesse ser vista.

Ela fez uma careta de nojo. Como Karen podia dividir um cigarro com alguém que mal conhecia era um mistério que não queria solucionar.

— Angiospermas — ela repetiu, como se a palavra fosse muito engraçada. — Eu duvido.

Áustria revirou os olhos. *Que papo merda.*

— Continue duvidando. — Maya tragou, soltando a fumaça pelos lábios lentamente. — Se for questão de prova, vou tirar uma nota maior que a sua.

Karen tomou o cigarro das mãos dela, então assentiu.

— Ótimo, eu gosto de garotas inteligentes.

Áustria sentiu que poderia vomitar ali mesmo, nas *angiospermas* do jardim premiado. O tom de flerte da amiga revirou seu estômago, prejudicado pelo álcool. Ela nunca tinha mencionado nenhum interesse em Maya, motivo pelo qual a cena em sua frente parecia pertencer a uma realidade paralela. De repente, a justificativa de Karen na cozinha fazia muito mais sentido.

Convidei pessoas que eu quero pegar.

A risada de Maya cortou sua linha de pensamento.

Não ria das piadas dela, Áustria pensou, cerrando os olhos.

A dupla ficou alguns instantes em silêncio. Maya colocou uma mecha dos cabelos ruivos de Karen atrás das orelhas, então desceu os dedos até sua nuca e ficou de joelhos, para chegar mais perto. Suas bocas se encontraram em um beijo que parecia cinematográfico.

Não a beije também, Áustria protestou, apenas em pensamento.

Ela se sentiu ridícula por estar presenciando aquela cena, então, caminhou em passos lentos de volta, para dentro do prédio, temendo fazer qualquer barulho e correr o risco de ser pega. A grama tocando a sola de seus pés deixou de ser um toque prazeroso e se tornou um fardo, um atestado do que tinha acabado de assistir.

Estava com raiva.

Era absurdo que Karen se envolvesse com uma concorrente assim, de forma tão descarada.

Do lado de dentro, Áustria calçou seus sapatos de volta. Estava caminhando em direção aos elevadores quando viu o quadro de irrigação do condomínio. O jardim era um projeto coletivo, para incentivar a colaboração entre os vizinhos, motivo pelo qual o sistema era simplificado e todos podiam

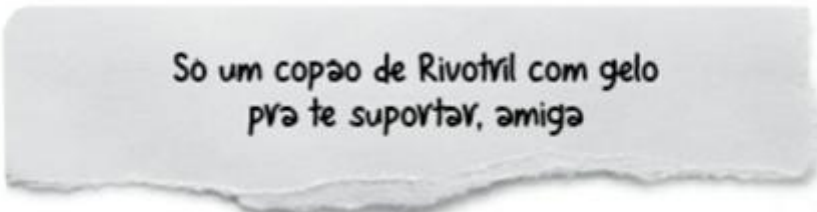
irrigar as plantas quando quisessem. Um panfleto com instruções jazia ao lado dos botões, e Áustria fez uma leitura básica para entender como funcionava.

Configurou o temporizador para irrigar durante quinze minutos na potência máxima e apertou o botão que confirmava o procedimento. Fechou o quadro e deu um sorriso para o próprio reflexo.

Era bom que ficassem molhadas.

Ensopadas.

Seria melhor ainda que se *afogassem*.



So um copao de Rivotril com gelo
pra te suportar, amiga

O s tênis encharcados de Maya deixaram marcas no corredor.

Sua blusa larga tinha se transformado em um vestido, evidenciando cada centímetro da sua silhueta por causa da água que mantinha a roupa colada na pele. Era a segunda vez, em menos de 30 dias, que acabava molhada em público e, pelo menos, dessa vez, tivera a inteligência de usar uma maquiagem à prova d'água. Seu delineador estava intacto, preenchendo o canto dos olhos até boa parte das têmporas. Seus cílios postiços não tinham se saído tão bem, mas resistiam bravamente em se manter colados nas pálpebras.

Karen não estava muito melhor. Tinha certeza que seu vestido *tie-dye* era pra ser lavado à seco, o que explicava por que as manchas coloridas pareciam cada vez maiores e desconexas. Um filete de água colorida de azul escorria por sua perna.

— Não sei o que aconteceu. — O cenho de Karen estava franzido. Seus dedos estavam pousados na maçaneta do quadro de irrigação do prédio e ela tinha acabado de fazer uma breve análise, embora Maya duvidasse da sua capacidade de enxergar um problema, caso existisse um. — Nunca deu problema antes.

— Mas as plantas estão bem, não estão?

— Acho que os hibiscos da Síria se afogaram — Karen riu, a voz embolada e típica de quem tinha bebido além da conta. — Mas são as plantas mais sem graça que temos, de qualquer forma.

Maya assentiu, enquanto chamava o elevador. Ela não quis dizer que os hibiscos, na verdade, se chamavam *mugunghwa* e eram a flor nacional da Coreia, porque Karen claramente não sabia disso – e nem tinha obrigação de saber. O nome fazia referência à eternidade, porque a planta mantinha-se florida durante todo o ano. Todos os homens da família de Maya tinham pedido as esposas em casamento com um buquê de hibiscos, uma tradição que jurava garantir amor eterno aos casais que se unissem dessa forma.

No seu aniversário de quinze anos, Lúcia havia contado a história sobre

a flor e lhe entregado uma caixa com sementes para que plantasse e cuidasse, até o dia que quisesse dá-las a uma pessoa especial. No início, Maya desacreditou da mãe, visto que a mulher tinha acabado de assinar os papéis do divórcio com seu pai. Depois de alguns meses e mais maturidade, plantou as flores, certa de que, às vezes, casais continuavam se amando, mesmo sem estarem juntos. Ela era fruto de uma relação bonita, ainda que finita.

Anos haviam se passado e as flores estavam bem, obrigada, mas Maya nunca encontrou ninguém com quem quisesse dividi-las.

Karen percebeu a porta do elevador se abrindo primeiro. Maya a seguiu, apertando o botão da cobertura. Na última vez que tinham conversado, Karen tinha a acusado de roubar o namorado da amiga e, naquela noite, estavam se beijando. Era estranho e improvável, mas Maya não se importava, desde que não tivessem que falar sobre aquilo na segunda-feira.

Maya apoiou uma das mãos na cintura molhada de Karen, empurrando-a contra a parede do elevador. A ruiva deixou escapar um risinho alcoolizado antes de colar os lábios nos seus. O gosto de tequila invadiu a boca de Maya.

Tinha a impressão que havia tanta bebida no sangue de Karen que poderia ficar tonta por tabela, só encostando a língua na dela.

As portas se abriram de novo, dessa vez, na cobertura. Alguns dos convidados perdidos no corredor viram o beijo que protagonizavam, mas nenhuma das duas se importava. Ainda que fossem um casal inusitado, não chegava a ser uma surpresa. Karen estava sempre com uma garota diferente e já tinha saído com tantas que isso deixou de ser uma fofoca relevante.

Karen segurou sua mão e a puxou para dentro do apartamento. As pessoas que ainda estavam sóbrias perguntavam o que tinha acontecido com suas roupas, mas ela apenas ria, sinalizando um pequeno imprevisto. A pista de dança tinha esvaziado consideravelmente. Estavam naquele ponto da festa onde os muros sociais são derrubados. A maioria das pessoas estava bebendo, flertando ou, os mais espertinhos, se agarrando. Também havia o seletto grupo que passava mal, e os que riam dos que passavam mal. Uma confusão típica das reuniões adolescentes, ao som de *All The Things She Said*, de t.A.T.u.

Aquela era uma das primeiras músicas que Maya tinha aprendido a remixar na mesa de som.

Seus olhos varreram a pista, encontrando os cabelos longos de Áustria refletindo na luz negra, alternando entre tons de branco e lilás. Ela estava dançando com um garoto do terceiro ano. Maya se lembrava de ter elogiado seus tênis coloridos – e muito caros – certa vez. Se não estivesse errada, seu

nome era Yuri.

Maya fez Karen parar.

— Acha que ela tá bem? — perguntou, apontando para Áustria.

— Sim — ela deu de ombros —, só um pouco bêbada.

— Parece muito bêbada — disse, acompanhando os movimentos de Áustria. Mesmo com todo álcool que, claramente, corria por seu sangue, ela dançava bem, o que não justificava que estivesse rebolando sensualmente ao som de uma música que sequer tinha ritmo para tal.

— Sabe o que significa quando as pessoas começam a parecer bêbadas demais? — Karen abriu um sorriso malicioso. — Que você está bêbada *de menos*. — Maya

revirou os olhos, mas a ruiva nem sequer notou. — Eu vou lá dentro buscar umas toalhas pra gente. Relaxa e bebe um pouquinho mais.

Maya não se moveu. Deixou que Karen se afastasse e continuou nos cantos da pista de dança, observando Áustria. Demorou um minuto ou dois até que seus olhares se encontrassem. A música deixou de ser t.A.T.u, dando lugar aos primeiros acordes de *Boyfriend*, da Dove Cameron. Áustria levou Yuri ainda mais para o centro da pista e continuou sua dança, atraindo cada vez mais olhares. Os masculinos em maioria.

Maya sentiu que deveria desviar sua atenção, mas não o fez. Áustria estava olhando diretamente para ela, numa espécie de provocação diabólica que a morena não tinha entendido ainda. Estava começando a ficar vergonhoso, à medida que mais garotos se aproximavam para assistir.

Maya queria perguntar se Áustria sabia que aquela música era sobre um casal sapatão.

As mãos de Yuri, antes apoiadas em sua cintura, agora desceram pelas coxas, ameaçando subir alguns centímetros do seu vestido. Quando os caras da plateia começaram a incentivar o gesto, Maya soube que era hora de intervir.

Não que Áustria merecesse sua intervenção.

Ela se infiltrou na pista de dança e, sem cerimônia, segurou o antebraço de Áustria, puxando-a para longe de Yuri.

— Parece que o show acabou. — Uma onda de vaias acompanhou seu gesto, sobrepondo a música e a atmosfera ébria das cores neon.

— Deixa de ser sem graça, *xing ling*.

No meio da multidão, Maya não conseguiu ver quem tinha disparado a ofensa, mas levantou o dedo médio alto o suficiente para que todos vissem.

Áustria estava aérea, distraída com os próprios pensamentos embriagados,

sem entender direito o que acontecia. Maya não quis dar explicações, em um primeiro momento. Ainda ouvindo vaias, se limitou a arrastá-la até a cozinha, satisfeita em ver o cômodo vazio, o que lhe traria um pouco de paz nos próximos minutos.

Fechou a porta e colocou um banquinho na frente, evitando que qualquer um entrasse.

As luzes estavam apagadas.

Áustria riu sozinha.

Maya tirou a touca verde que usava no cabelo, torcendo-a na pia. Um filete de água escorreu do tecido.

— Por que você tá tão molhada? — a loira perguntou, com as palavras emboladas, as letras se atropelando. Maya não respondeu, então Áustria tentou de novo. — Por que me tirou de lá? Eu estava me divertindo!

— Estava passando vergonha — Maya sibilou. — Vai me agradecer mais tarde.

— Não. — Ela cambaleou pela cozinha, parando na bancada central e sentando-se em um dos bancos. — *Você* vai me agradecer mais tarde.

Descobri uma coisa sobre a morte do Hélia.

Maya a encarou.

— O quê?

Áustria deixou mais uma risada escapar.

— Eu não lembro — ela engasgou no meio da risada —, mas era sobre... *Yuri*. Tenho certeza que era sobre ele.

Maya revirou os olhos, sua paciência consumida pelo álcool que já tinha ingerido naquela noite.

— Não revire os olhos pra mim! — bradou, com a voz fina e bêbada.

Maya colocou a touca de volta na cabeça e caminhou até a geladeira, procurando algo que fosse doce o suficiente para amenizar aquele estrago. —

Pelo menos, eu fiz alguma coisa. Você estava lá embaixo beijando a Karen, que nem é uma suspeita!

— Como sabe que eu estava... — Ela parou, encarando as prateleiras geladas cheias de alimentos coloridos. Os pontos se ligaram aos poucos. —

Meu Deus! Foi você, não foi? O sistema de irrigação! Karen disse que nunca disparou sozinho antes.

Ela moveu a cabeça em negativa, tão rápido que Maya teve a impressão de que seu pescoço poderia quebrar ao meio.

— Eu não fiz nada — Áustria riu de novo. — Vi vocês por acaso.

Maya tirou uma caixa de leite condensado aberta da geladeira, voltando para perto da bancada central.

— Eu devia deixar seus dois olhos roxos, patricinha mentirosa — Maya bufou, segurando o rosto de Áustria com uma das mãos. A loira continuou rindo, como se não se importasse com a ameaça. — Abre a boca.

Áustria negou.

— Eu tô a dois passos de perder a paciência, tá? Mais uma gracinha e vou te deixar sozinha nessa festa. E que me perdoe o feminismo, mas não dou a mínima se alguém vai passar a mão em você quando está bêbada demais pra saber se quer isso ou não. *Abre-a-boca* — repetiu, soletrando cada letra.

Dessa vez, Áustria seguiu sua ordem, intimidada pelo tom sério. Maya empurrou seu rosto um pouco para trás, com os dedos apoiados em seu queixo. Ela ficou na ponta dos pés e apertou a caixa de leite condensado, deixando que o líquido espesso tomasse conta da língua de Áustria.

Com cuidado, Maya voltou seu rosto para a posição original, como se fosse um manequim. Seria mentira dizer que não tinha gasto algum tempo encarando seus lábios, uma fina camada de *gloss* nude e brilhante cobrindo a pele. Queria encostar neles e descobrir se eram tão macios quanto pareciam, mas se conteve.

— Engole.

Áustria o fez, os lábios se curvando em uma careta pela quantidade de açúcar. Maya soltou seu rosto quando teve certeza de que ela não cuspiria e deixou a caixa de leite moça apoiada em um dos extremos da bancada.

— Pode voltar pra festa — disse, limpando os lábios com a ponta dos dedos. — Eu estou bem — mas suas palavras ainda se embolavam na língua, seu olhar estava perdido. Não conseguia ficar muito tempo sem soltar uma risada desconexa também.

Maya não disse nada. Se limitou a revirar os olhos mais uma vez e esticar um dos braços para pegar a garrafa de vodka que jazia por ali. Tirou a tampa e bebeu direto do bico, com cuidado para não encostar no bocal. O

silêncio entre elas era constantemente interrompido pelas músicas da sala e por convidados desavisados tentando acessar a cozinha. Empurravam a porta, percebiam o empecilho e logo iam embora. Maya esperava que os garçons não tivessem problemas devido a sua interdição.

— Onde você mora? — Maya perguntou, abandonando a garrafa. —

Posso te levar de *uber* até lá.

Áustria ergueu um dos ombros. Bufou, levantando alguns fios da franja

loira, de repente, parecendo irritada.

— Não quero.

— Vai dormir aqui?

Áustria moveu o dedo indicador de um lado para o outro.

— Estou de saco cheio de todo mundo — protestou, com um gemido insatisfeito escapando no fim da frase. — Quero ficar sozinha. Esses idiotas não vão embora nunca — sua reclamação se misturou com uma risada de escárnio.

Maya mordeu o lábio. Ficar encurralada na cozinha até a festa terminar não era uma coisa que queria fazer.

— Pode ir pra minha casa se quiser — sugeriu, ciente de que se arrependeria de tal convite mais tarde, mas sem enxergar outras alternativas melhores. Karen estava bêbada demais para cuidar dela, e deixá-la ali sozinha parecia receita para um desastre.

Áustria a encarou, curiosa.

— Por que está me ajudando?

Maya não respondeu à pergunta.

— É pegar ou largar. — Ela apontou para o relógio na parede da cozinha. — Você tem, tipo, uns dez segundos pra decidir.

A mão esquerda de Áustria tentou alcançar a garrafa de vodka em cima da bancada, mas Maya acertou seus dedos com um tapa. A loira gemeu, descontente.

— Tanto faz — e essa era a forma de Áustria dizer que sim.

Maya quis bufar diante da sua indiferença, mas não o fez. Mesmo bêbada, ela continuava se comportando como um cubo de gelo em cima de um par de saltos.

— Vou chamar o *uber*.

Seria uma *longa* noite.

A missão de levar Áustria até o carro não foi mais simples que todo o resto. Ela era uma bêbada chata, do tipo que se distraía fácil e tinha a mesma curiosidade de uma criança de cinco anos. Queria tocar em tudo que via pela frente, como se não entendesse a lógica por trás de um vaso de flores ou um espelho. Também fora difícil fazer uma saída discreta. O tom de voz de Áustria estava mais alto que o normal e as risadas constantes se mantinham.

Felizmente, os convidados de Karen estavam tão ou mais bêbados que ela e,

ao menos durante aquela noite, Áustria Fontes não se destacava no meio da multidão.

Agora, sentada no banco de trás do carro, o furacão loiro parecia finalmente ter se acalmado. O motorista de meia idade não era um senhor simpático: Tinha as recebido com um “Vocês não vão vomitar no meu carro, né?” severo o bastante para que até a mente bêbada de Áustria entendesse.

Ela estava quieta, a cabeça apoiada no vidro da janela, no mais completo silêncio. Caía uma garoa fina e, às vezes, ela erguia um dos dedos na direção delas, acompanhando seus movimentos. Aproveitou o vidro embaçado do veículo para desenhar a letra I, apagando-a segundos depois. Maya viu quando uma lágrima

gorda escorreu por seu rosto repleto de maquiagem, mas não quis perguntar porque chorava.

Talvez nem ela soubesse responder.

Áustria se virou para Maya, de repente.

— Me sinto enjoada.

Pelo retrovisor, Maya viu os olhos do motorista adquirirem certo pânico.

— Nós já estamos chegando — disse mais para ele do que para ela.

— É melhor pararmos pra garota vomitar... — a voz do homem foi interrompida de forma brusca. Até o som do *blues* que tocava no rádio do carro desapareceu, de repente, dando lugar a única coisa que conseguiam ouvir: O barulho do vômito escorrendo pelos lábios de Áustria e atingindo o banco da frente. O tecido de pano logo absorveu o líquido ácido, uma mistura de cheiro de bebida e estofado.

Maya fez uma careta de nojo, esforçando-se para não vomitar também.

O motorista estacionou de forma torta, furioso.

— Eu lavei a porra do carro faz dois dias!

Ela ignorou seu comentário, empurrando a porta do banco traseiro para que Áustria saísse.

— É melhor você tomar um ar — sugeriu, saindo atrás dela. — Vai vomitar mais?

Grogue, Áustria deu de ombros. Saiu do carro com ajuda de Maya, tendo alguma dificuldade para se manter de pé.

— Eu pago a lavagem do seu carro — Maya tentou.

No volante, o homem revirou os olhos.

— É por isso que odeio atender bêbado! — Ele tirou o cinto de segurança e, por um instante, Maya pensou que o homem poderia estar pensando em partir para cima delas. Felizmente, ele apenas se esticou no

assento, puxando a porta do banco traseiro com força. Arrancou em seguida, deixando as duas sozinhas.

Os dentes de Maya rangeram.

— Filho da puta! — sibilou.

Áustria abraçou o próprio corpo, desconfortável. Limpou os lábios com as costas da mão, mais de uma vez.

— Vai chamar outro *uber*?

Ela negou.

— Meu condomínio é perto daqui.

— É madrugada — Áustria passou os olhos pela rua, sem encontrar nenhum sinal de vida. Gemeu. — Somos duas garotas bêbadas e sozinhas, tem alguma dúvida de que vamos ser mortas?

— Você está bêbada, eu não. — Ela tirou o celular do bolso da calça, abrindo o aplicativo do *Google Maps*. — Tá vendo? Meu prédio fica a dez minutos daqui.

— Vamos ser mortas.

— Para de dizer que vamos ser mortas!

— E picadas. E nossos órgãos vão ser vendidos pra algum país do submundo e nossos parentes nunca mais vão nos ver...

— Devia ter pensado nisso antes de vomitar — Maya cortou.

— Eu não controlo meu vômito! — Os olhos de Áustria estavam vermelhos. Maya não sabia se por causa das lágrimas de reflexo que vinham com o enjoo ou pelas lágrimas de tristeza que tinha deixado escapar no carro.

— Foi *você* quem me convidou pra sua casa.

— E já estou me arrependendo.

— Então me deixe na rua.

— Você é uma bêbada chata. — Como havia feito na festa, Maya colocou as mãos no antebraço de Áustria, puxando-a. — Nunca mais beba perto de mim — reclamou, tentando fazer com que a loira andasse no mesmo ritmo que ela. Não aconteceu. Os passos trêbados de Áustria ficavam ainda mais lentos por causa dos saltos altos, que dificultavam seu equilíbrio. Maya pensou em sugerir que se livrasse deles, mas era evidente que Áustria preferia cair de cara a sujar seus pés.

Maya largou seu antebraço. Deixou que tomasse a frente.

— Vou ficar atrás pra você não cair — disse, apoiando as duas mãos na sua cintura. Notou que Áustria tinha parado de respirar por alguns instantes, surpresa com o toque. Naquela noite, ela não estava usando Chanel número

cinco, mas uma fragrância pegajosa com cheiro de canela.

Nesse formato, a dupla conseguiu avançar alguns metros.

— Tenho uma pergunta — Áustria murmurou, quando estavam mais próximas da portaria do condomínio de Maya.

— Se for uma pergunta de gente bêbada, não faça.

Maya continuou com as mãos em sua cintura. Era tão fina que seus dedos poderiam se encontrar ao redor dela se fizesse algum esforço.

— Por que beijou a Karen? — Solto. Maya deu uma risadinha, ciente de que aquela era uma das perguntas de gente bêbada que queria evitar. — Se quer minha opinião, sou mais bonita que ela.

Maya cerrou os olhos. Encarou as próprias mãos ao redor do vestido de Áustria, analisando cada centímetro de suas costas nuas. Tinha uma pequena mancha contornando a coluna, bem onde a argola brilhante do tecido se apoiava.

— Acho que você morreu com uma facada nas costas.

Áustria riu.

— O quê?

— Estava pensando alto — murmurou — Tem quem acredite que as marcas de nascença mostram como morremos em nossas vidas passadas.

Você tem uma marca na coluna. — Ela passou um dos dedos pela pele da loira, então se afastou.

— Isso é pra não responder minha pergunta?

Maya deu de ombros.

— Não sei o que quer dizer com “sou mais bonita que ela”.

— Literalmente o que eu disse — mais uma frase embolada. — Que sou mais bonita.

— Então queria que eu te beijasse?

Áustria parou de andar, como se a pergunta tivesse a despertado de um sono profundo. Se virou na direção de Maya, mas não respondeu. Ficou encarando. Seu olhar agora parecia uma floresta selvagem, nefasta e cheia de segundas intenções. Se fizessem uma cor de esmalte no tom dos seus olhos, o nome seria verde-destruição.

Hesitou um, dois, três, quatro, cinco, seis segundos.

— Não. Não foi isso que eu quis dizer.

— Viu? — Maya apontou para os portões do condomínio, deixando o assunto de lado. O porteiro havia notado a aproximação das garotas e aberto uma das passagens que costumava ser usada pelos moradores que entravam a

pé.

— Não estamos mortas.

Áustria soltou um risinho debochado, mas assentiu.

O silêncio reinou entre elas durante o caminho até o apartamento.

A loira ainda parecia abatida e, por mais que Maya estivesse curiosa para saber o motivo, não quis perguntar. Aquele não era o comportamento usual de Áustria, Maya sabia. Já tinha participado de outras festas onde a garota estava presente e ela nunca bebia mais do que um ou dois copos, sempre contida, do primeiro minuto ao

último. Aquela Áustria, que caminhava pelo condomínio de Maya, parecia uma sátira de si mesma, o cabelo bagunçado e os cantos dos olhos borrados.

— Eu acho que todo mundo aqui em casa já deve estar dormindo —

disse Maya, pausadamente. — Vamos tentar não fazer barulho.

Áustria levou uma das mãos até a boca, como se fosse incapaz de ficar quieta por si só. Bêbada, ela continuou da mesma forma até que entraram no apartamento, passos lentos até o quarto de Maya. Quando a porta se fechou, Áustria deu um sorriso aliviado, satisfeita por ter cumprido a missão recém-imposta.

— Que quarto enorme — Áustria comentou, observando as paredes pintadas de salmão. A cor combinava perfeitamente com o laranja neon das colchas de Maya, tão vibrante e chamativo quanto a maioria das roupas que a garota costumava usar. — É bem maior que o meu.

— Duvido. — Maya gesticulou. — Minha experiência com gente bêbada diz que vai se sentir melhor se tomar um banho.

Áustria ficou em silêncio, enrolando um fio de cabelo loiro nos dedos.

Perdeu um bom tempo nisso e, por um instante, Maya pensou que ela tinha ignorado sua sugestão.

— Não sei se consigo ficar de pé dentro do box, por tanto tempo.

— Tenho uma banheira.

Áustria insistiu na negativa.

— Vou me afogar – ou talvez você me afogue.

Maya riu.

— É um risco que você vai ter que correr. — Caminhou até o banheiro da suíte e abriu a porta. — Vai se sentir melhor — repetiu —, juro.

Hesitante, Áustria aceitou. Maya fechou a porta do banheiro assim que a garota passou, para evitar que as conversas entre as duas ecoassem pela casa.

Tirou uma escova de dentes do armário, ainda dentro da embalagem.

— Toma. — Colocou em cima da pia. — Os shampoos estão aqui em cima. — Apontou para os frascos. — Tenho bombas de banho em algum canto, também. Você quer que eu fique aqui? Tô com medo de te deixar sozinha.

— Pode ficar — Áustria sussurrou, aproximando-se da pia para escovar os dentes.

Maya fez que sim. Voltou a mexer no armário e, depois de revirar algumas gavetas, encontrou sua caixa de bombas de banho. Era uma daquelas coisas inúteis que tinha comprado durante uma madrugada, mas eram cheirosas e gravá-las estourando dentro da água nunca perdia a graça.

Girou o registro da banheira, enquanto Áustria terminava de escovar os dentes. Tirou a bomba vermelha de dentro da caixa e colocou na água, assistindo ao formato circular, aos poucos, virar espuma. Logo percebeu que não tinha sido a sua melhor escolha. De um segundo para o outro, sua banheira aconchegante parecia uma cena de crime.

Pelo canto dos olhos, Maya observou Áustria se movendo na frente do espelho. Ela prendeu o cabelo em um coque no topo da cabeça e desceu o vestido pelo corpo, gesto que fez Maya mudar o foco da sua atenção. Deixou a água vermelha de lado e abaixou a tampa da privada para se sentar.

Se, semanas antes, alguém dissesse que Áustria Fontes estaria nua, no seu quarto, no meio da madrugada, ela não acreditaria. Tantas coisas absurdas haviam acontecido naquela noite que ainda não tinha certeza de que não estava alucinando.

— Pode olhar pra mim. — Áustria percebeu sua movimentação, segundos antes de fazer uma careta para a água colorida.

— Não quero que fique desconfortável.

Mergulhou o corpo na banheira, cansada demais para questionar o tom sangrento que consumia o espaço.

— Por que eu ficaria desconfortável?

— Sei lá. Depois de descobrirem que eu era bissexual, algumas amigas pararam de se trocar na minha frente.

Áustria fez uma careta. Ela demorou alguns segundos para responder, o raciocínio mais lento por conta do álcool.

— Que gente babaca.

— É. Acho que sim.

Ela afundou o corpo na banheira, olhando para o teto.

— Desculpa — pediu.

Maya arqueou uma das sobrancelhas.

De todas as surpresas da noite, essa era a maior.

— Pelo quê?

— Por tudo que eu fiz — disse, envergonhada. — E, considerando que somos rivais no concurso, por tudo que ainda vou fazer.

Maya achou graça.

— Essa coroa é mesmo tão importante?

Áustria confirmou.

— Eu preciso mais dela do que você.

— Na verdade, essa coroa vai me dar uma mesa de som nova, então acho que também preciso muito dela.

— Devia buscar a que Hélia comprou pra você.

Maya negou.

— Ele tinha essa mania de querer agradar as pessoas com tudo que o dinheiro pode comprar, mas nunca aceitei seus presentes mirabolantes em vida, não vai ser em morte que vou fazer isso. Se o conheço bem, tenho certeza que comprou sabendo que eu não ia ficar com ela.

Áustria concordou.

— De qualquer forma, não foi isso que eu quis dizer com *precisar*. As diferenças entre nós são óbvias. — Ela apoiou a cabeça nos joelhos. Sua fala estava bem menos embolada do que antes, mas Maya ainda conseguia enxergar os efeitos do álcool em seus gestos. — Você é muito mais que uma garota bonita. Acho que é por isso que nunca fui com a sua cara. Tenho inveja da sua liberdade e da sua gentileza. Se eu fosse, pelo menos, um pouquinho mais parecida com você, não me importaria com essa merda de coroa. E muito provavelmente não estaria aqui.

— Aqui? — Maya cerrou os olhos. — Nessa banheira?

— Nessa banheira que parece uma cena de assassinato — assentiu, rindo —, bêbada e de coração partido, desabafando com uma pessoa que nem gosta de mim.

Maya observou uma bolha de sabão escapar da espuma.

— Não parece uma cena de assassinato — protestou, unicamente pelo prazer de discordar. — Agora entendi porque bebeu tanto. — Ela deu espaço para que Áustria mudasse o assunto da conversa. As palavras que saíam dos lábios da loira pareciam íntimas demais, mas ela não demonstrou interesse em fugir do assunto. Então, Maya continuou: — E quem foi?

Ela riu.

— Que partiu meu coração?

— Isso.

Áustria moveu a cabeça em negativa, como se Maya fosse incapaz de entender.

— Esse é o pior de tudo. Não ter onde depositar a culpa. Seria divertido ter uma foto, um presente pra destruir em um momento de raiva ou, sei lá, uma pessoa de quem falar mal com as amigas. — Ainda abraçada nos próprios joelhos, ela usou o dedo indicador para fazer círculos na água cheia de espuma. — Fui *eu*. Sou a responsável. Se alguém partiu meu coração, esse alguém fui eu mesma.

Voce tá querendo *****
e não tá sabendo pedir

Áustria acordou sentindo o cheiro de morangos.

Ela não abriu os olhos de cara. Suas têmporas latejavam. Seu cérebro era atingido por flashes da noite anterior, de tempo em tempo, como cortes de um filme que tinha visto pela metade. Isis, Yuri, Karen. Tudo estava ali, mas se apresentava de forma desconexa demais para que ela entendesse.

Lembrava de ter vomitado, mas seus lábios estavam com gosto de menta. Com algum esforço, recordou do banho antes de dormir, da conversa com Maya, das farpas que tinham trocado ao longo da noite. Áustria se moveu singelamente pelo colchão, afundando a cabeça no travesseiro macio.

Entendeu onde estava, mas abriu os olhos para conferir. As paredes cor de salmão não poderiam ser mais características.

Áustria piscou. Sonolenta, demorou a perceber que sua mão estava apoiada na cintura de uma Maya adormecida, gesto que tinha feito de forma inconsciente, enquanto dormia. Como se a pele da garota pudesse entrar em combustão espontânea, Áustria recolheu a mão, juntando a esquerda e a direita na frente do corpo, um tanto nervosa com a proximidade entre elas.

Ah, sim.

Só tinham uma cama.

Depois do banho, Maya dissera que Gabriela costumava ficar no chão quando dormiam ali. Áustria recusou sua oferta com veemência, com um argumento muito justo: Já teria que lidar com a ressaca no dia seguinte, não precisava de uma coluna travada também. Por fim, decidiram dormir juntas.

A cama de Maya era no modelo viúva e, embora fosse espaçosa, não havia como um casal dividir o espaço sem se tocar de vez em quando.

Maya se remexeu no colchão.

— *Annyongi* — os lábios da garota se moviam, mas ainda estava de olhos fechados. Sua voz não era mais que um sussurro. Sem entender o que a garota dizia, Áustria fez uma careta. — *Jumuseyo. Annyon... Haseyo.*

Ela demorou mais alguns segundos para compreender que Maya não

falava português. Deduziu que se tratava de palavras em coreano, não por conhecer o idioma, mas porque era a opção mais óbvia, chutando pelo sobrenome da garota.

O cheiro de morangos ficou mais intenso quando Maya rolou na cama outra vez. Áustria deu um meio sorriso ao perceber que a fragrância vinha dos seus fios de cabelo escuros, as duas únicas mechas brancas perdidas entre a pele do rosto e do pescoço. Ela recapitulou todas as informações que tinha sobre sua concorrente, enquanto tirava uma lasca de esmalte cor de rosa das unhas: Maya Jeong fala coreano enquanto dorme, tem cheiro de morango e um senso de humor macabro que assusta a maior parte das pessoas.

Cansada de observá-la, Áustria se levantou. Sem o efeito do álcool para alterar sua percepção, conseguia enxergar mais detalhes do quarto de Maya: os pôsteres enquadados na parede – Steve Aoki e Kurt Cobain, lado a lado, o que era, no mínimo, uma combinação estranha –, ingressos de shows perdidos na mesinha de estudos e uma coleção de funkos de terror em uma prateleira. Áustria fez uma careta. Se estivesse sóbria na noite anterior, talvez não conseguisse dormir no mesmo cômodo que uma miniatura da garota do exorcista.

Áustria recuperou sua bolsa na pia do banheiro. Tirou o celular de dentro dela e fez uma careta para o número absurdo de novas notificações.

Ignorou a conversa de Karen e Yuri para mandar uma mensagem para o pai, avisando que estava tudo bem. Ele, provavelmente, faria um discurso, mais tarde, sobre ser um homem velho que não podia lidar com emoções fortes, muito menos com a preocupação de não saber onde sua filha mais nova está.

Osmar finalizaria com um “se algo acontecesse, sua mãe me mataria”, porque, no fundo, era essa a grande questão.

Áustria duvidava que o matasse.

Ela bocejou. Seus olhos encontraram o vestido brilhante que usava na noite anterior, pendurado na porta da suíte. Só então ela se deu conta que vestia uma camiseta de Maya. Era um daqueles modelos grandes demais, parecidos com as roupas que Billie Eilish usaria. Preta, com uma frase verde-neon em evidência: *Mães de planta são as melhores mães*. Áustria tinha a impressão que o preto deixava suas olheiras de ressaca maiores.

Lavou o rosto. Abriu o ralo da banheira, eliminando a água sanguinolenta do seu último banho. Dobrou o vestido, organizou as maquiagens jogadas na bancada e escovou os dentes duas vezes. Quando terminou, ainda não sabia o que fazer.

Ir embora seria grosseiro. Ficar seria estranho.

A garganta seca de Áustria reclamou. Estava com tanta sede que sentia dificuldade para engolir a própria saliva, e o gosto de pasta de dentes na sua boca não melhorava a situação. Ela considerou abrir a torneira do banheiro, mas seria nojento beber água não filtrada, então, desistiu da ideia.

Encarou a tela do celular. Eram dez horas da manhã. Esperaria até onze horas e, se Maya não acordasse, deixaria um bilhete agradecido e iria embora.

Não fazia nem ideia de que parte de São Paulo estavam, mas poderia chamar um *uber* – um que não fosse tão grosseiro quanto o da noite anterior.

Com cuidado, Áustria abriu a porta do quarto de Maya. Uma música animada vinha da sala de estar, acompanhada do cheiro de pão e manteiga derretida. Ela se perguntou se conseguiria ir até a cozinha e beber um copo de água sem ser vista. Então, percebeu que não sabia qual era seu papel dentro daquela casa. Não tinha ideia de como a família de Maya a enxergaria: Amiga? Convidada? Sexo casual que perdeu a hora de ir embora?

Sinceramente esperava que não fosse a última alternativa.

Áustria tocou na maçaneta do quarto. Considerou voltar e beber água da pia. Seria só mais um detalhe na sequência de humilhações pelas quais tinha passado nas últimas vinte quatro horas. Moveu a cabeça de um lado para o outro, negando a ideia para si mesma. Nesse caso, tentaria passar por amiga.

Ela caminhou lentamente pelo corredor, atenta aos detalhes da decoração. Havia várias fotos de Lúcia Jeong emolduradas, nos mais diversos momentos da sua carreira, indo do primeiro concurso que havia ganhado ao último. Áustria conhecia vagamente a história da mãe de Maya. Não chegara a ter uma carreira tão imponente quanto a da avó da garota, Min-Ji Jeong, que se afastou dos concursos aos vinte e dois anos, por motivos que nunca tinham ido à público.

Se tivesse alguma intimidade com Maya, Áustria perguntaria.

O penúltimo quadro não era de Lúcia, mas de Min-Ji. Um recorte de uma matéria no jornal, sobre sua vitória em um concurso nos Estados Unidos.

Foi a primeira mulher sul-coreana a ganhar o título de Miss Universo, em 1959. Seu nome ainda era relevante no mundo dos concursos, mesmo tantos anos depois.

Um quadro em branco ocupava o último espaço. Áustria fez uma careta ao perceber o nome de Maya entalhado na madeira, esperando por um prêmio que não tinha ganhado ainda – e talvez nem quisesse ganhar.

A garganta de Áustria arranhou. Ela continuou o caminho, notando que

Min-Ji era a responsável pela música, ao chegar na sala. A senhora estava vestida dentro de trajes de academia, seguindo os exercícios propostos por uma mulher sorridente na tela da televisão. Para uma idosa de setenta e oito anos, ela tinha uma resistência física invejável.

— Bom dia — Min-Ji cumprimentou, sem olhar para ela. Áustria demorou alguns segundos para entender que a mulher vira seu reflexo pela tela da televisão. Suas tentativas de ser discreta tinham acabado de ir por água abaixo.

— Bom dia — ela acenou, esforçando-se para parecer simpática. — Sou amiga da Maya — e a frase soou exatamente da forma que era: Uma afirmativa falsa. Torceu para que a mulher não conhecesse todas as amigas da neta. Talvez, nem tivesse uma boa memória.

Min-Ji se virou para ela e sorriu, rugas se formaram ao redor dos olhos pequenos. Se não soubesse sua idade, Áustria diria que tinha acabado de completar sessenta.

— Sei quem você é — a senhora voltou sua atenção para a tela da TV, sentando-se no colchão de yoga no centro da sala —, por causa dos concursos que ganhou.

Áustria deu de ombros.

— São concursos pequenos.

Min-Ji concordou.

— Se não souber valorizar as coisas pequenas, não vai saber valorizar quando chegar nas coisas grandes — e deu um segundo sorriso, fazendo sua fala parecer

mais simpática do que realmente era. — Fico feliz que esteja aqui. Maya não traz muitas amigas. Só a vizinha da frente que eu não vou com a cara.

Áustria arqueou uma sobrancelha. Não sabia de quem se tratava.

— Você não vai com a cara da maioria das pessoas, mamãe — o comentário atraiu a atenção de Áustria para a porta da cozinha. — Maya não me disse que você viria. Juro que teria feito um café da manhã melhor. —

Lúcia balançou a fatia de pão de forma com manteiga em suas mãos. — Já estou indo pro trabalho, mas sintam-se em casa — sorriu. Sua pele era clara e reluzente. Áustria se sentiu ainda mais curiosa para saber o que havia acontecido com sua carreira de modelo, porque ela era mais bonita pessoalmente que nas fotos. Perguntou a si mesma, mentalmente, se os juízes do Fibonacci considerariam isso na hora de escolher a vencedora do ano.

Maya tinha uma família de muito peso.

— Pão está ótimo — Áustria agradeceu. Ficou alguns segundos pensando se deveria se abaixar para cumprimentá-la, como costumeiro entre os coreanos. Acabou não se movendo, com medo de fazer algo errado e surtir o efeito contrário. Aproveitou o momento de silêncio para cruzar a sala e entrar na cozinha, finalmente conseguindo seu copo de água.

Ouviu a porta se fechar depois da saída de Lúcia. Ficou mais algum tempo na cozinha, enrolando para terminar seu copo de água. Olhou as horas no micro-ondas. Apenas dez minutos tinham se passado, desde que saíra do quarto. Ainda tinha mais cinquenta.

— Achei que tinha ido embora.

Áustria sentiu algum alívio quando Maya entrou no cômodo, porque não estava mais sozinha com a avó famosa de uma garota que mal conhecia. Ao mesmo tempo, não gostou do seu tom.

— Queria que eu fosse?

Maya deu de ombros. Tirou um pouco de água do filtro, como Áustria tinha feito minutos antes. Bebeu um longo gole antes de responder.

— Não sei. Indiferente, eu acho.

Ela cerrou os olhos, apertando sua bolsa de festa contra os dedos.

— Entendi.

— Mas já que está aqui — continuou, antes que Áustria tivesse tempo de se aborrecer — podemos conversar sobre aquele trabalho em grupo que combinamos de fazer — disse, usando a cabeça para apontar para sua avó na sala. Era óbvio que não queria ter uma conversa sobre assassinatos na frente de uma idosa. — Nosso grupo ficou com teoria da música, não foi?

Áustria concordou, sem entender a última parte do seu plano.

— Isso.

Maya fez um sinal para que a seguisse.

Passou pela sala primeiro, depositando um beijo na cabeça da avó. Em seguida, cruzou o corredor até os fundos, parando no último cômodo do apartamento. Áustria acompanhou seus passos de perto, notando que a entrada daquele espaço era diferente de todas as outras.

Quando Maya empurrou a maçaneta para o lado, revelando uma porta de correr, Áustria entendeu do que se tratava.

— Tem um estúdio de música em casa?

Maya assentiu.

— Era do meu pai — disse, sucinta. — A gente praticamente morava aqui dentro antes do divórcio. — Ela esperou que Áustria entrasse. — Minha

mãe sempre morreu de desgosto, desde que eu era pequena — deu uma risada amarga, enquanto acendia as luzes. — Ela queria que eu brincasse com Barbies, eu queria brincar com guitarras.

O espaço não era grande, mas aconchegante. As paredes pretas, feitas de um material que Áustria não conhecia, traziam uma ideia de imponência.

Uma guitarra, um violão e um baixo decoravam o lado direito, enquanto um teclado podia ser visto no esquerdo. Nos fundos, uma mesa de som ocupava todo espaço. Havia tantos botões nela que Maya se sentia perdida só de olhar.

Lá dentro, suas vozes pareciam mais altas devido ao isolamento acústico.

— E você sabe tocar? — perguntou, passando os olhos pelo sofá de dois lugares que completava o ambiente. — Guitarra?

— Eu não sei como falar isso sem parecer prepotente, mas sei tocar de tudo — ela deu um sorriso, como se estivesse envergonhada. — Sou melhor na guitarra e na mesa de som, mas também toco violão e bateria. Tinha uma aqui, mas meu pai levou junto com o piano da sala.

— Deixa eu adivinhar, sabe tocar piano também?

Maya assentiu.

— E arranho no saxofone.

— Impressionante — Áustria se sentou no sofá. Esse era o máximo de elogio que conseguia fazer. — Já escreveu o seu segredo?

Maya fez que sim.

— Te entrego amanhã.

— Tem certeza que não vai ficar curiosa pra ler o meu?

— Eu sei que deve ser difícil pra você acreditar, mas não estou assim tão interessada em você. Ou nos seus segredos.

— Não está tão interessada? — Áustria repetiu. — Então quer dizer que existe algum interesse.

Maya revirou os olhos, mas hesitou para responder.

— Claro. Porque eu seria idiota a ponto de me interessar por uma garota hétero.

Áustria teve a sensação de que as palavras de Maya eram dedos ao redor do seu pescoço, sufocando todas as verdades que não podia se dar ao luxo de contar. Se lembrou de Isis no quarto de Karen, e da forma como havia afirmado sua sexualidade para ela.

Não conseguia fazer o mesmo com Maya. Queria dizer que as coisas não eram bem assim. Talvez fosse um reflexo do seu ego faminto por

atenção, desejando que todas as pessoas do mundo se apaixonassem por ela, independente da sexualidade.

— Tem razão, não seria — disse, levantando-se de forma brusca. — Eu acabei de lembrar que tenho que ajudar meu pai no bar hoje. É sábado. Ele demitiu alguns empregados na semana passada, então... A gente pode falar sobre o Hélia amanhã.

Maya a encarou, com a expressão confusa.

— Espera, você disse que tinha descoberto alguma coisa sobre o Yuri ontem. Quando estava bêbada. Não se lembra o que era?

Áustria negou.

— Não faço ideia, mas vou dar um jeito de descobrir. — Ela empurrou a porta. — A gente se vê.

— Você não pegou seu vestido. Nem devolveu minhas roupas.

Áustria continuou andando pelo corredor.

— Me entrega depois — pediu, virando-se para ela por um instante. —

Levo sua camisa pra você, segunda — ressaltou. — Tô atrasada, preciso mesmo ir.

— Atrasada pro seu compromisso imaginário — Maya alfinetou, mas não foi atrás dela. Se fechou no estúdio ao invés disso. Teria batido a porta, se não fosse de correr.

Áustria suspirou. Quando chegou na sala, Min-Ji não estava mais lá.

Ouviu o som do chuveiro no banheiro e deduziu que a senhora estava no banho. Sentiu-se aliviada por não ter que fazer o papel de amiga simpática de novo.

Sentiu um certo alívio ao sair do apartamento de Maya. Era um daqueles momentos onde precisava ficar sozinha com os próprios pensamentos.

Chamou o elevador e esperou, enquanto encarava os próprios chinelos de dedo, que também pertenciam a Maya.

A porta do elevador abriu. Áustria deu passagem para quem estava dentro, enquanto tirava o celular do bolso, usando a localização do aparelho para chamar um motorista no *uber*. Estava grata por terem pego na conta de Maya no dia anterior, ou ela teria perdido algumas estrelas pelo vômito no banco do motorista.

Levantou os olhos. Seus lábios se moveram em um pequeno “o” mudo, ao notar Gabriela, com uma sacola de compras reciclável nas mãos.

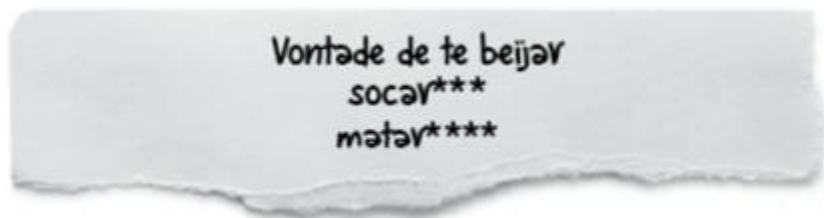
Só a vizinha da frente que eu não vou com a cara.

Gabriela arqueou uma das sobrancelhas, fitando-a de cima para baixo.

Áustria cruzou os braços na frente do corpo, tentando disfarçar que aquelas roupas, visivelmente, não eram dela. Sabia que travava uma guerra perdida: O estilo de Maya era muito característico para que uma amiga não reconhecesse.

Áustria entrou no elevador sem falar nada. Gabriela também permaneceu muda.

Mas o silêncio das duas dizia muito.



Um envelope cor de rosa caiu do armário de Maya, quando abriu a porta, pronta para pegar seu jaleco para a aula de biologia laboratorial que tinham no primeiro horário. Com uma caligrafia perfeita e pingos, nos

“Is”, em formato de coração, uma mensagem clara fora rabiscada no lado de trás do envelope:

Não leia isso

de jeito nenhum!!!

As exclamações tinham corações no lugar das bolinhas também, e Maya logo entendeu que aquilo não era uma demonstração de afeto, mas uma característica da letra de Áustria. Considerando sua fuga em velocidade máxima no sábado, não estava surpresa que ela tivesse escolhido deixar o seu segredo ali, ao invés de se encontrarem.

Patricinha estranha.

Maya percebeu que havia um segundo envelope em cima dos seus livros, esse na cor branca. Com a mesma letra de antes, um novo recado nas costas do papel:

Esse é pra

você ler :)

Áustria tinha essa mania de enfiar carinhas felizes em tudo. Se alguém perguntasse, Maya diria que só pessoas com um alto nível de psicopatia eram capazes de usar carinhas felizes de forma não irônica.

Ela guardou o envelope cor de rosa dentro da mochila. Quando chegasse em casa, colocaria em cima do armário, num canto onde não conseguisse ver, para que a curiosidade não a corroesse. Não conseguia imaginar um segredo obscuro para Áustria. Era difícil pensar no que a garota perfeita fazia quando as pessoas não estavam olhando. *Bullying*, talvez, mas isso era tão segredo quanto dizer que gotas de chuva são molhadas.

Aproveitou-se do corredor vazio e abriu o envelope branco. Dentro, uma folha dobrada ao meio, cheia de rabiscos. Maya entendeu que se tratava das suas suspeitas sobre o caso de Hélia. Estava numerado de 1 ao 3: 1: Sebastian, o motorista (ainda não acredito que ele faria isso) 2: Yuri (não desconfio realmente dele, mas sei de alguma coisa importante que não me lembro, isso segundo você. Moral da história: não beba enquanto investiga um assassinato)

3: Qualquer aluno de American Saint com quem Hélia tenha sido um babaca (muita gente)

Maya teria encarado os rabiscos de Áustria por muito mais tempo que o necessário, se seu celular não tivesse vibrado no bolso, uma nova mensagem da loira brilhando no topo da tela. Era como se, de alguma forma, ela soubesse que Maya tinha acabado de abrir seus bilhetes. Uma intuição afiada, no mínimo.

Por puro costume, Maya revirou os olhos antes de abrir.

Áustria (07:50) diz:

Esqueci de comentar no meu bilhete (o que era pra ser lido!!!). Quando fui na casa do Hélia, tinha uma mensagem no computador dele. Não consegui ver o remetente.

Em seguida, Áustria encaminhou uma foto da galeria. Maya franziu o cenho ao ler a mensagem.

Maya (07:51) diz:

Obviamente é uma ameaça.

Áustria (07:51) diz:

Alguma ideia do que ele possa ter feito?

Maya leu a mensagem da foto mais uma vez. *Uma hora ou outra, as pessoas precisam se responsabilizar pelos seus atos*, dizia parte do texto. Era difícil saber do que estavam falando. Hélia tinha dinheiro, tinha contatos e estava sempre escapando ileso de todas as bobagens que fazia, não importava quão grave elas fossem.

Maya (07:52) diz:

Qualquer coisa. O céu era o limite pras idiotices dele.

Maya mordiscou o lábio inferior. A primeira aula do dia começaria em vinte minutos e, aos poucos, os corredores de American Saint ficavam mais cheios, os salgados da cantina exalavam o cheiro de batatas assadas pelos dutos de ar. Era assustador observar todas aquelas faces jovens, tão

despreocupadas, e pensar que um assassino estava entre eles. Alguém frio o suficiente para ver Hélia se afogando e não fazer *nada* a respeito.

Maya sentiu um arrepio percorrer sua espinha e afastou o pensamento.

Pegou seu jaleco, fechou a porta do armário e trancou seu cadeado.

Seus dedos tatearam o interior da própria mochila, tirando o bloquinho de folhas pretas, onde tinha escrito seu segredo, de dentro da bolsa.

Pendurada na espiral do caderninho, uma mini caneta com uma lanterna de luz ultravioleta na ponta. Tinha escrito com uma tinta especial, então Áustria só leria se quisesse.

Maya caminhou até o outro lado do corredor, seus tênis coloridos fazendo barulho contra o piso. Usou um secador de cabelo para enxugar o tecido o máximo que podia, mas tinha impressão que ainda havia partes molhadas dentro dele, o que explicava o rangido constante. Diminuiu um pouco a velocidade dos próprios passos ao perceber que, para chegar ao armário de Áustria, teria que passar pelo de Hélia primeiro.

Sem alternativa, Maya suspirou, certa de que não poderia ignorar todos os lugares que a lembravam de Hélia Golucci para sempre. Voltou os passos para velocidade normal. Em alguns dias, ela desejava que tivessem tido uma briga antes da sua morte. Uma briga terrível, que a fizesse sentir menos tristeza e mais raiva. Com toda certeza, o segundo sentimento era mais fácil de se lidar aos dezessete anos. Adolescentes sentem raiva o tempo inteiro.

O armário de Hélia ficava bem no meio do terceiro piso da escola, dez armários de um lado e dez do outro. Não era uma coincidência. Ele gostava de estar sempre no centro das atenções, o que parecia muito bem-vindo agora que estava morto. Era quase impossível se locomover por American Saint sem passar por aquele corredor. Era perto da sala de informática, dos banheiros, da quadra esportiva e do laboratório de biologia. As pessoas não só passavam na frente do armário de Hélia, como também sentiam necessidade de deixar cartas, fotos e presentes.

Um príncipe morto ainda é um príncipe, Maya pensou, parando para observar a grinalda de flores em torno de uma foto do rapaz. Era uma cena tão triste que chegava a doer. Pessoas de noventa anos deveriam estar morrendo, não adolescentes de quase dezoito.

— Veio deixar um presente, May?

Maya se virou para ver o pai de Hélia, plantado em frente às escadas.

Sebastian estava ao seu lado, com uma caixa de papelão em mãos.

— Oi — ela cumprimentou, um tanto desconcertada. — Na verdade, só estou dando uma passada.

Renato deu um meio sorriso.

— Estão vindo buscar as coisas com frequência? — Maya perguntou, por educação. Sem dizer nada, Sebastian se aproximou do armário de Hélia e começou a catar as coisas ao redor dele. Ursinhos de pelúcia, cartas, flores, até pacotes das suas comidas favoritas. Julgando pela falta de cuidado com a qual Sebastian jogava tudo dentro da caixa, duvidava que fossem guardar aquelas quinquilharias.

— O que eu posso dizer? — essa era uma daquelas respostas que não servem como respostas de verdade, apenas alongam o assunto. — Hélia era um garoto muito amado.

Maya concordou com a cabeça. O flash de uma memória atingiu sua mente como um soco no rosto. Ela e Hélia estavam na cobertura da sua casa, no primeiro dia do ano anterior, quando todas as comemorações de réveillon já haviam se esgotado.

“Olha ” ele tinha dito, lá pelo terceiro baseado, “Você já sentiu que seus pais estão o tempo inteiro fingindo que gostam de você?”.

“Nunca”. Maya se lembrava de ter respondido com convicção, porque era um comentário absurdo. “Você chegou naquele ponto da brisa que começa a ter pensamentos estranhos. Mania de perseguição. Tenho certeza que seus pais gostam de você”.

“Você conhece meu pai”.

“É um homem com problemas pra controlar a raiva, só isso”. Maya passara as mãos pelos próprios braços, contornando o corpo. Era uma conversa desconfortável. Ela estava chapada.

“Nunca é só isso, May”. *Hélia reclamou.* “Numa dessas ele pode acabar matando alguém. Será que já não matou e eu não sei? Eles são impostores, os dois. Estão o tempo inteiro brincando de família feliz, mentindo sobre tudo.

Como eu posso ter certeza que gostam de mim?”.

“Você tá viajando”. Maya enfatizou, tirando o cigarro dos dedos dele.

“É melhor parar por hoje ou vai entrar na primeira bad trip do ano”.

Um espirro tirou o foco de Maya da lembrança. No chão, Sebastian coçou o nariz algumas vezes, irritado com as flores da grinalda.

— Ele tem problemas sérios de alergia, esse rapaz — Renato comentou, como se o motorista fosse incapaz de falar por si mesmo. — Bem, Maya, tenho que ir. Você sabe que as empresas dos Golucci nunca param — sorriu, mostrando-se satisfeito com a prosperidade dos negócios. Ele não parecia

triste, nem mesmo perto de estar abalado. — Foi bom ver você.

Maya engoliu em seco.

— Igualmente — cuspiu, incomodada com a sua demonstração de felicidade. Sentiu vontade de arrastar seu corpo enorme até as piscinas de American Saint, até que o sorriso desaparecesse do rosto pálido.

Maya seguiu seu caminho, agora com mais pressa que antes. O armário de Áustria era poucos metros à frente, logo ao lado do laboratório de biologia. Um enorme decalque em formato de “A” enfeitava a porta metálica, acompanhado por alguns *post-its* anônimos: Todos eram coloridos, todos se derretiam em elogios sobre seus olhos verdes, seu cabelo perfeito, sua personalidade fascinante. Ela não fazia nada além de ser bonita – e cruel – e as pessoas a amavam por isso.

Maya arrancou o seu segredo do bloquinho, dobrando em duas partes e enfiando para dentro pelas grades do armário. Pensou em colocar a caneta de luz ultravioleta junto, mas não facilitaria as coisas para Áustria. Se precisasse de uma, compraria uma.

— Resolveu mandar cartas românticas pra Regina George de American Saint também?

Maya levou uma das mãos até o peito, assustada com a proximidade repentina de Gabriela.

— Fala sério — respirou fundo antes de continuar, pensando em uma desculpa. — Você me assustou — disse, tentando ganhar tempo. — Não é uma carta. Fiz uma aposta com um cara do segundo ano — deu um sorrisinho descarado. — Estou zoando ela.

— E desde quando gosta de zoar as pessoas?

— Não é uma pessoa, é Áustria Fontes — mentiu, usando de toda sua cara de pau.

— May — Gabriela cruzou os braços na frente do corpo, o rosto sério

—, vi ela saindo da sua casa no sábado. Com as *suas* roupas. Eu sei somar dois mais dois, então, se tiver alguma coisa pra me contar, é melhor falar agora.

Maya tossiu. Torceu para que o professor de biologia chegasse nos próximos dez segundos, assim teria a aula inteira para formular uma mentira boa o suficiente para justificar tal cena. Por algum motivo, sentia que era errado contar a verdade. Não queria expor as vulnerabilidades de Áustria a mais uma pessoa, por mais que ela não merecesse a sua proteção.

— Ela não tem nada pra contar. — Para o azar de Maya, não era o

professor a interromper a conversa, mas seu pesadelo particular, o motivo de todas suas dores de cabeça mais recentes. O próprio Lúcifer antes de cair do paraíso, escondido dentro das suas vestes de anjo. — Gabi, Gabi, Gabi, meu *smigol* favorito. — Áustria deu um sorriso, enquanto enrolava uma mecha de cabelo de Gabriela nos dedos, como se fossem grandes amigas. — Nós duas sabemos que o melhor pra você é enfiar o que acha que viu nos fundos dessa cabeça grande e desproporcional.

— Você não foi convidada pra essa conversa. — Maya revirou os olhos.

— Eu resolvo.

Áustria afastou os dedos do cabelo de Gabriela e, por um instante, Maya pensou que iria embora sem discutir.

Que inocente.

Ela moveu a cabeça em negativa.

— Eu não te pedi pra resolver nada — murmurou, ríspida. — É uma fofoca sobre mim que está em jogo.

— Relaxa, Áustria — Gabriela sussurrou. — Você é a única que se importa com boatos de ensino médio nessa roda. Continue sendo a boneca de porcelana que

sempre foi. — Ela revirou os olhos, ajeitando a mochila nos ombros. — Mas sugiro tomar cuidado. Estou começando a ver algumas rachaduras no gesso. Quanto tempo até outras pessoas virem também?

— Isso foi uma ameaça? — Áustria deu um passo para frente. — Está ameaçando uma garota cujo namorado acabou de morrer? Que tipo de monstro insensível é você?

Maya apoiou a palma das mãos nos armários, respirando fundo. Tinham atraído atenção dos poucos alunos dentro do laboratório, o que era suficiente para que Áustria modificasse seus discursos. Ela podia ser má, mas nunca pior que os outros.

— Chega, as duas! — Maya reclamou, dando um passo até a frente de Gabriela, antes que Áustria avançasse. — Nós três vamos fingir que essa conversa nunca aconteceu.

Gabi não respondeu. Ela bufou antes de sair de perto dos armários, passos rápidos, como os de uma noiva em fuga. Maya ergueu uma das mãos na direção dela, mas Gabi já estava dentro do laboratório de biologia, antes que pudesse alcançá-la.

Maya fechou os olhos, encostou a cabeça no armário de Áustria.

— Você não consegue passar dois dias sem bancar a garotinha insuportável, não é?

Áustria moveu a cabeça em negativa, o tom de voz baixo.

— E o que você queria? Que eu deixasse sua amiga excluída contar pra todo mundo que me viu sair da sua casa? — ela permitiu que uma risada debochada escapasse, como se a ideia fosse absurda. Antes que terminassem a conversa, Áustria se virou, com passos decididos em direção ao banheiro feminino.

— Não me deixe falando sozinha, Áustria — Maya reclamou. Esperou alguns segundos para que a garota voltasse, mas não aconteceu. Sem alternativa, impulsionou o corpo para frente e percorreu o mesmo caminho da loira. — E se ela contasse? — perguntou, ao entrar no banheiro. Maya não se preocupou em baixar o tom. Verificou que todas as cabines estavam vazias e chegou à conclusão de que tinham privacidade o bastante para gritar uma com a outra estando ali dentro. Áustria ignorou sua pergunta. Se manteve encarando o espelho, passando mais uma camada de *gloss* pelos lábios cheios de batom.

— Quero que me responda.

Ela bufou antes de se virar, encostando o quadril na pia.

— O quê, Maya? — a forma como dizia seu nome fez com que parecesse uma ofensa.

— Se ela contasse — disse, aproximando-se de Áustria. Ela apoiou as duas mãos na bancada da pia, contornando sua cintura à distância. Os olhos da loira desceram para analisar seus dedos contra a pedra de ardósia que sustentava as cubas, então subiram de volta ao rosto. Maya teve a impressão de que, por um breve segundo, Áustria tinha fitado sua boca. — Se sentiria tão humilhada assim, se as pessoas achassem que dormiu comigo?

Ela moveu a cabeça em negativa.

— Não é disso que se trata.

— Eu entendi muito bem do que se trata. — Não tirou as mãos da pia.

Estavam numa distância tão próxima que suas respirações se misturavam.

Maya encarou os lábios da garota de forma indiscreta e de propósito. Estava com raiva. O quanto pudesse deixá-la desconfortável, deixaria. — Você tinha razão, acho que precisa muito mais de uma coroa do que eu.

Áustria desviou os olhos.

— Não discuta comigo por coisas que são óbvias, Maya — de novo, o nome pareceu uma ofensa —, vamos investigar um assassinato juntas. Não podemos nos dar ao luxo de brigar.

— Tem razão, nós vamos — Maya concordou, o rosto ainda próximo ao

dela. Era uma questão de poucos centímetros: cerca de cinco separando seus lábios e, mais ou menos, dez impedindo que suas mãos tocassem sua cintura.

Ela teve vontade de avançar o sinal, só de brincadeira, para deixar Áustria ainda mais irritada. — E quando acabarmos, não teremos mais nada para fazermos juntas. Se depender de mim, nunca mais.

O tom de Áustria foi irônico.

— Que pena. Eu jurava que seríamos amigas. Membras fundadoras do clube da Luluzinha ou algo assim

Maya riu.

— Como se fosse possível ser amiga de alguém tão insuportável como você, patricinha.

— É ótimo que tenha uma opinião tão formada sobre mim, assim não preciso ficar medindo minhas palavras — disse, descendo os quadris da pia, empurrando levemente o corpo de Maya para trás. Agora, seus olhos pareciam uma floresta em chamas. — E também não preciso ficar aqui, ouvindo sua opinião sobre coisas que, claramente, não entende nada a respeito.

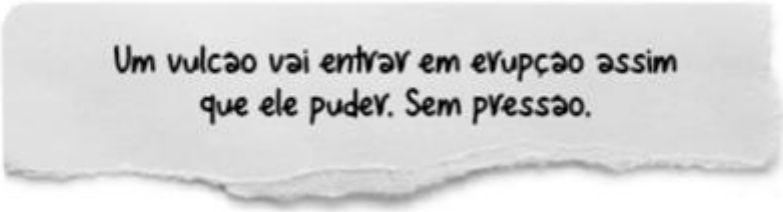
Dessa vez, Maya não impediu que ela fosse embora.

Fechou os olhos, se aproximou da pia novamente e encheu o rosto de água, deixando que as gotas geladas escorressem lentamente pela face.

Lembrou-se do delineador que usava tarde demais, mas não se importou.

Maya respirou fundo, encarando suas bochechas molhadas no espelho.

Sua sensação mais pura era que Hélia tinha morrido e deixado uma namorada problemática para ela, como herança.



Um vulcão vai entrar em erupção assim
que ele puder. Sem pressão.

Você não pode ficar pensando em como seria beijar Maya Jeong só por causa da forma inescrupulosa que ela encarou sua boca no banheiro.

Áustria repetiu aquele mantra uma, duas, três vezes, enquanto observava Yuri cruzar a quadra poliesportiva e errar o chute na hora de fazer um gol no time adversário. O desânimo tomou conta da plateia, e ela parou de prestar atenção,

certa de que marcar um ponto era o mínimo que alguém deveria fazer, antes de tentar sair com ela.

Os boatos sobre os dois estavam correndo depois da festa de Karen, o que reforçava bem a imagem que gostava de passar: *Desejável*, aquela que todos queriam ter ou ser. Os alunos de American Saint estavam ainda mais curiosos, porque não haviam visto nada além da dança entre os dois, então não sabiam se estavam juntos ou *juntos*. Para Áustria, era ideal que as coisas continuassem assim. Não era bom, para ela, envolver-se com alguém tão rápido depois da morte de Hélia, mas também não seria positivo que a vissem às moscas.

Áustria levantou os olhos para Yuri de novo, via seus cabelos dourados caindo na testa por causa do suor. Sentia raiva de si mesma cada vez que o observava, porque não conseguia recordar do que tinha descoberto na festa.

O aniversário de Karen era um borrão. Lembrava, com clareza, do começo e do fim, mas era incapaz de recordar-se do meio.

Merda de álcool.

Se Hélia estivesse vivo, a chamaria de fracassada.

O time adversário marcou um gol, e Áustria afundou o corpo na arquibancada. Seu celular estava em suas mãos, a mensagem anônima que tinha recebido no começo da manhã ainda em aberto. Era uma frase tão repetitiva que incomodava: *Garotas que encontram outras garotas, no quarto de outras garotas, quando acham que ninguém está vendo.*

Um recado claro sobre sua conversa com Isis, mas ela estava tentando não se preocupar. Gabriela não diria nada sobre Maya – e Áustria a empurraria da primeira escada que encontrasse se ouvisse qualquer boato

sobre isso – e seu rolo com Isis estava, finalmente, terminado. O responsável por aquelas mensagens e bilhetes teria que arranjar outra pessoa para encher a paciência.

Ainda assim, Áustria não se sentia de todo melhor.

Ainda estava ansiosa, irritada, de coração partido e, a pior parte, ainda pensando em como seria ter os lábios de Maya contra os seus, principalmente quando ela estava *puta da vida*.

— Acha que eu tenho algum tipo de transtorno opositor?

Karen fez uma careta. Mordeu a ponta da sua barrinha de cereal e deu um meio sorriso, sem entender.

— De onde você tirou essa pergunta?

Áustria ergueu um dos ombros.

— Sei lá. Estava pesquisando sobre isso outro dia. É bem comum no Brasil, na verdade. Talvez venha daí a minha mania de querer coisas que não posso ter.

— E tem alguma coisa que Áustria Fontes não pode ter? — Karen zombou, então abriu ainda mais seu sorriso, como se seu cérebro tivesse estalado. — Está falando do Yuri?

Áustria suspirou. Ela já tinha ouvido pessoas da comunidade LGBT

dizerem que se reconheciam mesmo a quilômetros de distância, mas Karen não parecia enxergar nada de diferente nela. Talvez seu *gaydar* estivesse pifado ou, uma hipótese ainda melhor, ela só fosse hétero demais para que vissem nela qualquer coisa diferente disso.

— Então — Karen recapitulou a conversa, quando percebeu que Áustria não tinha vontade de responder. Fora perspicaz, como de costume, mais uma gerenciadora de crises que uma amiga —, soube o que aconteceu no sábado?

— Muita coisa aconteceu no sábado.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Sobre eu e a Maya.

Áustria se remexeu na arquibancada, forçando uma expressão surpresa.

— Você e a Maya?

Karen abaixou um pouco a cabeça, temendo que ouvissem sua voz no degrau de cima do espaço.

— A gente meio que se beijou.

— Meio que se beijaram? Não existe meio, Karen, ou você beija uma pessoa ou você não beija. — Ela revirou os olhos, irritada por motivos diferentes do que a amiga esperava que estivesse. — Nunca me disse que

tinha interesse nela.

— Estava com medo que você surtasse — Karen sibilou, e era de fato um bom argumento. — Mas não foi nada, tipo, importante. Só queria que você ficasse sabendo por mim e não pelas fofocas, caso alguém resolva comentar.

Áustria fez que sim.

— Desde que não comece a torcer por ela no concurso, eu não me importo — e deu um meio sorriso, sentindo-se um pouco mal por ter acionado o sistema de irrigação do prédio, em cima das duas. Estava bêbada e triste, o que não justificava seu gesto, mas explicava o remorso se acomodando dentro do peito.

Yuri cruzou a quadra com a bola, mais uma vez. Seu chute passou por cima dos braços do goleiro, finalmente, marcando um ponto para American Saint. Os outros garotos do time correram para cumprimentá-lo, e a arquibancada ficou em êxtase por alguns segundos. Quando se livrou dos colegas, Yuri acenou na direção dela, recebendo um sorriso em resposta.

Antes mesmo que os sons da arquibancada cessassem, o celular de Áustria vibrou diante de uma nova notificação. Por um instante, ficou preocupada. Esmagou o telefone contra os dedos, o coração disparado e ansioso no peito. Esperou alguns segundos e olhou a mensagem pela barra de notificações:

Miguel (13:23) diz:

Estamos te esperando na frente da escola. É urgente.

Áustria soltou o ar pelos lábios. Sentiu certo alívio, mas a ansiedade não se foi por completo. Uma careta tomou conta do seu rosto, sem entender qual seria a urgência do meio-irmão.

— Minha carona chegou — disse para Karen, sem dar mais detalhes. —

Se Yuri te perguntar por que fui embora antes do jogo...

— Vou sugerir que ele te mande uma mensagem — Karen abriu um sorriso esperto. — Eu já estou prevendo. Vão ser o casal do ano.

Áustria agradeceu com um aceno. Ajeitou as alças da mochila cor de rosa nos ombros e se concentrou em não deixar a amiga perceber como estava desconfortável.

A hipótese de um relacionamento com Yuri, no futuro, podia ser positiva para sua reputação, mas como as pessoas esqueciam tão rápido? Os alunos de American Saint se divertiam escrevendo mensagens emocionadas para Hélia e postando no *Instagram*, mas não se lembravam dele. Não de

verdade. Gostavam do luto que gerava likes, não lágrimas.

Áustria sentiu seus olhos arderem quando saiu do ginásio. A impressão de que as pessoas não entendiam a gravidade do que tinha acontecido esmagava seu peito. Hélia Golucci era o aluno mais relevante de American Saint e, um pouquinho de cada vez, as pessoas o apagavam da história. Não sabia se estava triste por Hélia ou com medo que acontecesse o mesmo com ela.

Medo de ser esquecida.

Medo de não ser *tão* importante assim.

Áustria esfregou os olhos e parou na frente de um bebedouro. Antes de aproximar seus lábios, enchendo-os de água, ela tirou um lenço da bolsa e limpou gentilmente o bocal. Apesar dos dentes sensíveis, sorveu vários goles gelados, alternando entre uma careta e outra. Quando terminou, correu para a saída de American Saint, ansiosa para saber qual era o problema do irmão, torcendo para que não fosse seu também.

Um carro que Áustria não conhecia buzinou. Era vermelho e ela não fazia ideia do modelo, mas já tinha ouvido falar que carros coloridos eram mais em conta. O vidro do carona se abaixou, exibindo os cabelos escuros de Miguel, tão diferentes dos dela. Tinham os olhos verdes em comum, mas ninguém diria que eram meios-irmãos, se não olhassem atentamente.

Áustria fez uma careta para ele e cruzou o asfalto, chegando até o veículo estacionado na rua oposta à entrada de American Saint. Ela ajeitou a blusa *baby*

look do uniforme quando se abaixou para falar com o rapaz, evitando que parte da sua barriga ficasse à mostra.

— Eu gosto de ficar no banco da frente — murmurou, com tom de protesto.

Miguel deu de ombros, os olhos castanhos analisando seu rosto.

Bom saber que a gente encontrou uma coisa em comum — sorriu, apontando a porta do banco traseiro com a cabeça. — Anda. Já estamos... —

ele encarou o relógio digital no pulso — *meio* atrasados.

Áustria revirou os olhos. Pensou na hipótese de fazer birra até que o meio-irmão cedesse seu lugar, mas desistiu quando percebeu que não estavam sozinhos. O rapaz sentado atrás do volante aparentava ter a mesma idade de Miguel, talvez um ou dois anos de diferença. Ele chamava atenção pelo seu cabelo ruivo, cachos gordos caindo pela testa salpicada de pintas.

Tinha olhos tão escuros quanto o tecido preto da sua camiseta, e Áustria desconfiava que ele morreria de tédio se ficasse mais um segundo ali.

Ela tirou seu fiel frasco de álcool em gel dos bolsos da mochila e esfregou nas mãos antes de abrir a maçaneta do carro. Sentou-se no banco de trás, mais curiosa do que resignada.

Áustria apoiou as duas mãos nos acentos da frente antes de perguntar:

— Quem é você?

O ruivo moveu os lábios em uma resposta, mas Miguel não deixou que falasse.

— Não se apresente. — E se virou para Áustria. — Você vai saber logo, logo — e como se enfiar a irmã mais nova em um carro com um estranho não fosse nada, ele mudou de assunto. — Sua mãe veio te visitar.

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

— E por que *você* ficou sabendo disso antes de mim?

Miguel achou graça do questionamento.

— Ela quer passar um tempo em família — disse, tranquilo. — Nos chamou pra almoçar. Eu, você, ela e nosso pai.

Áustria cruzou os braços.

— Adoro como vocês são bons em fingir que as coisas na família Fontes Maldonado são simples assim. — Apontou com a cabeça para o ruivo. — E o agregado?

Em frente ao volante, o ruivo riu.

— Vai entender assim que chegarmos lá.

Áustria afundou o corpo no estofado fofo do banco, sem responder.

Contemplou o teto cinzento do carro e tentou analisar suas emoções a respeito da chegada repentina de Paula Maldonado: Era estranho que, depois de tanto tempo longe, ela não fizesse mais questão da mulher. Sua mãe tinha ficado à beira da morte, então se recuperado e ido embora. Talvez não fizesse sentido, mas Áustria sentia que perdera a mulher duas vezes, ao invés de uma.

Ela se lembrava, com clareza, do dia em que Paula havia se mudado, dando-lhe uma última carona até a casa de Osmar. O porta-malas estava cheio de roupas que Áustria sabia que não caberiam nos armários pequenos de madeira da casa classe média do pai. Naquele dia, ela desistira – só por algumas horas – do mundo dos concursos de beleza e, durante a madrugada, pesquisou sobre todos os cursos que poderia vir a fazer na faculdade. Numa dessas, tinha descoberto Freud e o sentimento ambivalente que predomina as primeiras relações entre mães e filhas: Uma combinação de amor e raiva que, quase sempre, culmina em *raiva*.

Áustria evitava pensar em Paula, porque terminava com choro preso no fundo da garganta e um gosto amargo no canto da boca sempre que o fazia.

Ela não queria sentir solidão, por isso preferia a repulsa.

O carro parou de repente, arrancando Áustria para longe dos seus pensamentos. Ela olhou pela janela, encontrando o prédio imponente do restaurante *rooftop* favorito de sua mãe. Era uma construção no trigésimo segundo andar, onde serviam comida italiana e uma vista giratória de São Paulo.

Sim.

Um restaurante que *gira*.

Áustria não gostava de comida italiana e a vista envidraçada da cidade de pedra tinha perdido a graça quando fez treze anos, mas sua mãe não estava pensando nela quando fez tal escolha. Estava pensando em si mesma e em onde gostaria de gastar o resto do seu dinheiro de neurocirurgia.

Estacionaram o veículo dentro da garagem do prédio. Áustria foi a primeira a descer, mas esperou pelo meio-irmão e o rapaz ruivo, não porque queria a companhia deles, mas porque cada segundo a menos com Paula era, na verdade, um segundo *a mais*.

Subiram no elevador assim que ele parou no andar em que estavam.

Ficaram em silêncio, Áustria alternando entre encarar os próprios sapatos e o seu reflexo no espelho, Miguel falando coisas demais com seu acompanhante, mesmo que estivessem no mais completo silêncio.

Áustria penteou o cabelo loiro com os dedos, tentando parecer arrumada o bastante para o nível de um restaurante como o Lassù. Se sua mãe tivesse avisado, teria posto uma roupa decente dentro da mochila.

As portas metálicas abriram, revelando o salão circular. Áustria não demorou a localizar os cabelos loiros e brilhantes de Paula, dentro de um terninho vermelho berrante que a transformava em ponto de referência. A três cadeiras de distância dela, estava Osmar, vestindo sua melhor camisa social, que não chegava nem perto de ser tão boa quanto as roupas mais baratas de Paula. Ele parecia uma presa, prestes a ser devorada naquele ambiente enorme, girando em torno de São Paulo a cada uma hora. Paula era quem devorava, e o relacionamento dos dois nunca fora diferente.

— Eu estou tão feliz em ver vocês! — Paula disse, um pouco mais alto que o necessário, antes mesmo do trio chegar na mesa. Isso era característico da mulher também. Fosse felicidade ou tristeza, ela sentia e demonstrava tudo *demaís*.

“Eu estou feliz em ver você também”, Áustria pensou em dizer, mas não disse, porque não estava certa disso. Em silêncio, sentou-se ao lado da mãe, percebendo que o ex-casal havia planejado cuidadosamente a organização das cadeiras na mesa, para que não precisassem estar perto um do outro. Osmar em uma ponta e Paula na outra, com os filhos servindo de muralha entre eles.

Quantas palavras tinham trocado enquanto esperavam os três? Áustria apostava entre dez e nenhuma.

— Como você se sente? — Paula perguntou, segurando uma das mãos de Áustria em seu colo. Estava falando baixo, como se os três outros convidados não existissem naquela conversa. — Eu estava preocupada.

— Com o quê?

— Com você — divertiu-se. — O que aconteceu com seu namorado...

— ela bebeu um gole de vinho branco, na taça perdida na mesa — foi *trágico*. Espero que não esteja brava por eu ter vindo de última hora. Queria ver com meus próprios olhos que estava bem.

Áustria arqueou uma das sobrancelhas.

— Foi só por isso que veio?

Paula assentiu.

Áustria percebeu que deveria usar a oportunidade para derrubar os muros entre elas, não construir novos.

— Estou bem. Na verdade, estou me ocupando — com uma investigação de assassinato, pensou em dizer. — A próxima prova do concurso acontece nos próximos dias, então não tenho muito tempo para choramingar.

— Choramingos com as pessoas certas podem nos fazer mais fortes.

Conversamos sobre isso depois, em particular — Paula deu mais um sorriso, alternando sua atenção para Miguel. — Disse que queria me contar uma coisa

— as mãos dela ainda estavam no colo de Áustria, seus olhos alternando entre o moreno e o ruivo —, imagino que tenha a ver com...

— Davi — Miguel murmurou, em uma apresentação torta. — Eu trouxe o Davi, porque queria apresentá-lo a vocês.

Osmar deu um meio sorriso, como se já tivesse visto tal conversa acontecer antes. Sabia muito mais sobre o filho do que Paula, o que não tirava a importância da

mulher na vida do rapaz. Mesmo que Paula não fosse uma figura materna próxima, era o que restara para ele durante todos os anos da sua infância.

Desde pequena, Áustria odiava dividir os pequenos momentos de

atenção diária da mãe com Miguel. Aprendeu a palavra bastardo em uma novela das seis horas e passou anos, talvez dos oito aos doze, referindo-se a ele dessa forma. Às vezes, era criativa e usava outros adjetivos: Bastardo pobre, bastardo infeliz, bastardo irritante.

Aos doze anos, Osmar decidiu que Áustria tinha maturidade o suficiente para entender o que acontecera com a mãe de Miguel. A mulher morrera no parto, minutos depois de dar à luz. Em posse dessa informação, Áustria nunca mais tinha usado a palavra com B. Nunca tinha tido coragem de pedir desculpas, também, embora desejasse ser um pouquinho menos orgulhosa e fazê-lo.

— Nós estamos namorando — Miguel soltou, de repente, segurando uma das mãos do rapaz por cima da mesa. Seus olhos verdes estavam em Áustria, como se esperasse algum comentário, deboche, careta de desaprovação.

Ela não disse nada. Não conseguiu dizer. O restaurante girava diante dos seus olhos e Áustria não sabia mais se aquilo era fruto do seu cérebro ou da arquitetura engenhosa do Lassù. Por um segundo, Miguel deixou de ser só um estranho com o mesmo tipo sanguíneo. Se tornou alguém com os mesmos problemas que ela, o mesmo medo e a hesitação.

Mas quando Áustria desceu seu olhar até a mão dos dois, ela não sentiu conforto. Sentiu inveja, porque mesas como as daquele restaurante eram reservadas a ela e seus milhares de amores falsos – e masculinos.

— Parabéns — Áustria deu de ombros. — Pensei que ninguém nunca fosse te querer.

Paula deu um sorriso amarelo para a filha, Davi deixou uma risadinha nervosa escapar. Não teceu nenhum comentário, e nem seria preciso.

Certamente, Miguel já tinha feito sua caveira para ele, em alguma oportunidade muito anterior àquele encontro.

— Não é novidade pra mim. — Osmar ergueu sua taça de cerveja na direção da dupla, como se oferecesse um brinde a eles. Bem no fundo, e talvez o homem nem

tivesse consciente disso, era uma competição. Paula e Osmar, disputando para ocupar a vaga de melhor pai. No final das contas, nenhum dos dois vencida. — E vocês sabem que estou muito alegre com a notícia.

— Fico feliz que não tenham me contado por telefone, novos relacionamentos precisam ser celebrados pessoalmente. — Paula levou a taça de vinho até os lábios mais uma vez. — O que você faz, Davi?

Áustria se levantou de repente, chamando atenção da mesa.

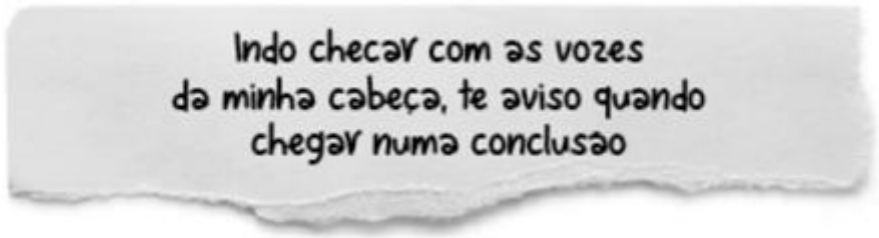
— Preciso ir ao toalete — explicou-se, dando ênfase ao último termo, porque Paula julgava como falta de modos dizer “banheiro”. Estava sentindo-se estranha e deslocada, mas manteve um sorriso confiante no rosto.

Não esperou uma autorização verbal ou um assinto da parte da família.

Caminhou até o sanitário em passadas rápidas, mas calmas o bastante para disfarçar sua pressa. Ela encarou seu reflexo no espelho, aproveitando o silêncio do banheiro para respirar.

Por aquela tarde, Miguel seria o centro das atenções.

Áustria não estava certa de que tinha estômago para aguentar por muito tempo.



indo checar com as vozes
da minha cabeça, te aviso quando
chegar numa conclusão

Professores de ensino médio tem habilidades secretas. Saber quem está conversando sem tirar os olhos do quadro, enxergar celulares dentro de estojos a metros de distância, pegar uma cola julgando a forma como o aluno está sentado. De todas essas habilidades inconvenientes, existia a pior delas: Escolher sempre os grupos de trabalho mais conflituosos que podiam.

Maya achava incrível, na verdade, que, numa sala de mais ou menos trinta alunos, eles fossem certos em juntar justamente as pessoas que mais se alfinetavam. A ex-namorada e a namorada atual, os rivais do time de xadrez, amigos que não se falavam mais. Maya tinha a impressão que faziam de propósito. Com seus olhos de

lince e ouvidos de morcego, ficavam atentos a todas as fofocas que escutavam e depois se divertiam juntando os pares mais improváveis. No final do dia, tomavam um expresso de máquina e riam educadamente da situação, na sala dos professores.

Era por isso que estava sentada ao lado de Áustria naquela aula de artes, tentando construir uma escultura de argila que se parecesse, ao menos um pouquinho, com o modelo apresentado pela professora Frida. Seus dedos estavam gosmentos e sua mesa era a mais silenciosa possível, porque sua dupla parecia não ter nada a dizer para ela depois da discussão tétrica no banheiro.

Maya levantou os olhos para analisar os outros grupos. Gabriela também não tinha tido sorte. Estava ao lado de um garoto que comia *chips* de queijo demais e tinha marcas de corante alaranjado no uniforme. Karen estava com Yuri, uma mesa à frente da sua, e aquela era a única dupla que não tinha potencial de travar uma guerra e destruir American Saint.

— Então — Maya quebrou o silêncio, certa de que Áustria era orgulhosa demais para fazê-lo —, seria interessante se você me ajudasse nisso aqui.

Ela levantou uma das mãos, mostrando as unhas pintadas de rosa.

— Não quero ficar com pedaços de argila presos nos dedos. Minhas unhas são de gel.

— Suas unhas de gel vão receber uma nota zero se não parar de

gracinha. — Maya colocou uma bola de argila em sua frente. — Estou fazendo o jarro. — Apontou para a peça que Frida tinha disponibilizado como referência. — Faça os copos.

Áustria encarou a bola cinzenta por algum tempo, considerando a hipótese. Talvez estivesse calculando quantos pontos precisava tirar em artes para manter uma média alta. Uma garota perfeita precisava de um boletim perfeito, e Maya duvidava que ela quisesse ficar com menos de 80% em alguma matéria por bobagem.

Depois de segundos de contemplação, Áustria pegou a bola e amassou contra os dedos.

— O que vai apresentar no concurso amanhã? — perguntou, casualmente, como se a discussão no banheiro nunca tivesse acontecido.

Maya pegou um palito para marcar alguns pontos da argila.

— Não sei. Vou acordar, escolher uma música e decidir em qual instrumento ela fica melhor.

— Simples assim?

— É — Maya achou graça. — E você?

— Vou recitar um poema de Carlos Drummond de Andrade. A ideia é deixar os jurados e os convidados virem que tenho um bom repertório cultural.

Maya fez uma careta.

— Pensei que a ideia fosse mostrar um *hobby*. Tipo, pras pessoas virem que você não é um robô. Você é muito...

— Estratégica?

— Sim — concordou —, mas de um jeito assustador.

Áustria revirou os olhos, enquanto modelava o pedaço de argila com cuidado.

— Eu só sou muito boa no que faço — deu de ombros. — E pra continuar assim, não posso me dar ao luxo de bolar uma apresentação durante os quinze segundos em que escovo os dentes ou aparecer com uma porcaria clichê, como a Áurea Alves.

Maya arqueou uma das sobrancelhas. Estava certa de que o nome aparecia nas listas de aprovadas do Fibonacci, mas não fazia ideia de quem a garota era.

— O que Áurea Alves vai apresentar? — perguntou, primeiro por educação, segundo porque gostava do tom ríspido de Áustria enquanto criticava coisas, o que nunca admitiria em voz alta.

— Um truque de magia qualquer. É tão... *b*ásico.

Maya estava pronta para dizer que shows de magia eram, na verdade, muito interessantes, mas o sinal e a fala de Frida cortaram sua linha de pensamento em duas. A professora entregou pequenas folhas de plástico, pedindo que guardassem suas esculturas bem enroladas para que não secassem.

— E não esqueçam de colocar seus nomes na peça — Frida completou.

Áustria esticou o corpo para pegar um dos palitos perdidos na mesa.

Com a ponta fina de madeira, escreveu um A e um M sobre a argila, colocando um pequeno símbolo de mais entre eles. Foi inevitável e, na visão dela, idiota, que se lembrasse dos milhares de filmes de romance, onde cenas como aquela eram vistas, normalmente substituindo a argila por cascas de árvore. Talvez Maya tivesse lido *fanfics* demais na adolescência, porque gestos simples como aquele deixavam seu cérebro, no mínimo, pensativo.

A+M.

Era irônico que as iniciais dos seus nomes fossem compartilhadas com as iniciais da palavra Amor. Maya fez uma careta, porque o pensamento era meloso como os bilhetes anônimos que mandava para garotas que achava atraente, no primeiro ano do ensino médio. Já tinha mandado alguns para Áustria e, todos os dias, ela se sentia grata pelo fato de sua letra nunca ter sido reconhecida. Foram bilhetes bobos, de uma adolescente mais boba ainda.

Uma paixonite que desapareceu tão rápido quanto surgiu.

Áustria terminou de embalar as peças que tinham no plástico e se levantou para guardar no armário colorido da sala de artes. Por puro tédio, Maya a acompanhou, abrindo as portas e indicando onde suas esculturas tortas ficariam melhor posicionadas.

— Isso significa que vai voltar a jogar? — A voz de Yuri chamou atenção da dupla. Agora, ele estava do lado de fora da sala, conversando com um garoto do time de futebol. Lucas Moura, se Maya não estivesse errada.

Daquela posição, nenhum dos dois conseguia vê-las mexendo no armário, e elas precisaram de certo esforço para conseguir ouvir a conversa, no meio de tantos outros sons que embalavam o intervalo.

— Sim — respondeu ele. — Passei um tempo apresentando exames toxicológicos pro treinador. Não consegui provar que as drogas não eram minhas e a escola não conseguiu provar que *eram*. Ficamos no limbo.

Yuri deixou uma risada irritada escapar.

— Todo mundo sabe de quem as drogas eram.

Lucas arqueou as duas sobrancelhas, revirando os olhos.

— É. Mas tentar culpar um cadáver é o pior que posso fazer.

Áustria estalou os dedos. Segurou uma das mãos de Maya e a puxou em direção as pias da sala, no extremo oposto dos armários.

— Eu me lembrei — sussurrou, escolhendo a cuba mais afastada e girando a torneira para despejar água nos dedos. Soltoou a mão de Maya, como se tivesse a pego por puro reflexo — da coisa, na festa.

Maya arregalou os olhos, curiosa.

— O que era?

— A mensagem que te mandei — explicou, recapitulando. — Foi o Yuri.

— Yuri estava ameaçando o Hélia?

Ela estalou os dedos debaixo da água.

— Lembro que peguei o celular dele pra colocar uma música. — Cerrou os olhos verdes, inquieta. — Acho que acabei entrando no aplicativo de mensagens sem querer.

— Você tem certeza disso?

Áustria suspirou.

— Estou noventa e nove por cento certa.

— Noventa e nove por cento não é suficiente pra uma acusação de assassinato — Maya reclamou.

— É que faz sentido! Eu estava bêbada, mas acho que minha cabeça não inventaria memórias. — Fechou a água, sacudindo as mãos na cuba. — Yuri sempre foi amigo do Lucas e todo mundo sabe que o Hélia fodeu com ele.

Maya riu.

— Do que está rindo?

— É engraçado ver você falando palavras grosseiras — ela respirou fundo, se recompondo —, não costuma fazer isso. Enfim, foi mal, fiquei nervosa com a situação. Acho que é óbvio que não podemos falar com a polícia sem ter provas concretas, então, qual é o plano?

Áustria cruzou os braços.

— Ele é influente. Não faço ideia do que os pais fazem da vida, mas parecem pessoas importantes. É melhor a gente não...

— Colocar o nosso na reta?

— Isso.

Maya abaixou os olhos por um instante, sentindo-se impotente.

— Ele viu que você leu a mensagem?

Áustria mordeu o lábio.

— Não tenho certeza. Tudo que aconteceu naquela noite são borrões pra mim. Talvez ele tenha visto e não dito nada.

— Merda. — Maya encostou os quadris na pia, os ombros tensos. — Se ele for culpado... — deu uma pausa — significa que é perigoso.

Áustria não pareceu tão preocupada quanto ela

— Vou agir normalmente.

— Seria mais sensato se afastar dele.

— Não. — Áustria moveu a cabeça em negativa. — Óbvio demais.

Além disso, pode ter sido só uma daquelas coisas idiotas que falamos no momento da raiva. Ainda temos o motorista.

— E o pai dele — Maya completou, as palavras se embolando. Estava um pouco assustada por ter coragem de dizer aquilo em voz alta.

Os lábios de Áustria se abriram no formato de um “O”, tão impressionada quanto ela.

— Você acha mesmo que...

— Eu queria dizer que não — ela prosseguiu —, mas passei boa parte da minha infância na casa do Hélia. O suficiente para saber que a família Golucci pode ser tudo, mas não são pacíficos — Maya pausou sua fala para respirar — nem éticos. E muito menos *confiáveis*.



GAYy PaNIC

— D

essa forma, eu acredito que qualquer um possa vir a ser um assassino, se tivermos as condições ideais pra isso...

No camarim do teatro, Áustria fez uma careta, os dedos puxando os fiapos vermelhos das cortinas.

— Que condições são consideradas ideais pra um assassinato acontecer?

Faltavam poucos segundos para Luiza Pimenta terminar sua apresentação esquisita. A garota era *host* de um podcast de crimes reais e, por isso, teve a ideia de gravar um episódio ao vivo durante o show de talentos do concurso Fibonacci. Era criativo, mas Áustria não tinha certeza de qual impressão ela estava tentando passar aos jurados. Além disso, achava uma pena que o diretor Felipe não tivesse comparecido, com a desculpa de uma dengue, que o deixava com dor até para piscar os olhos. Seria divertido vê-lo sucumbindo de nervoso ao ouvir a palavra assassinato.

Gostaria de perguntar, ao homem, se ele sentia alguma culpa por ter encoberto a morte criminosa de um adolescente com tanta facilidade. Por algum tempo, ela tinha se esforçado para acreditar que as intenções de Felipe eram boas. Áustria entendia seu ponto. Também não queria um escândalo dentro da *sua* escola, mas o diretor nem sequer demonstrara um pinga de remorso nas últimas semanas, o que deixava Áustria indignada.

Era essa a importância que a American Saint dava aos seus alunos, no final das contas. Enquanto vivo, um Deus. Quando morto, um problema.

— Temperatura do ambiente, dia da semana... — Maya passou os dedos pela corda da sua guitarra, sem dar muita importância. Atraiu todos os olhares do camarim para ela com o simples comentário. — Que foi? Eu também ouço podcasts.

— Dá próxima vez — com um microfone desligado em mãos, Rosa Medeiros empinou o nariz. Usava um terninho de paetês prateados que chamava atenção demais, o tipo de roupa que apresentadores de concurso de beleza deveriam evitar, para que não tirassem o foco das participantes. Não

que Rosa tivesse qualquer respeito ou noção —, vou querer analisar todas as apresentações primeiro.

Maya fez uma careta ao mesmo tempo que Karen engoliu uma risada.

A apresentadora entrou no palco assim que Luiza saiu, os refletores do Theatro Municipal de São Paulo faziam suas roupas berrantes cintilarem ainda mais.

O espaço fora alugado especialmente para aquela prova, o que Áustria julgou como sendo uma ótima escolha: Era clássico. *Requintado*.

— Mudou sua apresentação? — Maya tinha deixado sua guitarra em uma das cadeiras, dando uma pequena volta pelo camarim espaçoso. Havia tantas luzes brancas no teto que Áustria quase se sentia cega.

— Não — ela respondeu, sem entender.

Com os dedos, Maya apontou para uma das mesas no espaço, onde objetos que seriam usados em cena se acumulavam. Uma etiqueta com o nome de Áustria marcava uma arma de brinquedo.

— Isso é da Áurea — Karen murmurou. — Ela está com os pais lá fora, mas vi ela deixando aí. É a garota do truque de mágica.

Áustria fez que sim. Aproximou-se da mesa e ameaçou tirar a etiqueta da arma, mas foi repreendida por Luiza.

— É melhor deixar quieto — disse a garota, em tom de alerta. — Você sabe como os concursos de beleza são, Tri. — O apelido simpático era uma tentativa de puxa-saquismo, visto que as garotas não trocavam muitas palavras normalmente. — Alguém pode dizer que está... tipo, sabotando.

Áustria hesitou, recolheu os dedos. Deu um sorriso na direção de Luiza.

— É. Acho que confundiram nós duas.

Luiza concordou.

— São nomes parecidos.

Maya se manteve observando a arma de brinquedo por mais um tempo, desconfiada.

Karen retocou o formato das sobrancelhas ruivas com um lápis.

— Seus pais vieram? — era uma pergunta geral, daquelas que as pessoas fazem para quebrar o gelo, passar o tempo.

— Minha mãe precisou ficar no trabalho até tarde. Uma empresa milionária contratou uma estratégia de lançamento de última hora. Se não fosse por isso, ela não perderia por nada. É obcecada com essa coisa de miss.

— Maya finalmente deixou a arma de lado, voltando-se para a guitarra. —

Meu pai... Ele não gosta dessas coisas — disse, vagamente.

Karen fez que sim, os olhos se movendo na direção de Áustria. Luiza saiu do camarim antes que chegasse sua vez de responder.

— Paula está em casa. — Áustria percebeu que chamar a mãe pelo nome havia se tornado um costume. — Dificuldades com o fuso horário, coisa e tal. Meu pai tem o bar. Ele quase nunca tem disponibilidade durante a noite.

— Sua mãe precisa mesmo descansar — Karen assentiu —, o prêmio vai ser amanhã, não vai?

Áustria arqueou uma das sobrancelhas.

— Que prêmio?

Karen deu um sorriso amarelo, sem entender.

— Como assim, que prêmio? O que sua mãe está concorrendo. Prêmio Albert Lasker.

— Ela não falou sobre prêmio nenhum. — A loira cerrou os olhos, confusa.

— Vi minha mãe falando com a sua no telefone — Karen continuou. —

Foi por isso que ela veio pro Brasil, não? É um prêmio de serviço à comunidade. Vários médicos envolvidos com ajuda humanitária concorrem.

É a primeira vez que está acontecendo em São Paulo e parece, tipo, super importante. Pra comunidade médica, pelo menos.

Áustria deixou um risinho nervoso escapar. Sua mente voou de volta para o almoço no Lasù, as palavras de sua mãe ainda estavam frescas na memória. Havia dito, com toda sua cara de pau, que aquela viagem não planejada ao Brasil era por causa dela. Por causa do *seu* luto.

— Paula deve ter se esquecido de me contar — disse, e agora o nome saía com ainda mais desdém. — Ela, com certeza, não ganharia um prêmio por boa memória. É uma oportunidade incrível, de qualquer forma. Vou parabenizá-la mais tarde — Áustria usou todo o autocontrole que tinha no corpo para forçar um sorriso. Não tinha costume de desabafar sobre a mãe com Karen ou qualquer outra pessoa. Não queria ser a garota com problemas familiares. Sua mãe era uma médica conhecida internacionalmente, ganhando um prêmio de ajuda humanitária. Não tinha como ser mais perfeito que isso.

O telefone de Karen tocou antes que pudesse responder. Ela saiu da sala, deixando Áustria e Maya sozinhas.

— Acho que vi um carrinho de pipoca na entrada quando cheguei —

comentou, ainda concentrada em não deixar seu abalo transparecer —, vou lá comprar um pacote, enquanto não chega a minha vez.

Áustria não esperou uma resposta da parte de Maya para sair dos camarins. A área onde ficavam era escura e moderna, mas não demorou muito até que chegasse na

parte não revitalizada do Theatro. Aquela ala se parecia muito com uma mansão antiga, tinha paredes brancas, repletas de enfeites dourados, castiçais de cristal no teto, uma escadaria branca coberta por um tapete de veludo vermelho. No topo da escada, uma estátua de gesso segurava um lustre e um pandeiro, seus olhos cegos pareciam observar tudo e nada ao mesmo tempo. Áustria teve vontade de empurrá-la, apenas pelo prazer de ver o material em pedaços. Seu nome do meio poderia ser destruição.

— Numa escala de cem a mil, quanto você está puta com sua mãe? — A voz de Maya preencheu o salão principal, e Áustria levou um susto, o coração disparando de repente. Ela levou a mão até o peito e esperou para dizer qualquer coisa, acalmando-se.

— Ninguém nunca te disse que é errado chegar discretamente em lugares antigos? Isso aqui poderia ser assombrado — protestou.

— Seria uma sorte se fosse. — Ela dedilhou os corrimões, com um sorriso travesso no rosto. — O aluguel ficaria muito mais barato. Mas e aí, cadê a pipoca?

Áustria revirou os olhos.

— Não tem pipoca nenhuma — respondeu, como se Maya já não soubesse. — Queria ficar sozinha.

— Porque está puta com sua mãe.

— Pensei que seria boa ideia tomar um ar antes de entrar no palco, só isso — deu de ombros. — Estou feliz por ela. É um prêmio legal.

— *Aish* — Maya reclamou, cruzando os braços. — Você é uma péssima mentirosa. Não vim atrás de você porque quero contar pros outros, vim porque fiquei preocupada. Dito isso...

Áustria deu um suspiro profundo, cortando sua fala.

— Ela disse que tinha vindo por causa da morte do Hélia, eu só fui idiota de acreditar.

Maya moveu a cabeça em negativa.

— As pessoas deveriam acreditar nas próprias mães — ela aproximou o rosto do corrimão, analisando os detalhes dourados —, é o que nos ensinam na infância, pelo menos. Isso foi meio escroto da parte dela, hum? — Seus dedos tocaram no desenho de um caracol. — Eu queria ter um bom conselho pra te dar, mas é uma situação bem complicada. Se não estivéssemos em um

ponto turístico histórico, eu diria pra quebrar alguma coisa.

Áustria riu.

— Estava pensando nisso antes de você chegar.

— Devia ter feito. — Maya achou graça, porque a cena era totalmente improvável. O mundo acabaria antes que Áustria Fontes desse um chilique daquele tamanho, quebrando coisas publicamente. Colocar os outros em posições vergonhosas parecia ser o seu limite. — Ficaria cem por cento mais atraente... — ela soltou, então forçou uma tosse e se corrigiu — pros juízes.

Áustria se divertiu com a falta de jeito dela.

— Aparentemente — ela mordeu o lábio e cerrou os olhos —, você gosta de gente maluca.

— Sim, minha ex-namorada foi presa por assalto à mão armada, por exemplo.

Áustria arqueou uma das sobrancelhas loiras. Maya ficou em silêncio por mais algum tempo, estudando suas reações.

— Nossa — ela zombou, explodindo em uma risada. — Você pensa tão mal de mim.

Áustria revirou os olhos. Aproveitou para sentar em um dos degraus da escadaria dourada, sua saia de cetim em contato com o veludo do tapete.

— Eu sabia que era brincadeira — murmurou, analisando as próprias unhas. — Algo assim teria sido assunto em American Saint por muitas semanas. Isso se você não fosse expulsa. Jubilada. Convidada a se retirar.

— As pessoas deveriam se importar menos sobre quem uma pessoa namora ou não. — O assunto pareceu deixá-la entediada. — Que poema vai recitar?

— A flor e a náusea.

— Eu não entendo nada de poemas — Maya riu —, mas esse nome me deu uma ideia. — Áustria a encarou, com uma interrogação se formando no rosto. Maya não disse nada quando se afastou do salão principal, descendo as escadas em direção à entrada. Áustria esticou o pescoço numa tentativa de bisbilhotar os planos da garota, mas foi uma guerra perdida. Ela já tinha desaparecido do lado de fora.

Os primeiros acordes de uma música ritmada vazaram pelos corredores do teatro. Ela esticou as pernas nas escadas e encarou suas sandálias Melissa, o cheiro tão famoso de chiclete ainda presente. A música evocava algumas lembranças em Áustria, mas ela não conseguia saber exatamente quais. Sons sincronizados. Batida animada. Talvez tivesse visto aquilo em um circo antes.

Áustria teria pensado no assunto por mais tempo, mas a silhueta de Maya surgiu na escadaria, subindo os degraus lentamente, com uma das mãos atrás do corpo. Estava usando um dos seus *bucket hats* coloridos, esse sendo de um amarelo tão chamativo quanto o energético que Áustria despejara em sua cabeça, algumas semanas antes.

— Trouxe um tratado de paz — Maya murmurou, sentando-se na escadaria ao lado dela, uma das mãos ainda escondida.

— Tenho a impressão que fizemos muitos tratados de paz nos últimos dias. — Áustria a encarou, a curiosidade despontando nos olhos verdes. — E

quebramos todos eles.

Maya deu de ombros.

— Acho que somos muito boas nisso.

— Nisso o quê?

— Brigar uma com a outra — respondeu, deixando que um risinho irônico escapasse.

— É você quem vive me chamando de insuportável — protestou Áustria.

— Viu? Nós somos ótimas brigando. Verdadeiras lutadoras de UFC —

zombou. — Mas, deixando nossos problemas de lado só por hoje, eu queria te desejar boa sorte. — Ela demorou alguns segundos para tirar sua mão de trás das costas, como se estivesse muito perto de desistir da sua empreitada.

Com seu peito borbulhando de curiosidade, Áustria a mataria se o fizesse. —

Acho que combina com o poema — disse, por fim, mostrando a rosa vermelha que tinha comprado em frente ao teatro.

Áustria sentiu seu coração explodir em milhares de pedaços diferentes, mas não era uma explosão ruim. Era uma explosão de sentimentos, como se as borboletas estivessem escapado do estômago e ido parar no peito. Era difícil reagir. Ela mal sabia como manter seu corpo respirando.

Áustria ergueu um dos dedos para segurar a rosa, mas Maya afastou a flor de suas mãos.

— Espera — pediu, girando a rosa nos dedos, os olhos presos no caule.

A tirou de dentro do plástico e esfregou toda a base, garantindo que não tinha nenhum espinho. — Pronto — abriu um meio sorriso, onde Áustria não conseguiu identificar se havia nervosismo ou não. Maya partiu o cabo da rosa ao meio e encaixou atrás da sua orelha, as pétalas vermelhas combinando perfeitamente com seu cabelo loiro, seus dedos tocando a pele da garota por mais tempo que o necessário.

Áustria não sabia como reagir. Não seria um exagero dizer que estava em pânico, com o coração disparado no peito e o maxilar travado. Ela não fazia ideia do que Maya esperava dela naquele momento, o que era ainda mais assustador. Áustria tinha a impressão de que as muralhas sociais entre elas eram delicadas e feitas de giz: Estavam desaparecendo de uma forma que nenhuma das duas sabia dizer que tipo de relação viviam.

Os dedos de Maya desceram da sua orelha para sua nuca. Foi quando Áustria teve certeza que seus pulmões não estavam funcionando como deveriam, que seu coração iria explodir *de verdade*, que ela derreteria naquela escada e que seus restos mortais manchariam o tapete de um dos pontos turísticos mais importantes de São Paulo. Ela não existia mais, era só uma ideia prestes a ser moldada pelas mãos habilidosas de Maya.

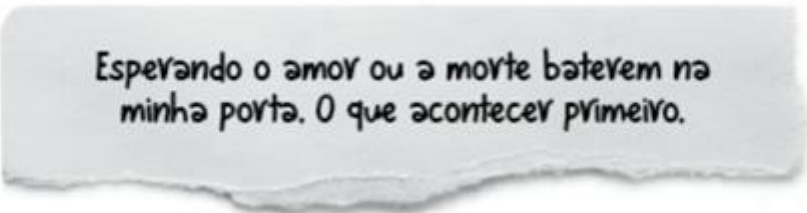
Talvez, se elas se beijassem, tiraria aqueles pensamentos malucos da cabeça e teria certeza de que era só mais uma adolescente hétero com hormônios em excesso.

Maya se aproximou um pouco mais. Parecia que o Theatro estava, aos poucos, desaparecendo ao redor delas. Só havia Maya, o cheiro de morango e a rosa no cabelo de Áustria. Nada além disso, nada mais importante que isso.

Encontravam-se dentro de uma bolha que explodiu rápido demais.

Um estrondo vindo do palco principal fez com que se afastassem bruscamente, uma para cada lado da escada. O cenho franzido de Áustria procurava por uma resposta. Depois do barulho, vieram os gritos, os burburinhos, sons de pés ansiosos e sem rumo batendo contra o carpete.

— Eu acho — Maya começou, a voz trêmula pelo susto — que isso foi um tiro.

A rectangular piece of light gray paper with a torn, irregular bottom edge. It is centered on the page and contains two lines of text in a dark, handwritten-style font.

Esperando o amor ou a morte baterem na
minha porta. O que acontecer primeiro.

O anjo da guarda de Maya estava fazendo hora extra.

Enquanto caminhava ao lado de Áustria até a área dos camarins, e as duas fingiam que nada *por pouco* havia acontecido, ela tinha certeza dessa afirmação. Dessa, e de que seu cérebro tornou-se disfuncional ao ponto de cogitar um beijo em Áustria

Fontes. Ela quase conseguia imaginar seu anjo da guarda, dentro de uma vestimenta grega – talvez a mesma de Hércules nos filmes da Disney –, andando de um lado para o outro e pensando em formas de explicar aos seus superiores que sua protegida tinha enlouquecido.

Por sorte, dessa proteção imaginária que talvez nem existisse, e não de Maya, a confusão no palco principal a impedira de fazer o que quer que estivesse pensando em fazer. E embora ela se sentisse aliviada, também havia uma vozinha irritante dentro da sua cabeça, questionando o que aconteceria se não tivessem sido interrompidas. Áustria a beijaria de volta ou levaria o toco mais humilhante da sua vida? Maya acreditava na segunda, mas gostava de fantasiar com a primeira opção.

— Acha que é seguro irmos até os camarins? — Áustria perguntou, mordendo o lábio. Ela tinha tirado a rosa da orelha e agora a segurava entre as mãos, como se temesse que a flor caísse no meio dos seus passos apressados. — Considerando que você acha que ouviu um tiro. E se for um atirador ou sei lá o quê?

— Só teve *um* tiro — Maya enfatizou. — Se for um atirador, ele é péssimo.

— Eu não me garanto — Áustria riu, perdendo-se em nervosismo —

nem com os péssimos. Não é como se a gente fosse treinado pra isso. As pessoas nos Estados Unidos são...

— Áustria — Maya interrompeu —, não tem atirador nenhum. Talvez tenha sido um problema na sonoplastia.

— E as pessoas gritando?

— Se assustaram — ela deu de ombros. — Implantar o pânico em grupos grandes de pessoas não é a coisa mais difícil do mundo. Uma vez, eu

estava no shopping e a bomba de uma máquina de refrigerantes explodiu, juro que foi o maior caos que já vi na minha vida. As pessoas saíram correndo e gritando, as lojas fecharam as portas pensando que era um arrastão, teve gente que desmaiou... Você tinha que ver. *Caos*.

Áustria rodou a rosa nos dedos, pouco convencida. Não contestou Maya, no entanto. Parecia concentrada na própria respiração, talvez para não perder o controle diante do nervosismo.

A primeira coisa que Maya enxergou, quando chegaram no camarim, foram as mãos de Rosa, encharcadas de sangue. Ela ergueu um dos braços na frente de Áustria, impedindo que a loira se aproximasse até entender o que acontecia.

— Meninas — Rosa começou, o tom manso nada costumeiro —, é ótimo ver que estão bem. Estavam na plateia?

Maya fez que não.

Áustria respondeu por ela.

— Fomos comprar pipoca — disse, certa de que era uma desculpa inocente o bastante para que não fosse contestada. — Você...

— Estou bem — cortou. — Tivemos um problema com uma das participantes. Ela tentou fazer um truque de mágica famoso que acabou não dando certo.

Áustria e Maya trocaram um olhar. A segunda continuou a conversa.

— Um truque de mágica?

Rosa assentiu. Não havia mais ninguém no camarim, exceto uma outra participante que Maya não conhecia. Imaginou que Rosa já tinha compartilhado aquele discurso com ela antes que chegassem.

— Se chama *Bullet Catch* — ela fez uma careta para os próprios sapatos sujos de sangue —, alguém atira contra o mágico e ele tenta pegar a bala com as mãos ou os dentes.

— Espera. — Maya cerrou os olhos. — Áurea não conseguiu pegar?

Acertaram ela?

Rosa suspirou.

— Sim.

— Mas era uma arma de brinquedo.

A mulher deu um sorriso maldoso.

— Nós também pensamos que era.

— Era de brinquedo — insistiu Maya. — A arma estava aqui antes das apresentações acontecerem, eu vi.

— A sua inocência é admirável, mas como alguém que já trabalhou em milhares de concursos de beleza antes, querida... — Rosa deu uma pausa.

Levantou-se e pegou uma garrafa de água no extremo do camarim. —

Algumas garotas matariam por uma coroa. Não só matariam uma pessoa, como *se* matariam. Seria uma forma inusitada de chamar a atenção dos jurados, é uma pena que tenha terminado mal. Mas, se querem saber, a colega de vocês está bem. A bala acertou um dos ombros. Talvez fique sem os movimentos de um braço, mas, hum, dos males o menor. O jogo segue.

Maya moveu os lábios para contestá-la mais uma vez, mas Áustria a impediu.

— Imagino que as apresentações estejam encerradas por hoje.

Rosa confirmou.

— Sim, podem ir pra casa. Os jurados vão mandar um e-mail com as informações necessárias. — Ela passou os dedos pelas têmporas, irritada. —

Esperamos que isso não cause um mal-estar na nossa relação com os patrocinadores. Enfim, atualizaremos vocês. Acredito que esteja óbvio, mas, se forem visitar a Áurea no hospital, avisem que ela foi desclassificada por colocar todas suas colegas, além dela mesma, em risco.

Rosa saiu do camarim sem se despedir. A última garota que restava também não demorou muito, enfiando suas maquiagens de qualquer jeito dentro de uma bolsa e apertando o passo. De onde estava, Maya conseguia ver as pessoas saírem do anfiteatro; um carrinho de algodão doce, um vendedor de rosas e uma ambulância, estacionados lado a lado. Estranhou não ter ouvido as sirenes da última, mas culparia o isolamento acústico do teatro por isso.

— A arma era de brinquedo — Maya repetiu, para Áustria, dessa vez.

— Não faz sentido. — Áustria caminhou pelo camarim, permitindo-se extravasar a própria ansiedade. — Armas de brinquedo não dão tiros, Maya.

Ela revirou os olhos.

— Não tinha ninguém no camarim, quando nós saímos. Alguém pode ter entrado e trocado a arma da Áurea por uma de verdade.

Áustria mordeu o lábio.

— Nesse caso, podemos pedir pra ver as câmeras de segurança.

Maya riu, moveu a cabeça em negativa.

— Sabe quantos anos esse teatro tem? É uma construção centenária, Tri

— Maya hesitou ao perceber que tinha usado o apelido da garota. Era a primeira vez que a chamava daquela forma, mas Áustria não pareceu se

incomodar. — Não tem sistema de câmeras. É tudo velho demais.

O rosto de Áustria se desmanchou em uma careta.

— Por que alguém trocaria as armas? Áurea é inofensiva. Seria trabalho demais entrar aqui e efetuar a troca.

— Áurea é inofensiva — Maya confirmou —, mas você não é.

Áustria continuou andando pelo camarim, sem rumo. Ela considerou as palavras de Maya, em silêncio, fechando os olhos de repente, como se o cair da ficha causasse dor física.

— Meu nome estava na arma. — Ela soltou o ar pelo nariz, um risinho de deboche escapando dos lábios. — Alguém pode ter visto e pensado... —

deu uma pausa — que seria minha apresentação.

Maya crispou os lábios, assentindo em seguida.

— Quantas pessoas sabiam que ia recitar um poema?

— Você — ela cruzou os braços, dando passos ainda mais inquietos pelo camarim —, Karen. Rosa. A garota do podcast, porque estava aqui quando eu disse que a arma não era minha.

Maya assentiu. Ficou alguns instantes em silêncio, ruminando as informações adquiridas. Lá fora, o céu começava a dar os primeiros sinais de que uma

tempestade estava próxima.

— Yuri não sabia?

Áustria deu um longo suspiro.

— Não faz sentido que ele tenha trocado as armas. — Pensou.—

Primeiro, ele é um cara de um e noventa, que nunca conseguiria entrar aqui e ser discreto. Segundo, se ele sabe que eu li a mensagem, sabe que suspeito dele. E se suspeito dele, seria óbvio deduzir que ele trocou as armas.

Maya moveu a cabeça em negativa.

— Você não seria capaz de deduzir nada, porque estaria *morta* —

explicou, intrigada. — Isso não estava nos planos. Não era pra Áurea sobreviver.

— Está dizendo... — Áustria respirou fundo, então sentou-se na mesa de maquiagem do camarim. Seus dedos posicionaram a rosa em paralelo aos lápis de olhos apoiados na bancada. Passou pó por todo rosto, deixando os lábios pálidos, como o de um cadáver. Estava nervosa. Precisava se ocupar

— que Yuri tentou me matar?

— Não seria grande coisa. — Ela se aproximou da mesa, desligando as luzes que contornavam o espelho. Os lábios de Áustria se curvaram em sinal de protesto. — Até onde vão os limites de um assassino? Ele se sentiu

ameaçado. É assim que o cérebro deles funciona, só precisa de estímulo pra perder o controle.

— Sebastian — Áustria continuou retocando sua maquiagem, mesmo no escuro — é o tipo de pessoa que aprende a ser invisível ao longo dos anos.

Não é impossível que ele saiba que fui até a mansão, que o vi na escola, que sei que foi o último a ver o Hélia com vida. Você disse que os Golucci não são confiáveis, e acho que podemos dizer o mesmo dos seus funcionários.

— Certo. — Maya apoiou as costas em uma das paredes, seu chapéu colorido por pouco não tombou da cabeça. — Temos dois suspeitos. Nossa opção mais óbvia é

ir até o anfiteatro e ver quem está aqui.

Áustria passou os dedos por uma placa de iluminador.

— A maioria das pessoas já deve ter ido embora.

— E nós temos uma ideia melhor?

Em silêncio, a loira pensou por alguns instantes. Seus lábios cheios de *gloss* se moveram algumas vezes, mas, em questão de segundos, ela parecia mudar o fluxo dos seus pensamentos e desistir das palavras que estavam na ponta da língua.

Por fim, ela revirou os olhos e se levantou.

— Tudo bem — mas seu tom era um tanto passivo agressivo. — Eu vou no anfiteatro, você checa a saída. Nos encontramos no estacionamento depois disso.

— Acho que nós deveríamos ir juntas. Você acabou de...

— Sofrer uma tentativa de homicídio? — Áustria fez graça, mas seu tom de voz deixava escapar certo nervosismo. — Não, tudo bem. Se formos separadas, vai ser mais rápido. Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, e eu espero que um assassino não tente matar a mesma pessoa, duas vezes, na mesma noite.

Apesar da tensão em seus ombros, Maya riu. Áustria deu um passo em direção à saída do camarim, então voltou, recolhendo sua rosa da mesa de maquiagens e colocando atrás da orelha mais uma vez. Deu um meio sorriso e desapareceu no corredor, na direção oposta que Maya deveria ir.

Ela ajeitou o chapéu na cabeça e fechou os olhos, respirando fundo. Não se lembrava da última vez que tinha ficado tão desnorteada por uma garota, mas, provavelmente, fora antes dos quinze anos e envolvia personagens fictícios ou celebridades na equação. Mulan e Rihanna eram bons exemplos.

Maya saiu do camarim, descendo as escadas de emergência em direção à saída. Pelo pouco que conhecia da estrutura do Theatro, sairia no salão

principal, bem onde estava com Áustria antes dos tiros acontecerem.

Enquanto andava pelos degraus, Maya tirou o celular do bolso e procurou por notícias no *Google*, encontrando com certa facilidade um vídeo da apresentação de

Áurea.

A privacidade era uma farsa.

Ela clicou no vídeo e deixou que reproduzisse enquanto caminhava. A ideia de Áurea era montar uma apresentação que misturasse contorcionismo e ilusionismo. Estava com as mãos amarradas atrás do corpo, de costas para sua assistente de palco, pronta para se soltar em segundos e pegar a bala no ar, antes que colidisse contra seu corpo. Com as cordas e as balas certas, não era um número difícil.

A plateia soltou uma exclamação contida quando a assistente disparou, fazendo com que o corpo da garota fosse atirado alguns metros para trás, por causa do impacto inesperado do tiro. Um dos ombros de Áurea foi empurrado para frente, e Maya conseguiria ver o momento em que seu braço deslocou se usasse o zoom da tela. Uma poça de sangue se acumulou no chão, enquanto Áurea caía, e os presentes demoraram exatos sessenta segundos para perceber que algo errado acontecia.

Se a assistente de palco tivesse atirado alguns centímetros para a esquerda, Áurea estaria morta ou em uma cirurgia de risco, naquele instante.

Pior que pensar nisso era saber que aquele tiro não fora destinado a ela, mas à Áustria.

Um arrepio percorreu sua nuca ao pensar em como seria se o rei e a rainha de American Saint estivessem mortos.

Maya saiu das escadas de emergência, adentrando o salão principal. Os burburinhos embalavam a noite; comentários maldosos fantasiados de piada, mentiras sendo contadas como verdade, para deixar o acontecimento da semana mais interessante. Maya sempre julgou nojento como as pessoas transformavam tragédia em espetáculo. Lembrava-se, com clareza, dos seus treze anos, quando um incêndio aconteceu em uma boate no Rio Grande do Sul e rendeu meses de assunto e informações fantasiosas. Na época, viu um *tweet* dizendo que a música que tocava enquanto o fogo se alastrava era *Die Young*, da Kesha, e a pré-adolescente medrosa que existia dentro dela apagou a faixa do *iPod*.

Havia muitos rostos conhecidos no saguão. Como patrocinador oficial do concurso, os alunos de American Saint ganhavam dois pontos extras por comparecer em todas as atividades do Fibonacci, o que podia fazer muita

diferença no final do semestre.

Uma luz se acendeu no cérebro de Maya quando viu o caderno de visitantes ao lado da porta de entrada. Era tradição, na maior parte dos pontos históricos, mantê-lo na entrada, para que os visitantes assinassem e deixassem sua marca. Talvez o responsável pela troca das armas não quisesse evidências da sua passagem ali, mas também seria suspeito não assiná-lo.

Todo mundo assinava.

Maya abriu o caderno, pulando para a última página. Havia centenas de assinaturas, letras de cores, tamanhos e texturas diferentes. Algumas estavam borradas, outras pareciam ter sido escritas com todo cuidado e delicadeza do mundo. No topo da última página, os nomes que Maya procurava: Hortênsia e Renato Golucci.

Se eles estavam ali, Sebastian também estava.

Seu corpo deu um pulo quando um raio cruzou o céu do lado de fora, resultando em um trovão barulhento. Ela colocou o livro de volta onde estava e se encaminhou para a saída dos fundos, onde ficava o estacionamento.

As primeiras gotas de chuva começavam a despencar do céu, apressando as pessoas que caminhavam lentamente até seus veículos. Maya tentou se lembrar de modelos que já tinha visto antes, no estacionamento de American Saint, mas logo percebeu que não era o ser humano mais inteligente do mundo quando o assunto eram carros. Ela não saberia diferenciar um corsa de um celta. Sempre encontrava seu *uber* pela cor e pela placa, nunca pelo modelo.

Além disso, estava escuro e o estacionamento era grande demais. As luzes brancas dos postes da rua não eram suficientes para iluminar o espaço por completo e a chuva limitava sua visão.

Maya tirou o celular do bolso da calça, quando recebeu uma mensagem.

Áustria (20:34) diz:

Estou esperando na vaga 35

Gordas gotas de chuva molharam a tela, e Maya guardou o aparelho sem responder. Ela olhou para cima, tentando entender como o estacionamento

numerava as placas. Havia pequenos números pintados no chão, do um ao cinquenta. Um relâmpago cortou o céu, e Maya conseguiu ver que estava perto da vaga treze, o que poderia ser entendido como um sinal de azar ou de sorte, como Taylor Swift diria.

Ela tirou o chapéu da cabeça, o tecido pesado por conta da água. Seu cabelo estava encharcado e os fios gelados caíam nas costas, molhando sua

blusa. Aquilo estava começando a acontecer com *muita* frequência.

Maya continuou andando, aproveitando os relâmpagos, que explodiam de tempos em tempos, para ver em qual vaga estava. Parte do público do teatro tinha se escondido dentro dele e parte ido embora, o que significava que encontrava-se quase sozinha naquele estacionamento sinistro. Ela lembrou do seu sonho com Hélia e sentiu um arrepio descer pela nuca, a garganta seca de sede e nervoso.

Mais um relâmpago e estava na vaga vinte e nove. Cerrou os olhos para localizar a silhueta de Áustria, mas as luzes violentas da tempestade logo se apagaram, e ela ficou no escuro mais uma vez.

Apressou o passo.

Sua visão foi iluminada por um feixe de luz intenso. Maya finalmente localizou Áustria, os olhos da loira no celular, o cabelo mais escuro que o comum por causa da água. Ela esperou pelo barulho que, normalmente, acompanha os relâmpagos, mas nada aconteceu.

Ela cerrou os olhos.

— Quem você encontrou? — Maya perguntou. O barulho infernal das gotas de chuva espancando o teto dos veículos impedia que sua voz chegasse até Áustria. Seus olhos arderam por causa da claridade e ela demorou mais alguns segundos para perceber que a luz que as iluminava não era mais fruto da natureza.

Áustria levantou os olhos do celular, só então se dando conta da presença de Maya.

E de uma terceira pessoa.

Dentro do carro, com o farol ligado na direção delas.

Maya engoliu em seco. Suas mãos tremiam, e não sabia dizer se era o frio ou o pico de adrenalina correndo por seu sangue. Ela queria correr, mas queria, mais ainda, ver quem estava no banco do carona. Que tipo de veículo era aquele? Caro? Popular? Não conseguia enxergar nada. Precisava chegar um pouco mais perto.

O carro acelerou. Áustria correu em sua direção – e era realmente impressionante que conseguisse correr em cima daqueles saltos meia pata –, mas Maya continuou parada, os olhos cerrados, esperando pela oportunidade de ver um pouco mais.

Uma chance de ouro que nunca veio, porque Áustria a empurrou para fora da mira do motorista antes que visse seu rosto. Maya fechou os olhos por reflexo, sentindo seu corpo afundar em uma mistura de terra e água. Tinham

caído em um daqueles jardins de estacionamento, com mais placas do que plantas.

— Estava tentando se matar? — Áustria xingou, com a voz esganiçada.

O carro seguiu seu caminho em alta velocidade, derrubando um cone de trânsito durante a fuga.

Maya abriu os olhos. O corpo de Áustria estava em cima dela, os joelhos da garota fincados na terra molhada ao seu redor. Tinham caído mais ou menos daquela forma, o que, na opinião de Maya, só comprovava que o destino adorava tirar uma com sua cara.

— Achei que conseguiria enxergar o rosto do motorista se me aproximasse mais um pouco.

Áustria moveu a cabeça em negativa, a água caindo dos seus fios de cabelo direto no rosto de Maya. Ela fez uma careta, irritada com o cheiro de creme molhado vindo dela.

— Você quase conseguiu ser atropelada.

Maya riu. Era uma mistura de risada e nervosismo, pelo que tinha acabado de acontecer e pela posição em que estavam.

— Pode sair de cima de mim? — pediu, mas ela não tinha certeza se queria mesmo que ela se afastasse. — Agora que sei que estamos correndo risco de vida, vou ser mais cuidadosa.

Áustria não se moveu.

— É bom que seja. Sem mais cadáveres em American Saint.

Maya concordou com a cabeça. Um novo relâmpago iluminou a noite, e Maya notou um pequeno corte na testa de Áustria, de onde um filete de sangue escorria. Ela levou os dedos até lá, cerrando os olhos para tentar ver melhor.

— Algum galho me arranhou — explicou ela —, mas vou sobreviver.

Estou mais preocupada com o fato de que estou imunda, *porra*. Tem noção dessa nojeira? Cachorros fazem cocô aqui. É bom que você tenha uma boa vida, Maya Jeong, porque essa situação é humilhante.

Maya riu.

— Sua boca também está imunda.

Áustria crispou os lábios.

— Tenho que andar menos com você. Não é certo que alguém como eu fique soltando palavras feias assim.

Sem dizer nada, Maya deu um meio sorriso. Se manteve quieta, observando o rosto de Áustria aparecer e se apagar conforme os relâmpagos

ditavam. Às vezes, tinham poucos segundos entre um e outro, o que causava a impressão de estarem na pista de dança de uma festa de quinze anos, com luzes brancas piscando, deixando tudo em câmera lenta.

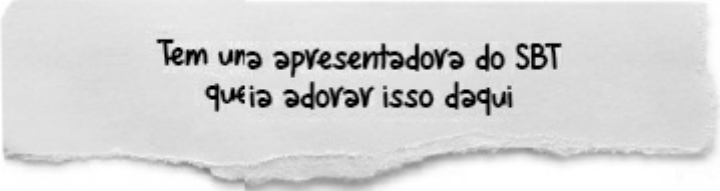
O rosto de Áustria estava perto do seu, de forma que o esforço para beijá-la seria mínimo. Os dedos de Maya desceram do machucado para as bochechas, criando uma trilha de água até os lábios dela. Áustria ainda estava ali, mesmo depois de ser convidada a se levantar, como se estivesse esperando que algo acontecesse. *Trabalhando* para que algo acontecesse.

Maya ameaçou dedilhar os lábios de Áustria, mas não o fez, percebendo que seus dedos estavam sujos de terra.

— Nós vamos terminar gripadas. — Ela quebrou o silêncio entre elas, e a loira pareceu ter acordado de um transe, levantando-se de imediato.

Áustria deu um sorriso sem graça, como se toda tensão dos últimos minutos não tivesse passado de um mal entendido.

— Sim — assentiu, então ofereceu uma das mãos para que Maya se levantasse. — É melhor a gente se secar.



Tem uma apresentadora do SBT
que ia adorar isso daqui

Quando Paula se ofereceu para levar Áustria até o hospital, durante o horário de visitas, naquela manhã de sábado, a garota sabia que tinha duas opções: Falar sobre o prêmio e aguentar um sermão, que duraria os quarenta minutos de viagem, sobre como Paula estava tentando ser uma boa mãe ou não dizer nada e aproveitar o silêncio, frequentemente interrompido por músicas de jazz, que só a mulher gostava de ouvir.

As duas opções eram terríveis, mas Áustria escolheu a segunda, a preguiça de abrir os lábios e argumentar tomando conta do seu ser. Paula era muito boa em se colocar no foco de coisas que não eram sobre ela, e a questão do prêmio não seria diferente. Áustria arriscaria dizer que ainda conseguiria um xingamento da mãe, sobre ser uma garotinha egoísta e incapaz de se sentir feliz pela conquista dos outros.

Claro que não estava feliz, porque Paula era uma mentirosa.

Apesar disso, a mulher voltaria para o trabalho voluntário nos próximos dias, e Áustria achou justo que levasse um pouco de preocupação na bagagem.

— Sabe — ela começou, olhando para frente, o sinal verde se transformando em amarelo —, era pra ser eu nesse quarto de hospital, com uma equipe de médicos se desdobrando em cirurgias complexas para fazer meu braço voltar a funcionar como deveria.

Paula fez uma careta. Ignorou o sinal amarelo e não diminuiu a velocidade. Talvez levasse uma multa mais tarde, mas estava no carro de Osmar.

— Por que está dizendo isso?

Áustria afundou o corpo no banco do carona.

— Trocaram as armas do número da Áurea — disse, uma estranheza na ponta da língua pelo nome tão parecido com o seu. — É absurdo que as pessoas pensem que ela usaria uma arma de verdade, porra, ela não é maluca.

— Não diga porra. É indelicado.

Áustria respirou fundo antes de concordar.

— Enfim, a arma era de brinquedo e alguém colocou meu nome nela.

Alguém achou que eu usaria a arma, não a Áurea, e então fez a troca.

Paula abriu um sorriso, os dedos batucando o volante.

— Você sempre teve uma imaginação muito fértil — seus olhos continuaram no trânsito, o cabelo loiro perfeitamente preso em um coque —, mas o que aconteceu com sua colega foi um acidente terrível, não tente roubar os holofotes do acontecido pra você.

— Eu não estou... Céus! Não estou tentando chamar atenção. Trocaram a arma e tentaram me *atropelar* no estacionamento, não é possível que sejam duas coincidências. — Ela apontou o corte na testa.

Paula mal olhou o machucado.

— Então você acha que está correndo risco de vida?

— Talvez.

— Nesse caso nós deveríamos conversar com a polícia, não?

Áustria suspirou.

— Não tenho provas o suficiente para formalizar uma denúncia —

disse, já irritada. — Nem sei *quem* eu denunciaria.

— Entendi. — Ela se debruçou sob o volante para enxergar a placa do hospital com mais clareza. As duas sentiam alívio pelo fim tão próximo da viagem. — Nesse caso, acho que não tem nada que possamos fazer. O melhor é se sentir grata

por ter um assassino ruim de serviço atrás de você — Paula deu um meio sorriso, mas era visível que não acreditava em Áustria. Ela não seria tão babaca se acreditasse, o medo premeditado de ficar com a consciência pesada, caso a filha morresse de verdade.

Paula estacionou o carro. Foi a vez de Áustria se abaixar um pouco, observando a logo azul e cheia de arestas do Hospital Sírio-Libânes.

— Você quer que eu te espere? — perguntou, delicadamente. — Eu entraria na visita com você, mas tenho problemas com sangue.

Você é a porra de uma médica, Áustria pensou, mas não disse. Sua mãe passara muitos anos tomando ansiolíticos antes de entrar em uma cirurgia, o que não parecia muito benéfico para os seus pacientes. De qualquer forma, ela duvidava que fosse ver qualquer resquício de sangue em uma visita tão formal quanto aquela.

Não discutiu. Áustria percebeu que nunca discutia com Paula, ainda que motivos não faltassem. A sensação de uma guerra perdida assolava seu corpo antes mesmo que começasse a elaborar um argumento.

— Não precisa — respondeu, educadamente. — Eu volto de *uber*. Ou pego uma carona, sei lá. Muitos dos meus colegas devem estar aqui.

Paula assentiu com um sorriso, como se aquela carona fosse suficiente para lhe dar o prêmio de mãe do ano. Áustria cerrou os olhos. Preferiu pensar que ela estava tentando. Não tentava o bastante, mas *tentava*. Áustria desceu do carro, ajeitando o buquê de peônias cor de rosa que tinha comprado para Áurea nas mãos. Se fosse honesta, ela diria que não fazia ideia do que estava fazendo ali, visto que tinha conversado com a garota duas vezes na vida, com sorte três. Parte de si se sentia culpada pela situação, parte de si só queria parecer simpática.

Controle e equilíbrio são coisas que andam juntas, Hélia costumava dizer, *pode ser babaca, mas não babaca a ponto das pessoas não suportarem mais olhar na sua cara. Você precisa de pessoas ao seu lado. Precisa cativá-las quando elas estão perto de desistir de você.*

Analisando friamente, Áustria reconhecia que as falas de Hélia eram problemáticas. Ao mesmo tempo, eram funcionais. Se estivesse vivo, o príncipe de American Saint chegaria até a presidência na vida adulta, caso assim quisesse. Um

manipulador nato. Áustria passou os dedos pelo cabelo loiro, enrolando um dos cachos que tinham se formado na ponta. Entrou no hospital com a coluna ereta, passos sincronizados e sua melhor postura, pronta para qualquer repórter à paisana. Foi direto para sala de espera.

— Vim visitar a paciente Áurea Alves — disse, apoiando as flores na bancada branca.

A secretária a observou por cima dos óculos, checando a informação em um bloco de papel.

— Ela está com uma visita agora — explicou. — Se sair antes das onze horas você pode entrar.

Áustria fez uma careta. O relógio da recepção marcava dez e quarenta e cinco. Ela revirou os olhos sem que a mulher percebesse e recolheu suas flores, sentando-se na pequena sala de espera. Ajeitou a mini saia cor de rosa que cobria suas coxas, tirou seu fiel frasco de álcool em gel da bolsa e limpou as mãos, preocupada com a quantidade de germes que poderia se aglomerar nas cadeiras de um hospital.

Áustria bateu um dos pés contra o chão, entediada. Tinha lembranças traumáticas da sua última vez em uma sala daquela, quando esperava um médico sair dos elevadores e dizer se sua mãe estava viva ou morta. As coisas nunca tinham sido as mesmas desde então. *Ela* não tinha sido a mesma. A maioria das pessoas que convive com sobreviventes – e Áustria já tinha participado de um grupo de apoio – sente que precisa viver seus dias da

forma mais intensa possível, mas ela nunca tinha visto por esse lado. Saber que seu tempo era escasso só a fazia ter mais vontade de planejar cada passo.

Era como se estivesse jogando campo minado com apenas uma vida restante: Um erro e as coisas explodem.

Diferente do jogo, ela não tinha a opção de resetar e fazer de novo.

O relógio marcou dez e cinquenta. Ela notou uma sombra contornar suas pernas e levantou os olhos, encontrando o cabelo loiro de Yuri, que tinha uma expressão curiosa no rosto. Antes que tivesse tempo de murmurar um cumprimento, a secretária do hospital levantou sua voz.

— A visita da paciente Áurea Alves acabou de sair.

Áustria ergueu um dos dedos, pedindo um momento.

— Já vou — disse, mas não se moveu. Se tinha um lugar melhor para conversar com Yuri do que em uma sala cheia de pessoas, ela desconhecia.

Ajeitou os fios da franja loira, para garantir que não mostrassem o machucado em sua testa. — Não imaginei que viria visitá-la. — Cruzou os braços. — Não sabia que eram próximos.

Yuri passou uma das mãos pela nuca, aparentando certo nervosismo.

Talvez não estivesse em seus planos ser visto, mas Áustria estava distraída, e o garoto tivera a oportunidade de sair sem chamar atenção.

— Não somos — ele deu de ombros —, mas tudo aconteceu de um jeito meio... assustador? Não sei. Achei que ela precisava receber algum apoio.

Áustria assentiu.

— Eu vi alguns vídeos na internet.

— Eu estava na primeira fila — Yuri torceu o lábio. — Ainda deve ter sangue em algum canto do meu cabelo.

Ela sentiu um arrepio percorrer seu corpo, mas se forçou a dar um sorriso. Precisava que ele confiasse nela, ou, pelo menos, não tentasse matá-la pela terceira vez.

— Foi assistir minha apresentação?

— Eu gostaria de dizer que sim — ele deu um meio sorriso e pareceu tão doce que Áustria duvidou que Yuri fosse capaz de fazer mal a qualquer pessoa. Então, a mensagem no computador de Hélia voltou à sua cabeça, aquele tom claro de ameaça —, mas minha irmã está competindo também. A garota do podcast.

Áustria arqueou uma das sobrancelhas.

— Eu não sabia que tinha uma irmã. — E ela estava realmente em choque. Para alguém que dizia comandar a escola, estava mal informada.

— A gente não conversa muito no colégio.

— Você tem vergonha dela ou ela tem vergonha de você?

Yuri riu.

— Por que alguém teria vergonha de mim? Fala sério — deu de ombros.

— Mas não é sobre vergonha, nós só... Somos de grupos sociais muito diferentes.

— Sei. Ela só usa preto, você escuta pagode e sertanejo. Aposto que brigam pelo rádio do carro na hora de ir pra escola.

Ele fez uma careta.

— Já teve uma época em que a gente tinha o luxo de brigar pelo rádio

— riu, sem graça. — Eu não posso dirigir por um tempo. Não posso, tipo, legalmente.

— Por quê?

— Depois da festa da Karen, ela me disse pra deixar o carro na vaga de garagem da mãe dela e ir pra casa de *uber*, mas eu estava com preguiça de ter que voltar no outro dia pra buscar, então...

— Dirigiu bêbado?

Yuri assentiu.

— Minha carteira era provisória, o que significa que estou nas mãos dos motoristas de aplicativo agora — ele pensou por um instante, então deu de ombros, como se não fosse grande coisa. — Mas meu pai vai dar um jeito.

Áustria forçou um sorriso. Aquela era a representação de uma tranquilidade que só o dinheiro podia comprar. Garotos ricos estavam acima da lei, porque ela se moldava conforme os cartões de crédito AMEX, fossem dos pais ou seus próprios. Se ele tivesse matado Hélia, talvez dissesse a mesma coisa: *Meu pai vai dar um jeito*.

Feliz ou infelizmente, Áustria teria que dizer à Maya que suas suspeitas eram infundadas. Alguém tinha as atacado no estacionamento, na noite anterior e, a

menos que Yuri tivesse pedido que um motorista do *uber* o fizesse, não poderia ser ele o responsável.

Não tinha certeza se riscar Yuri da lista de suspeitos era um avanço ou um retrocesso.

— Senhorita — a secretária murmurou, dando pequenos tapas no sininho em cima da bancada —, as visitas terminam em cinco minutos.

Áustria segurou o ímpeto de revirar os olhos. Odiava a regra sobre horários de visita. Se estivesse no hospital, gostaria de ser visitada o tempo inteiro.

Assentiu para a moça e se voltou para Yuri. Levantou-se, segurando seu buquê de peônias com mais força que o necessário.

— Áurea está... tipo, bem? — Suas sobrancelhas se uniram no centro da testa. — Os juízes acabaram cancelando a prova — comentou, na ansiedade de ter uma resposta. Na opinião de Áustria, não era uma escolha justa com as competidoras que tinham se esforçado para entregar um bom trabalho.

Yuri ergueu um dos ombros.

— Assustada, eu acho. Chateada por ter sido desclassificada, talvez. Ela faz questão de dizer pra todo mundo que a arma era de brinquedo, mas as pessoas sabem que não estaria trancada em um quarto de hospital se fosse. O

que ela quer dizer, sabe? Que alguém trocou as armas?

— Não acha isso possível?

Ele deu um sorriso presunçoso.

— Possível, mas altamente improvável. Parece uma daquelas teorias da conspiração toscas que vemos na internet. A rainha da Inglaterra pode ser uma reptiliana, mas é improvável que seja. Além disso, não acha que é muito mais fácil dizer que trocaram as armas do que assumir o próprio erro?

Áustria sentiu suas mãos suarem. Na sua lembrança, a arma parecia mesmo de brinquedo, mas não tinha se aproximado o bastante para ter certeza. Maya garantia que não era real, mas quantas armas ela tinha visto na vida?

Talvez as armas nunca tivessem sido trocadas.

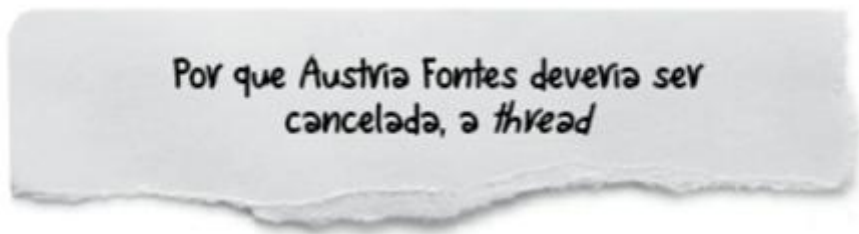
Talvez o incidente no estacionamento fosse fruto de um motorista com problemas de visibilidade por causa da chuva.

Áustria mordeu o lábio.

— Sim, você tem razão — e sorriu, esforçando-se para não parecer nervosa. — Vou entregar essas flores antes que meu tempo acabe.

Yuri ergueu o polegar em um sinal de positivo, e Áustria observou cada passo do garoto até que desaparecesse no saguão do hospital.

Agora, podia dizer com certeza: Ainda que sua investigação não estivesse retrocedendo, não estava avançando.



Estar no ginásio onde Hélia Golucci fora assassinado ainda causava uma sensação estranha em Maya – e em todos os alunos. Ela havia pensado que os professores de American Saint eram exagerados por terem cancelado as aulas de natação até o fim do ano, mas, agora, sozinha naquela imensidão silenciosa, ela entendia perfeitamente. A faixa amarela de “não ultrapasse” fora trocada por uma mais amigável, assim que a polícia terminou as investigações, mas isso não deixava o lugar menos sombrio. Era como se a presença de Hélia ainda estivesse ali, em um limbo, se afogando de novo e de novo, nos mesmos litros de água.

Um filete de sol escapou para dentro quando Áustria abriu a porta. O

relógio marcava seis e quarenta da manhã, e tinham combinado de se encontrar antes das aulas começarem, mas só agora Maya percebia que o lugar fora uma péssima escolha. Era tão discreto quanto mórbido.

— Acho que me atrasei alguns minutos. — Áustria fez uma careta assim que entrou no ginásio e, mesmo sem dizer nada, Maya percebeu que ela também se

sentia desconfortável naquele espaço —, mas ainda temos tempo antes da educação física começar.

Maya assentiu, observando a água da piscina ondular diante do vento. A direção insistia em dizer que o *deck* retrátil fora retirado para manutenção, mas a maioria dos alunos imaginava que ele nunca voltaria.

— Então — Áustria começou. Sua franjinha curta estava presa para o lado com um tic-tac cor de rosa, escondendo perfeitamente o machucado da testa. Tinha uma edição capa dura de *Orgulho e Preconceito* nas mãos, a mochila pendendo nas costas —, fui visitar Áurea no final de semana. Fiquei poucos minutos, na verdade, porque o horário estava perto de terminar, mas Yuri também foi.

Maya fez uma careta.

— Ele viu você lá?

— Veio falar comigo. Eu achei estranho que ele não estivesse preocupado em ser discreto, sei lá. Ele me disse que estava no Theatro

quando Áurea foi baleada, mas não tenho mais certeza se ele pode ser considerado culpado.

— Por quê?

Áustria passou a língua pelos lábios.

— Nós conversamos por um tempo e, por acaso, ele me contou que perdeu a carteira na noite do aniversário da Karen. Era uma habilitação provisória. Dirigiu bêbado, ganhou pontos... Enfim, você deve saber como as leis de trânsito funcionam.

Maya enrolou uma mecha branca do cabelo nos dedos.

— Está dizendo que ele não poderia estar no carro que avançou em cima da gente?

Áustria deu de ombros, finalmente se sentando ao lado dela.

— É só uma hipótese.

A morena balançou a cabeça em negativa.

— Desde quando garotos ricos obedecem às leis?

Ela suspirou em resposta.

— Também estava pensando na ideia de que, talvez, as armas não tenham sido trocadas.

— Era de brincado — Maya murmurou, sem hesitar —, tenho certeza disso.

— Você viu a arma de longe. Pode ter se confundido.

— Acha mesmo que alguém se colocaria em perigo só pra chamar atenção de um jurado?

Ela mordeu o lábio.

— Seres humanos são autodestrutivos. Estamos *sempre* nos colocando em perigo. Dietas restritivas, cigarro, álcool, esportes radicais. Somos narcisistas a ponto de achar que coisas ruins acontecem com os outros, mas nunca com a gente.

O cenho de Maya franziu, uma expressão confusa.

— Sabe que não são coisas comparáveis, não sabe?

— Acha absurdo, porque não entende a importância desses concursos.

Se não ganhar, sua mãe vai te dar uma mesa de som nova e você vai seguir em frente. Nunca notou que as pessoas fazem loucuras pra conseguir o que querem? Amor, dinheiro, uma coroa. Todos os maiores crimes da história foram motivados por coisas que as pessoas diziam amar.

Maya respirou fundo, pouco convencida.

— Ok, eu tenho a impressão que perdi alguma parte da história. Você

conversou com Yuri por dez minutos, nesse final de semana, e isso foi suficiente pra chegar à conclusão de que ele não é um assassino? — Ela balançou a cabeça em negativa. — Quando ele te convenceu? Quando estava sorrindo na sua direção ou quando decidiu contar que estava dirigindo pelas ruas de São Paulo depois de beber que nem um bode?

— Nós nunca tivemos certeza de que Yuri era o assassino. Você mesma disse que desconfiava dos Golucci também.

— E desconfio. Tanto quanto desconfio desse garoto que, caso você não lembre, ameaçou o Hélia.

Áustria a encarou.

— Você também disse — deu uma pausa — que podia ser só uma coisa idiota que falamos no momento da raiva.

Maya cruzou os braços.

— E pode. Só não acho que devemos descartá-lo da lista de suspeitos assim. Um monte de gente dirige usando carteiras de motorista vencidas, só porque ele não pode dirigir legalmente não significa que ele não vá. Não acha estranho que ele tenha, casualmente, te contado que perdeu a permissão?

— Eu acho — ela hesitou, apoiando as mãos no chão ao redor da piscina e deixando que o corpo tombasse ligeiramente para trás — que você está com ciúmes.

Defensiva, Maya deu uma risada irônica.

— Você é maluca. — Ela se levantou, irritada.

Áustria fez o mesmo movimento.

— Na minha visão, faz muito sentido manter justamente o cara que está interessado em mim na lista de suspeitos.

— Sabe o que faz sentido? — Ela balançou as mãos na frente do corpo, passos irritados até as portas do ginásio. — Entender que o mundo não gira ao seu redor. E sendo honesta, sem querer machucar o seu ego de quilômetros e os sentimentos que eu nem tenho certeza se existem aí dentro, eu não poderia estar menos interessada em alguém como você.

— Você está com ciúmes — repetiu, os lábios se moldando em um sorriso presunçoso. Se Hélia não tivesse morrido naquela mesma piscina, Maya a empurraria na água.

— Você quer mesmo falar de ciúmes? — Ela parou de forma brusca, desistindo de alcançar a porta. — Por que você ativou o sistema de irrigação em cima de mim?

Áustria tombou a cabeça para o lado, confusa.

— Por que está perguntando isso agora? Eu estava bêbada, sei lá.

Maya negou.

— Você estava com ciúmes.

Ela riu, segurando o livro contra o peito.

— De você e da Karen? Fala sério.

— Está dizendo que decidiu ensopar sua melhor amiga, no dia do aniversário dela, sem nenhum motivo? Só por diversão?

— Foi só água, tá? Está falando como se eu tivesse a empurrado de um penhasco. E sim, eu coloco as pessoas em situações humilhantes por pura diversão, não sei porque está surpresa — Áustria desdenhou. — Não tente reverter a situação, isso não é sobre mim. É sobre você.

— Se é sobre mim, significa que tenho direito de encerrar a conversa —

Maya forçou um sorriso. — E é exatamente o que estou fazendo agora. —

Seus pés voltaram a trabalhar, os tênis castigando o chão do ginásio, enquanto se aproximava da saída, passadas decididas e irreversíveis.

— Maya, não me deixe falando sozinha!

Ela ignorou Áustria até que estivessem do lado de fora.

— Maya! — a loira chamou de novo, a voz esganiçada como a de uma criança prestes a se jogar no chão do shopping por causa de um brinquedo.

Áustria notou alguns alunos se virando na direção delas e revirou os olhos, percebendo que seria obrigada a encerrar aquela conversa. — Saiba que isso foi muito indelicado da sua parte. — E saiu em direção ao prédio principal, com o

livro de Jane Austen ainda mais apertado contra o peito. Maya quase pensou que ela o usaria como arma.

— Problemas com a rainha da escola?

Maya se sentiu aliviada ao ouvir a voz de Gabi. Tinha a impressão que estava se afastando da amiga desde a morte de Hélia. Não a vira no final de semana, nem no Theatro.

— Sempre — Maya ironizou. — E você? Alguém te trancou no calabouço do reino? Não foi na minha apresentação.

Gabi deu um sorriso, como quem pede desculpas.

— Eu achei que você não se importaria. Você não liga pra essa coisa de concurso, não é? — Ela soltou ar pelo nariz, sem jeito. — Eu estava estudando. Mecânica, eletricidade e energia ondulatória... Minha nota em ciências biológicas foi uma vergonha no ENEM do ano passado.

Maya levou um dos dedos até os olhos, limpando um pouco do excesso de rímel seco dos cílios.

— Você tirou seiscentos e vinte. Quase oitocentos na média geral.

— Como eu disse, uma vergonha. Dá pra fazer melhor que isso.

— Dá. Se você abrir mão da sua vida social e viver com a cara enfiada dentro de um livro.

Ela deu de ombros, tranquila.

— É mais ou menos isso que pretendo.

Maya riu.

Caminharam em silêncio até as quadras, onde o professor Elias já separava a turma em duplas escolhidas por ele. Desde a gracinha de Áustria com sua garrafa de enérgico fluorescente, Elias havia decidido que seria mais seguro manter garotos e garotas fazendo aulas juntos, em atividades *unissex*.

Talvez fosse fruto do pensamento machista de que mulheres se atracam quando estão sozinhas, mas se comportam bem na frente de homens, para não parecerem barraqueiras e ficarem sem marido. Considerando que os ex-alunos de American Saint realmente se casavam entre si, o risco era real.

Como numa *seita*.

— Maya — Elias chamou, assim que botou seus pés na quadra. Ela tinha a impressão que estava na lista de ódio do professor desde o incidente do energético, o que não pretendia dizer em voz alta —, forme uma dupla com o Yuri. Gabriela, seu par vai ser o... — ele passou os olhos pela quadra, procurando por algum outro aluno — Adriano.

— É impressão minha ou eles estão tentando fazer os alunos se integrarem, desde que o Hélia morreu? — Gabi sussurrou. — Eu não aguento mais ter que fazer duplas com estranhos em todas as aulas.

Maya deu de ombros.

— Provavelmente estão. Me deseje sorte — zombou, então se deu conta de que Gabi não sabia sobre Yuri, sobre suas suspeitas, sobre o estacionamento. Era estranho perceber que, agora, tinha assuntos secretos com Áustria.

Ela procurou a garota com os olhos, mas a loira não estava na quadra.

Julgando pelo livro que tinha em mãos, passaria o horário na biblioteca e daria a clássica desculpa da cólica insuportável, quando questionassem sua falta.

Maya bufou, então sorriu. Quanto mais tempo longe de Áustria, melhor.

— Quero que façam exercícios de aquecimento — disse Elias, a voz reverberando pela quadra. — Se concentrem em passar a bola pra dupla sem deixá-la cair.

Maya enrolou o cabelo em um rabo de cavalo, demorando mais tempo que o necessário para posicioná-lo. Yuri a esperava com uma bola de basquete em mãos e, enquanto o observava, Maya odiou cada segundo.

Ele era bonito. Não bonito como Hélia, mas mais atraente do que boa parte das pessoas, o que já lhe garantia alguns olhares. Seu cabelo loiro parecia recém-saído de uma aula de surfe, em algum mar da Califórnia e seus olhos eram grandes, o que faziam seu nariz protuberante parecer um pouco menor. Ainda que Áustria fosse

deslumbrante, enquanto ele era *só* bonito, fariam um casal agradável aos olhos. Teriam filhos tão loiros quanto eles e pediriam pizza toda sexta-feira à noite, de calabresa, um sabor tão clichê e sem graça quanto a família que construíam.

Relutante e ciente de que estava exagerando, Maya se aproximou dele.

Ele acenou antes de jogar a bola e, ainda assim, ela não a deixou escapar por pouco, a circunferência grande demais para suas mãos pequenas.

Maya jogou a bola de volta, agora mais concentrada que antes.

Ainda que tivessem um acordo sobre não questionar Yuri, a oportunidade perfeita parecia ter caído de paraquedas no colo de Maya. Ela não precisava dizer nada diretamente. Uma pergunta bem colocada sobre Hélia e poderia analisar sua reação.

Além disso, Áustria já tinha quebrado seus acordos muitas vezes antes.

Uma pergunta.

Parecia justo.

Inofensivo.

Mas ela não fazia ideia do que perguntar.

Deixou a bola cair, dessa vez, propositalmente.

— Desculpa. Acho que acordei um pouco... relapsa — percebeu que essa era uma palavra que Áustria usaria, então fez uma careta.

Yuri assentiu, sem dar muita importância.

— Ninguém funciona direito antes das dez da manhã.

Enquanto se abaixava para recuperar a bola, Maya concordou. Se forçou a continuar a conversa. Na pior das hipóteses, ele pensaria que estava flertando.

— Soube que chamaram o Lucas de volta pro time de futebol. As coisas complicaram sem o Hélia? — jogou.

Yuri segurou a bola no ar, a expressão ainda mais fechada do que antes.

— Na verdade, estamos muito bem sem ele. — Arremessou de volta. —

Hélia não tinha muito espírito esportivo. Só estava no time porque gostava de mandar nos outros. — Seus olhos estavam nublados. — Os mais velhos sempre dizem. Tem males que vem pro bem.

O estômago de Maya revirou.

— Você parece satisfeito com o que aconteceu.

— Acho que essa não é uma boa forma de dizer. — Quando Maya jogou a bola, ele a pegou de novo, o que estava começando a deixar a garota irritada. — Só não estou de luto. Nós não éramos amigos, então... foi mal.

Eu não devia falar essas coisas na sua frente, considerando que vocês estavam — ele mordeu o lábio —, tipo, transando?

Ela esperou Yuri arremessar a bola mais uma vez antes de continuar. O

comentário do loiro parecia uma provocação, uma forma de deixá-la desestabilizada.

— Eu estava me lembrando, na verdade — disse, pensativa —, de um desses dias que estávamos juntos e vi mensagens estranhas na caixa de entrada dele. Mensagens suas, num tom que eu considere meio...

ameaçador.

Maya jogou a bola para ele.

— Eu e Hélia tínhamos nossos problemas — Yuri arremessou de volta, assim que a pegou, aproveitando que Maya estava desprevenida. A bola de basquete quicou no chão —, mas todas as vezes que discutimos, eu estava certo.

Maya se abaixou para recuperar a bola.

— É fácil dizer que um garoto morto está errado. Ele não tem como se defender.

Os olhos de Yuri voaram até Elias. Aproveitou da distração do professor para se aproximar um passo de Maya.

— Você quer saber a verdade?

Ela assentiu, jogando a bola com tanta força quanto ele.

— A sua verdade?

Yuri não conseguiu segurar seu arremesso dessa vez. Ele balançou a cabeça em negativa e mordeu o lábio, a paciência esvaindo-se pelos poros.

— Hélia estava perseguindo o Lucas — disse, abaixando-se. — Antes de vocês estarem juntos ou, sei lá, *enquanto* estavam juntos, eles tiveram um caso. Foi Lucas quem terminou e, pra mim, é óbvio dizer que o garoto mais rico da escola não soube lidar com um não. Foi um inferno. — Ele apanhou a bola do chão, voltando para posição de antes. — Sei de qual mensagem você está falando e eu escrevi aquilo depois... — Yuri parou para respirar —

depois que Hélia mandou um e-mail com vídeos íntimos deles pra empresa do pai do Lucas. Foi uma sorte eu ter um amigo que conseguiu hackear, mas ele não foi arrancado do armário por pouco.

Maya engoliu em seco. Não hesitou em contrariá-lo:

— Hélia nunca tiraria alguém do armário.

— Defenda-o quanto quiser, mas ele teve o que mereceu. — Ele jogou a bola. — Uma morte solitária e dolorosa.

Sem resultado, Maya tentou segurar seu arremesso. Ela sentia um desconforto no fundo da garganta, como se estivesse muito perto de vomitar.

Seu dedo indicador pulsou e sua visão ficou turva por alguns segundos, a quadra e as pessoas ao seu redor girando. Seu corpo estava zozinho. Era difícil entender o que tinha acontecido nos últimos dez segundos.

Ela só percebeu que tinha caído quando Yuri se aproximou dela, alto e imponente, olhando para baixo.

— Caramba, Maya — ele a encarou, as sobrancelhas franzidas, o tom passivo que não estava ali minutos antes —, não era pra ter te machucado.

Com aquela força? Maya duvidava.

Duvidava tanto que gostaria de se levantar e fazer uma sequência de acusações *tão* indelicadas que terminariam com ela sentada na frente do diretor Felipo, esperando seus advogados chegarem. Não o fez, no entanto, porque um escândalo na aula de educação física era suficiente por um ano.

— Tudo bem, crianças — Elias interveio. Maya quase podia ver um brilho debochado em seus olhos. Estava certa de que ele comentaria sobre a aluna problemática do terceiro ano, na sala dos professores mais tarde. —

Acidentes acontecem. — Mas a maioria dos acidentes em American Saint acabavam em processo. — Maya, consegue se levantar?

Ela assentiu, o canto dos olhos cheios de lágrimas por conta da dor. Não controlou sua respiração, não tentou impedir que as lágrimas saíssem.

Esperou que elas escorressem por seu rosto, que dessem origem a lágrimas novas, mas nada aconteceu. Estava doendo pra cacete, mas ela não conseguia nada além daquelas lágrimas de reflexo.

Maya revirou os olhos. Tentou dobrar o dedo algumas vezes, sem resultado. Àquela altura da confusão, a aula de educação física já tinha parado por completo.

— Bateu a cabeça? — Elias perguntou, recebendo um aceno negativo de Maya. — Alguém pode levá-la até a enfermaria?

Ela percebeu que Yuri se ofereceria, mas negou de prontidão.

— Professor — chamou —, tudo bem. Eu consigo ir sozinha. — Maya se levantou, lançando um olhar fulminante na direção do loiro, antes de sair da quadra.

Não era ciúmes.

Tinha alguma coisa de errado com Yuri, e era uma questão de tempo até que ela conseguisse provar.

Coloque seus sentimentos no chão e se
entregue imediatamente a polícia

Como você descobriu que era lésbica?

Karen engasgou com a fumaça do baseado que tragava. Estavam no terraço do prédio das aulas, esperando que a interminável educação física terminasse. Áustria se sentia ansiosa desde a discussão com Maya. Já tinha folheado algumas páginas de *Orgulho e Preconceito*, sentado em todos os banquinhos disponíveis e tentado convencer Karen de que fumar maconha, dentro da escola, não era uma boa ideia, uma empreitada inútil.

Agora estava ali, olhando para o mundo lá embaixo e fazendo perguntas constrangedoras.

— Tem algum motivo especial pra pergunta ou... — Karen se recuperou, o rosto vermelho por causa da tosse.

— Meu irmão — disse Áustria, a mentira saindo com facilidade pelos lábios. Quantas coisas sobre ela eram verdade? Nos últimos tempos, tinha a impressão de que estava mentindo o tempo todo. — Ele apareceu com um namorado do nada. Eu queria entender mais sobre, só isso. Ele nunca falou que era gay antes.

Karen riu.

— Nunca falou pra você. — Ela apoiou os cotovelos no parapeito, deixando que as cinzas do seu cigarro caíssem para baixo. — Os amigos próximos dele devem saber. E pessoas hétero romantizam demais essa coisa de sair do armário.

— Romantizam? — Áustria se corrigiu. — *Romantizamos?*

— Seu irmão nunca disse que era gay, só apareceu com um namorado.

Sabe com o que isso parece?

Áustria negou.

— É o que gente hétero faz. Assume um relacionamento, não uma sexualidade. Entende? — Ela fez uma careta. — É que às vezes tenho a impressão que as pessoas acham que somos diferentes. Que existe uma Karen

antes de dizer que é lésbica e uma Karen depois, mas a realidade é que eu continuo a mesma. E continuaria a mesma se acordasse amanhã e decidisse beijar um cara.

Áustria deu um meio sorriso, acenando com a cabeça. As palavras de Karen a tranquilizavam, mas incomodava que não pudesse dizer isso a ela.

Ainda era a mesma quando beijava Isis. Áustria Fontes, dezessete anos, concursos de beleza, livros clássicos, dificuldade em ciências, problemas familiares.

Ainda seria a mesma se...

Ela não se permitiu completar o pensamento.

De repente, Karen ajeitou o corpo, a tela do celular ganhando toda sua atenção.

— Parece que teve uma confusão na educação física — comentou, mudando de assunto da água para o vinho. Sua forma de conduzir a conversa deixava claro que o tema anterior não era um problema, nem algo que valesse sua atenção por muito tempo. — As pessoas estão comentando no *Twitter* —

disse, rolando a tela do celular, as unhas postiças batendo contra a película.

— Aparentemente — Áustria arqueou uma sobrancelha quando Karen apagou o cigarro no topo do parapeito, pronta para acompanhar a fofoca com toda disposição que seu cérebro chapado era capaz de oferecer —, o professor Elias nunca mais vai ter um segundo de paz.

Ainda atenta, Karen deixou um risinho escapar.

— E foi você quem começou. A maldição das aulas de educação física.

— Ela desceu mais um pouco a tela, então parou. — Estão dizendo que o Yuri quebrou o dedo da Maya com uma bola de basquete.

Áustria demorou algum tempo para entender, como se os nomes não fizessem parte do seu universo. Seus lábios crisparam em torno de uma risada nervosa.

— Como assim? — foi tudo que ela conseguiu perguntar, porque a ideia parecia de fato absurda, como receber um *spoiler* fora de contexto e ser incapaz de prever o que aconteceria para que a trama chegasse naquele ponto.

— É o que estão dizendo — Karen ressaltou, o tom de dúvida aparente.

Áustria entendeu o que ela queria dizer: Nem sempre o que as pessoas comentam na Internet é uma verdade absoluta.

Na maior parte dos casos não é.

Áustria se esforçou para não demonstrar nervosismo.

— Como representante da turma, é melhor eu ir... Você sabe. Ver se todos os envolvidos estão bem — disse, ajeitando a franja loira na testa.

Karen fez que sim.

— Vou ficar aqui até a minha onda passar. Me mantenha informada.

Áustria quase conseguia ouvir a música tema de *Gossip Girl* embalando aquela conversa. Ela deu um sorriso para a amiga e controlou seus passos até a escada de emergência, para que parecessem calmos. Assim que a porta corta fogo fechou em suas costas, ela correu, pulando alguns degraus de dois em dois, uma das mãos no corrimão garantindo que não perdesse o equilíbrio e a outra segurando seu maldito livro.

Se Yuri tinha quebrado seu dedo, Áustria o mataria.

Ela conseguia visualizar a cena com clareza: Maya, com seus olhos cheios de delineador em excesso, perguntando ao loiro o que ele sabia sobre a mensagem estranha no computador de Hélia, em um golpe impulsivo e, talvez, suicida. O que havia acontecido depois disso era um borrão, um acontecimento que o cérebro de Áustria não conseguia recriar. Parecia incoerente pensar que Yuri tinha quebrado seu dedo na frente de todos os alunos, como um mafioso.

Quando chegou no corredor da enfermaria, Áustria respirou. Seus pulmões queimavam pela corrida intensa, mas ela não demorou a recuperar o fôlego. Agora, no meio de outros alunos, andou devagar, cumprimentando as pessoas que sorriam para ela no caminho, mantendo uma expressão tão plácida no rosto que talvez pensassem que era um robô, e não um ser humano.

Ela se aproximou da porta e hesitou em entrar. Ergueu um dos punhos para bater, mas não o fez, desistindo da cordialidade e invadindo o espaço sem ser anunciada.

A enfermaria de American Saint era um diferencial, do qual toda a equipe administrativa se orgulhava. Enquanto a maior parte dos colégios se virava com saletas escuras e um sofá gasto, onde os alunos doentes podiam descansar, o espaço que tinham poderia ser confundido facilmente com um quarto de hospital – e dos mais caros.

Primeiro, o ambiente não fora construído naqueles tons exagerados de branco, que deixavam os olhos de qualquer um doendo e se assemelhavam com a decoração de um manicômio. O piso era fosco, num tom bonito de madeira clara que combinava perfeitamente com o couro marrom das poltronas brilhantes. A maca que tinham estava mais próxima de uma cama de verdade do que de uma placa dura de metal com colchão e travesseiro. Se

não fosse o armário cheio de remédios, Áustria diria que era um quarto comum.

— Você *já* ficou sabendo? — Áustria levou uma das mãos até o peito, assustada com a voz de Maya. Ela estava sentada em uma poltrona, o dedo indicador coberto por uma bolsa de gelo. Com os olhos, a loira procurou por algum sinal da enfermeira, sem resultado.

— Como posso dizer? — Ela se aproximou da poltrona de Maya. — As notícias voam, eu acho. Agradeça a Vinton Cerf. O cara que inventou a internet.

Maya revirou os olhos, a discussão de horas mais cedo ainda causando causava faíscas entre elas.

— Ele quebrou mesmo seu dedo?

Ela tampou os lábios e deixou uma risada escapar, como se a ideia fosse absurda.

— Não. — Balançou a cabeça de um lado para o outro. — A enfermeira disse que é só uma luxação. Foi buscar uma tala pra mim.

Áustria assentiu,

— Mas foi... tipo, de propósito?

— Sim, não. Mais ou menos — deu de ombros. — Estávamos fazendo um exercício de aquecimento com bolas de basquete e conversamos sobre o Hélia. Ficamos irritados, e ele jogou a bola com força demais, mas eu não sou inocente

nessa história. Também estava arremessando com força, então... Eu poderia ter machucado o dedo dele. Foi meio que azar.

Ela suspirou.

— Você tinha razão.

— Não é a primeira vez — Maya sorriu, antipática. — Mas sobre o quê?

— Sobre tirar Yuri da lista de suspeitos. Fui precipitada demais. Ele sempre foi gentil comigo quando falei sobre Hélia, mas essa reação explosiva... Sei lá. Não parece certo. Uma pessoa inocente reagiria dessa forma?

Maya esticou o pescoço.

— É complicado dizer. Ele pode estar em um dia ruim ou pode ser um assassino. Particularmente gosto mais da segunda opção, mas não temos como provar nada.

— Talvez seja hora de envolver a família Golucci no assunto.

Maya moveu a bolsa de gelo um pouco para cima.

— O quê?

— Precisamos saber mais sobre aquela mensagem. É a única coisa concreta que temos.

— Yuri disse que estava de cabeça quente quando a enviou. Que Hélia estava tentando tirar um cara do armário. — Áustria arregalou os olhos, então Maya continuou: — Eu não acredito que ele tenha feito isso.

— É difícil saber. Hélia era um enigma — Áustria suspirou, mordendo o lábio. — Tenho a impressão que nunca o conheci de verdade — deu uma breve pausa, as palavras flutuando entre elas. — Os pais dele poderiam pagar um investigador particular, não acha? Alguém que fosse discreto o suficiente pra não deixar informações caírem na mídia. Se falássemos com eles... Um investigador tem acesso a coisas que não temos. Seria mais fácil descobrir se Yuri está falando a verdade ou não.

— Supondo que Yuri esteja falando a verdade — Maya começou —, isso é o mesmo que entregar nossa cabeça numa bandeja de prata pros verdadeiros

assassinos.

— Acha mesmo que os Golucci poderiam — ela se sentiu enjoada — participar do assassinato do próprio filho? É tão... *pesado*.

Maya abaixou o rosto por alguns instantes contemplativa.

— Vou falar com o senhor Golucci — gesticulou —, sondar a situação.

Depois nós pensamos no que fazer.

— Mas seja cuidadosa — Áustria repreendeu. — E volte com os dedos inteiros.

Ela levantou o dedo médio na direção da garota.

— O mais importante ainda está inteiro — zombou, afundando o corpo na poltrona. Pareceu desanimada. — Tenho a impressão que coisas demais aconteceram nos últimos três dias. E sua mãe? Conversou com ela?

Áustria negou, os ombros retesando.

— Prefiri fingir que não sabia nada sobre o prêmio. No fundo, acho que eu estava torcendo pra ela me contar, mas é evidente que Paula tem outras prioridades. — Caminhou pelo espaço, sentando-se na mesa onde a enfermeira anotava seus prontuários. Ela arrancou uma página, pegou uma caneta e começou a rabiscar. — Isso me fez pensar, na verdade. Quando somos crianças, acreditamos que nossos pais são algum tipo de divindade que carrega toda a força, bondade e as respostas do universo. É assustador crescer e começar a reparar que seus pais também não fazem ideia do que estão fazendo. Não fazem ideia do que estão fazendo — Áustria repetiu, achando graça da construção da frase —, sabe? Que se sentem perdidos. Confusos.

Com medo. Que também podem ser pessoas egoístas às vezes. Que podem fazer coisas ruins. — Maya tentou ver o que ela rabiscava, sem sucesso. — E, ao contrário do que eu pensava quando criança, percebi que não quero ser como minha mãe. Uma pessoa que só pensa em si mesma. Tão autossuficiente que não vê necessidade em compartilhar suas conquistas, porque está o tempo inteiro orbitando em torno de si mesma. Um planeta frio e solitário. — Áustria levantou os olhos de repente. — Eu vou melhorar, mesmo que ela não melhore.

Maya enrolou os fios do próprio cabelo nos dedos, sem saber o que falar. Uma mensagem motivacional parecia inadequada, falar mal de Paula seria grosseiro. Um silêncio confortável era tudo que ela podia oferecer.

Áustria se levantou da mesa da enfermaria, voltando para perto de Maya. Sentou-se nos braços da poltrona, segurando o prontuário rabiscado entre os dedos.

— Disse que a rosa era um tratado de paz.

Maya assentiu.

— E nós quebramos, como você disse que faríamos.

— Por isso precisamos de um novo. — Entregou o papel para ela. Maya observou o desenho de uma rosa no centro da folha, a tinta azul da caneta brigando com os dados impressos que jaziam na página. — Não fazia ideia de onde encontrar uma rosa aqui dentro. Talvez eu encontrasse alguma no armário do Hélia, mas seria muito mórbido. Como roubar flores do cemitério.

As pessoas fazem isso? É considerado romântico?

— Acho que é considerado desrespeito — Maya zombou. — Obrigada.

— Não me agradeça até eu falar com o Yuri.

— O que nós estávamos dizendo sobre melhorar?

— Ele quase quebrou o seu dedo! — protestou, indignada. — E se tivesse acontecido algo sério? Você teria problemas pra tocar de novo. Ele merece, sei lá, ser humilhado em praça pública.

Maya riu.

— Acho que humilhar um suspeito de assassinato publicamente não parece uma ideia muito esperta, mas isso sou só eu dizendo.

Áustria cruzou os braços, como se o comentário de Maya a ofendesse.

— Deveria ficar feliz — reclamou —, porque eu faria esse tipo de coisa estúpida por você.

— Você faria?

Ela assentiu, a expressão ainda fechada.

— Tenho uma sugestão mais simples do que pode fazer — disse, então se levantou.

Maya foi até o pequeno banheiro que tinham ao lado da maca e esvaziou sua bolsa de gelo na pia, as pedras já derretidas em um mar de água. Áustria notou que seu dedo estava vermelho, mas não sabia se era um reflexo da pancada ou do frio. Ela voltou para a poltrona, em passos muito lentos, como se quisesse provocar a curiosidade de Áustria.

Não se sentou.

Ficou de pé na frente da loira, que se manteve sentada no braço da cadeira de couro.

— Que sugestão? — Áustria perguntou, ciente que essa era a intenção de Maya desde o começo. Deixou a curiosidade vencer, caiu no jogo dela. Se *atirou* no jogo dela.

— Me deixa beijar você.

O tronco de Áustria não se moveu, mas ela teve a impressão que não tinha despencado por pouco. Era como se seu corpo inteiro estivesse entrando em curto circuito, do primeiro fio de cabelo até os dedos dos pés. Sua garganta ficou seca. Ela estava respirando, mas seu cérebro parecia não reconhecer o oxigênio correndo por suas vias aéreas, o que talvez explicasse como aquela enfermaria ficara tão quente de um segundo para o outro.

Áustria não disse nada, sentindo que seu cérebro era incapaz de fazer as sinapses necessárias para formular uma frase inteira, sem gaguejar. Ela encarou a boca de Maya antes de assentir, os mesmos sentimentos do dia em que estavam no banheiro se afluando dentro dela. Enfatizou seu assinto balançando a cabeça um pouco mais rápido, antes que o silêncio ficasse constrangedor, antes que sua ansiedade a corroesse de dentro para fora. Maya segurou o rosto de Áustria com uma das mãos. Por instinto, a loira fechou os olhos, finalmente, sentindo os lábios da garota nos seus. Tinha gosto de cereja. De café. De mais alguma coisa que ela não se lembrava do nome, mas era doce e agradável, como o primeiro gole de água depois da sede.

Os dedos de Áustria desceram timidamente até sua cintura, puxando seu corpo para mais perto. O perfume de morangos de Maya se misturava com o seu Chanel número cinco, criando uma fragrância única, o tipo de aroma que Áustria gostaria de sentir para sempre. Uma das mãos de Maya se infiltraram em seu cabelo, puxando os fios levemente para trás, arrancando um suspiro dos seus lábios já vermelhos. Ela deu um sorriso convencido contra a boca de Áustria, muito satisfeita em saber o tipo de efeito que causava com tão pouco.

Áustria teria murmurado algum comentário irônico se seus lábios não estivessem tão ocupados. Ao invés disso, ela escorregou suas coxas, dos braços para o corpo da poltrona, puxando Maya junto com ela. O beijo se tornou uma confusão de selinhos, fios de cabelo e línguas até que se ajeitassem, os joelhos de Maya ao redor de Áustria, afundando seu corpo contra o estofado de couro.

Era diferente dos seus outros beijos. Como se a boca de Maya fosse a única feita para encaixar na sua, como se o mundo fora daquela enfermaria estivesse ficando cada vez mais cinza e sem graça, desaparecendo lentamente, enquanto Áustria era sugada para dentro. Dentro de uma bolha, onde tudo que importava eram os lábios dela.

— Você amassou o nosso tratado de paz — Maya afastou minimamente o rosto e sussurrou, mostrando a folha onde Áustria desenhara a rosa jazir amassada entre elas.

— Ainda está valendo — ela riu, os dedos subindo de volta até o pescoço de Maya, suas bocas se encontrando mais uma vez, agora com mais urgência que antes.

Áustria se afastava um pouco mais da realidade cada vez que a língua de Maya se esfregava na sua, as coxas pressionando seu corpo contra a poltrona.

Aquele não era o tipo de comportamento que Áustria costumava ter. Em três anos de namoro, nunca tinha extrapolado os limites com Hélio, mas não pretendia se opor, caso Maya quisesse quebrar todas as regras de conduta sexual do colégio. Todo o controle que tinha mantido por anos estava nas mãos de Maya, o que era sexy na mesma medida que era irritante.

Os lábios de Maya desceram, construindo uma trilha de beijos que ia do queixo até o colo, passando pelo pescoço e agora perigosamente perto dos seios. Maya parou por um segundo, analisando os botões fechados da camiseta branca de Áustria, ansiosa para fazer algo a respeito deles. Áustria mordeu o lábio, pronta para manter

seu orgulho e engolir qualquer suspiro, mas, antes que a garota pudesse entrar em ação, a maçaneta da porta girou bruscamente.

A bolha se desfez, a mágica do momento se perdeu em algum canto entre a poltrona e a porta aberta.

Em questão de segundos, Maya estava de pé. Se suas roupas não estivessem tão amarrotadas, Áustria pensaria que tinha alucinado durante os últimos cinco minutos. Se perguntou se era um costume de Maya beijar garotas em lugares escondidos, o que justificaria sua agilidade. A loira ainda

estava entorpecida quando a enfermeira entrou, trazendo uma pequena maleta de primeiros socorros nas mãos.

— Trouxe sua tala — sorriu a mulher, então notou a presença de Áustria. — Você está bem?

Áustria fez que sim, passando os dedos pelos cabelos, temendo que estivessem desarrumados demais.

— Só vim ver como Maya está — disse, enquanto a garota parecia se divertir ao vê-la sem jeito, se embolando em desculpas bobas. Áustria se levantou, ajeitando as calças amarrotadas do uniforme. — Sou chefe de turma.

A enfermeira assentiu. Era óbvio que já sabia disso.

— Bom, ela está bem. Está... *inteira* — Áustria deu um meio sorriso, enquanto Maya segurava uma risada.

— Obrigada pelo ótimo trabalho, senhora Marques.

— Você parece desorientada — Maya comentou de um jeito malicioso que a enfermeira seria incapaz de entender. — Não quer tomar uma água? —

Ela mordiscou a ponta do lábio inferior, então mudou sua pergunta: — Ou um chá?

— Estou bem, *engraçadinha* — garantiu, sussurrando a última palavra.

— Eu vou indo. Tenho dever pra adiantar.

A senhora Marques sorriu para ela e, depois de um aceno de Maya, Áustria saiu, aproveitando-se do corredor vazio para encostar o corpo na parede fria por alguns segundos.

Ela deu um soco na própria testa, o cheiro de Maya em sua roupa, seu gosto em sua boca, o coração batendo forte. Cenas do beijo recém-trocado iam e voltavam em sua cabeça, como um quadro pintado em vermelho vivo.

Maya Jeong era definitivamente uma conquistadora, e Áustria tinha se deixado levar por muito pouco.

Se a enfermeira Marques não tivesse chegado, sabe-se Deus onde estariam agora.

Porra.

Áustria deu mais um soquinho na testa.

Tinha ultrapassado um milhão de limites e agora não sabia como restabelecê-los.

Na verdade, por mais que fosse necessário, não sabia sequer se tinha capacidade de fazer isso.

Como se manter em silêncio
para que as pessoas se mantenham
confortáveis, um breve tutorial.

Maya moveu o dedo enfaixado para tocar um dos botões do elevador, a tala dando a impressão de que usava uma prótese de metal. Naquela tarde, tinha se esforçado para parecer mais com uma estudante modelo de American Saint e menos com a garota de notas intermediárias, que pensava em seguir carreira de artista, motivo pelo qual estava sem delineador e sem seus cílios postiços enormes. Era uma batalha perdida, visto que Renato Golucci a conhecia desde os cinco anos de idade. Não podia mentir para ele, mas, ao mesmo tempo, ele não podia mentir para ela.

Batucou as unhas contra o espelho, nervosa. Sentiu que ir na casa dos Golucci uma última vez seria estranho, por isso preferiu conversar com o pai de Hélia na empresa, usando da desculpa de um trabalho sobre empreendedorismo. O prédio da Golucci S.A ficava no centro de São Paulo, num arranha-céu de mais de quarenta andares, onde Renato era dono de quase todos eles.

Enquanto o elevador subia, Maya controlava a respiração, esforçando-se para manter a calma. O que estava prestes a fazer era uma jogada arriscada.

Tão arriscada quanto sua proposta na enfermaria.

Mais de vinte e quatro horas depois, Maya ainda estava pensando em Áustria. Se fosse mais precisa, estava pensando na forma como ela a tinha puxado para cima da poltrona, seu corpo prensando o dela contra a almofada de couro. Nos seus suspiros, na sua língua, no jeito como Áustria beijava.

Depois de sair da enfermaria, tinha desligado a Internet do celular por completo, para não correr o risco de receber uma mensagem – e para que não ficasse chateada caso não recebesse uma.

Não que Maya fosse do tipo que se apaixonava no primeiro beijo, mas alguém sempre terminava com o orgulho ferido quando um hétero decidia ultrapassar as fronteiras da comunidade LGBT. Sabia que não era justo inferir a sexualidade de Áustria daquele modo, ainda assim, não conseguia evitar certo receio. Processos de luto enlouquecem as pessoas. Se aquela fosse só o jeito de Áustria lidar com um namorado morto, não queria descobrir isso

mais tarde.

Foi você que beijou ela, Maya pensou, dando um tapa na própria testa.

Seu dedo lesionado latejou e ela mordeu o lábio para não soltar um palavrão.

Ela apontou para o próprio reflexo no espelho, então murmurou.

— Não surta. Você consegue lidar com a patricinha. Já lidou com gente muito mais maluca.

Maya riu ao se lembrar de uma garota com quem tinha ficado no segundo ano. Ela era do tipo ciumenta possessiva e, dois meses depois de terem terminado, Maya soube que estava namorando um garoto. E que tinha o ameaçado com um batedor de bife por causa de uma mensagem nas redes sociais.

Áustria nunca me ameaçaria com um batedor de bife, concluiu, mas então pensou melhor: *Com uma garrafa de energético, talvez.*

As portas do elevador abriram. A primeira coisa que os olhos de Maya localizaram foram as letras 3D da logo da empresa, saindo de uma parede cinzenta. Abaixo delas, um caminhão de brinquedo carregava uma caçamba com os dizeres “seja bem-vindo à Golucci S.A”, em amarelo vivo, cores que, junto do preto e do cinza, representavam o império do pai de Hélia.

Maya cerrou os olhos, dando uma boa olhada nas rodas do caminhão. Se aproximou alguns passos, procurando pela marca que se lembrava de ter feito, muitos anos atrás, em um fim de semana que Renato prometeu ficar com Hélia e, de última hora, precisou ir até a empresa.

Maya verificou que estava sozinha antes de se abaixar perto do caminhão, encontrando a própria assinatura na parte interna de uma das rodas. May-may estava de um lado, enquanto Hélia estava do outro, acompanhado do desenho de uma pequena caveira feita com corretivo. Ela sorriu. Aquele dia não estava fresco em sua memória, mas as marcas foram uma forma de Hélia se fazer notar.

“ Meu pai vai ter que falar comigo ” dissera “ Nem que seja pra me xingar ”.

No final das contas, Renato nunca tinha visto os rabiscos, tão pequenos que não se notavam sem a devida atenção. Hélia queria que fossem daquele tamanho, e Maya interpretava tal feito como um limbo entre as duas personalidades do rapaz, o garoto rebelde entrando em conflito com a criança que tinha medo do pai.

Se ainda estivesse vivo, Maya perguntaria como estava se sentindo, naquele dia, anos atrás, embora tivesse uma noção da resposta: Um rabisco,

tão insignificante que ninguém era capaz de enxergar a olho nu.

Maya tirou uma foto das assinaturas com o celular e se levantou, forçando-se a engolir o aperto na garganta enquanto caminhava em direção à secretaria. Uma mulher sorridente, dentro de um terninho risca de giz, esperava por ela, a armação amarela do óculos completando as cores da Golucci S.A. Era quase como se não fosse um ser humano, mas um protótipo criado especialmente para trabalhar naquele espaço.

— Maya Jeong? — ela conferiu o nome na tela do computador. Maya assentiu. — É a garota do trabalho de empreendedorismo, certo?

Maya repetiu o movimento.

— Isso. Aluna de American Saint.

— Posso ver sua identificação escolar?

Ela demorou alguns segundos para entender que a mulher pedia sua carteirinha. Deu um sorriso amarelo, tirando o cartão plastificado de dentro da bolsa. Entregar o documento no cinema costumava ser seu pequeno momento de glória, porque, diferente da maioria das pessoas, amava sua foto 3x4.

A secretária passou os olhos pela tela do computador e pela carteira, conferindo dado por dado.

— O senhor Golucci vai receber você em alguns minutos — finalizou, devolvendo a carteirinha para Maya, que assentiu.

Ela deu uma pequena volta pela sala de espera, como um planeta que orbita lentamente ao redor do sol. O questionário que montara para Renato —

diretamente das páginas do SEBRAE — parecia queimar dentro da bolsa, como a evidência de um crime que nem tinha cometido ainda. Passara boa parte da sua manhã revendo cada detalhe do plano, procurando por furos na sua narrativa: Tinham de fato uma disciplina de empreendedorismo em American Saint, e Maya sustentou uma boa relação com Renato e Hortênsia ao longo dos anos. A Golucci S.A sendo referência no ramo, não parecia estranho que ela pedisse ajuda com as perguntas. Talvez estivesse sendo parcial, mas, na sua opinião, ninguém desconfiaria que sua intenção era descobrir qual a conduta de Renato diante da hipótese de Hélia ter sido assassinado.

Maya levou a ponta de um dedo até os lábios, mordiscando a unha.

Depois de Yuri, estava apreensiva. Não fazia ideia de como colocaria as palavras, de qual forma saltaria do assunto empreendedorismo para o assunto assassinato.

E se ele não acreditasse nela?

E se ele *acreditasse*?

Maya quase deu meia volta. Maldita hora em que havia aceitado o convite de Áustria para investigar a morte de Hélia. Deveria ter deixado a função para pessoas que realmente sabiam o que estavam fazendo. Tantos episódios de *Criminal Minds*

sem conseguir descobrir o verdadeiro assassino deveriam ter lhe ensinado alguma coisa.

— O senhor Golucci avisou que você pode entrar — a secretária sorriu mais uma vez, com os lábios plastificados contornando os dentes de porcelana. — Obrigada por escolher nossa empresa para sua pesquisa —

disse, empolgada, e Maya duvidou que ela se importasse com isso de fato.

Agradeceu com um aceno e se dirigiu aos fundos do corredor, certa de que estava prestes a perder a coragem necessária para entrar no escritório de Renato e passar o que seriam os trinta minutos mais longos da sua vida.

Seus dedos tocaram a maçaneta e ela ensaiou um sorriso antes de entrar.

Os olhos de Maya encontraram Renato no canto da sala, virado de costas, como se não soubesse da sua chegada. Encarava uma pilha de HDs externos em cima da bancada. Seus dedos passavam pelo topo de cada um deles, em um processo articulado, até que ele selecionava algum e enfiava na caixa de papelão apoiada em uma cadeira próxima.

Sua sala tinha um cheiro de álcool e fumo que Maya desaprovou.

— Boa tarde, senhor Golucci. — Ela bateu na porta já aberta, como uma garota educada e polida faria.

— Maya — ele abriu um sorriso, deixando sua tarefa monótona de lado

—, que bom que veio — e a forma que falava fazia parecer uma grande surpresa. — A última vez que te vi entrar por essa porta você tinha um metro e trinta de altura e seu pai ainda trabalhava pra mim.

Maya concordou, esforçando-se para parecer simpática, ainda que o comentário lhe causasse certa náusea. Seus sapatos estavam limpos, seu conjunto de camiseta e calça era a coisa mais cinza que tinha usado em anos.

Não tinha como dar errado.

Antes que pudesse responder o cumprimento, Renato continuou:

— O que aconteceu com seu dedo?

Ela deu de ombros, balançando a tala.

— Acidente na educação física, nada de importante. Vai estar como novo daqui alguns dias — deu uma pequena pausa, como se estivesse esperando um comentário do homem sobre o assunto. Como não aconteceu,

seguiu em frente. — Eu não quero tomar muito do seu tempo, senhor Golucci, então...

— Ah, claro! — Renato se virou para os HDs empilhados uma última vez, um instante de silêncio. Maya foi traída pela própria curiosidade, que a obrigou a fazer um comentário que não estava nos planos.

Deu um sorrisinho.

— Parece que você tem bastante trabalho aí.

Renato concordou.

— Isso? É só um ritual chato de organização — disse, fazendo pouco caso. — São filmagens das câmeras de segurança de casa. Costumo mandar pro setor de informática, de seis em seis meses — ele gesticulou —, pra restaurarem e tudo mais. Estou conferindo pra ver se não deixei passar nada importante. Mande deletarem o conteúdo do HD onde estava gravado o meu casamento com Hortênsia uma vez, e ela não esqueceu o deslize até hoje.

Maya forçou um sorriso, embora desconfiasse que havia *deslizes* mais relevantes gravados na mente de Hortênsia. Ele não parecia um bom marido.

Nem de longe.

O homem cruzou a sala, sentando-se em sua cadeira presidente preta, as rodinhas ameaçando girar seu corpo.

— E que bobagem me chamar de senhor — protestou, como tinha feito em inúmeras outras ocasiões. A mesma Maya, o mesmo tratamento formal, porque não se sentia confortável na presença dele. Renato abriu uma gaveta e pegou um charuto, então usou para apontar a cadeira em frente à sua mesa.

— Sente-se.

Maya agradeceu com um aceno, seguindo sua instrução.

— Você só precisa preencher esse questionário. — Tirou os papéis da bolsa, colocando-os em cima da mesa. — Sinta-se livre pra acrescentar informações.

Renato concordou, recolhendo a papelada. Maya aproveitou que seus olhos vigilantes não estavam mais nela para observar os detalhes da mesa de madeira escura. O computador de última geração, uma caneca cheia de café frio, um cinzeiro, uma tonelada de papéis perdidos, uma garrafa de whisky pela metade. Maya fez uma careta para esse último. Os armários de bebidas da mansão Golucci estavam sempre trancados, dúzias e mais dúzias de cadeados que, juntos, tinham destruído boa parte da estrutura daquela família.

Ele bebia no trabalho.

Não era uma novidade. Hélia dizia isso, como dizia que seu pai não

colocava câmeras em seu escritório porque levava amantes para fazerem sexo na mesa do CEO e que tinha cada vez mais dificuldade para controlar a própria raiva.

Maya desviou os olhos da garrafa, uma tentativa de afastar a lembrança incômoda. Os HDs espalhados na bancada roubaram toda sua atenção, enquanto Renato rabiscava suas respostas no papel, o charuto apoiado nos lábios, ainda sem fogo. Eram mais de dez pequenos retângulos pretos, identificados com fitas adesivas brancas. De onde estava, Maya não conseguia enxergar com clareza, mas cada fita parecia ter uma data impressa em cima. Cerrou os olhos, tombou a cabeça.

O toque estridente do telefone de Renato fez Maya pular na cadeira. Ele riu da sua reação exagerada e deixou os papéis de lado para atender, o sorriso no rosto desaparecendo à medida que ouvia o recado do outro lado. Tinha algo de prazeroso em ver seus dentes sumindo, os lábios curvando para baixo e o charuto perto de despencar.

— Parece que tivemos um probleminha com um dos nossos motoristas.

Você me espera um segundo?

— Se quiser, pode responder outro dia...

— Não — ele cortou, afável —, eu faço questão — disse, então se levantou.

Maya sentiu seu estômago revirar quando Renato saiu, sozinha na imensidão da sala. Seu primeiro impulso foi o de se levantar, dando pequenas voltas pelo carpete, observando seu tênis deixar pequenas pegadas que desapareciam tão rápido quanto tinham surgido.

Ela caminhou até a bancada onde jaziam os HDs, analisando a caixa de papelão mais de perto. Com um canetão, alguém havia escrito a palavra

“informática” nas duas abas superiores, letras grafadas em um tom azul marinho. Dentro dela, os HDs estavam organizados nos cantos, como se Renato estivesse planejando fazer pequenos bloquinhos retangulares. Como tinha previsto, as fitas em cima de cada HD identificavam o mês e o ano de gravação. O senhor Golucci já tinha separado os meses de novembro/2017, dezembro/2017, janeiro/2018, fevereiro/2018 e março/2018.

Março.

O mês da morte de Hélia.

Maya engasgou com a própria saliva. Naquele HD, ao alcance das suas mãos tensas, talvez estivessem todas as respostas que procurava, uma passagem só de ida para os momentos mais íntimos dos Golucci. O que tinha

acontecido antes de Hélia ir para American Saint, no dia da sua morte? E, mais importante, o que havia acontecido depois?

Maya ergueu uma das mãos em direção à caixa, mas parou no meio do caminho, os dedos no ar. Hesitou. Sentia que seu corpo inteiro suava, como se estivesse cometendo o ato mais criminoso de toda sua vida. Ela respirou fundo antes de seguir, certa de que ver com os próprios olhos seria melhor que contar com a colaboração – e as mentiras – dos Golucci.

Naquele momento, estava recalculando sua rota. Se fosse fiel ao plano original, deveria comentar sobre a hipótese de um assassinato. Deveria falar sobre Yuri, sobre a ameaça, sobre o suborno. Todas as suspeitas que haviam construído nos últimos dias seriam despejadas em cima de Renato, numa esperança desesperada de conseguir respostas.

Era um plano horrível, Maya concluiu, enfiando a mão dentro da caixa.

Seus dedos tocaram o HD de novembro de 2017 e assim ficaram, como se tivesse se enfiado dentro de um vespeiro e agora esperasse as abelhas picarem sua carne.

Em segundos, ela saiu do seu transe e levou o HD até a bancada, posicionando-o ao lado dos outros. Com ajuda das unhas curtas, pressionou a ponta da fita colada no topo até que ela saísse, tomando cuidado para que não se rasgasse ao meio ou perdesse a cola. Quando terminou, repetiu o mesmo processo com o HD de março de 2018, trocando as etiquetas.

Enfiou o segundo HD na bolsa e o primeiro dentro da caixa. O sumiço das filmagens de um mês aleatório de 2017 seria menos suspeito que o sumiço do mês da morte de Hélia, se é que Renato daria por falta dele.

Maya deu um passo para trás e analisou a bancada, certa de que estava da mesma forma que tinha encontrado. Ela ouviu passos se aproximarem da porta e correu até a cadeira, enrolando a alça da bolsa nos dedos, fazendo-se de distraída. Ignorou seu coração implorando para sair pela boca.

— Maya, querida — ele deu um sorrisinho complacente —, tenho um pepino pra resolver. Você se importa se eu terminar de responder essas perguntas por e-mail? Aliás, seus colegas de classe vão ver esse relatório?

Maya sentiu que estava surfando em uma maré de boa sorte.

Deu uma resposta vaga para a questão.

— Possivelmente. Mas todos eles te admiram, não precisa se preocupar.

— Ela balançou uma das mãos. — Onde eu anoto o meu e-mail?

A pergunta de Renato fez Maya entender porque tinha aceitado responder suas perguntas tão facilmente. Se o trabalho realmente existisse,

seria como uma apresentação da empresa para os alunos de American Saint.

Muitos estavam prestes a completar dezoito anos e iniciar uma carteira significativa de investimentos.

Renato entregou um cartão amarelo da Golucci S.A. Com a cabeça, apontou para as canetas jogadas na mesa. Maya pegou uma delas e escreveu um e-mail que não usava mais, deslizando o cartão até Renato.

— Prometo responder essa semana sem falta — disse, mas o senhor Golucci não era do tipo que cumpria suas promessas. — Posso ajudar com mais alguma coisa?

— Sim — Maya respondeu, por impulso. Agora, os olhos de Renato estavam presos nela, como se não houvesse nenhuma outra coisa para se observar dentro da própria sala. Era óbvio. Estava esperando que dissesse o que queria e, na verdade, Maya tentou. Seus lábios se moveram várias vezes, o cérebro formulando milhares de frases sobre um mesmo assunto. Tinha medo de estar fazendo besteira. Talvez fosse mais inteligente seguir o plano original, mas era incapaz de acreditar na inocência do homem à sua frente.

Um pai em quem nem mesmo o filho confiava. — Só quero um copo d'água, na verdade.

A expressão de Renato se transformou em uma interrogação. Maya quase conseguia ler seus pensamentos: *Adolescentes, duh.*

— Tem um filtro do lado da mesa da secretária.

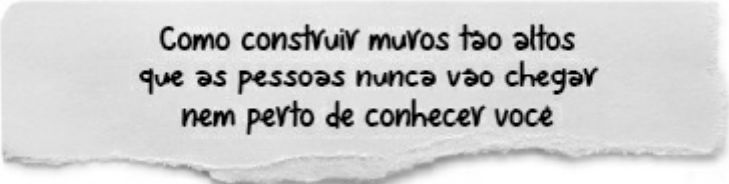
— Obrigada, senhor Golucci.

— Disponha.

Maya apoiou a bolsa nos ombros mais uma vez e se levantou, caminhando com cuidado até a porta, como se temesse que o homem tivesse poderes de visão raio-x e encontrasse o HD roubado com o mínimo de esforço. Felizmente, ela saiu antes que qualquer tragédia acontecesse e, do lado de fora, formulou um novo plano.

Assistiria cada segundo daquele HD.

E se a família de Hélio não se mostrasse culpada, falaria com eles.



Como construir muros tão altos
que as pessoas nunca vão chegar
nem perto de conhecer você

Áustria mordeu a borda do copo de isopor em seus dedos, observando a espuma do capuccino se acumular no fundo branco. Sua noite foi péssima e acordou vinte minutos atrasada, o que significava que não tinha tempo para tomar seu café da

manhã, normalmente uma mistura de todas as frutas que encontrava na geladeira de casa. Colocou o uniforme em menos de dez minutos, enfiou sua chapinha de bolso na mochila e agora estava ali, cacheando as pontas do cabelo para que ficasse mais apresentável.

Ela penteou a franja curta com os dedos e colocou seu copo de café na pia, para segurar a chapinha. Gostava da estética daquele banheiro, embora nunca entendesse por que ele era diferente de todos os outros. American Saint seguia uma paleta de cores rígida: Branco, cinza, preto, tons amarronzados de madeira quando queriam ousar. Aquele banheiro era diferente: Ostentava paredes cobertas de pastilhas cor de rosa queimado, que não ornavam com o espaço.

Áustria fez mais um cacho, o cabelo quente marcando a ponta dos seus dedos. Seu celular vibrou na pia e ela esticou o pescoço para enxergar melhor, a logo do *Tinder* brilhando na tela principal. Tinha criado um perfil naquela rede social maldita cerca de três horas – e ela estava contando –

depois do acontecido na enfermaria e passou a noite inteira em busca de...

alguma coisa.

Seu registro constava como Áustria Maldonado. Gastara bons minutos selecionando meticulosamente todas as fotos em que se parecia com uma universitária, e não uma garota de dezessete anos. Pra quem perguntasse, diria que cursava alguma coisa diferente e inesperada, como oceanografia.

Colocou seu interesse como homens entre vinte e trinta anos, certa de que o problema não estava nela, mas em todos os garotos sem graça que a cercavam.

Ficou a noite inteira deslizando para a esquerda e para a direita, em busca *daquele* cara que faria seu coração bater mais forte. Estava no município mais populoso do Brasil e se recusava a acreditar que nenhum cara

nos próximos dez quilômetros seria bom o suficiente para chamar sua atenção.

Sua esperança foi morrendo aos poucos.

Tinha dado *match* com alguns caras feios só para amaciar seu ego.

Outros eram de fato bonitos, mas usavam gírias que faziam Áustria revirar os olhos – não, ela não queria tomar uma breja, um litrão ou qualquer outro nome bobo que

as pessoas usavam, porque tinham desaprendido a usar o termo *cerveja*. Agora, tinha recebido uma proposta sobre sexo casual.

Áustria bufou. Desfez o *match* sem responder e deixou o celular desbloqueado na pia, a foto de um homem sem camisa com o cristo redentor no fundo tomando conta da tela. Esse seria um *deslike*, com certeza. Seria careta dizer em voz alta, mas odiava homens postando fotos sem roupa nas redes sociais.

Se preservem, garotos. Ninguém quer casar com um rodado, Áustria pensou, ironicamente.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, terminando de ajeitar os cachos recém-feitos com os dedos. Deu um sorriso para o espelho e tirou a chapinha da tomada, apoiando os quadris na pia para esperar que esfriasse.

Recuperou seu copo de café, bebendo o pouco que restava do capuccino agora gelado.

Pensou em se esconder em uma das cabines quando ouviu passos do lado de fora. Estava com dor de cabeça. Não queria ter que socializar com pessoas antes do necessário, o que seria quando as aulas comesçassem de fato.

Áustria acabou não se movendo. Ela sentiu um tranco no peito quando Maya entrou, revirando os olhos de imediato. Tinha passado a noite inteira buscando alguém que causasse aquele efeito, e Maya Jeong tinha a *ousadia* de fazê-lo sem nenhum esforço.

— Oi — Maya cumprimentou, indo direto para a pia. Virou sua garrafinha em uma das cubas, despejando uma quantia considerável de refrigerante e colocando água para limpar o recipiente. — Tatuagem tribal?

Não sabia que era seu tipo — ela comentou, mantendo os olhos na tela do celular perdido na pia.

Áustria fez uma careta para a tatuagem no ombro do rapaz antes de pegar o aparelho, bloqueando a tela.

— Não faz — respondeu, desconcertada. — Eu só estava... Sei lá.

Fazendo pesquisa de campo.

As sobancelhas de Maya se encontraram no centro da testa.

— Entendi.

Áustria sentiu que aquele banheiro era pequeno demais para as duas.

— Falou com os pais do Hélia ontem?

— Com o pai, mas não contei sobre... Você sabe. Mudei os planos.

Encontrei uma coisa no escritório dele. — Maya tirou um HD de dentro da mochila, passando-o de uma mão para outra. — Tentei ver o que tem gravado, mas é protegido com senha. Sei de uma pessoa que pode desbloquear, mas vai demorar um tempinho.

Áustria franziu o cenho.

— E o que acha que tem aí?

— São gravações do circuito de segurança da mansão — explicou —, de março. Isso vai nos dizer se os Golucci são suspeitos ou não.

— Você acha?

Maya ergueu um dos ombros.

— Eles não teriam porque mentir dentro da própria casa.

— Não vai ter problemas por — ela mordeu o lábio — ter roubado essa coisa?

— Um HD — corrigiu. — E não. Quer dizer, talvez, mas eu espero que não. Tinham milhares espalhados pela sala, estou torcendo para não darem por falta.

Áustria assentiu. Colocou um dos dedos na placa da chapinha, confirmando que já estava fria.

— Entendi. Me conta quando conseguir desbloquear.

Maya ajustou sua touca vermelha no cabelo. Como sempre, não estava no código de vestuário de American Saint. Áustria quis perguntar quantas advertências por acessórios inapropriados Maya colecionava, mas não o fez.

— A gente não deveria falar sobre...

— Não — Áustria cortou.

— Não?

— Não tem nada pra ser falado — disse, enfiando a chapinha na mochila, sem olhar na direção de Maya. Áustria se sentia mal por aquela conversa, mas não podia lidar com suas mãos suando cada vez que a garota aparecia. Era melhor cortar o mal pela raiz, antes que se tornasse uma erva daninha. — Você queria me beijar e foi isso. Ainda somos amigas, nada mudou.

— E desde quando nós somos amigas?

— Sei lá, não somos? Pensei que fosse isso que estava querendo dizer quando me deu aquela rosa. Tratado de paz. *Amigas*. Prefere que eu use “colegas”?

Maya revirou os olhos.

— Nossa, de verdade, eu sinto o feminismo saindo do meu corpo cada vez que você abre a boca.

Áustria cruzou os braços, ofendida.

— Estou tentando ser legal.

— Então precisa fazer mais esforço. — Maya fez uma careta, o cenho franzido. Enfiou sua garrafa de volta na mochila e continuou falando, sem dar oportunidade de Áustria rebater seu comentário. — Enfim. Não falamos sobre esse assunto, beleza.

— Beleza — Áustria repetiu, estranhando a forma como a palavra saía dos lábios.

O sinal estridente de American Saint tocou, anunciando a primeira aula do dia. Apesar do som incômodo, Áustria sentiu certo alívio em não ter que continuar aquela conversa. Ela esperou que Maya a acompanhasse até a sala, mas a garota saiu do banheiro primeiro, garantindo vários passos de distância entre elas.

Áustria jogou seu copo de café no lixo, a garganta apertada. Ela se olhou no espelho mais uma vez e sorriu, certa de que aquele conflito seria só uma lembrança boba e indolor quando estivesse no palco do concurso, com uma coroa cheia de brilhantes enfeitando seu cabelo. Anos mais tarde, nos churrascos de reencontro do terceiro ano que ela não iria por estar ocupada demais vivendo uma vida invejável, era assim que as pessoas se lembrariam dela: A rainha dos concursos de beleza, a garota perfeita da escola.

Entraria na faculdade, arranjaria um namorado bonito para exhibir, e o beijo de Maya seria só uma recordação. Era o certo, o planejado, o esperado.

Não podia desestruturar sua vida inteira por causa de uma pessoa, ainda que sentisse um furacão passando por seu peito cada vez que olhava para ela.

Áustria moveu a cabeça em negativa, como se pudesse discordar dos próprios pensamentos. Sua veia dramática estava tomando conta do seu cérebro porque, sem Hélia, seu papel de rainha da escola parecia ter bem menos valor. Era quase como se ela precisasse de algo no que se agarrar, uma narrativa. Não gostava de Maya, só estava confusa.

Finalmente, Áustria saiu do banheiro. Caminhou até a sala em passos lentos, sentindo preguiça da longa aula de história da arte que teriam naquela manhã. Esse era o ponto positivo de estudar em uma escola tão cara: O plano

de ensino era bem mais completo que o dos outros colégios. O ponto negativo era o mesmo. Em alguns dias, Áustria gostaria de ter uma simples aula de matemática, aprender bhaskara e rir das fórmulas ridículas que os professores criavam para que os alunos decorassem alguma coisa. American Saint não se preocupava com isso, porque não estava preparando alunos para o ENEM. Estava preparando para Harvard, Yale, Oxford.

— Com licença — ela escolheu se sentar ao lado de Maya —, você está no meu lugar — disse para o rapaz cheio de espinhas que sentava ali primeiro. Ele tentou responder, mas perdeu a fala antes que pudesse e deu um suspiro resignado, morrendo de vergonha. — Obrigada — Áustria divertiu-se observando o garoto se afastar. Maya revirou os olhos.

— Você pode parar de me perseguir?

— Não estou te perseguindo. — Áustria tirou seu caderno de dentro da mochila, dezenas de páginas decoradas com canetas de cheirinho. — Como já disse antes, não gosto que me deixem falando sozinha.

— Que pena — Maya imitou seu gesto, colocando a mochila em cima da mesa. Ela tirou seus fones sem fio de dentro da bolsa e colocou nos ouvidos —, é uma coisa que pretendo fazer com frequência nos próximos dias.

— Isso foi... — Áustria estava pronta para fazer uma reclamação elaborada quando Maya pegou o celular, pressionando o botão play no seu aplicativo de músicas. A voz da Rihanna estourou nos fones, *This is What You Came For* tocando no volume máximo. Tudo que Áustria sabia sobre essa música era que, secretamente, fora escrita pela Taylor Swift — muito rude da sua parte — completou, ainda que Maya não pudesse ouvir.

— Bom dia — a voz da senhora Rojas ecoou pela sala. A mulher entrou com três livros grossos apoiados nos braços, sua garrafa de água quase despencando no chão. — Perdoem-me pelo atraso de... — ela olhou o relógio no pulso, assim que apoiou os livros na mesa — três minutos.

Áustria, pode entregar as folhas de exercício que eu trouxe pra turma?

Áustria assentiu, levantando-se e indo até a mesa da mulher de cabelos brancos e olhos escuros. Parecia cansada, como todo professor depois de passar alguns anos trabalhando em American Saint. Não era nada fora do comum, mas, naquele dia, senhora Rojas parecia *tensa*.

A mulher ligou o projetor enquanto Áustria desfilava entre as carteiras, entregando as páginas recém-impressas, ainda quentes e com cheiro de tinta.

Ela arqueou uma sobrancelha ao perceber que Karen não estava na sala e, discretamente, verificou se havia alguma mensagem da amiga no celular.

Nada.

Quando chegou na carteira de Maya, Áustria fez questão de uma última provocação.

— Como representante de turma — começou, puxando um dos fones das suas orelhas —, recomendo que fique sem fones durante a aula.

— Ai, loirinha — Maya ironizou, tirando o fone restante e passando a língua pelos dentes —, eu aluguei um apartamento dentro da sua cabeça.

Áustria soltou o ar pelo nariz, irritada.

— Não se sinta tão importante, é uma questão de respeito à senhora Rojas.

Desacreditada, Maya assentiu.

Áustria terminou de entregar suas folhas e voltou para a carteira em seguida. O silêncio logo foi interrompido pela voz um tanto trêmula da professora.

— Bom, eu trouxe um vídeo pra vocês assistirem. Hoje vamos falar sobre a rivalidade entre Leonardo da Vinci e Michelangelo. — Ela digitou algumas palavras no teclado enquanto o retroprojeto captava cada letra. — É

senso comum dizer que são grandes gênios da arte, mas o que quase ninguém sabe é que eles nunca se deram bem.

Um barulho desagradável de estática tomou conta do computador. Os alunos se entreolharam enquanto uma senhora Rojas desconcertada tentava ajeitar o problema. Áustria ameaçou se levantar, mas a mulher balançou a cabeça em negativa, um sorriso meio nervoso que dizia que estava tudo certo.

A página inicial do *Youtube* desapareceu aos poucos da tela do retroprojeto, dando lugar a uma folha em branco no programa do Word.

Alguém estava transmitindo pela conexão sem fio.

Alguém que não era a senhora Rojas.

— Que por... — Áustria começou, então se corrigiu. — Que palhaçada é essa?

Maya observou o cursor se mover na tela, mas não respondeu à pergunta de Áustria.

Ao mesmo tempo em que os alunos começavam a reclamar do barulho insuportável de estática, uma mensagem era transcrita. Aos poucos, frases se formaram:

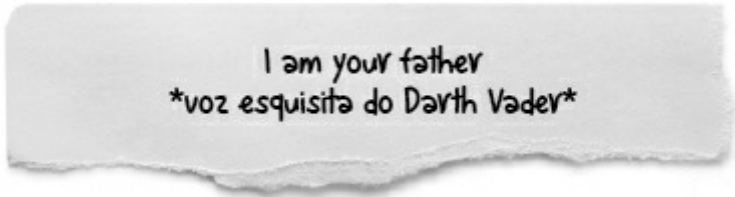
Parece que a paz em American Saint está com seus segundos contados.

Tive acesso a documentos confidenciais da polícia e, ao que parece,

descobriram que o nosso gentil diretor Felipe interferiu nas investigações da morte de um aluno. O que isso significa? Não sabemos, mas a reputação de A.S está prestes a cair na lama. É uma boa hora pra pedir transferência?

Áustria sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Trocou um olhar cúmplice com Maya, que parecia tão confusa quanto ela. Antes que pudessem tecer qualquer comentário, luzes vermelhas e azuis brilharam do lado de fora do prédio, acompanhados de uma sirene policial.

— Acho que — diferente da maioria dos alunos eufóricos, Maya não se levantou. Apenas esticou o pescoço, tentando entender o que se passava por trás das janelas e com um tanto de pena da senhora Rojas, ainda focada em resolver o problema do *Youtube* — vieram prender nosso diretor.



I am your father
voz esquisita do Darth Vader

Maya observou os *hashis* de metal do garçom pressionarem um pedaço generoso de carne crua na grelha portátil. Blocos de fumaça quente escaparam, o cheiro de carvão e tempero se espalhando aos poucos pelo local. Estavam no *New Shin La Kwan*, um restaurante especializado em churrasco coreano que fora seu favorito durante um tempo.

Seu pai não sabia que ela estava tentando parar de comer carne e ela, obviamente, não quis dizer, ciente de que estragaria uma coisa que, na cabeça dele, era especial. Uma *tentativa* de um momento especial.

— *Gomapseumnida* — Maya agradeceu o garçom com uma pequena referência, abaixando a cabeça alguns centímetros. Tinham cardápios em português, inglês e coreano, o que fez Maya deduzir que o homem entenderia suas palavras.

O garçom imitou seu gesto antes de sair. Maya encarou as fatias de carne sangrando na grelha, relutante em fazer uma careta.

— Então — seu pai deu um meio sorriso, como se soubesse que aquela conversa seria complicada. Sempre eram —, queria ter falado com você mais vezes, depois

do velório do Hélia — sibilou, passando os dedos pelo cabelo escuro em um gesto nervoso.

Leonardo Jeong não era um homem ruim, Maya sabia disso. As circunstâncias faziam dele um pai ausente. Era adepto do lema “muito ajuda quem não atrapalha” e, sem pensar muito, conseguia citar várias situações onde sua presença teria sido um tanto... *prejudicial*. Quase não tinha entrado em American Saint por causa dele. Ainda assim, se pudesse escolher, Maya preferiria lidar com as consequências do que viver um relacionamento à distância com um pai que morava na mesma cidade que ela.

Maya espetou um pedaço de carne com o *hashi*, por pura falta do que fazer com as mãos, enquanto seu almoço grelhava.

— Mas você não falou.

— Basicamente. — Ele cruzou os braços cheios de tatuagem, encostando as costas na cadeira. Era uma pena que sua carreira no mundo da música nunca tivesse decolado, porque ele se parecia com um astro do rock

de verdade, dos cabelos longos até as pulseiras de couro no pulso. Ele também aparentava ser muito jovem. Tinha quarenta e três, mas passaria por trinta e cinco. Agora, sua postura era muito diferente do dia no velório, quando tentava ser um homem por vezes mais sério do que realmente era. —

Fiquei com medo que acontecesse exatamente o que está acontecendo nesse momento.

Maya riu da sua péssima escolha de palavras.

— Acha que vou ser interrogada?

— Tem grandes chances — disse, um sorriso triste tomando conta das feições. — Eu preciso ser honesto, May, a situação é um prato cheio pra eles.

Vão te encher de perguntas assim que souberem que é minha filha, se é que já não sabem. Sinto muito por isso.

— Não é culpa sua.

— Ainda que não seja, meu passado está deixando seu presente mais complicado.
— Ele fez uma careta, tirando os *hashis* do lado da grelha e pegando um pedaço de carne. Engoliu sem esperar que esfriasse, e Maya teve certeza que tinha queimado a língua. — De qualquer forma, é sempre divertido ver um negócio da elite ruindo aos poucos — ele riu, fazendo algum esforço para deixar o clima mais leve.

Se a vida fosse uma partida de banco imobiliário, Maya diria que American Saint tinha jogado os dados e ganhado várias cartas de “Sorte Ou Revés”. Isso não seria de todo ruim, se não tivessem tirado Revés em todas elas.

Segundo os canais de notícia que Maya tinha atualizado freneticamente durante à noite, o diretor Felipo tinha passado aquela madrugada prestando esclarecimentos na delegacia e ficaria recluso em uma cela especial até segunda ordem. As reportagens insistiam em dizer que ele não era um suspeito, mas ela tinha a impressão que essa era só uma estratégia para evitar um processo gordo nas costas.

Os pais dos alunos de American Saint – médicos, juízes, artistas famosos e tudo que havia de influente no mundo – também estavam em polvorosa. Lúcia recebera três ligações durante a madrugada, mães apavoradas tentando manter uma conversa civilizada enquanto arrecadavam informações. Aos poucos, a sementinha do “Nossos filhos estão seguros em American Saint?” ia se espalhando, ainda que a resposta fosse óbvia.

Não.

Quem quer que tivesse matado Hélia ainda estava à solta e pregando

peças. Primeiro, Áurea e as armas. Agora, o diretor e suas mentiras estratégicas para salvar uma reputação à beira do precipício.

— Estamos ruindo junto, pai — Maya lembrou, mordendo o lábio. — E pra aproveitar essa desgraça total, preciso de um favor seu.

— Quem você quer que eu mate? — ele zombou, atraindo atenção de uma senhora na mesa vizinha, que fez o sinal da cruz.

Ela segurou uma risada.

— Preciso assistir às filmagens desse HD. — Maya tirou uma pequena *necessaire* da bolsa, onde tinha guardado o objeto. — Tentei conectar no computador, mas tem

uma senha. Imagino que você conheça alguém...

Leonardo empurrou o corpo ligeiramente para trás, balançando a cadeira. Ele passou uma das mãos pela boca, a postura descontraída de antes sumindo aos poucos.

— No que você está se metendo, May?

— Nada. — Maya rodou os olhos pelo espaço, evitando encarar o pai.

— Quer dizer... Só preciso ver o que tem aqui.

— Se tem uma senha que você não sabe — Leonardo pontuou —, posso deduzir que o dono não quer que você veja.

Maya grunhiu, frustrada.

O corpo de Leonardo foi impulsionado para frente, apoiando os cotovelos na ponta da mesa. Catou um pedaço de carne e pressionou na grelha.

— De quem é?

— Promete que não vai ficar irritado?

— Se está fazendo essa pergunta é porque já sabe que vou ficar irritado

— ele suspirou. — Certo, vai em frente.

— Do Renato. São as filmagens da casa do Hélia. Do mês que ele morreu.

Ele crispou os lábios.

— De jeito nenhum eu vou perguntar como você conseguiu isso.

— É uma boa forma de lidar com a situação.

— E posso perguntar o que você espera encontrar aqui? — Leonardo tirou a *necessaire* dos dedos de Maya, analisando-a.

— Desencargo de consciência. — Foi a vez dela comer uma porção de carne de porco. Quase fez uma careta. — É só que, sei lá, Hélia estava sempre brigando

com o pai. Às vezes parece que ele poderia ter... mexido alguns pauzinhos. Quero ter certeza que não foi isso que aconteceu.

Leonardo fez uma careta, desgostoso.

— É uma coisa bem séria de se pensar, May.

— Eu sei — foi tudo que Maya respondeu e tudo que ela tinha para responder. Sabia que era uma acusação terrível, mas o que poderia fazer se não conseguia tirar tal hipótese da cabeça?

— O senhor Golucci sempre foi uma boa pessoa...

— Ele te ajudou, pai. — Maya enfiou um cogumelo chamuscado na boca, nervosa.

— Foi bom com você. Nunca foi bom com o Hélia.

Os dedos de Leonardo batucaram contra a mesa. Maya se distraiu tentando mapear as tatuagens de seu braço, percebendo que havia mais do que a última vez que tinham se visto, no cemitério.

Parte da boca de uma caveira desapareceu quando ele dobrou um dos braços.

— Tudo bem, May. Vamos ver o que tem nesse HD, mas precisa me prometer que, depois, vai pensar racionalmente no que fazer com as informações dele. Nem sempre a verdade é a melhor opção.

Maya fez que sim, ainda que não concordasse. Essa era uma das coisas que não gostava em seu pai: Ele não era um homem justo, nem de longe.

Gostava de pensar que as coisas estavam bem, desde que terminassem bem para ele.

— Bom — Leonardo dedilhou a borda da sua garrafa de Soju —, e de resto?

Como vai o resto da sua vida, era o que ele queria dizer.

— Tudo certo, eu acho.

— Já começou a estudar pros vestibulares?

Maya deixou que seu moletom largo engolissem suas mãos para dentro.

— Não sei se vou prestar. Estou querendo — ela desviou os olhos do pai, sua voz se tornando mais baixa — trabalhar com música.

Leonardo deu uma risada nervosa.

— Eu sabia que não deveria ter te deixado ver meus ensaios quando era pequena.
— Ele balançou a cabeça em negativa, num misto de raiva e admiração. — Esse caminho é uma desgraça, filha, mas não tem nada que eu possa fazer pra te impedir. Sua mãe vai surtar — Leo deu uma risadinha irônica, como se ver Lúcia Jeong surtando fosse sua atividade favorita no mundo. — E falando nisso, como ela está?

Maya achou graça da sua reação. O pai sempre tentava conseguir uma informação ou duas sobre Lúcia quando se encontravam.

— Está bem. Sem namorado, mas com alguns encontros.

— *Aish*. — Ele revirou os olhos escuros. — E você?

— Eu o que?

— Seu coração.

— Nenhum problema cardíaco até onde eu sei.

Leonardo a encarou.

— Você entendeu muito bem o que eu quis dizer.

— Acho que não tenho tempo pra pensar nesse tipo de coisa, no meio desse caos.

Ele fez que não.

— Não tente me enganar, adolescentes sempre tem tempo pra esse tipo de coisa. É só assistir qualquer filme juvenil e vai ver. Milhões de coisas acontecendo, e eles sempre conseguem dar um beijo ou dois.

Maya revirou os olhos cobertos de delineador, então deu-se por vencida.

— Digamos que até tem uma pessoa, mas isso não importa. Ela tem feito um esforço diário pra demonstrar o quanto não está interessada em mim e eu não sou

do tipo que fica correndo atrás de mulher. Ou de homem.

— Esse orgulho você puxou da sua mãe. — Leonardo bebeu mais um pouco de Soju, um sorriso esperto no canto dos lábios. — Como ela é?

— *Insuportável* — Maya respondeu, sucinta. — Mais do que isso, é uma patricinha irritante, incapaz de entender que o mundo não gira ao redor das suas vontades próprias. Tenho certeza que ela passou tempo demais assistindo *Gossip Girl* e agora acha que é a Blair Waldorf.

— E você gosta dela mesmo assim.

Maya deixou um risinho irônico escapar.

— Não gosto dela, pai.

— Mas foi a primeira pessoa em quem você pensou quando falamos em assuntos do coração. Isso é suspeito, no mínimo.

— Pense o que quiser — ela pressionou um pedaço de carne contra a grelha —, mas não gosto.

— Ela tem alguma coisa a ver com seu novo hábito de leitura de clássicos? Porque, se for, tenho que agradecer. Sua mãe passou anos tentando fazer você ler alguma coisa que não fossem histórias em quadrinho do Homem Aranha.

Maya franziu o cenho. Leonardo apontou para a mochila entreaberta em seu colo, a capa cor de rosa de “Na Ponta Dos Dedos” em evidência.

— Não tem nada a ver com ela. — Maya afundou o livro dentro da

bolsa, envergonhada. — Achei a capa bonita e peguei na biblioteca, só isso.

— Era uma mentira descarada. Tinha se interessado pelo livro depois de Áustria contar que a história revelava muito sobre ela. Estava lendo um pouco toda noite, desde então, mas seu ritmo de leitura não era dos melhores.

— Enfim, eu vou ser interrogada. Não deveríamos estar falando sobre coisas mais sérias?

— Deveríamos, mas eu não sou um pai convencional. Sua mãe vai pagar um bom advogado se precisar de um. Já dizia o ditado, o que não tem remédio...

Maya completou.

— Remediado está.

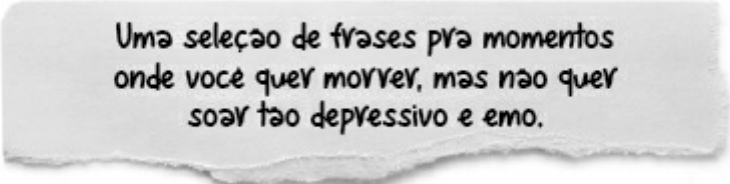
— Exato — Leonardo brincou com os *hashis* entre os dedos indicadores

—, além disso, fofocas adolescentes são muito mais interessantes que interrogatórios.

Ela riu, divertindo-se com a tranquilidade do pai.

Era fácil para alguém como ele.

Havia chegado ao fundo do poço tantas vezes que não tinha mais medo de cair.



Uma seleção de frases pra momentos
onde você quer morrer, mas não quer
soar tão depressivo e emo.

Poucas coisas no universo são impossíveis de se ignorar, quando você é um adolescente endinheirado.

O mundo fora de American Saint parecia prestes a colapsar. Os jornais cobriam cada segundo da prisão provisória do diretor Felipo, atualizando notícias e *threads* no *Twitter*, de hora em hora. Havia tantos pais ligando para a escola que as secretárias tinham sido instruídas a gravar uma mensagem automática e não atender nenhuma ligação. O nome da família Golucci estava, de novo, nos assuntos mais comentados do dia, e não passavam das dez da manhã.

Os alunos de American Saint não pareciam tão preocupados.

— Nós deveríamos fazer uma festa do pijama sinistra. — Áustria ouviu um dos garotos do time sugerir, dando um tapinha nas costas de um amigo.

— Tipo, aproveitar a oportunidade. Trancar todo mundo na escola e ver se matam mais alguém.

Não pareciam *nada* preocupados.

— Não é uma ideia ruim — Karen zombou, encostada nos armários ao lado de Cleo Machado, jogadora do time de futebol feminino e sua nova conquista, que provavelmente não duraria até o dia seguinte.

— Ou poderiam colocar todos numa sala com o assassino — Cleo completou, como se fosse a sugestão mais criativa de todos os tempos. —

Quem sobreviver passa de ano.

— Você não sobreviveria — disse Áustria —, julgando pelos jogos.

Seus reflexos são péssimos, tenho certeza que não consegue desviar de uma facada. Nem sei por que ainda está no time.

Cleo deu uma risadinha nervosa, mas não contestou, um gesto cheio de motivos por trás. O mais óbvio era que ela, como a esmagadora maioria de American Saint, não queria comprar uma briga com Áustria, nem que fosse para defender a própria honra. A segunda hipótese, essa mais boba, era que estava esperando Karen ser gentil e defendê-la, para que ela não precisasse fazê-lo. Isso nunca aconteceria. Em anos de amizade, Áustria podia contar

nos dedos as vezes que fora contestada por Karen e, talvez, por isso ainda fossem amigas. Sabiam dos limites uma da outra.

Havia um terceiro motivo, mais macabro que os anteriores. Parecia justo para todo mundo que Áustria tivesse passe livre para ser babaca com qualquer um que estivesse zombando do assassinato do seu namorado.

Na verdade, era *muito* justo.

— Estão pensando em ir no jantar do concurso? — Áustria mudou bruscamente de assunto, o tom incisivo agora substituído por sua voz animada. — Estou perguntando pra você, na verdade, Cleo. A Karen tem que ir de qualquer forma. Eu também.

— Os jurados estão aproveitando a oportunidade de analisar como nos comportamos à mesa — Karen zombou. — Em outras palavras, ver se conseguimos comer uma lagosta sem deixá-la voar pelos ares. Depois bebemos

vinho sem álcool e dançamos valsa. Como senhoras da alta sociedade fariam. É um saco, você não vai querer ir.

— Sim — Áustria concordou, brincando com as pontas do cabelo longo.

Os jantares costumavam ser chatos, mas Karen só falava daquela forma para que Cleo não se convidasse. — Um saco.

Ela não fez questão de ouvir a resposta de Cleo, seus olhos vagando pelos alunos que chegavam para as primeiras aulas do dia. Viu Yuri junto com Lucas e seus outros amigos do time. Ele tinha mandado algumas mensagens no *Instagram* de Áustria, explicando-se sobre o acontecido com Maya, na aula de educação física mais conturbada do planeta Terra.

Provavelmente, alguém havia lhe dito que a loira estava sedenta por uma retaliação, ainda que nenhum aluno entendesse os motivos dela para defender Maya. Se perguntassem, teria algum discurso feminista pré-pronto na ponta da língua.

Girl Power, vamos meninas.

Áustria não tinha respondido as mensagens. Ela não duvidava que tivesse sido um acidente, mas ele ainda era um suspeito de assassinato e, depois de tantos acontecimentos trágicos, Áustria preferia se manter longe. Se ele fosse preso um dia, era melhor para sua imagem que não tivessem contato.

Ela viu quando Maya ultrapassou os portões de American Saint e entrou no corredor principal onde estavam, uma lata de Coca-Cola terrivelmente açucarada em uma das mãos e uma coxinha na outra. Parecia brincadeira que ela estivesse comendo fritura e refrigerante antes do meio dia. Teve vontade

de perguntar como andava o seu colesterol.

Ela tinha pegado uma carona com Gabriela naquela manhã, Áustria deduziu, porque chegaram juntas. Gabi estava com um livro de anatomia tão grosso nas mãos que poderia matar alguém com uma pancada. Áustria já tinha visto uma cena parecida em uma série antes e ficou se perguntando se era uma coisa possível de se fazer. Enquanto a amiga comia, Gabi explicava alguma coisa sobre o corpo humano, e Áustria teve certeza que Maya estava prestes a morrer de tédio, mas era legal demais para demonstrar.

— Áustria Fontes e Maya Jeong — a voz robótica da secretária de ensino ecoou pelos corredores. Karen franziu o cenho, estranhando não ouvir a voz do diretor nos alto falantes —, estão dispensadas das atividades escolares de hoje. Por favor, compareçam à sala do diretor, assim que ouvirem essa mensagem.

Karen encarou Áustria.

— Rolou alguma coisa que eu deva saber?

— Sei lá. — Ajeitou sua mochila nos ombros. — Te conto mais tarde.

Cleo ofereceu um sorrisinho motivador, e Áustria *quase* se sentiu mal por suas palavras de antes. Ela respondeu o gesto de Cleo com um aceno de cabeça e seguiu em direção às escadas, subindo o mais rápido que pôde até o andar da sala do diretor.

Teve uma sensação desconfortável de *Déjà Vu*, os olhos prontos para enxergar por entre as frestas e rever a conversa do diretor Felipo com o investigador de polícia. A sensação de pânico que visitara seu peito naquela ocasião voltou, mas tudo que Áustria fez foi respirar fundo, disposta a manter a mesma calma com a qual tinha lidado com a situação anteriormente.

Maya chegou poucos segundos depois, a lata de Coca-Cola ainda nas mãos e uma tranquilidade invejável, como se ser chamada daquela forma nos alto falantes da escola não fosse motivo suficiente para ficar paranoica.

Áustria não tinha medo de ir para a diretoria. Tinha medo do que as pessoas pensariam se ela fosse para a diretoria.

— Resolvi aquela coisa do HD — Maya comentou, sem olhar para ela.

— Uma pessoa vai criptografar a senha pra mim. — Balançou a cabeça em negativa, corrigindo-se. — *Pra gente*.

Áustria quis perguntar como Maya tinha acesso àquele tipo de pessoa, mas o clima entre elas já estava tenso o bastante para que piorasse ainda mais. Sentia que tinha estragado tudo com aquela conversa no banheiro e, talvez, tivesse de fato. Não podia culpar Maya. Áustria tinha dito que não

queria falar sobre o assunto e agora estavam ali, coexistindo na presença uma da outra, *não falando sobre o assunto*, ainda que ele parecesse mais presente do que

se gritassem à plenos pulmões.

— Senhoritas — uma mulher que Áustria se lembrava de ter visto uma ou duas vezes na secretaria de American Saint as chamou, carregando uma pequena prancheta em mãos. Deu um sorriso amigável que não convencia e apontou para a porta da sala com a cabeça, o coque servindo como uma espécie de placa —, os investigadores querem dar uma palavrinha com vocês duas.

— Nós duas? — E, de repente, a tranquilidade de Maya pareceu ter escorrido pelos dedos, empossando direto em cima de um ralo, se estivessem em um banheiro. — Pensei que interrogatórios fossem individuais.

Áustria franziu o cenho.

— Como sabe que é um interrogatório?

— Não é — a mulher corrigiu. — Como eu disse, vão só trocar uma palavrinha. Vocês encontraram o corpo de Hélia juntas. Não são suspeitas, hum? A polícia só quer ter noção do que aconteceu.

Maya assentiu, puxando o que restava da Coca-Cola com seu canudinho. Ela arremessou a lata dentro da lixeira, por pouco não deixando uma mancha na parede atrás dela. Áustria não entendeu porque, de um instante para o outro, estava tão irritada.

— Vamos? Vocês devem imaginar que a polícia não tem o dia inteiro.

Áustria assentiu.

Maya entrou na sala primeiro, arrastada como uma vaca indo para o abate. Áustria a seguiu, em silêncio, disposta a não deixar a situação mais complicada para ela, ainda que não soubesse os motivos da sua tensão repentina. Enquanto se sentava em frente do que um dia fora a mesa do diretor Felipo, tentou se lembrar do fatídico dia na piscina, nenhum detalhe específico vindo à mente.

— Bom dia — um homem de seus quarenta anos cumprimentou, grandes olhos verdes e cabelo loiro. Ao seu lado, uma mulher negra, que poderia se passar por sócia da Taís Araújo, fazia anotações em um *tablet*, a caneta digital cruzando a tela repetidas vezes. — Meu nome é Sandro e essa é minha parceria Mariana. Nós temos algumas perguntas, mas seremos breves

— garantiu, ajeitando a gola da camiseta social. Ele esperou que as garotas se pronunciassem antes de continuar, mas nenhuma das duas o fez. —

Conversamos com outros alunos e já sabemos que eram as duas pessoas mais

próximas do Hélia aqui, em American Saint. Coincidentemente, também foram as responsáveis por encontrar o corpo. Vocês têm algum comentário sobre isso?

Silêncio total.

Áustria sequer se esforçou para pensar em alguma coisa.

— Muito bem — prosseguiu Sandro. — Algum motivo especial para estarem no ginásio naquele horário?

Dessa vez, Áustria respondeu.

— Vi Hélia chegando na escola — disse, escolhendo não comentar a respeito da última mensagem estranha que recebera do namorado. — Ele parecia atordoado, por isso fui atrás dele. Eu estava no terceiro andar quando o vi, o perdi de vista enquanto descia as escadas. Quando cheguei no ginásio, ele já estava... daquele jeito.

Sandro assentiu.

— Ótimo. E você, Maya?

— Recebi uma mensagem do Hélia — respondeu, sucinta. — Queria me encontrar no ginásio, por isso fui até lá.

— Faz alguma ideia do porquê ele queria te encontrar?

— Nós éramos amigos — Maya deu de ombros. — Passávamos tempo juntos.

— Acho que eram mais que isso — Sandro pontuou, um tanto maldoso.

Áustria fez uma careta. — Senhorita Fontes, pode definir mais detalhadamente quão atordoado Hélia estava?

Ela enrolou algumas mexas de cabelo nos dedos, sem entender onde aquela conversa iria chegar.

— Parecia tonto. Como se não conseguisse sustentar o próprio corpo.

— É um efeito comum em vários tipos de droga — Mariana comentou.

— Maya, você faz alguma ideia de onde Hélia pode ter conseguido drogas?

— Em qualquer lugar — respondeu, um tanto ríspida, como se a pergunta fosse idiota. — É de um cara milionário que estamos falando.

— Por acaso — Sandro continuou —, você não teria vendido drogas pra ele?

Maya revirou os olhos. Áustria não entendeu a pergunta, mas ela parecia estar esperando que aquela questão fosse levantada, desde o começo.

— Não. Eu não vendo drogas. Façam um exame toxicológico, revistem minhas coisas se quiserem.

— Não precisa ficar na defensiva, senhorita Jeong. É uma pergunta casual, por causa do...

— Por causa do meu pai — Maya cortou. — Se querem saber, as pessoas que vendiam drogas para Hélia não estão ao alcance da polícia. São ricos demais pra cadeia. Na verdade, mandam em vocês.

Áustria virou a cabeça na direção de Maya, tentando entender do que se tratava aquela conversa. Tinha a sensação estranha de ter perdido alguma coisa, uma peça crucial daquele quebra-cabeças. Uma peça que Maya não queria que fosse encontrada, ela percebeu, quando seu olhar foi brutalmente ignorado.

A expressão de Sandro endureceu.

— Ainda mantém contato com seu pai?

— Ocasionalmente.

— Ele ainda trabalha pra família Golucci?

— Isso é sobre mim ou sobre meu pai? — ela ralhou, levantando-se bruscamente da cadeira. — Não é um interrogatório oficial. Não sou obrigada a responder.

Mariana interveio.

— Senhorita Jeong...

— Não sou obrigada a responder — Maya repetiu, impassível, escapando da sala antes que um dos policiais pudesse fazer alguma coisa a respeito. Áustria aproveitou a deixa para se levantar também, apertando o passo em direção a saída. Correr atrás da garota estava se tornando um hábito.

— Maya! — chamou, seus olhos perdidos demorando alguns segundos para localizá-la dentro do elevador. Maya levantou os dedos em direção ao painel de botões e ameaçou apertar a tecla que fechava as portas automaticamente, mas Áustria a repreendeu. — Você não ousaria. — Ela soltou o ar pelo nariz, indignada. — Se me deixar falando sozinha mais uma vez, juro que eu... Sei lá. Eu quebro você. Não faça essa merda. — Maya deu um sorrisinho presunçoso, pouco preocupada com sua ameaça.

— Os policiais podem estar te ouvindo falar essas palavras baixas — zombou.

Áustria revirou os olhos antes de se aproximar do elevador. Maya ainda estava com os dedos próximos ao painel quando ela entrou, como se estivesse pensando em fechar as duas portas em cima dela só por diversão, para ver o que aconteceria.

Ela sabia que não existia uma forma delicada de começar aquela conversa, então optou por ser direta.

— Do que os policiais estavam falando?

Maya esperou que as portas do elevador se fechassem e digitou uma sequência específica de dígitos no painel. O elevador subiu alguns metros, parando de repente.

— É um código secreto — ela explicou. — Trava o elevador quando precisam limpar o fosso. Não me pergunte como Hélia descobriu isso.

Isso era tudo que Áustria menos queria saber naquele momento.

Insistiu no verdadeiro assunto daquela conversa.

— Maya, o que aconteceu lá dentro?

Ela se sentou no carpete do elevador, disposta a passar ali o tempo que fosse necessário.

— Meu pai é ex-presidiário — soltou, tão diretamente que Áustria quase perdeu o equilíbrio. — Mas ele não fez nada — completou, aflita. —

Digamos que... armaram pra ele.

Áustria se sentou ao lado dela.

— Armaram pra ele?

— Quando eu tinha mais ou menos doze anos, minha mãe quis pedir o divórcio do meu pai. Ele ainda estava tentando fazer a carreira da música decolar, mas as coisas não davam certo. Lúcia até apoiou no começo. Aquele estúdio lá de casa foi todo montado com o dinheiro dela — Maya encarou as próprias unhas curtas —, mas chegou em um ponto que as contas não fechavam. Ele passava a noite inteira fora, tocando em bares de qualidade questionável e ganhando menos que um salário mínimo. Minha mãe queria um homem de negócios, não um... *Artista*.

Áustria passou a língua pelos lábios, então fez que sim, indicando que continuasse.

— Lúcia era amiga próxima dos pais do Hélio, por isso ela decidiu pedir um favor. Queria que dessem um emprego “de verdade” — ela fez aspas com os dedos — pro meu pai. A Golucci S.A sempre foi uma empresa enorme, tinham centenas de vagas o tempo inteiro, então não seria nenhum sacrifício dar uma chance pro marido de uma amiga. Ele ficou responsável por algumas cargas, dirigia alguns caminhões...

— Grande homem de negócios.

— Deixa de ser escrota — Maya repreendeu. — Meu pai queria que o casamento desse certo, então deixou a música de lado. Ele se esforçou muito naquela merda de emprego. Chegava nos horários certos, completava mais

horas extras que qualquer um e não fazia perguntas sobre coisas que não eram da sua conta. Um dia, uma blitz policial parou o caminhão dele e tinha tanta cocaína escondida no meio da carga que ele foi preso em flagrante.

Áustria franziu o cenho.

— E aí...

Maya deu de ombros.

— O senhor Golucci pagou um dos melhores advogados de São Paulo pro meu pai. Investigaram toda a empresa, mas não encontram nada que pudesse indicar outra pessoa como responsável. — Ela deu um soco leve nos próprios joelhos, chateada. — Ele ficou preso por cinco anos, mas abrandaram a pena por bom comportamento. Minha mãe pediu divórcio assim que aconteceu, porque não queria manchar a imagem da família. Minha avó pagou dinheiro pra caramba pra ignorarem os antecedentes do meu pai, quando fez minha matrícula.

Áustria quase gargalhou de nervoso.

Era esse tipo de pessoa que estava se tornando quando se preocupava mais com as aparências do que com os próprios sentimentos?

— Nossa — Áustria murmurou. — Eu nem sei o que dizer, na verdade.

Sinto muito que isso tenha acontecido com seu pai.

— Eu tenho certeza que a droga não era dele — ressaltou. — Eu e Hélia conversamos algumas vezes sobre isso, mas nunca chegamos a nenhuma conclusão. Enfim, esse era o segredo que eu escrevi naquele bilhete. Agora você já sabe. Foi um inferno — murmurou, irritada por estar expondo suas vulnerabilidades. — No dia que meu pai foi preso, foi a última vez que me lembro de ter chorado.

— Não chorou no velório do Hélia?

Maya fez que não.

— Uma lágrima ou duas. A prisão dele foi... Não sei. Um marco no meu psicológico, eu acho. Se eu fizesse psicanálise, o terapeuta diria algo assim. Eu só percebi que o mundo pode ser bem merda às vezes e que a melhor coisa que você pode fazer por si mesmo é ser forte.

— Já tentou filmes tristes de cachorro?

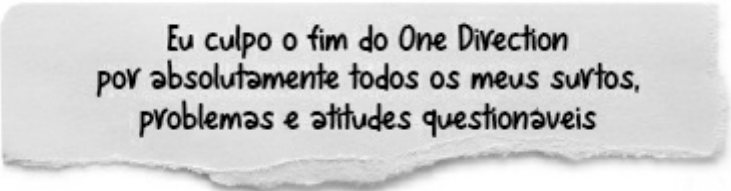
Foi um comentário indelicado, mas Maya riu.

— Já. Os olhos enchem de lágrimas, a garganta fecha, a voz embarga, mas... Eu não consigo deixar sair. É como se eu tivesse construído uma fortaleza entre minhas emoções e o mundo exterior.

Áustria ficou em silêncio por alguns segundos, a impressão

desagradável de que o ar dentro do elevador esmagaria suas cabeças.

— Não acho que seja justo te deixar em desvantagem — ela murmurou, levantando-se de repente. — Vamos — ofereceu uma das mãos para que Maya também ficasse de pé —, quero te mostrar um lugar — disse, um arrepio descendo pelo seu corpo quando Maya aceitou suas mãos, os dedos entrelaçando nos dela. — E sei que isso não resolve muita coisa, mas quero contar o meu segredo.



Eu culpo o fim do One Direction
por absolutamente todos os meus surtos,
problemas e atitudes questionáveis

O cheiro de pipoca e manteiga invadiu o olfato de Maya assim que pisou no último andar do shopping. Depois da breve conversa no elevador – que na sua cabeça durou horas – tinham saído de American Saint e caminhado até ali no mais completo silêncio. Maya ainda não sabia se Áustria estava absorvendo o fato de que seu pai era um ex-presidiário ou tentando manter a calma antes de contar o seu segredo. Ao mesmo tempo que queria pedir que não contasse, estava curiosa para saber o que era.

— Não imaginei que fosse me trazer no cinema. — O clima tenso entre elas pairava como uma placa de vidro flutuante. O comentário de Maya foi suficiente para que se partisse, mas não para que desaparecesse por completo.

— Quer dizer, parece clichê.

— Clichê de primeiro encontro? — perguntou Áustria, e Maya teve a impressão de que era um teste.

Ela deu de ombros.

— Sim — cruzou os braços —, só que não estamos num encontro.

Áustria cerrou os olhos.

— Sim — disse, apressando o passo em direção a um dos terminais onde se compravam ingressos, como se Maya tivesse a deixado desconfortável. Tinham sido dispensadas das atividades de American Saint até o dia seguinte e eram mais ou menos onze da manhã, o que significava que os ingressos custavam a metade do preço. — Quer pipoca?

Maya negou, ainda pensando em como aquela ideia era estranha.

— Quem vem no cinema às onze da manhã?

— Pessoas como nós. — Áustria deu de ombros, os dedos corriam pela tela *touch* do terminal. Comprou dois ingressos para a sequência de *Mamma Mia*, e Maya ficou feliz que não tivesse perguntado que filme queria ver, porque nunca chegariam em um consenso.

— Adolescentes que foram interrogados e suspensos da escola?

— Não fomos suspensas. — Ela retirou os ingressos da máquina, o papel amarelado fazendo contraste contra seus dedos pálidos. — Eu sou representante de turma.

Maya arqueou uma das sobrancelhas.

Áustria prosseguiu.

— Em outras palavras, não sou do tipo que é suspensa.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Só pessoas que perderam o controle da própria vida vão ao cinema às onze da manhã.

— Nesse caso — ela entregou os ingressos para Maya e tirou seu álcool gel da bolsa, limpando as mãos. *Fresca* —, vou ter que defender o direito de perder o controle da própria vida uma vez ou outra. Como o Zayn Malik, quando decidiu sair do One Direction. Nunca mais fui a mesma depois disso.

— É uma ótima forma de ver as coisas. — Maya seguiu sua linha de raciocínio, como se não tivessem assuntos mais urgentes para tratar. — Toda uma geração de

adolescentes traumatizadas pelo fim de uma *boyband*. Deve ser por isso que somos jovens perdidos.

Áustria riu. O silêncio se instaurou entre elas por alguns segundos, até que a loira criou coragem para falar de novo.

— Certo, estou procrastinando. Procrastinando pra entrar naquela sala, porque estou nervosa.

— Seu segredo não pode ser pior que o meu.

Ela suspirou.

— Depende muito de qual é o ponto de vista.

Maya fez uma careta.

— Não precisa me contar se não quiser.

— Não, tudo bem — disse, então deu um passo na direção do rapaz que cobrava os ingressos e passava a roleta. — Eu quero.

Maya observou cada centímetro de Áustria enquanto ela entregava os ingressos e mostrava sua carteira de identidade, para que conferisse as meias entradas. Ainda estava segurando sua garrafinha de álcool gel, apertando-a contra os dedos com tanta força que um pouco tinha escapado para fora.

Maya mordeu o lábio.

Mostrou a carteirinha de American Saint quando chegou sua vez e viu o revirar discreto de olhos do funcionário do cinema. Talvez achasse absurdo que alunos de uma escola de elite estivessem pagando meia entrada, mas Maya não estava interessada em gastar dinheiro com um filme que nem queria ver, para começo de conversa.

Passaram para o lado de dentro do cinema. Áustria deu alguns passos em direção à sala indicada pelos pôsteres do musical, então parou. Esticou o

pescoço e se virou para trás, verificando que o rapaz dos ingressos não olhava na direção delas. Ao invés de seguir até a sala descrita nos ingressos, Áustria virou à esquerda, descendo as escadas do cinema até uma das salas VIP do subsolo.

Uma Maya confusa seguiu atrás dela.

— O que estamos fazendo?

— Você vai ver — um sorriso travesso tomou conta de seu rosto, enquanto empurrava a porta e invadia uma sala vazia.

— Não tem câmeras aqui?

Áustria fez que sim.

— Do lado de fora. — Segurou a porta para que Maya entrasse. — O

dono do cinema, seja quem for, provavelmente sabe que faço isso, mas ele não se importa. Provavelmente porque não estou vendo nenhum filme de graça.

— Tem o costume de invadir salas de cinema vazias?

Áustria assentiu, se guiando até as poltronas com a lanterna do celular.

A sala estava escura, contando apenas com as luzes de emergência, como se uma sessão estivesse perto de começar. Ela se sentou bem no centro da sala, indicando a cadeira ao lado dela para Maya.

— Alguma vez — ela começou, deixando a mochila nos próprios pés —

você sentiu que o mundo lá fora era caótico demais? Num ponto que não conseguia analisar nem os próprios pensamentos? — Maya fez que sim. —

Uma sala de cinema vazia é tipo o meu lugar feliz. Eu fico só sentada aqui, sentindo a calma. Às vezes aproveito o isolamento acústico pra gritar. Eu me sinto... em paz De estar em um lugar onde não tem coisa nenhuma acontecendo. É como parar no tempo. Estranho demais?

Maya abriu um meio sorriso.

— Acho que a maioria das pessoas de American Saint não imagina que a princesa deles se tranca em salas vazias de cinema de tempos em tempos, mas eu não vou te julgar.

Áustria riu, então encarou os próprios dedos, como se os restos cor de rosa do seu esmalte fossem a coisa mais interessante do mundo.

— Também foi aqui que eu beijei pela primeira vez.

— Nessa sala?

— Nesse shopping. No primeiro ano do ensino médio, com uma vizinha.

Maya mordeu a ponta da própria língua.

— Esse é o seu segredo?

Áustria fez que não.

— Meu segredo — ela respirou fundo — é que estou, desde os quatorze anos, pensando que tem algo de errado comigo — agora, estava encarando a tela branca —, porque *aquilo* era muito diferente de tudo que tinham me oferecido a vida inteira. Nos filmes, nos livros, nas novelas, o velho clichê de garoto encontra garota. No dia do beijo, passou pela minha cabeça que eu podia ser lésbica. — Seu corpo afundou na poltrona. — Então eu percebi que isso só seria um problema *se* as pessoas soubessem.

Maya apoiou os dedos nas costas das mãos de Áustria.

Não havia palavra melhor para definir aquele relato senão *violento*, embora a loira não parecesse ter ideia das pequenas agressões que estava cometendo contra si mesma.

— Uma semana depois disso, Hélia começou a colocar bilhetes no meu estojo. Eram coisas bobas tipo “você estava linda na educação física hoje”, escrito com canetas de cheirinho que me deixavam espirrando — ela sorriu para a lembrança. — Eu pensei que poderia ser um sinal do universo, sei lá.

Nós só começamos a namorar por causa disso.

Maya deu uma risada nervosa. Ficou alguns segundos em silêncio, ponderando suas próximas palavras.

— Você achou que os bilhetes eram do Hélia?

Áustria franziu o cenho.

— Sim — ela não entendeu a colocação de Maya —, eu peguei o caderno dele escondido e comparei as letras...

Maya balançou a cabeça em negativa, deixando outro risinho escapar.

— Não. — Ela levou uma das mãos até a boca. — Meu Deus, eu não acredito nisso. Hélia me pagava pra fazer os deveres de casa dele naquela época.

Áustria piscou, incrédula. Seu cérebro demorou para entender o que Maya sugeria.

— Está dizendo que os bilhetes eram *seus*?

— Está dizendo que acreditou que Hélia escreveria bilhetes com canetas coloridas, de cheirinho?

Ela riu, percebendo que sua hipótese fazia pouco ou nenhum sentido. O tipo de coisa que garotas de quatorze anos pensam.

— Mas você nunca falou comigo.

— Eu tinha um *crush* secreto em Áustria Fontes, como a escola inteira

— admitiu, sentindo o orgulho se esvaír aos poucos do seu corpo. — Sabia que você não daria a mínima pra mim, por isso evitei a humilhação de te chamar pra sair ou algo do tipo. Escrevia os bilhetes quando você parecia pra baixo. Não acredito que você e o Hélia começaram a namorar por causa de mim, fala sério.

Áustria abriu um sorriso presunçoso.

— Ainda tenho os bilhetes guardados.

— Nesse caso, não ouse lê-los de novo. — Maya deu um tapa na própria testa. — Queime todos assim que chegar em casa. Não sei porque te falei isso. Era melhor te deixar pensando que foi o Hélia.

— É engraçado. — Áustria mordeu o lábio. — Nunca tinha olhado pro Hélia antes disso. Todas as garotas eram loucas por ele, mas ele parecia... Sei lá. Imperceptível ao meu radar.

— Gostou tanto assim dos bilhetes?

Áustria confirmou. Ela se manteve pensativa por alguns segundos, então se virou para Maya, olhando-a nos olhos pela primeira vez, desde que tinham entrado na sala

— Tem mais uma coisa — disse, nervosa. — Ao longo desses anos todos, quando eu estava decidida a viver eternamente no armário... — ela deu uma pausa. *Quase* desviou o olhar — meu maior medo era encontrar alguém que me fizesse querer contar esse segredo. E cada vez que você me olha, eu sinto mais vontade de gritar.

— Gritar o quê? — Maya percebeu que estava em um *looping* de perguntas, mas era tarde demais para retirar sua fala.

— Que eu gosto de você — Áustria soltou, tão rápido e embolado que Maya quase não ouviu. — Que estava com ciúmes na festa da Karen. Que eu gostaria de ter um grupo de amigas só pra contar sobre a forma que você me beijou na enfermaria, várias vezes, até elas enjoarem de me ouvir. Que eu guardei a rosa que me deu dentro de um livro e guardaria qualquer outra coisa que quisesse me dar. Que eu fui idiota com você porque estava com medo e que continuo com medo agora. Você é a pessoa que me faz querer contar, Maya.

A imensidão de uma sala de cinema vazia não era suficiente para o tamanho das palavras de uma Áustria atônita. Maya não soube o que responder de imediato, seus olhos cerraram alguns centímetros e vagaram pela sala, como se esperasse por câmeras e repórteres do SBT anunciando uma pegadinha. Nem em seus sonhos mais estranhos, ela imaginaria que

aquele era o segredo de Áustria, e ela já tinha imaginado muitas coisas estranhas sobre ela.

O segredo, na verdade, ainda era menos improvável que a declaração em seguida. Se Áustria dissesse que tinha matado alguém com os saltos de uma sandália, Maya não teria tanta dificuldade em acreditar.

Estou sendo babaca? Maya se perguntou, o início de um monólogo interior que foi bruscamente interrompido em seguida.

— Enfim — Áustria recapitulou, soando irritada pela falta de resposta

—, é isso. Estamos quites. — Ela colocou a mochila de volta nas costas, pronta para descer os degraus da sala e deixar Maya sozinha no lugar feliz que, se ela saísse, não seria mais tão feliz assim.

Maya deixou que Áustria descesse.

Contou os degraus à medida que eram castigados pelos tênis cor de rosa da loira. Eram quinze no total e não foram suficientes para que Maya tivesse tempo de absorver cada palavra do que tinha acabado de ouvir. Mesmo assim, quando Áustria chegou na base dos degraus, ela a impediu de continuar andando.

— Áustria, para — pediu, descendo os mesmos degraus, seus sapatos esmagando pipocas pelo caminho. Áustria não se virou para ela, só parou de andar, como se alguém estivesse jogando The Sims e então cancelado uma tarefa. — Eu não estava esperando.

Áustria não soou satisfeita diante da sua hesitação.

— Qual das coisas extremamente íntimas e pessoais que eu acabei de dizer você não estava esperando?

— Você se irrita fácil demais. Essa é uma coisa que deveria rever, considerando sua futura carreira de miss. Stress causa rugas precoces —

Maya murmurou, divertida, tentando amenizar a situação.

— Não muda de assunto.

— Ainda está irritada — pontuou. — Pense nas rugas.

Áustria respirou fundo e ergueu o dedo médio na direção dela.

— Desculpa. — Maya segurou sua mão, abaixando-a de forma cuidadosa, como se fosse uma arma carregada. — Fiquei meio em choque.

Ela revirou os olhos.

— Se me der um fora, saiba que vou dizer pra todo mundo que foi o contrário.

Maya riu.

— Eu não tinha cogitado essa hipótese, mas pensando bem... Parece

uma ideia ótima, não acha? Nunca vou ter essa oportunidade de novo. Digo, de dar o primeiro fora da sua vida. Inesquecível.

Áustria revirou os olhos mais uma vez, e Maya teve a impressão de que suas bochechas estavam vermelhas. Na escuridão da sala, não conseguia ter certeza.

— Vai se foder.

— Não vou te dar um fora — disse, entusiasmada. — Mas só porque você fica uma gracinha quando está com raiva. E porque é surtada o suficiente pra render boas histórias pra eu contar pros meus netos, um dia.

Sabe, crianças, ela me conquistou quando decidiu jogar energético na minha cabeça.

Áustria riu, a tensão desaparecendo de algumas partes do seu rosto.

Apesar disso, ela ainda estava nervosa. Maya conseguia sentir suas mãos geladas.

— Eu entendo que é difícil ser diferente do que as pessoas esperam de nós — Maya murmurou, seu tom se tornando mais sério —, mas eu posso te ajudar a lidar com essa confusão. E fazer as coisas serem um pouquinho mais fáceis. — Ela encostou o corpo em uma das paredes do cinema, puxando Áustria para mais perto. — Não precisa contar pra ninguém enquanto não se sentir pronta.

Áustria moveu a cabeça em afirmativa, uma das mãos subindo até seu pescoço. Maya era apenas alguns centímetros menor que ela, mas sempre se sentia minúscula em sua presença, como se estivesse prestes a desaparecer.

Não era de todo ruim. Era *diferente*. Talvez se sentisse pequena porque seus sentimentos eram grandes demais.

Maya pressionou a boca de Áustria, os lábios dela se curvando em um sorriso antes de aceitar sua língua. Não era como o beijo na enfermaria. Era ainda mais intenso e urgente, como se Áustria quisesse recuperar todo tempo perdido em poucas horas.

Maya tinha a sensação que a sala ao redor delas estava cada vez menor.

O cheiro gorduroso de pipoca tinha se perdido por completo e um ar condicionado, ligado em mais ou menos dezoito graus, seria perfeito, porque ela não julgava possível que um cinema pudesse ficar tão quente, até aquele momento.

Áustria era quente.

Era o fogo, a faísca e a explosão, todos ao mesmo tempo.

E ela estava *queimando*.

Queimando o cinema, queimando o quarto, queimando a enfermaria, queimando um milhão de lugares pelos quais Maya não conseguiria mais passar sem recordar dela. Estava permitindo que Áustria deixasse um rastro e talvez viesse a se arrepender mais tarde, mas, naquele momento, sua única preocupação era a forma como a língua da loira se movia contra a sua, o suspiro desajeitado que ela deixava escapar cada vez que Maya infiltrava os dedos no seu cabelo e os puxava um pouco para trás.

— Quero tentar uma coisa — murmurou, afastando os lábios dos de Maya levemente, suas mãos descendo até sua cintura, como se completasse um percurso. Deixou que os dedos continuassem sua trilha, chegando até o elástico da calça de uniforme.

Maya riu da sua cara de pau, o aroma do Chanel número cinco invadindo seu olfato com mais intensidade que nunca.

— Aqui?

— Um espaço vazio perfeitamente propício.

— Um espaço público — Maya zombou, voltando a beijá-la num sinal claro para que seguisse com seus planos. Áustria dedilhou sua barriga por baixo da blusa do uniforme antes de enfiar os dedos dentro de sua calça, um tanto hesitante.

Ela se afastou alguns centímetros mais uma vez.

— Nunca fiz isso antes, então...

— Vai em frente — Maya sussurrou, o tom malicioso.

Áustria deu um sorriso, mais confiante que antes. Seus dedos passaram pelas alças da sua calcinha várias vezes antes que invadisse a peça, finalmente encontrando sua intimidade. As mãos de Maya desceram até sua cintura, mantendo seu corpo mais perto do seu, como se tivesse medo que a garota desaparecesse.

De repente, ouviram passos.

Áustria tirou a mão de dentro da peça, contendo uma risada nervosa.

— Merda.

— Você vai ser presa por atentado ao pudor — Maya zombou, entrelaçando seus dedos nos dela e puxando-a delicadamente em direção às poltronas. Se abaixaram atrás da primeira fileira e esperaram alguns segundos, cobertas por um silêncio trágico.

O mesmo rapaz que cobrou os ingressos entrou na sala, uma lanterna pequena em mãos. Elas se abaixaram ainda mais quando ele jogou um feixe de luz nas poltronas, sem perceber nenhuma das duas ali. Áustria mordeu o

lábio, e Maya se segurou para não rir do nervosismo da garota.

O funcionário deu um suspiro cansado, então voltou pelo mesmo caminho pelo qual tinha entrado, fazendo parecer que tinha sido vítima de um trote ou algo parecido.

— Foi por pouco. — Áustria moveu os lábios, sem deixar que o som das palavras escapasse de fato.

— A gente seria expulsa do shopping, no máximo.

— Eu ficaria conhecida como a pervertida do cinema.

— E não é isso que você é? — Maya zombou, aproximando os lábios dos dela mais uma vez. Ela deu um beijo rápido em sua boca, então recapitulou. — Falei sério sobre os bilhetes. Queime todos eles.

Áustria negou.

— Vou ler cada um — disse, interrompendo a própria fala para mais um beijo — e fazer comentários que vão te deixar envergonhada.

Maya revirou os olhos, os dedos passeando por seu pescoço.

— Eu deveria ter te dado um toco.

— *Deveria*, mas agora é tarde demais — Áustria riu, beijando-a de novo.

Casos de família (um episódio atípico onde
não acontece nenhum barraco)

Karen (15:32) diz:

O diretor Felipe ainda não saiu da prisão

Áustria levantou os olhos do seu livro para ler a mensagem pela barra de notificações. Estava sentada no sofá da sala, o cachorro de Miguel, Antony, andando de um lado para o outro em busca de seu almoço. Ela e o meio-irmão estavam travando uma guerra silenciosa desde o momento que tinha chegado em casa. Quem levantasse primeiro, faria o almoço, ainda que estivesse um pouco tarde demais para tal refeição.

Áustria (15:32) diz:

Essas coisas demoram.

Antes que ela voltasse pra sua leitura, Karen respondeu.

Karen (15:32) diz:

Acha que eles vão levar essa investigação pra frente?

Áustria (15:33) diz:

É meio que o esperado.....?

Karen (15:33) diz:

Sei lá. Meus documentos pra Yale estão prontos...

Não sei se vão gostar de saber que vim de uma

escola onde assassinatos acontecem.

Áustria (15:33) diz:

É de American Saint que estamos falando.

Karen (15:34) diz:

É de assassinato (!!!!!) que estamos falando.

Karen (15:34) diz:

Sendo honesta, eu preferia que não investigassem. Isso não vai trazer Hélia de volta, por que continuar cutucando a ferida?

Karen (15:34) diz:

Talvez, como representante de turma, você consiga convencer a administração do A.S que isso é loucura. Se suborno não deu certo... Sei lá, deveriam pensar em outra forma de deixar a polícia longe. É melhor pra todo mundo.

Áustria fez uma careta para a conversa na tela, sem saber se concordava ou não com o proposto pela amiga. Antes que pudesse organizar sua linha de pensamentos e responder, recebeu uma mensagem em outra conversa.

Maya tinha mandado uma foto. Ela estava com um exemplar de “Na ponta dos Dedos” nas mãos, tampando metade do seu rosto. Áustria só conseguia ver seus olhos cheios de delineador preto e uma touca colorida em tons de verde neon. Na legenda um simples “*estou lendo*”.

Áustria deu um sorriso.

Do outro lado da sala, Miguel notou seu gesto.

— Por que está sorrindo pra tela do celular? — ele provocou. — Justin Bieber postou uma foto nova?

Áustria ergueu o dedo médio, sem responder.

Miguel deu um sorrisinho presunçoso.

— Foram os caras do BTS? Harry Styles?

Áustria se manteve em silêncio.

Ele tentou outra abordagem:

— Tá de namorado novo?

— Não.

Ele cerrou os olhos.

— *Namorada* nova?

Áustria o encarou por um instante, assustada.

— Não! — repetiu, então sussurrou. — Como você sabe que estou saindo com uma... Com *alguém*? — Percebeu tarde demais que era idiotice sussurrar, porque estavam sozinhos em casa.

— Eu tenho um faro bom pra essas coisas — ele deu de ombros. —

Você está um pouco mais suportável nos últimos dias, o que deve significar que está transando.

— Não estou transando, que grosseria. — Áustria revirou os olhos. —

De qualquer forma, isso não é da sua conta. — Ela bloqueou o celular, levantando-se do sofá. — Como anda o *seu* namoro?

Ele deu de ombros, satisfeito que Áustria fizesse a pergunta, ainda que, obviamente, ela só estivesse tentando tirar o foco de si mesma.

— Isso também não é da sua conta, mas vai bem. Podemos marcar um jantar de casal um dia, quando você estiver melhor resolvida com esse rolo aí.

Áustria mordeu o lábio, perguntando a si mesma se isso era uma possibilidade. Levar Maya para um jantar com uma pessoa da família, dizer com todas as letras que estava saindo com uma garota. Dizer a palavra com

“L” para pessoas com quem tinha um vínculo eterno e impossível de se quebrar. Era assustador na mesma medida que era empolgante.

— Quando apresentou aquele cara pra minha mãe — ela enfatizou —, qual foi a sensação?

Miguel cerrou os olhos.

— Tem mesmo uma namorada?

— Já disse que não.

Ele assentiu, pouco convencido.

— Não tenho muito o que dizer além do clichê. Acho que é libertador

— pensou por alguns segundos. — É bom saber que as pessoas da sua família não se importam com quem você beija.

— Não é definitivo demais? — perguntou, indo para a cozinha. Abriu a geladeira e analisou tudo que tinham dentro, em dúvida do que preparar. Seu pai era o único bom cozinheiro da família e ainda estava no trabalho. —

Tipo... E se você acordar um dia e não for mais isso que você quer?

— Decidir que não sou mais gay? — Miguel riu, ainda sentado no sofá, uma camiseta do *System Of a Down* grande demais para o seu corpo fazendo parecer que tinha a mesma estatura de um adolescente raquítico. — Isso não acontece. Quer dizer, as pessoas são o que são.

— As pessoas mudam de ideia — Áustria defendeu, desistindo da geladeira. Ela pegou um punhado de macarrão no armário e jogou na primeira panela que encontrou, enchendo-a de água em seguida. — Sei lá. Já vi pessoas que se diziam gays e depois... Enfim, eu não sou uma especialista no assunto.

— E eu sou? — Miguel riu. — O legal de vocês heterossexuais — e Áustria teve impressão que essa palavra estava sendo usada com deboche —

é que pensam que nós somos uma enciclopédia de como ser gay. Tipo um manual de usuário.

Áustria ligou o fogo e voltou para sala, revirando os olhos.

— Enfim. Fico feliz que as coisas estejam indo bem entre você e o... —

ela se esforçou para lembrar o nome do rapaz, então errou de propósito —

David.

Miguel torceu o nariz antes de corrigir.

— Davi.

— Isso, tanto faz — deu um sorriso antipático. — Pelas minhas contas, o avião da Paula vai pousar em umas duas horas, mais ou menos. Ela deve mandar uma mensagem. Ou fazer uma chamada de vídeo, se estiver no *mood*

de mãe boazinha.

— Vocês não passaram muito tempo juntas enquanto ela estava aqui.

Áustria suspirou.

— Não, e daí? Ela estava ocupada demais fingindo que se importava com o meu luto quando, na verdade, só se deu ao trabalho de vir até aqui pra receber um prêmio médico idiota.

— Está chateada por que ela tem uma carreira?

— Estou chateada porque ela mentiu.

Miguel fez que sim, sua forma de encerrar discussões sem demonstrar uma opinião verdadeira sobre o assunto. Áustria não descartava a possibilidade de que também estivesse magoado com Paula, mas não se surpreenderia se ele não sentisse nada. Ela voltou para as páginas do seu livro enquanto o meio-irmão zapeava entre os canais da TV. Se lembrou da mensagem de Maya e desbloqueou a tela do celular para responder: Áustria (15:47) diz:

Podemos assistir o filme quando você acabar de ler.

Aquele filme fora o seu único contato com o cinema coreano, e se lembrava de ficar obcecada ao vê-lo pela primeira vez. A construção de cenas, os figurinos, as reviravoltas e a beleza da personagem principal.

Agora, pensando melhor, quase entendia por que seu coração batia tão rápido durante as cenas de sexo.

Ela estava pronta para voltar ao seu livro, quando notou o cheiro de queimado vindo da cozinha. Miguel a encarou, fazendo uma careta.

— O que você estava *tentando* cozinhar?

Áustria mordeu o lábio, frustrada.

— Macarrão.

Foi a vez de Miguel se levantar e ir até lá. Áustria continuou onde estava, acompanhando o desdobramento do seu estrago. A panela e o fogão pareciam inteiros, o que já era algo a se comemorar.

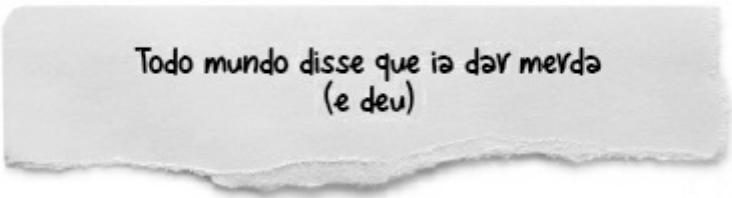
— Você esqueceu de colocar óleo. — Miguel tirou a panela do fogão, o macarrão grudento no fundo. Fez uma careta antes de jogar na pia, certo de que não conseguiria salvar o alimento. — Vamos — voltou para a sala —, é melhor a gente comer alguma coisa fora.

Áustria hesitou por um instante. Não se lembrava de ter saído com Miguel a sós nos últimos cinco anos, e, se fosse brutalmente honesta, nem sequer poderia afirmar já terem feito algo do tipo, porque não tinha certeza.

Eram os piores irmãos do mundo, mas ela estava disposta a cessar fogo por algum tempo.

Ela fez que sim, movendo a cabeça.

— Eu escolho e você paga — provocou, antes de se levantar e ir para o quarto trocar de roupa.



Todo mundo disse que ia dar merda
(e deu)

A reputação de American Saint estava na lama, mas ninguém podia dizer que a equipe administrativa não estava se esforçando para melhorá-la.

Tinha investido um bom dinheiro na divulgação de um jogo amistoso com os alunos da Graded, o suficiente para que a escola ficasse lotada naquela quinta-feira à noite. Maya não duvidava do interesse crescente em times de futebol estudantil, mas chutava que, pelo menos, metade das pessoas que passavam pela entrada eram curiosos e não amantes do esporte.

Era o primeiro evento público de American Saint em anos, porque os pais dos seus alunos eram obcecados com privacidade. As festas juninas contavam com ingressos caríssimos de quinhentos reais cada, com objetivo de evitar que “qualquer pessoa” entrasse – e eles nunca especificavam quem era “qualquer pessoa” – e seu site, diferente da maioria das outras escolas, nem contava com a opção de um *tour* virtual 360. Todas as fotos que tinham nas redes sociais de American Saint eram dos portões para fora, um clique ou outro do auditório, quando estavam de muito bom humor.

Tinha algo de assustador em ver a fortaleza abrindo suas portas, como se fossem uma escola comum.

Não eram.

Depois da morte de Hélia, eram menos ainda.

Mas, por ora, o fato de estarem perdendo de três a um para as patricinhas da Graded era tudo com o que deviam se preocupar. Isso e o fato de que algum engraçadinho tinha colocado água nas máquinas de refrigerante da cantina e agora tudo que tinham era uma Coca-Cola insossa e sem gás.

Se as reportagens, no dia seguinte, fossem sobre pagar uma mensalidade de 12 mil reais e não ter uma coca decente para beber, estariam no lucro.

— Ela sabe jogar? — Gabriela perguntou, finalmente prestando alguma atenção no jogo que começaria em instantes. Maya tinha a intimado a sair de casa naquela noite e, depois de alguma insistência, ela estava ali, mas com seu *iPad* cheio de anotações do lado. — Assim... É uma pergunta séria.

— O suficiente pra não morrer em quadra — Maya respondeu,

observando a forma como o rabo de cavalo de Áustria balançava de um lado para o outro enquanto vestia o colete cor de rosa do time de American Saint, não sem antes passar uma boa dose de álcool em spray no tecido. Maya duvidava que estivesse fedendo, porque mandavam para a lavanderia de dois em dois dias, mas Áustria só estava sendo... Áustria . — Estamos perdendo, de qualquer forma — deu de ombros.

Uma das garotas do time de futebol tinha torcido o pé no primeiro tempo, e Karen, do banco de reservas, não estava presente, o que significava que precisavam se

virar com o que tinham. Áustria não era uma boa opção, mas, sendo a representante de turma, era a mais fácil de persuadir.

— Se continuarmos assim — Gabi comentou —, vai ser a primeira vez que ela perde alguma coisa.

Maya deu um meio sorriso, então sentiu que estava sendo uma péssima amiga nos últimos tempos. Nunca tinha falado sobre Hélia com Gabriela e, quando seus vídeos tinham sido expostos, mentiu, dizendo que era um rolo passado. Agora, não podia falar sobre Áustria. Pareciam mais colegas do que amigas.

— Você não acha que — Maya deu uma pequena pausa, avaliando a situação — ela tem sido mais simpática ultimamente?

Gabriela fez uma careta.

— Não. — Seus olhos caíram em Áustria na quadra, conversando com uma das garotas do time, como se soubesse o que faria a seguir. Sua confiança era invejável. Sempre estava no controle da situação, mesmo quando *não estava*. — Continua a mesma megera de sempre.

— Megera — Maya repetiu. — Esse você aprendeu com a sua avó.

— Provavelmente vi em uma novela e achei sonoro — zombou, passando uma página virtual no *iPad*. — Eu não consigo ver nada de bom nela — disse, sem olhar para a frente. — Mesmo que eu me esforce um pouquinho, continua parecendo uma daquelas adolescentes desmioladas que fazem campanha antifeminista no *TikTok*.

Maya mordeu o lábio. Ela queria dizer que Áustria não era *tão* desmiolada assim, que era bem mais inteligente do que gostava de demonstrar e que preferia usar o *Instagram* ao *TikTok*, mas não disse. Não disse, porque sentia que sua língua estava pronta para traí-la no instante em que abrisse a boca: Falaria também sobre a enfermaria, sobre o beijo no cinema, sobre como seus olhos a deixavam confusa e maravilhada ao mesmo tempo.

Era irônico pensar que, meses antes, Maya não teria nada de positivo para dizer sobre Áustria Fontes. Agora, tinha tantas coisas que preferia manter a dignidade através do silêncio.

— Só é engraçado — Gabriela comentou — como as pessoas deitam pra ela. — Com a cabeça, apontou para Áustria na quadra, agora ao lado de um dos rapazes do time da Graded. Um de seus tênis estava apoiado nas coxas do garoto e ele amarrava o nó do seu cadarço desfeito, enquanto ria sobre alguma bobagem que a loira tinha acabado de dizer. — Deve ser ótimo ter um rostinho bonito desses. Tudo fica mais fácil. Ainda bem que você não é desse tipo.

— Desse tipo?

— Do tipo que paga pau pra ela.

Maya quase engasgou.

— É, não. — e ela não sabia se estava mentindo para Gabriela ou para si mesma. — Na verdade, estou torcendo pra que ela tropece.

Tropece e caia em cima de mim, mas, ainda assim, que tropece.

— Eu vou no banheiro — Maya murmurou, a sensação repentina e incômoda de que a quadra de esportes tinha ficado pequena demais para continuar na presença de Gabriela e seu ranço por Áustria —, aproveitar que o jogo ainda não começou.

Gabriela deu um sorrisinho, grata por poder voltar sua atenção para as anotações no iPad. Era impressionante que ela conseguisse se concentrar com tanta coisa acontecendo ao redor: Os sons barulhentos vindos das caixas de som espalhadas pelo teto da quadra já eram suficientes para esvair o foco de Maya. Ela estava se perguntando se alguém tinha procurado por “quadra de esportes, sonoplastia” no *Youtube*, porque não era uma música de verdade, apenas apitos e barulhos de bola desconexos. Talvez quisessem incentivar o espírito esportivo dos alunos, mas a melodia se parecia com uma versão de baixo orçamento de *We’re All in This Together*, sem as vozes dos cantores.

Um ato falho até permitiu que Maya se sentisse magoada pelo diretor não tê-la chamado para tocar no evento, sendo um dos poucos por ali que ainda incentivava sua arte, de alguma forma. Ela logo percebeu que o pensamento não fazia sentido, que o homem estava em prisão temporária e que ainda não tinha uma mesa de som.

A mesa de som. Por um momento, ela sentiu inveja da Maya do passado, saindo de fininho de uma aula ou duas para convencer a mãe a comprar um equipamento novo, porque esse era o seu maior problema do momento.

Ela riu da própria situação antes de descer as escadas da arquibancada, esforçando-se para desviar de um grupo de amigos sentados nos degraus.

Quando era mais nova, Lúcia a levava para a escola e, sempre que via alguém sentado nas escadas, costumava dizer que era um gesto grosseiro que Maya não deveria repetir. Se era grosseiro ela não sabia, mas, com certeza, dificultava a vida de quem precisava passar.

Seus olhos encontraram Áustria na quadra, ainda conversando com o garoto da Graded. O time de futebol masculino de American Saint jogaria, assim que a partida feminina terminasse, o que justificava a quantidade de rapazes com jaquetas cinzentas na arquibancada. Eles não costumavam assistir ao time das garotas por vontade própria. E, considerando que estavam no Brasil, aquelas jaquetinhas não eram menos que ridículas.

Áustria acenou em sua direção, e Maya congelou por alguns segundos.

Ainda não tinham conversado sobre o tipo de relação que teriam publicamente – e nem intimamente, se Maya quisesse ser careta –, o que a deixava em um estado catatônico de nervosismo. Não queria estragar tudo, não queria tirar Áustria do armário antes do tempo e, com certeza, não queria parecer uma idiota que fica com o estomago doendo por causa de um aceno.

Escolhas bobas tinham se tornado muito pesadas nos últimos tempos.

Maya acenou de volta, muito provavelmente no *timing* errado, porque Áustria franziu o cenho antes de sorrir. Sua franja estava presa no topo da cabeça, a testa sem nenhum sinal do arranhão que tinha ganhado na noite do teatro. A maquiagem que usava era básica, o oposto do delineado marcado de Maya, feita para parecer que tinha acordado daquele jeito. Elas pareciam se completar de alguma forma, o requinte e o exagero caminhando lado a lado.

E mesmo dentro daquele colete cor de rosa horroroso, Áustria não estava menos que perfeita. Seu cabelo loiro brilhava como o céu no fim de tarde e seus olhos verdes de floresta pareciam finalmente ter desabrochado.

Agora Maya entendia o que Letrux queria dizer quando cantava “Que estrago que cê fez” a plenos pulmões.

Se tivesse um pouco de vergonha na cara, Maya teria voltado na arquibancada e dito à Gabriela que, na verdade, estava pagando *muito* pau para ela.

Ao invés disso, Maya seguiu para os banheiros, porque, felizmente, os planos mirabolantes de Elon Musk de colocar chips nas cabeças das pessoas não tinham se concretizado e ninguém era capaz de ler mentes até então.

Maya podia se humilhar por mulher na privacidade do seu próprio cérebro.

Ela entrou em uma das cabines do banheiro e fechou a porta, sentando-se no vaso sanitário tampado e apoiando as pernas na parede. Sentia que precisava de uns minutinhos com os próprios pensamentos antes de voltar para a bagunça que estava lá fora, para as mentiras confortáveis que precisava dizer a sua melhor amiga.

Não era a primeira vez que mentia para Gabriela. Só era a primeira vez que se importava com a mentira. Como se estar com Hélia em segredo fosse normal, ao mesmo tempo que com Áustria se tornava um sacrilégio.

Maya, Maya, Maya, você já foi menos manteiga derretida que isso.

Revirou os olhos para os próprios pensamentos. Se pudesse fazer qualquer pedido, desejaria poder socar seu estômago e matar as borboletas na base da paulada.

Ela se levantou, por fim. Estava disposta a sair e beber um pouco da bebida sem gás que tinha restado na cantina, uma tentativa pouco funcional de afogar o que não podia morrer. Se as tais borboletas no estômago fossem literais, com certeza, morreriam com refrigerante. Seus dedos se ergueram em direção à trave da porta, parando no ar quando ouviu passos e risadas adentrando o banheiro. Maya voltou a se sentar, curiosa para ver quem se aproximava.

— ... Então ela está dizendo pra todo mundo que é um absurdo que a polícia queira investigar um crime. — A voz de Áurea foi a primeira que Maya reconheceu, acompanhada das risadas de outro corpo feminino não identificado. — Como ela pode ser tão egoísta? Prefere ter um currículo perfeito pra Yale do que descobrir o que aconteceu com um dos melhores amigos dela.

— Não sei quem ela acha que vai convencer com esse papo de Yale —

a segunda voz comentou. — As pessoas na Internet estão malucas pra saber quem é o assassino do Hélia. Tem quem o chame de Santo Americano.

Maya fez uma careta.

Se manteve em silêncio, tentando entender sobre *quem* era aquela conversa.

— Eu vi um vídeo no TikTok. — Pelos passos de Áurea no banheiro, Maya deduziu que estava em frente ao espelho. — Estão chamando o caso de ELITE da vida real.

— Impossível. — A outra abriu uma das torneiras. — Hélia era o único dessa escola que transava tanto quanto os personagens dessa série.

Maya revirou os olhos, apertando os dedos contra a palma da mão.

Continuou esperando que as garotas retomassem o assunto sobre Yale, mas a conversa já tinha se transformado em uma sessão de fofoca sobre Hélia Golucci e como era uma pena que alguém tão gostoso tivesse morrido tão cedo.

Normalmente, Maya tentava evitar pensamentos cruéis sobre as pessoas, mas agora parecia uma pena que a bala tivesse acertado o ombro de Áurea e não a cabeça. Acertar o cérebro parecia impossível, porque não havia sinal de um ali.

Ela respirou fundo e esperou que as garotas terminassem. Não queria sair e ver aqueles olhares falsos e chorosos de fui-pegado-em-flagrante-falando-merda, até porque não seria a primeira vez que usavam um desses com ela. Uma aluna do segundo ano tinha se oferecido para fazer seus trabalhos de matemática por um mês depois de dizer que Hélia deveria ter traído Áustria com alguém menos *sem gracinha*.

Algumas risadinhas irritantes depois, Áurea e sua fiel escudeira saíram do banheiro, deixando Maya na solidão da cabine, acompanhada de um rolo de papel higiênico perfumado, que era inútil para grande parte das pessoas, e o resto dos adesivos de chiclete colados na porta, só os traços mais resistentes que as pobres faxineiras não conseguiam apagar.

Abriu a cabine, antes que mais uma pessoa entrasse, temendo ouvir outra sessão particular de babaquices não solicitadas das alunas de American Saint. Correu para a quadra, desistindo da sua bebida, certa que já tinha ficado fora por tempo demais. Mesmo que Gabriela tivesse suas anotações como prioridade, Maya sabia que era chato convencer uma amiga a sair de casa e então dar um perdido nela.

Maya franziu o cenho ao perceber as jogadoras paradas no centro da quadra. O segundo tempo já era para ter começado, mas a bola de futebol rolava lentamente pelo chão pintado de azul, sem que ninguém lhe desse a devida atenção. O rabo de cavalo de uma das garotas da Graded estava troncho demais para que não tivesse jogado uma partida, mas o silêncio era geral. A sonoplastia idiota não existia mais, os alunos barulhentos pareciam ter se esquecido de como pronunciar palavras. A última vez que Maya ouvira um silêncio gritar tão alto fora no velório de Hélia.

Os olhos de Áustria encontraram os seus no meio da multidão. Maya tombou a cabeça levemente para o lado, sua forma silenciosa e pouco eficaz de perguntar o que estava acontecendo.

Áustria apenas mordeu o lábio em resposta. Observou as outras

jogadoras ao seu redor, como se para conferir que o jogo tinha terminado.

Disse alguma coisa para Cleo Montes, do terceiro ano, e caminhou em sua direção, dando uma pausa no meio do caminho para soltar os cabelos longos.

Ela penteou a franja com os dedos antes de parar em frente à Maya, como se estar bonita fosse um pouco mais importante que a notícia que estava prestes a dar.

— Vamos embora — disse, baixinho. Passou os olhos vigilantes pela quadra, um ping de preocupação preenchendo sua íris. A floresta tinha se fechado de novo. — Acho que precisamos ter essa conversa em um lugar mais reservado. — Maya quis perguntar do que Áustria estava falando, mas então ela completou: — Prenderam o assassino do Hélia.

Garotas que [inaudível] [explosão] [UEPA] [buzina de carro] [som do samu] [caminhão passando] [barulho de moto] [inaudível] [censurado]

— E

ntão é isso?

— Acho que é.

Áustria encarou os pés apoiados na parede, deitada na cama de Maya.

— É normal sentir esse vazio existencial depois da solução de um crime ou eu estou oficialmente ficando louca?

— Não sei — Maya respondeu, os olhos no *notebook* na beirada do edredom. Tinha recebido uma nova mensagem de Gabriela, mas se recusara a abri-la por ora. Havia dito que sua mãe precisava de ajuda com a compra de um móvel espalhafatoso, a melhor desculpa que tinha conseguido dar para desaparecer da escola do nada — nunca resolvi um crime antes — ela cerrou os olhos para a imagem de Yuri congelada na tela, acompanhada por uma manchete sensacionalista em fonte vermelha: “Os jovens da Elite estão se matando”. — Ele não foi preso, tipo, *preso*. É prisão preventiva.

— O que significa que estão juntando provas para que ele seja preso oficialmente. — Áustria forçou o corpo um pouco para baixo, afundando no colchão. — Devem ter confiscado o computador do Hélia. Acho que Yuri não conseguiu explicar a ameaça com a mesma facilidade que explicou pra você.

Maya assentiu.

— Parecia mentira, de qualquer forma. Não acredito que Hélia tenha tentado tirar alguém do armário.

— Sei lá. — Áustria deu de ombros, balançando os pés. — Ele era uma pessoa estranha, não? O paraíso e o inferno num mesmo corpo. Podia ser um anjo, mas quando queria ser um demônio...

Maya mordeu o lábio, pouco convencida.

— Então é isso — repetiu.

— Deve ser normal — Áustria recapitulou. — Eu pensei que sentiria algum tipo de vitória quando descobrissem o assassino, mas a verdade é que

ninguém ganhou nada. Hélia continua morto, Áurea está fazendo fisioterapia pra recuperar os movimentos do braço... Espera, Yuri queria me matar naquela noite, não é? A gente meio que já imaginava, mas agora temos certeza. — Ela fechou os olhos, dando um tapa na própria testa. — É meio assustador. Meu corpo inteiro arrepia só de falar no assunto.

— É melhor a gente pensar positivo. — Maya mordeu o lábio. — Não aconteceu nada. Hélia pode descansar em paz e toda aquela coisa mística que dizem sobre os

mortos.

— Acha mesmo que... — Áustria torceu a boca, hesitante — que o Yuri fez isso?

Ela deu de ombros. Esticou o corpo para alcançar o *notebook* e fechou a guia de notícias.

— Acho que ele tinha motivos. E a polícia deve saber muito mais que a gente.

Áustria concordou.

— É difícil, pra mim, aceitar — assumiu. — Não por causa do Yuri, entende? Eu ficaria em choque independente do culpado. Hélia estudou naquela escola por anos e, um dia, alguém decidiu empurrá-lo dentro de uma piscina e esperar que se afogasse. É tão... — ela rolou na cama, tirando os pés da parede — *cruel*. O que é irônico, se a gente for pensar que Hélia era cruel com todo mundo.

Maya fez que sim.

— Vai demorar um tempo até a ficha cair. Mas tudo bem, eu acho.

Talvez American Saint nos ofereça algumas sessões de terapia. Não é como se adolescentes do terceirão tivessem maturidade emocional pra lidar com essa merda toda.

— É engraçado — Áustria deu uma risadinha irônica. — Eu passei a vida inteira fantasiando um ano de formatura como os dos filmes clichês americanos e, quando acontece, parece mais com American Horror Story do que com Grease. Eu tinha tantos planos pra festa de formatura...

— Ainda vamos ter uma festa.

— Mas não é a mesma coisa — ela suspirou. — Eu queria que fosse memorável. Escolhi meu vestido no primeiro dia do ano, planejei exatamente como Hélia deveria me convidar pro baile... Esse tipo de detalhe bobo que não vai mais acontecer.

Maya franziu o cenho.

— É impressionante que você tenha se preocupado tanto com isso. As

pessoas no Brasil não se importam com esse papo de baile.

— Estudamos numa escola americana, não é? Estou no meu direito de querer o pacote completo — deu de ombros. — Tudo bem, eu já superei, nunca vou ser convidada pro baile de formatura. Pelo menos, posso usar o vestido que comprei no jantar de amanhã. Já sabe o que vai vestir?

Maya revirou os olhos e soltou um gemido, como se a pergunta fosse capaz de causar dor física.

— Minha mãe comprou um vestido pra mim.

Áustria se levantou em um pulo.

— Deixa eu ver!

— Não — ela riu da sua empolgação. — Ainda estou pensando em deixar o ferro quente queimar o tecido e dizer que foi um acidente.

— É de qual marca?

— O estilista da minha vó quem fez — deu de ombros, a mesma empolgação de quem acabou de comprar um vestido da SHEIN. — As mulheres da minha família são meio obcecadas com essa coisa de exclusividade.

— De jeito nenhum você vai queimar o vestido do estilista da sua vó!

Pelo amor de Deus, Maya Jeong, se dê ao respeito.

— Você fala como minha mãe — Maya zombou. — Ela adoraria ter uma filha como você, então avise se tiver interesse em ser adotada.

Áustria sentiu uma pontada no peito diante do comentário. Era doloroso parar para pensar que Paula já estava do outro lado do oceano mais uma vez, depois da sua mentirinha sórdida, sem que tivessem discorrido o assunto.

Havia sido erro de Áustria ter uma postura apaziguadora? Deveria tê-la confrontado? Quando se tratava da mulher, ela sentia que estava presa num *looping* de questões para as quais nunca tinha resposta. A única coisa que sabia era que sentia falta de quem a mãe era antes de ter uma bala perfurando seu pulmão.

— Me mostra o vestido — pediu Áustria, dando-se conta dos minutos que tinha perdido em silêncio.

Quando Maya aceitou sem protesto, Áustria se esforçou para colocar um sorriso no rosto, certa que sua introspecção momentânea estava a um passo de deixar o clima tenso. Tudo que ela menos queria era começar um longo desabafo sobre sua relação materna quebrada, então se concentrou em fingir que o comentário de Maya não tinha despertado alguns dos seus fantasmas.

— Eu juro — Maya pegou um cabide dentro do armário, esforçando-se

para esconder o máximo do tecido. Tinha um tom bonito de salmão, mas Áustria não conseguiu localizar mais detalhes —, é a coisa mais feia que eu já vi. — Ela entrou no banheiro e fechou a porta atrás de si, deixando a loira sozinha no quarto.

— Não precisa de ajuda pra se vestir? — Áustria perguntou, então riu, porque sua frase soou mais maliciosa do que pretendia. — Pra não manchar o vestido com maquiagem, por exemplo.

— Ao invés de oferecer ajuda, você pode simplesmente dizer que quer me ver sem roupa. — Pelos sons vindos do banheiro, Áustria deduziu que Maya estava procurando alguma coisa nos armários. — Eu não recusaria.

— Você está colocando maldade nas minhas boas intenções — Áustria protestou, levantando o dedo médio em direção a porta, mesmo sabendo que Maya não poderia ver. O silêncio reinou do outro lado.

— Acabei — disse, minutos depois. Ela deduziu que Maya estava sorrindo pelo seu tom de voz. — Preciso admitir que não é tão ruim quanto eu estava dizendo, mas ainda não é bom.

Áustria se arrastou para a beirada da cama.

— Anda logo!

Maya imitou a música tema de Halloween com os lábios, enrolando mais que o necessário para abrir a porta do banheiro. Ela revelou o vestido cor de salmão aos poucos, e Áustria achou absurdo que a garota não achasse a peça, no mínimo, deslumbrante.

Salmão caía bem em sua pele alva, mas não era só isso. O vestido tinha um corpete delicado que deixava seus seios em evidência; um tule transparente, cheio de rosas em tons pastéis cobrindo a saia rodada que ia dos pés à cintura. Maya tinha prendido o cabelo em um rabo de cavalo, para que não escondesse os detalhes brilhantes das alças, suas mechinhas brancas perdidas na imensidão de fios negros.

Áustria bateu uma sequência de palmas.

— Eu deveria te convencer a não usar esse vestido agora mesmo, porque estou correndo sérios riscos de perder a minha coroa.

— Tudo bem, é bonitinho — Maya admitiu, passando os dedos pela saia. — Mas, sei lá, eu me sinto fantasiada. Uma fantasia de garota bonita.

— Não seja idiota. — Áustria cruzou os braços, mantendo o nariz empinado de sempre. — Você é bonita. É bonita quando usa esse vestido e é bonita quando usa suas camisetas engraçadinhas, seus *buckets* e suas toucas coloridas em excesso. Eu nunca disse isso, mas elas sempre me irritaram.

Maya arqueou uma das sobrancelhas.

— Por quê?

— Porque em alguns dias você ignora totalmente o código de vestimentas de American Saint — disse, levantando-se da cama. — E, aí, chama muito mais atenção que eu. Você já é mais interessante, não precisa se vestir melhor.

— Sou mais interessante?

— Entre uma *miss* e uma DJ, eu escolheria a DJ.

Maya a encarou, um sorriso malicioso despontando nos lábios.

— Estou colocando maldade nas suas boas intenções de novo?

— Não — Áustria mordeu o lábio, aproximando-se do corpo de Maya, até que estivesse com as costas apoiadas no batente da porta —, foi uma escolha intencionalmente maldosa dessa vez.

Maya deu um meio sorriso. Áustria observou o movimento dos dedos dela correndo por suas bochechas antes que se beijassem. Ela sempre perdia um pouco

do rumo quando os lábios de Maya estavam nos seus, como se a língua da garota fosse uma droga entorpecente que dopa seus sentidos aos poucos, de uma forma tão suave que você só repara quando é tarde demais.

Áustria deixou uma risada nervosa escapar quando Maya desceu as mãos até sua bunda, apoiando os dedos na parte traseira de suas coxas e puxando-a para cima. Ela apoiou as mãos em seus ombros para não cair e emendou um beijo no outro, quando Maya apoiou seu corpo em cima da pia do banheiro, uma sequência de frascos de perfume sendo derrubados para dar lugar ao seu corpo.

— Acabei de lembrar de uma coisa — Áustria murmurou, os lábios roçando nos de Maya. — Aquele dia, no banheiro de American Saint, você disse que estava ansiosa para que as investigações acabassem logo, pra você não precisar olhar na minha cara nunca mais — ela deu um sorrisinho vitorioso. — Tenho certeza que também disse alguma coisa sobre ser insuportável trabalhar comigo.

— Não disse — Maya revirou os olhos, dando uma mordida leve no lábio inferior da loira —, mas, se eu tivesse dito, não seria mentira.

— Não me faça descer dessa pia e ir embora.

— Eu tenho certeza que você não faria isso — garantiu, as mãos se infiltrando na sua calça de uniforme, puxando-a para baixo.

— Sua mãe não vai aparecer do nada como aquele lanterninha, vai? —

Áustria tentou parecer séria, mas acabou deixando uma risada escapar, lembrando-se do susto. — Ou sua avó?

Maya negou.

— Estão no trabalho e no clube de hidroginástica, respectivamente. —

Ela depositou um beijo no seu pescoço. — Você é minha pelo resto da tarde.

Áustria aproximou seus lábios dos dela mais uma vez, pouco preocupada em responder, as sete simples palavras arrepiando todo seu corpo. Maya terminou de se livrar da calça, os toques ficando cada vez mais intensos à medida que as roupas de Áustria diminuía. Os dedos de Maya desabotoaram cada um dos botões da sua

camiseta de uniforme, da forma mais lenta que podia, como se estivesse se divertindo com a ansiedade estampada no rosto da loira.

— Você tem um piercing no umbigo? — Maya comentou, os olhos descendo por sua barriga lisa. — Eu não me lembrava de ter visto isso da última vez. Quando você estava, tipo, tomando banho bêbada, na minha banheira.

Ela riu.

— Esse é o tipo de coisa que os juízes do Fibonacci não podem saber —

disse, o sorriso travesso no rosto, lembrando o de uma criança que barganha com os pais para sair do castigo mais cedo.

Áustria passou os dedos pelo pescoço de Maya, quando ela se ajoelhou no piso do banheiro, construindo uma trilha de beijos que descia dos seus seios até sua barriga. O tecido do vestido ocupava boa parte do chão, como uma pétala de rosa gigante.

— Você parece uma princesa — Áustria murmurou, os olhos presos nos dela.

Maya riu, como se fosse de fato uma piada.

— Acho que princesas não fazem esse tipo de coisa. — Ela beijou o piercing na sua barriga mais uma vez, os dedos enrolando as alças da sua calcinha e puxando-a para baixo. Maya nem esperou que Áustria se recuperasse para colocar a boca entre suas pernas, arrancando um suspiro de seus lábios entreabertos.

Áustria sentiu que seu corpo estava prestes a derreter naquela pia de mármore.

Os lábios de Maya sabiam onde ir, como se já tivessem feito aqueles movimentos tantas vezes que se tornaram uma parte da sua memória muscular. Áustria percebeu que Maya era alguém com um pouco mais de experiência que ela e, num instante de infantilidade, sentiu ciúme de todas as

outras garotas que Maya já tinha beijado daquela forma.

Áustria respirou fundo, concentrando-se em não soltar nenhum gemido, quando abriu a boca para perguntar:

— Com quantas pessoas já transou? — Não era uma pergunta vexatória.

Era curiosa, ciumenta e possivelmente masoquista.

Maya afastou os lábios da sua intimidade, mas manteve os dedos próximos, passeando pela parte interna das suas coxas. Os olhos escuros encararam os dela, antes que abrisse um sorriso.

— Que tipo de pergunta é essa?

Áustria mordeu o lábio.

— Que tipo de resposta é essa? — zombou, na falta de uma justificativa concreta. Estava se arrependendo de ter feito a pergunta, porque já sentia falta da língua de Maya em pleno funcionamento.

Ela olhou para cima, como se estivesse fazendo as contas. Se era uma provocação, funcionava, porque a migalha de ciúmes dentro de Áustria tinha acabado de queimar mais um pouco.

— Seis.

— Seis — Áustria repetiu. — Eu particularmente gosto do número sete.

— Não é uma boa hora pra ser enigmática — Maya riu. — O que você quer dizer?

Ela desviou os olhos.

Maya levou um dos dedos até sua intimidade, pressionando o centro.

— O que você quer dizer? — Insistiu.

Áustria reprimiu um gemido.

— Quero dizer — ela enrolou por mais alguns instantes, observando o orgulho escapular por entre seus dedos — que não me importaria em ser a sétima e última.

— Eu não conhecia esse seu lado possessivo — Maya murmurou, depositando um beijo em sua barriga —, mas gosto dele.

Ela deu um meio sorriso em resposta e, em poucos segundos, a atenção de Maya estava de volta no centro das suas pernas. Mais frascos caíram no chão quando Áustria se ajeitou na pia, suas pernas apoiadas nos ombros de Maya, calcanhares

tocando o corpete que cobria parte de suas costas. Os dedos de Áustria se infiltraram nos cabelos de Maya, direcionando seus movimentos, sua língua chegando em um ponto em que era impossível de estar mais perto. A sensação era que Maya tinha pego cada partícula do corpo de Áustria e transformado em uma coisa nova, porque ela não se sentia a

mesma. E talvez, de fato, não fosse a mesma de meses atrás, porque havia uma Áustria Fontes, em algum lugar do passado, que julgaria ser chupada numa pia de banheiro como algo extremamente vulgar de se fazer.

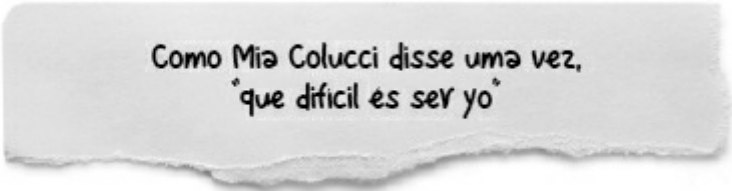
Áustria sentiu todo seu corpo tremer quando a língua de Maya aumentou o ritmo. Ela afastou a boca da sua intimidade aos poucos, beijando suas coxas e então dando lugar a dois dedos que a preencheram com ainda mais vontade. Com os olhos entreabertos, Áustria viu o sorriso prepotente no rosto de Maya, satisfeita com o efeito que causava nela, satisfeita em vê-la *derreter*.

Áustria se esforçou para conter um gemido, sem resultado. Maya se levantou, os dedos ainda entrando e saindo de dentro dela, uma das mãos subindo até seu pescoço. Ela pressionou sua nuca e a beijou, seu gosto misturando-se com saliva.

Ela precisou de alguns segundos para se recompor.

— Definitivamente princesas não fazem esse tipo de coisa — Áustria zombou, com os lábios ainda próximos dos de Maya. Seus dedos correram por suas costas, um sorrisinho malicioso escapando quando finalmente encontrou o zíper do seu *corset*. — Tira o vestido — disse, num tom autoritário. — Quero terminar o que comecei no cinema.

— É a primeira vez que aceito uma ordem sua sem reclamar — Maya debochou, descendo o corpo de Áustria da pia, pronta para continuarem na cama.



Como Mia Colucci disse uma vez,
"que difícil é ser yo"

— V

ocê está linda — Min-Ji abriu um sorriso, enquanto borrifava um pouco de perfume no pescoço de Maya, os olhos meio cerrados e a precisão de um neuro

médico. Ela passara a tarde inteira daquela forma, dando seus toques finais em Maya, como se ela fosse uma tela pintada prestes a entrar em exposição. — Essa coroa está no papo. Como os jovens dizem.

Maya sorriu para a avó, achando graça da forma como a mulher ainda tentava usar gírias joviais. Seria maldade dizer que ninguém usava “tá no papo” há anos, então ela concordou.

— Já consigo ver as notícias. Muitos concursos depois, a família Jeong recupera sua coroa — Lúcia sorriu, tirando uma foto de Maya com seu celular. Ela apontou para o corredor cheio de quadros. — Você vai estar ali, em alguns dias.

Maya curvou os lábios em um sorriso forçado. Não sabia se deveria dizer às duas que não se iludissem, porque não tinha vontade alguma de ganhar aquela coroa. Não tinha entrado no concurso por vontade própria e, agora, depois de tudo que acontecera entre ela e Áustria, o primeiro lugar parecia mais um empecilho que uma vitória. De jeito nenhum a loira aceitaria perder, e Maya tinha medo de pensar no que aconteceria se Áustria precisasse escolher entre ela e uma faixa de vencedora purpurinada.

O lado racional de Maya entendia perfeitamente. O concurso era tão importante para Áustria quanto música era para Maya. Ela tinha passado anos naquele mundo, desfilando com suas coroas brilhantes, recebendo flores, eliminando todos os empecilhos que surgissem em seu caminho. Não era *só* uma faixa. Era uma carreira, era fazer história, como Min-Ji tinha feito anos atrás.

Ainda assim, seu lado emocional insistia em ignorar todos esses pequenos detalhes, como se Áustria fosse a maior vadia de todos os tempos pela simples hipótese de preferir a coroa a ela. Maya preferia ficar em última colocação e ter o privilégio de nunca saber se aquela hipótese se tornaria

realidade ou não.

Era fato que romances de ensino médio não duravam, de qualquer forma. No final do ano iriam para faculdades diferentes, conheceriam pessoas mais interessantes e se afastariam, gradativamente, até que suas feições ficassem borradas na mente uma da outra e as lembranças se tornassem menos nítidas.

O pensamento quase causava dor física.

— Maya! — Lúcia chamou, e pelo volume dois tons acima do normal, ela percebeu que não era a primeira vez. — Seu telefone está tocando. Você está mesmo aqui, nessa sala?

Maya deu um pequeno sorriso, seus devaneios correndo para longe. Ela apertou o celular contra os dedos e atendeu sem olhar o número, observando a mãe e a avó se afastarem do quarto.

— Oi, filha.

— Oi. — Ela arqueou as sobrancelhas. Seu pai não acompanhava as notícias do concurso, então não era esse o motivo da ligação. — Aconteceu alguma coisa?

— Fiquei sabendo sobre o seu... — um solo de guitarra acontecia por trás da voz dele. Era possível que estivesse em um bar — colega de sala.

— É. — Maya deu uma pequena voltinha pelo quarto. — Tenso. Mas se tem uma coisa boa nisso é que eles não precisam me interrogar de novo. Sou uma cidadã livre novamente — seu tom de zombaria foi um sussurro, o receio que sua mãe ouvisse sobre o interrogatório.

— Parece que sim — Leo respondeu, ignorando seu tom irônico. —

Nesse caso, acho que podemos esquecer aquela história do HD...

— Não! — ela não hesitou. — Quer dizer, não. Eu ainda quero ver.

Quero ver... os últimos momentos.

— Querida — ele suspirou do outro lado, então afastou o telefone do rosto. — Guilherme, coloque as cervejas no freezer! — Com certeza, estava em um bar. — Desculpa. Eu ia dizer que está sendo masoquista.

— Estou, mas... Bom, é isso. Não tenho uma justificativa boa o suficiente pra te convencer, só quero ver o que tem lá. É mais seguro agora que o assassino do Hélia já foi preso. Ele era meu melhor amigo, não é? Acho que tenho direito a uma dose de sofrimento. Faz parte do luto e vai ser ótimo pro meu crescimento emocional. Talvez eu até chore.

Leonardo deu uma risada triste do outro lado da linha. O fato de Maya não chorar já tinha sido pauta de muitas conversas entre Leo e Lúcia. Até

chegaram a levantar a possibilidade da sua filha estar se tornando uma psicopata ou algo próximo disso.

— Preciso ir — disse Maya. — Jantar chato hoje à noite.

— Boa sorte comendo pratos chiques e fingindo que não são uma merda

— ele zombou. — Mande um oi pra sua mãe. — E essa parte também era brincadeira.

— O HD, tá? Por favor! — pediu uma última vez.

— Tudo bem, May. Me dê mais uma semana — ele pensou por um instante. Maya conseguia imaginar seus fios longos caindo no rosto enquanto levava os dedos tatuados até a boca — ou duas.

— Tá. Obrigada — murmurou. — Boa noite. — E desligou em seguida, fazendo certo esforço para enfiar seu celular dentro da bolsa minúscula que a avó tinha escolhido. Maya nunca entenderia o conceito de bolsas de festa: Eram tão bonitas quanto eram inúteis.

— May, você está perto de se atrasar! — Lúcia gritou da cozinha, o que fez Maya respirar fundo e se apressar, não porque estava ansiosa, mas porque quanto antes começasse antes terminaria. — Seu *uber* já está lá embaixo.

Maya sentiu um certo alívio ao ouvir o comentário da mãe. Depois do vestido, da maquiadora profissional e de todo cuidado de Min-Ji ao longo do dia, ela estava certa de que tinham alugado uma limusine espalhafatosa ou algo do gênero. Não poderia se sentir mais satisfeita em saber que chegaria no jantar como uma pessoa normal e não uma subcelebridade, ainda que seu vestido ficasse um pouco amassado no banco de trás.

Ela se despediu da mãe e da avó e sentiu um certo alívio ao ficar sozinha dentro do elevador do prédio. Maya deu uma risadinha para a imagem do vestido no espelho, por causa das memórias sexuais do dia anterior que o tecido carregava. Em poucos segundos, fechou sua expressão, certa de que estava passando tempo demais pensando em Áustria. Ela parecia uma música chiclete grudada nos seus neurônios, repetindo-se um milhão de vezes, sem ser convidada.

A porta se abriu no térreo. Lúcia tinha acabado de mandar uma mensagem com a placa do carro e ela não demorou a encontrar o motorista, enfiando seus fones nas

orelhas assim que entrou no banco de trás.

Ela ligou uma playlist aleatória no *Spotify*, os primeiros acordes de *Girlfriend*, música de uma banda nem tão conhecida e nem tão boa, invadindo seu cérebro e soando como uma indireta. Maya revirou os olhos, mudando de faixa. Run Away, do Chase Atlantic.

Menos pior, pensou, pouco antes de ver que tinha uma nova mensagem.

Áustria (21:58) diz:

Você está atrasada, princesa.

Maya mordeu o lábio.

Então tinham uma piada interna?

Maya (22:00) diz:

Já estou no carro.

Maya (22:00) diz:

Não morra de saudades até eu chegar.

Áustria (22:00) diz:

Você é uma pessoa sonhadora, eu diria.

Áustria usou uma figurinha de si mesma mandando um beijo em seguida. Se houvesse uma régua para medir narcisismo, ela iria de zero até usar figurinhas com sua própria cara no *Whatsapp*, mas Maya não esperava menos da rainha de American Saint.

— Acabamos de chegar, senhorita — o motorista anunciou, não pela primeira vez, esforçando-se para encontrar um equilíbrio entre ultrapassar a barreira de som nas orelhas de Maya e manter a educação. Ela tirou os fones dos ouvidos e, de novo, teve problemas para encaixar o celular dentro da bolsinha branca e florida, combinando perfeitamente com o tom de pêssego das suas unhas, normalmente pintadas de preto — no máximo laranja, vermelho ou verde quando queria fazer uma gracinha.

Maya agradeceu com um aceno, segurando a barra do vestido antes de descer do carro. Ela teve alguma dificuldade para se acostumar com os saltos finos, mas conseguiu chegar até a entrada sem quebrar a cara, o que considerava um grande feito.

Os juízes do concurso tinham escolhido a Casa Benitto para promover o jantar, o que, na opinião de Maya, era ligeiramente assustador. Antes de ser a Casa Benitto luxuosa que todos conheciam, o espaço tinha sido uma boate temática – cujo tema era casa mal assombrada – fadada ao fracasso, desde a sua abertura. Os sócios tinham brigado na noite de inauguração e um deles atirou contra a cabeça do outro, o que rendeu uma história-pauta-quente dentro de São Paulo por um bom tempo, até que investidores bilionários compraram o espaço e decidiram que aquela não era a narrativa que queriam explorar.

Se cerrasse bem os olhos, Maya ainda veria uma casa mal assombrada e não um salão de festas de luxo.

Ela agradeceu o cumprimento de um dos seguranças e entrou, sendo recebida por uma decoração harmoniosa à luz de velas. Rosa foi a primeira a vê-la, abrindo um daqueles sorrisos exagerados de orelha a orelha.

— Maya! — cumprimentou-a com um sorrisinho. A maquiagem exagerada cobria todos os seus poros. — Só estávamos te esperando pra começar o sorteio.

Maya assentiu, a impressão de que deveria, pelo menos, ter lido os termos do concurso Fibonacci antes de se inscrever. Ela não fazia ideia do que Rosa estava falando, mas parecia mais inteligente concordar do que contestar.

Rosa maneou a cabeça, indicando que a seguisse. O ambiente da Casa Benitto tinha um quê de vintage, paredes cobertas de jornais milimetricamente pensados para não parecerem desleixados, mas criativos.

As chamas das velas espalhadas pelo espaço dançavam cada vez que alguém se aproximava demais, dando a falsa sensação de que poderiam se descontrolar a qualquer momento.

No centro do salão principal, uma mesa de madeira com imponentes vinte e dois lugares ocupava todo o espaço, pratos e talheres perfeitamente posicionados em

frente de cada cadeira. Eram dez garotas e dez juízes, os dois lugares de cabeceira abandonados e solitários.

Rosa apoiou as mãos nos ombros de Maya e a guiou até uma das cadeiras disponíveis, no meio de Karen e Áustria. Se não fosse tão óbvio, ela teria rido da ironia daquela posição.

— Bom — Rosa juntou as duas mãos na frente do corpo —, eu imagino que todos aqui presentes estejam felizes com as notícias positivas que recebemos nessa última semana — ela deu um sorriso. — Não temos mais um assassino à solta, o que significa que podemos sentar aqui e apreciar uma boa noite de gastronomia e conversa. — A forma como Rosa ignorava a presença de Luiza deixou o estômago de Maya embrulhado. Não deveria ser fácil para ela ver as pessoas falando sobre o irmão daquela forma. Seu dedo latejou de repente, como se fosse uma punição por estar com pena de Yuri. A tala já tinha sido retirada, mas as dores ainda estavam ali. — O senhor Schinaider vai sortear uma de vocês para fazer um discurso. Estou ansiosa para ver o que vocês prepararam.

— Não preparei nada — Maya murmurou, diretamente para Áustria, que abriu um sorriso.

— Só precisa falar o que eles querem ouvir — explicou, descendo uma das mãos para debaixo da mesa e entrelaçando seus dedos nos dela. — Pense no discurso mais conservador que conseguir e vai se dar bem.

Maya assentiu, seus olhos passando por Karen para ter certeza que, de onde estava, a garota não conseguia ver suas mãos juntas debaixo da toalha de mesa rendada. Se perguntou se passava pela cabeça de Áustria contar à amiga que estavam... O que quer que estivessem fazendo, ou se já tinha comentado uma ou duas coisas, sem citar pronomes, para não precisar dizer que se relacionava com uma garota e não um cara.

Maya deixou esses pensamentos de lado. Observou o homem de cabelos brancos intitulado de senhor Schinaider se aproximar da mesa, um saquinho cheio de bolinhas em seus dedos ossudos. Tinham dez bolinhas brancas e uma vermelha, responsável por definir quem faria o discurso da noite.

Karen foi a primeira a tirar uma bola branca.

Maya deu um suspiro aliviado quando seus olhos encontraram a superfície branca, passando o saco para Áustria.

Ela também tirou uma bola branca, mas, das três, foi a única que pareceu decepcionada.

Branca.

Branca.

Branca.

Vermelha.

Luiza arqueou uma das sobrancelhas ao ver a bola vermelha em seus dedos. Ela balançou a cabeça em negativa, como se tudo aquilo fosse uma grande piada de mau gosto e então se levantou, o vestido preto destoando de todas as outras candidatas. A garota parecia confusa, como um zumbi arrumado. Seus olhos perdidos demonstravam que não fazia ideia do porque tinha ido até ali naquela noite.

— Luiza — Rosa começou, num tom forçado e manso —, sabemos que sua família tem passado por coisas difíceis ultimamente. Se quiser evitar atrair ainda mais atenção para si mesma, todos nós...

Luiza pensou por um instante, então respondeu.

— Cala a boca — cuspiu, arrancando suspiros chocados da mesa. Maya se segurou para não rir, enquanto acompanhava a caminhada da garota até o pequeno palco de madeira, sentindo um misto de empatia e pena por ela. —

Eu não sei o que esperam que eu diga — começou, ajeitando o microfone no centro. Tinha cortado uns três palmos do cabelo loiro, desde a última vez que tinham a visto, e, julgando pelas pontas tortas, fizera isso sozinha.

— Ela precisa de uma sessão de terapia intensiva — disse Karen, bebendo um gole da sua taça de vinho — urgente.

— Eu queria ter a cabeça forte o suficiente para subir até aqui e dizer que as coisas estão bem, mas nunca fui uma boa mentirosa e acho que ninguém se daria ao

trabalho de acreditar em mim. E se acreditassem, diriam que sou fria demais por não estar, tipo, chateada. — Ela segurou o microfone com as duas mãos, fazendo parecer que escaparia de seus dedos a qualquer momento. Os garçons pararam para observá-la. — Meu irmão foi preso injustamente e o verdadeiro culpado... — Luiza mordeu o lábio, então se corrigiu — o verdadeiro *assassino* ainda está em algum canto de São Paulo, pronto pra fazer sua próxima vítima, enquanto vocês comem carne de lagosta e ovas de peixe — ela deu uma risada amarga. Rosa se levantou da cadeira, mas um dos juízes apoiou as mãos em cima da sua, pedindo que não interviesse. — Por que estamos continuando com essa merda? Hélia morreu, uma garota foi baleada. — A loira passou os olhos pela mesa de jantar, então se deu conta de que Áurea não estava mais ali. — Ela foi baleada, e vocês a desclassificaram, que tipo de concurso de merda... — Respirou fundo, como se tivesse perdido a linha de raciocínio. — Sério. Vocês todos são horríveis.

É só isso que tenho pra falar. — Ela deu um passo para trás, pegando uma das velas que clareava os fundos do palco. O fogo iluminou seu rosto, uma sombra laranja contornando o queixo. Olhares conspiratórios cruzaram a mesa, um silêncio sepulcral tomando conta do espaço. Havia uma questão implícita no ar, todos aqueles homens ricos seguros de que ela não ousaria soltar aquela vela. — Fodam-se todos vocês — disse, jogando-a contra o palco de madeira, com força, o vidro que protegia a cera desfazendo-se em milhões de pedaços.

Áustria levou uma das mãos até a boca, uma risada nervosa escapando da garganta.

— Meu Deus! — Ela encarou o palco de madeira, enquanto a chama se espalhava, incrédula. — Ela enlouqueceu? *Oficialmente* enlouqueceu.

Maya se manteve em silêncio.

Luiza deu um sorriso para os rostos chocados da plateia e desceu do palco, seus dedos cobertos por uma luva negra derrubando mais três velas no caminho. Dois juízes se juntaram para segurá-la, enquanto os garçons tentavam apagar o fogo que assolava o palco, panos de pratos sendo jogados de uma mão para a outra. A fumaça começou a subir em poucos segundos,

mas os juízes insistiam que não havia motivo para pânico ou alarde.

— Meninas — Rosa projetou a voz —, é mais seguro irmos para fora.

Sem hesitar, as garotas se levantaram, encaminhando-se para a saída num ritmo tão rápido que Rosa parecia ter acabado de anunciar uma promoção de sapatos. No meio do ambiente enfumaçado, Maya conseguiu ver um dos seguranças levando Luiza para fora, o fogo carcomendo cada vez mais a madeira. Era questão de tempo até que chegasse nas paredes de jornal.

— Ei! — Foi Áustria quem puxou Maya para fora da mesa, como se ela estivesse envolvida demais com o ambiente caótico recém-construído para se mover. — Às vezes eu acho que você é meio suicida. — Ela balançou a cabeça e tossiu, o cheiro da fumaça ficando mais forte. — Como naquele dia, no teatro, quando eu precisei te tirar da reta de um carro.

Maya revirou os olhos.

— Minha salvadora — ironizou, apertando o passo até o lado de fora, sua visão periférica acompanhando chamas cada vez maiores. Tinha algo de bonito em ver o fogo lamber as paredes, por mais assustador que fosse.

Seus pulmões choraram de alívio quando chegou do lado de fora, seu vestido exuberante agora sujo com pequenos pedaços de fuligem.

Era difícil definir o sentimento que envolvia aquelas pessoas embaixo do manto da noite fria. Uma roda de três juízes conversava com Luiza, frases como “você sabe como isso foi sério?” e “vamos chamar a polícia”

escapulindo em tons passivo-agressivos. A loira não parecia se importar, constantemente revirando os olhos e encarando as próprias unhas.

Metade das garotas estava assustada, enquanto a outra metade queria compartilhar a fofoca o mais rápido possível. Maya já conseguia imaginar os *tweets*: O dia que eu quase morri em um incêndio. Luiza tinha acabado de colocar a vida de todas em risco, mas Maya não conseguia sentir raiva da garota. Não tinha irmãos, mas sabia qual era a sensação de ver uma pessoa amada sendo presa por um crime que não cometeu.

Não que ela confiasse na inocência de Yuri, mas...

— Karen — Áustria chamou, de repente, cortando a linha de raciocínio de Maya em pedaços —, posso ficar no seu carro por alguns instantes? Acho que engoli muita fumaça.

— Você está bem? — Rosa perguntou e, pela primeira vez ao longo do concurso Fibonacci, ela parecia de fato preocupada.

Áustria assentiu.

— Maya vai comigo. Ela tem alguma noção de primeiros socorros, só pro caso de eu me sentir mal.

Karen franziu o cenho.

— Mande uma mensagem se precisar de alguma coisa.

— O que você está fazendo? — Maya murmurou, confusa.

Rosa se virou na direção da casa e tomou o celular da mão de um dos juízes. Maya deduziu que ligaria para os bombeiros, embora desconfiasse que, naquela altura, alguém já tivesse o feito.

— Não quero estar aqui quando os jornalistas chegarem — respondeu Áustria, caminhando em direção ao carro, como se fosse óbvio. — Eu não fico bem em fotos preto e branco. E, na boa, olha bem pra essa confusão. Não tenho cabeça nenhuma pra lidar com isso agora. Eu deveria estar comendo lagosta e degustando vinho sem álcool, mas não posso, porque uma maluca incendiou a porra do espaço.

— Você não acha que — Maya cruzou os braços — o que ela falou...

Sei lá, assassinos costumam confessar seus crimes para parentes próximos. E

se a Luiza estiver... *certa*?

— Não! — Áustria rangeu os dentes, limpando as mãos sujas de fuligem na saia do vestido cor de rosa. Seu cabelo estava enrolado em belos cachos loiros que balançavam cada vez que ela andava. — Eu estou cansada, Maya. Quero minha vida de volta, tá? Sem assassinatos, incêndios, balas perdidas! Eu só quero ser uma garota de dezessete anos com problemas de garotas de dezessete anos — Áustria deu um meio sorriso quando viu o carro de Karen, como se fosse a representação física da sua liberdade. — Yuri fez isso. Ele matou o Hélia — ela enfiou a chave na porta, irritada —, ele machucou você. E agora a sua irmã maluca tentou *carbonizar* todas nós.

— Pra alguém que queria carbonizar todo mundo, acho que ela não se esforçou o suficiente — Maya zombou, observando o corpo de Áustria diminuir de tamanho quando se sentou no banco do carona. Ela continuou do lado de fora do carro, apoiando as duas mãos no teto, os olhos fixos nos de Áustria.

— Ela deveria ter usado um pouco de gasolina. Algo assim.

Áustria deu uma risadinha que terminou em muxoxo.

— Maya. — Ela apoiou a cabeça no banco. Sua maquiagem ainda estava intacta.

— Sim?

— Não somos mais parceiras de investigação. Isso acabou, tá? Me diga que acabou.

Maya mordeu o lábio.

— Por favor.

— Certo — Maya tamborilou os dedos no teto do carro —, acabou.

Áustria fechou os olhos por um segundo, então assentiu.

— Ótimo. Eu sou só... — ela deu uma pausa, contemplativa — uma adolescente prestes a se formar no terceiro ano e ganhar um concurso de beleza. E você é... — fingiu pensar — *minha* garota.

Maya riu.

— Sua garota?

— Eu só queria deixar claro que estou terminando com as investigações e não com você. Seja lá o que for que estamos fazendo.

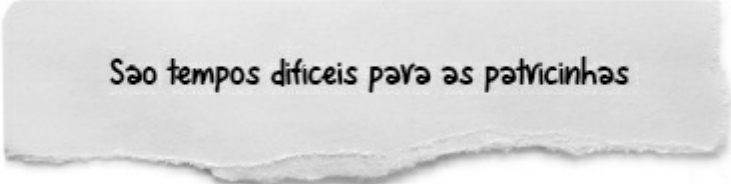
— Eu achei brega — Maya zombou —, mas vou aceitar só porque acabamos de ser quase carbonizadas.

— Minha garota, então?

— Fica mais cringe cada vez que você fala — ela deu uma longa pausa.

Áustria não disse nada, mordendo o lábio inferior em expectativa, esperando que Maya seguisse o *script* imaginário que tinha feito em sua cabeça. — Tá bom, sua garota.

A loira sorriu, satisfeita em salvar, ao menos, uma boa lembrança daquela noite caótica.



São tempos difíceis para as patricinhas

O s alunos de American Saint tinham certa facilidade em esquecer pessoas.

Era uma sensação parecida com levantar da cama e perceber que não ouve músicas do seu artista favorito há um tempo, que sequer lembra quando foi a última vez que ele lançou um álbum, que não sabe se ele usa os cabelos mais curtos ou mais longos. Não é um esquecimento intencional, mas ele acontece. As pessoas deixavam de ser vistas pelos corredores de A.S e, então, desapareciam do imaginário comum.

Como Verona e seu namorado viciado, por exemplo. Costumavam ser figuras notórias dentro de American Saint, mas agora as pessoas raramente falavam deles. Quando falavam, um tom de deboche estava sempre nas entrelinhas: “Ele morreu de overdose, ela foi mandada para um colégio interno religioso. Triste fim pro casal dez”.

O mesmo aconteceria com Yuri e Luiza em breve. O último surto da garota ainda rendia comentários, mas era questão de tempo até que um acordo silencioso sobre fingir que os irmãos problemáticos nunca tinham estudado naquela escola fosse instaurado. Ela não estava mais no concurso Fibonacci, ele não estava mais no time de futebol.

Enquanto passava as fotos de uma empresa de turismo no *Instagram*, Áustria estava feliz em ser uma aluna de American Saint, compartilhando com todas aqueles outros estudantes um dom em comum: O do esquecimento.

Sem mais Yuri, sem mais Hélia, sem mais *desgraça*.

— Você não acha Porto Seguro meio sem gracinha? — Maya perguntou, sentada em uma das mesas da cantina, balançando as pernas para frente e para trás. Seu tênis laranja berrante parecia feito de fogo. — É só que... tipo, todo mundo vai.

Áustria observou a foto de um garoto de olhos verdes e camiseta preta, os dizeres: “A melhor viagem da minha vida” em evidência.

— São viagens de formatura — divertiu-se. — Esse é o conceito. Ter a mesma experiência que todos os outros já tiveram. — Pulou para outra foto.

— A turma do terceirão do ano passado tentou inovar e a viagem deles foi um fracasso. Alugaram um hotel fazenda no meio do nada, o 4g mal conseguia carregar um *story* e uma garota transou na piscina, tipo, na frente de todo mundo. Tenho certeza que ainda tem vídeos desse acontecido na Internet e, honestamente, *nojento*.

Maya achou graça.

— E isso não acontece em Porto?

— Não — deu de ombros. — As pessoas tem a cidade inteira disponível pra transar discretamente, não precisam fazer na frente de todo mundo. Você pode deixar pra ser differentona na faculdade, que tal? — Ela apoiou o celular na mesa e montou uma *hashtag* com os dedos. — Porto Todo Dia.

— Eu acho que cidades praianas combinam mais com você do que comigo. Essa coisa de pés na areia... — Maya torceu o nariz.

— O Alok toca todo ano — tentou Áustria. — A gente pode invadir o camarim, conseguir uns contatos, investir na sua carreira internacional...

— Sermos presas — Maya completou.

— Conhecer a cadeia de uma cidade praiana faz parte da experiência —

disse, verificando que ainda faltavam vinte minutos para o fim do horário.

Estavam matando a última aula e, ainda que Áustria se sentisse um pouquinho culpada por isso, gostava do silêncio que reinava em American Saint quando todos os outros estavam enfurnados dentro de uma sala. — A viagem de formatura é um marco. Se você não for, dou uns dez anos até se arrepender amargamente.

— Estou considerando. — Maya ergueu uma das mãos até que tocasse em Áustria, puxando-a para perto da mesa onde estava sentada. — Você tem até o final do ano pra me convencer.

Áustria fez que não, agora de pé entre as pernas dela.

— Viagens de formatura não são organizadas da noite pro dia. Tenho que mandar a ficha médica dos alunos pra empresa daqui a uma semana.

Pensa rápido. — Ela verificou que estavam sozinhas antes de apoiar as mãos nos ombros de Maya, seus dedos brincando com seu cabelo longo. — Eu me comprometo em fazer a melhor viagem da sua vida.

Maya arqueou uma das sobrancelhas.

— É uma promessa séria.

— Eu sou uma ótima companhia.

— Então, recapitulando — ela cerrou os olhos —, você está me convidando pra ficar de casal numa viagem que é, basicamente, droga e

pegação?

Áustria assentiu.

— Não me importo se quiser ficar com outras pessoas — era mentira e as duas sabiam —, só acho nojento trocar saliva com um monte de gente que não conheço, que já trocaram saliva com outras pessoas que também não conheço. Tenho certeza que eu voltaria pra casa com alguma DST. — Fez uma expressão de nojo. — E você é a única pessoa que quero beijar no momento, então acho que seria legal. Tipo, nós duas. Em Porto.

Maya fingiu pensar por um instante. Ela levou os dedos até os lábios de Áustria, com um sorriso malicioso despontando no rosto.

— Você também é a única pessoa que quero beijar.

— Era exatamente essa a resposta que eu queria ouvir.

— Áustria — a voz de Karen preencheu o espaço vazio da cantina, ecoando entre as mesas. Áustria fez uma careta antes de dar um passo para trás e se afastar de Maya, uma expressão que se dividia entre o espanto e a irritação no rosto. — Trouxe suas anotações. — Karen ergueu um caderno, balançando-o de um lado para o outro. — O professor disse que você estava com cólica na enfermaria, mas parece que já está... bem.

— Sim — Áustria preferiu seguir com a mentira, esfregando as mãos suadas uma na outra —, estou me sentindo muito melhor, obrigada.

Maya pulou para fora da mesa, o clima tenso se erguendo em uma linha crescente.

— Gabriela deve estar me esperando lá fora — disse, colocando a mochila em um dos ombros —, combinamos de estudar juntas depois da aula.

Áustria concordou.

Karen não respondeu.

As duas ficaram em silêncio enquanto Maya se afastava, coisas demais sendo ditas entre um olhar vexatório e outro. Áustria ainda estava no controle da situação. Ela podia inventar alguma mentira não muito convincente, na qual Karen fingiria acreditar para não arranjar problemas, mas, naquele dia, mais que nunca, Áustria se sentia sufocada. Como se a imagem perfeita que tinha criado para os outros não fosse mais suficiente para continuar vivendo, o desejo de ser *de verdade*, pela primeira vez, consumindo suas entranhas.

Ela esperou que Karen falasse primeiro.

— Tá — a ruiva se aproximou da mesa, entregando as anotações para Áustria —, eu tenho certeza que entendi alguma coisa errado, então eu vou deixar você me contar. O que estava acontecendo aqui?

Áustria mordeu o lábio. Era como se duas pílulas estivessem sendo ofertadas em sua frente, a mentira confortável e a verdade dolorosa. Queria escolher a primeira. Precisava ser corajosa para pegar a segunda.

— Você nunca mata aula — Karen cruzou os braços, seu cabelo repartido em duas trancinhas, fazendo-a parecer mais inofensiva que realmente era —, só de educação física, mas isso não conta. Está em estado de choque ou alguma coisa assim? Bateu a cabeça durante o jantar ontem? —

ela deu uma risada nervosa. — Sério. O que foi?

— Acho que você não entendeu errado — Áustria sibilou, mantendo os olhos fixos em um suporte de guardanapos, para não precisar encarar o rosto surpreso da amiga.

— Eu não entendi errado? — Karen deu alguns passos pela cantina, voltando-se na direção da mesa. — Você e a Maya...

— Estamos juntas — ela respondeu rápido, embolando uma palavra na outra. — Mais ou menos juntas. Não é um relacionamento, é mais... Sei lá, sexo.

Karen parou na frente de Áustria, encarando-a.

— Isso é alguma piada de mal gosto?

Áustria moveu a cabeça em negativa.

Ela deu um giro completo ao redor do próprio corpo, como se procurasse por câmeras.

— Uma pegadinha?

— Não, Karen. Estou falando sério.

Ela deixou mais uma risada nervosa escapar.

— Você... — Karen deu uma pausa, então continuou — está tentando surfar no *hype* LGBT ou algo assim?

Os olhos de Áustria dispararam.

— O quê?

— Você sempre ficou com garotos a sua vida inteira — disse, cerrando os olhos —, tipo, não é como se você fosse... *Sapata*? Está tentando chamar atenção?

— Meu Deus, não! — Áustria precisou respirar fundo para normalizar sua voz. — Eu não... Eu não acredito que você acha que eu faria isso pra chamar atenção.

Karen revirou os olhos.

— Você faz qualquer coisa pra chamar atenção, desde o maternal! —

Ela passou os dedos pelas tranças ruivas, nervosa. — Eu sei que não deveria

estar surpresa, mas, dessa vez... Sério, você foi longe demais. Pessoas *morrem* por serem gays, e você está aqui, brincando de beijar outra garota só porque sua vida está um saco? — Ela piscou, incrédula. — Está ficando com a Maya pra ela desistir do concurso?

Áustria bufou.

— Me ofende você achar que eu preciso da desistência de alguém pra vencer.

— Não precisa, mas você é sádica o bastante para se divertir com isso.

— Porra, sério — Áustria sentiu seus olhos arderem —, você foi a primeira pessoa pra quem eu contei essa merda. — Ela se segurou para não avançar no pescoço de Karen. — Obrigada por me fazer não ter vontade de contar pra mais ninguém.

— A morte do Hélia te deixou confusa — Karen pontuou. — Você não é...

— Eu não estou confusa! — ela bradou, sentindo a própria voz reverberar pelo vazio. — Estou cansada das pessoas achando que me conhecem e achando que sabem o que sinto, que podem falar por mim. Eu gosto dela. Gosto *de verdade*, e se você não acredita... — Áustria forçou a garganta, a voz embargando aos poucos — foda-se. Só tenha a decência de não contar sobre o que viu pra ninguém.

Karen deu uma risada irônica.

— Viu? Aí está. Você tem vergonha de ficar com ela. É só um passatempo, não é? Não quer manchar sua imagem de garotinha perfeita por causa de uma bobagem colegial.

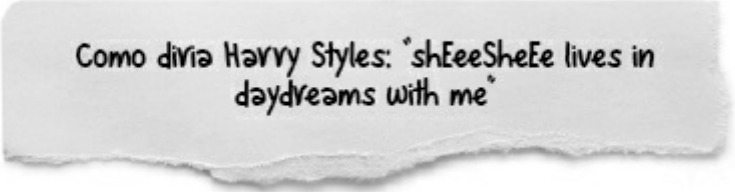
— Vai se foder, Karen. — Áustria pegou sua mochila. — Sério, só vai se foder.

— Eu aturo as suas besteiras há anos, tá? Aceitei seu namoro disfuncional com o Hélia, aceitei as suas piadinhas infames, aceitei... Enfim, eu apoiei praticamente todas as merdas que você já fez — Karen continuou:

— Mas não posso ficar quietinha assistindo, enquanto você brinca de ser lésbica.

— Então não assista. — Áustria ergueu o dedo médio, seus pés castigando o assoalho enquanto corria até o pátio de American Saint.

Tinha escolhido a verdade e, como previsto, era tão doloroso que tinha dificuldade para continuar respirando.

A torn piece of paper with a light gray background and a dark gray border. The text on the paper is in a mix of English and Portuguese, written in a simple, sans-serif font.

Como diria Harvey Styles: "shEeeSheEe lives in
daydreams with me"

Uma sequência interminável de palavras era tudo que passava na cabeça de Maya naqueles últimos dez minutos. Gabriela estava ao seu lado contando alguma coisa importante que o professor de matemática tinha dito sobre o ENEM, mas ela nem conseguia organizar suas palavras em uma conversa, como se as falas da amiga chegassem em seu cérebro codificadas.

Queria ter ficado escondida nas escadas para ouvir a conversa de Áustria e Karen. Agora era tarde demais, e Maya se sentia incapaz de prever a reação da loira. Tinham estragado tudo antes mesmo de começar?

Maya deu um longo suspiro, interrompendo o monólogo de Gabriela sem querer. Estava satisfeita que a amiga continuasse falando, na verdade, porque assim tinha espaço para se concentrar nos seus próprios pensamentos.

Gabriela tombou a cabeça para o lado, preocupada.

— Você tá bem?

Maya varreu o pátio com os olhos, procurando por algum sinal de Áustria.

— Sim. De boa. Desculpa, dei uma viajada. Pode continuar.

Gabi deu um sorriso amarelo.

— Eu já terminei.

Maya mordeu o lábio.

— Desculpa. Na verdade, aconteceu uma coisa — ela deu uma pausa, sem saber se deveria seguir em frente ou não. Como uma forma de intervenção divina, Áustria

saiu do prédio de American Saint, cruzando o pátio em um ritmo tão rápido que Maya perdeu o fôlego só de olhar para ela.

Não conseguia ter certeza, mas seus olhos pareciam vermelhos. — Áustria roubou minhas anotações da última aula — disse, e suas mentiras estavam ficando cada vez mais desleixadas. — A gente pode passar nossa sessão de estudo pra amanhã? Tipo, umas cinco da tarde. Eu preciso pegar com ela.

Roubar de volta.

Gabriela cerrou os olhos por um instante. Maya teve a impressão que estava prestes a reclamar, mas logo seus traços duros se transformaram em um sorriso empático.

— Claro. Vou aproveitar pra terminar seus vasos de crochê hoje à tarde.

— Obrigada. — Maya colocou uma mecha dos fios escuros de Gabi atrás das orelhas, sorrindo para ela. — Você é um anjo. — Dessa vez, não estava mentindo.

Maya acenou antes de tomar distância, apressando seus passos até encontrar Áustria no fim da rua, esperando que o sinal vermelho se tornasse verde. Ela estava com os fones de ouvido enrolados nos dedos, e Maya teve a impressão de que, se pudesse, ela os usaria para focar a primeira pessoa que a contrariasse.

— Parece que a conversa foi ruim — Maya comentou, em dúvida sobre os limites entre tentar ajudar e invadir seu espaço pessoal sem querer.

Áustria não respondeu. Apertou os fios ao redor dos dedos com mais força e voltou a andar apressadamente quando as luzes verdes iluminaram o caminho.

— Eu tenho um bom preparo físico, posso te seguir por quanto tempo quiser.

De novo, Áustria não respondeu.

Maya não insistiu. Deixou que a loira tomasse alguns metros de vantagem e seguiu atrás dela, praguejando ter escolhido seus tênis de sola reta, naquela manhã, tão ruins para corrida. Estava um calor infernal, e tudo que Maya gostaria de fazer era se trancar no conforto do seu quarto com ar condicionado, mas, como de costume, Áustria não facilitaria sua vida. Ao menos, estava usando uma mochila cor de rosa

que servia como ponto de referência, chamativa o suficiente para que Maya fosse incapaz de perdê-la entre um pedestre e outro.

Foram cerca de vinte minutos de caminhada intensa até que a loira parou, bem em frente das palmeiras luxuosas do Shopping Iguatemi. Esperou por Maya, talvez numa tentativa de sinalizar que não estava fugindo de uma conversa. Quando ela se aproximou, no entanto, Áustria não disse nada.

Continuou andando, a expressão fechada e o lábio tremendo, discretamente, de tempos em tempos.

Maya a seguiu, resignada, um pouco satisfeita pelo ar condicionado que deixava o shopping fresco. Áustria foi impaciente o bastante para subir as escadas rolantes andando, e Maya logo entendeu que ela não fazia ideia de qual loja estava procurando. Não tinha um rumo certo, só estava com raiva.

Ela parou no último andar do espaço, quando uma vitrine em tons neon

chamou sua atenção. Maya fez uma careta ao perceber que se tratava de uma loja de lingerie, mas Áustria entrou, antes que tivesse tempo de ser contestada.

Foram recebidas por uma atendente que carregava consigo um daqueles sorrisos plásticos e costumeiros.

— Boa tarde — cumprimentou a mulher —, podem me chamar, caso precisem de alguma ajuda.

— Obrigada. — Áustria arqueou os lábios em um gesto simpático, e Maya se lembrou de todas as fofocas maldosas que já tinha ouvido sobre Hélia e Áustria tratarem atendentes com indiferença. — Estamos só dando uma olhadinha.

Ela fez que sim, voltando para o caixa.

Áustria não disse mais nada, passando pelas araras e tirando peças aleatoriamente, numa tentativa de acalmar a ansiedade. Embora a maioria das suas escolhas combinasse com ela, algumas pareciam uma falha terrível de personalidade, como o pijama de renda preta que imitava pequenas teias de aranha. Maya apenas observava, sem nenhuma intenção de contestar uma Áustria furiosa fazendo compras – se é que ela pensava em comprar qualquer uma daquelas coisas.

Com uma montanha de peças que quase prejudicava sua visão, Áustria cruzou a loja até os provadores rosa pink, que poderiam ser parte do seu closet. O ambiente tinha um cheiro muito específico de perfume de flores, que combinava perfeitamente com as pequenas poltronas cor de rosa em cada cabine, que, por sua vez, combinavam com o papel de parede cheio de bolinhas pretas. Áustria soltou as peças em cima de uma das poltronas e fez um sinal para que Maya entrasse na mesma cabine que ela.

Com a visão periférica, Maya conferiu que nenhuma das atendentes prestava atenção nelas, mas ainda que prestassem, isso não seria um problema. Já tinha dividido provadores com amigas antes, em muitas lojas.

Áustria trancou a porta do provador assim que Maya entrou.

— Então — ela tentou iniciar uma conversa, mas Áustria prensou seu corpo contra a porta trancada antes que pudesse.

A loira a encarou por alguns segundos — encarou de verdade, como se estivesse analisando cada centímetro da sua alma — antes de pressionar os lábios contra os seus num beijo ávido e urgente. Maya demorou alguns segundos para reagir, mas logo suas mãos estavam na cintura de Áustria, puxando-a para mais perto. Era uma confusão de fios de cabelo, *gloss* com

sabor de fruta, os perfumes delas se misturando com o perfume da loja.

Foi a vez de Maya empurrar o corpo de Áustria, os dedos descendo até sua bunda, enquanto a encostava no espelho, seus pés se embolando no espaço estreito. As mãos da loira estavam em todos os lugares ao mesmo tempo, puxando seus cabelos escuros, descendo por seus ombros, alisando sua cintura.

Tinha algo de afrodisíaco em *correr*?

Áustria mordeu seu lábio inferior, conquistando um suspiro desajeitado de Maya. Ela se afastou alguns centímetros, apoiando a cabeça no espelho, a respiração descompassada e a boca vermelha. Seus olhos agora eram... um mar revolto. Uma tempestade na praia, daquelas que transformam a paisagem em uma pintura de tons frios e fazem as ondas parecerem verdes.

Áustria se afastou, de repente.

Sentou-se na poltrona, por cima das peças que tinha selecionado.

E começou a chorar. Lágrimas gordas correndo por sua face, a expressão mostrando mais raiva do que tristeza. Maya se sentou do lado dela e ficou em silêncio, certa de que aquela estava entre uma das tardes mais estranhas da sua vida.

— Eu devia ter partido a cara dela em mil pedaços — soluçou Áustria, o tom de voz irritado. — Ela acha que estou tentando chamar atenção. Que estou confusa.

— Você disse a verdade pra ela?

Áustria fungou.

— Sim.

Maya sentiu seu estômago gelar, como se todas as borboletas estivessem eufóricas. Não deixou que ela notasse.

— Eu pensei que fosse...

— Inventar uma mentira qualquer? Eu deveria ter feito isso, sim. — Ela apoiou uma das mãos na testa, escondendo parte do rosto. — Eu estou... com medo.

Maya mordeu o lábio.

— Que ela conte pras pessoas?

— Não. — Áustria respirou fundo, as lágrimas ainda rolando por seu rosto. — Que ela esteja certa. E se eu estiver me confundindo?

A euforia das borboletas se perdeu.

— E se eu não for — ela deu uma pausa, soando muito mais dramática que o pretendido — *gay*?

— E você faz esse questionamento depois de me beijar desse jeito? —

Maya riu de nervoso. Ela não sabia exatamente o que dizer. Era uma questão pessoal demais para que tivesse as respostas que Áustria queria, mas tentou mesmo assim. — Eu acho que pessoas heterossexuais não gastam tanto tempo tentando provar que são heterossexuais.

— Desculpa. Eu sou uma bagunça. — Mais lágrimas caíram. — Eu só não quero entender as coisas errado e acabar te machucando.

Maya deixou uma risada convencida escapar, passando os dedos por seu rosto e limpando o choro.

— Eu duvido que consiga machucar a garota que não chora há mais de cinco anos, mas nada te impede de tentar. — Não era de todo verdade. De uma forma confusa, inexplicável e possivelmente sem sentido, Maya tinha a impressão de que seria capaz de chorar por Áustria. O suficiente para encher piscinas. — Seria um prazer ter meu coração partido por você.

— Pra uma pessoa que não chora — Áustria começou, mordendo o lábio inferior —, até que você é bem romântica.

— Sabe o que seria muito romântico? — Maya fez suspense por alguns segundos, enquanto Áustria movia a cabeça em afirmativa, indicando que continuasse. — Bater nessa garota.

Ela respondeu com uma risada triste.

— Sério. Eu poderia esfregar a cara dela num muro de chapisco agora, e eu nem me sentiria culpada mais tarde.

— Eu deveria esperar algo assim — Áustria deu de ombros. — É o que você ganha quando faz amizade com as meninas malvadas.

— Nesse caso, deveríamos empurrá-la na frente de um ônibus.

— Não daria certo — ela negou, agora rindo de verdade. — Acho que eu sou a Regina George dessa história. Mas você pode ser minha Janis Ian.

Maya fez uma careta.

Áustria deu de ombros.

— Todo mundo sabe que elas teriam terminado juntas, se não fosse um filme de 2004. Vou escrever uma *fanfic* disso mais tarde.

— Tenho certeza que alguém já fez isso — zombou. — Deve ser recorde de leituras no *Wattpad*.

Áustria estava prestes a responder, quando o celular de Maya tocou, os primeiros acordes de uma música do Calvin Harris invadindo a cabine do provador. Ela viu o nome do pai preencher a tela, ao mesmo tempo em que Áustria fungou, perto de uma nova sessão de lágrimas.

— É meu pai — disse, hesitando em não atender. — Falo com ele depois.

Áustria assentiu, esfregando o nariz.

— Obrigada — ela se levantou. — Vou experimentar essa pilha de roupas antes que... Sei lá, elas criem traças.

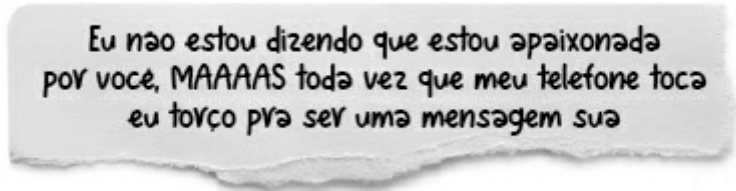
— Vou te esperar lá fora — Maya ergueu uma das mãos até a fechadura, girando-a —, mas pode me mandar uma foto das melhores peças

— sugeriu, um sorriso malicioso no rosto. Áustria jogou uma das calcinhas na sua direção, mas ela fechou a porta antes que se tornasse um alvo.

Caminhou de volta para o centro da loja. O perfume de Áustria estava impregnado nas suas roupas, feito um fantasma. Maya encarou o próprio reflexo em uma das prateleiras de vidro, a boca ainda vermelha pelo beijo que tinham acabado de trocar.

Ela passou os dedos pelos próprios lábios e deu uma risada nervosa.

Eu estou fodida.



Eu não estou dizendo que estou apaixonada por você, MAAAAS toda vez que meu telefone toca eu torço pra ser uma mensagem sua

Áustria passou os dedos pelo nome de Liev Tolstói, na capa de *Anna Kariênina*, os olhos correndo pela pequena saleta no último andar de American Saint, cedida pelo diretor exclusivamente para os chefes de turma do terceiro ano. Ela deixou o livro de lado para focar na página aberta do computador, fotos deslumbrantes de Porto Seguro rodando pela tela numa apresentação de slides. Sua mesa estava abarrotada, o que fazia com que se sentisse uma mulher de negócios por alguns segundos. As fichas de separação de quarto estavam prontas para serem entregues na ponta da mesa, fichas médicas para serem organizadas ao lado do seu teclado.

Áustria e Karen tinham prometido dividir o mesmo quarto na viagem de formatura quando ainda eram pirralhas de quatorze anos, mas agora aquela promessa pertencia a algum lugar do passado, a uma Áustria que não existia mais. Ela não se sentia confortável com a ideia de estar na mesma sala que Karen Matos, dividir o mesmo quarto só faria sentido se bolasse um plano para asfixiá-la durante a noite. Sabia que era questão de tempo até que resolvessem aquela discussão, porque era do feitio de Karen sempre voltar com o rabo entre as pernas, mas Áustria se permitiria sentir raiva até que um pedido de desculpas formal acontecesse.

Ela chegou a pegar seu telefone para mandar uma mensagem para Maya, sugerindo que dividissem o mesmo quarto, mas desistiu antes de abrir a tela do *Whatsapp*. Temeu que estivessem indo rápido demais. Não queria correr o risco de ser *emocionada*. Ao invés da mensagem, ela tirou uma foto da mesa e postou nos *storys* do *Instagram*, na esperança de que Maya respondesse e elas pudessem seguir uma conversa sobre um assunto nem tão interessante assim.

Áustria deixou o celular em cima do seu livro e pegou as fichas médicas preenchidas pelos alunos. Ela verificou o horário na tela do computador: Faltavam dez para as quatro. Tudo que ela precisava fazer era digitar todas as fichas e mandar por e-mail para a empresa de viagens antes das cinco, quando poderia ir para casa e voltar para o seu livro.

Colocou a primeira ficha ao lado do notebook e começou a digitar.

Arthur Damazzo, 17 anos, sem alergias, usa óculos e tem três graus de miopia.

Ana Carolina Cortes, 18 anos, alergia severa a frutos do mar, sem miopia, usa remédio controlado para depressão e ansiedade.

Áustria Fontes, 17 anos, sem alergias, sem miopia, sem remédios controlados.

Áustria deu um sorriso para sua ficha médica perfeita, quando terminou de digitar. Separou as três fichas digitadas e, por curiosidade, pulou para a letra M.

Maya Jeong, 17 anos, alergia medicamentosa à amoxicilina, sem miopia, sem remédios controlados.

De novo, sentiu vontade de falar com ela. Quase tirou uma foto da ficha para mostrá-la, mas afastou o desejo mais uma vez. Áustria não queria se parecer com

uma *stalker* de fichas médicas, ainda que não estivesse fazendo nada além do seu trabalho.

A tela do seu celular brilhou em cima do livro. Como se estivesse lendo sua mente, Maya tinha mandado uma mensagem. Uma figurinha, para ser mais específica, escrita de um jeito desleixado com uma fonte *comic sans* e corações cor de rosa ao redor: *Boa é você, a tarde é só um detalhe*. Áustria riu antes de digitar uma resposta.

Áustria (15:54) diz:

Humor hétero TM

Ela puxou a ficha de Maya para colocar na pilha de arquivos digitalizados. Deixou algumas folhas caírem sem querer e precisou se ajoelhar no chão para recuperá-las. Áustria pegou a que estava mais próxima dos pés da mesa antes das outras e deu uma risada ao ler uma das especificações: Alergia intermediária a pólen ocasionando crises de espirro severas.

Recolheu as demais fichas e se levantou. Deixou tudo em cima da mesa e endireitou o corpo antes de ir até o galão de água que tinham na sala, enchendo um copo de plástico com a bebida gelada. Ela viu uma foto da turma de 96 de American Saint exibindo medalhas de ouro em frente a fachada do prédio principal, cada garota segurando um buquê de flores e

ainda usando suas toucas de nado.

Foi como se uma luz se acendesse dentro do seu cérebro. Sua mente foi transportada de volta para o dia da morte de Hélia, as flores no ginásio prontas para o campeonato de natação que teriam horas mais tarde.

O corpo. A sensação de estar sendo observada. O espirro.

O espirro.

Áustria deixou o copo recém-cheio despencar das mãos, uma queda dramática até o carpete vermelho que enfeitava o chão da sala. Agora, parecia que alguém tinha sangrado até a morte em cima do tecido.

Ela desviou da poça d'água e correu até a mesa, recolhendo a ficha que tinha acabado de ler. Leu de novo cada palavra, sentindo seu coração bater como uma

britadeira dentro do peito. Suas mãos estavam suadas. Geladas.

Não podia acreditar que a resposta estava ali, tão óbvia, durante tanto tempo.

Áustria fechou seu *notebook*, enfiou a ficha dentro da bolsa e trancou a sala, sem se preocupar com a bagunça que tinha feito. Ligou para Maya, o aviso de “celular fora de área ou desligado” incomodando seus ouvidos.

Tentou mais uma vez.

E mais uma.

Mais uma.

Mais uma.

— Que droga, Maya, você acabou de me mandar uma mensagem!

Áustria revirou os olhos. Desceu as escadas correndo até a secretaria, sem saber o que fazer em seguida. Considerou inventar uma história que justificasse pedir o número de Luiza Pimenta para as secretárias, mas duvidava que a garota teria algum interesse em ajudá-la, depois do fracasso do jantar. E considerando os últimos comportamentos de Luiza, nenhum funcionário arriscaria dar seu telefone tão facilmente.

— Maya Jeong — uma voz grossa vinda da sala de espera chamou atenção de Áustria. Ela diminuiu seus passos, pronta para ouvir mais atentamente. — Sou o pai dela. É aluna do terceiro ano, pode chamá-la pra mim? Tenho uma coisa pra entregar.

A secretária deu um sorriso simpático nunca antes visto por Áustria – ou qualquer outro aluno. Ela deu uma boa olhada no homem apoiado na bancada e logo entendeu de onde vinha a simpatia da mulher. O pai de Maya era...

atraente, o que causou uma careta involuntária em Áustria. Era estranho assumir essas coisas sobre o homem que tinha colocado a garota que ela estava beijando no mundo.

— Sua filha já saiu — disse, depois de conferir alguns dados no computador. American Saint tinha controle dos alunos que entravam e saíam pelas carteirinhas,

que precisavam ser registradas nas roletas eletrônicas — às 12:34. O terceiro ano não tem aula hoje à tarde.

— Maya me disse que você viria — Áustria falou, atraindo atenção dos dois para ela. Não tinha certeza do que estava fazendo, mas precisava arriscar. — Veio trazer o HD... — Áustria mordeu o lábio. Considerando o seu passado, ele era a única pessoa em que Maya confiava que teria qualquer contato com hackers. — O HD dela?

O homem cerrou os olhos, desconfiado. Seus olhos eram pequenos como os da filha, os cabelos escuros presos em um rabo de cavalo e os braços musculosos cheios de tatuagens. Áustria percebeu que já tinha o visto uma vez, de longe, no velório de Hélia.

Ele encarou a secretária, então encarou os próprios pés, os coturnos enormes, sujos de terra. Depois de instantes de contemplação, assentiu para Áustria.

— Sabe onde Maya está? — perguntou, meio desconfiado. — Ela ignorou meus telefonemas ontem. — Minha culpa, Áustria pensou. — E não posso ver se está em casa. Eu e a mãe dela temos... *acordos*.

Áustria passou sua carteirinha de identificação na roleta. Ela olhou para a secretária, um tanto desconfortável.

— Podemos conversar lá fora?

Leonardo assentiu. Áustria apressou seu caminhar até a entrada do prédio, ansiosa, as mãos suando como nunca. Antes mesmo que o homem pudesse parar de andar, ela fez sua pergunta:

— O que tinha no HD?

De novo, ele pareceu desconfiado.

— É sobre o assassinato do Hélia, não é? — insistiu, apreensiva. — Eu acho... — Áustria sentiu sua garganta fechar aos poucos, odiando-se pelo que diria em seguida. — Acho que prenderam a pessoa errada.

Leonardo passou a língua pelos lábios, os olhos escuros denunciando um conflito interno sobre falar ou não com Áustria. Ela sabia que estava sendo cauteloso porque não a conhecia, mas sua vontade era de arrancar seus cabelos com os dedos.

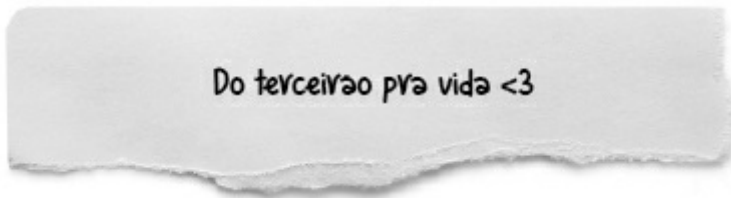
Vamos, cause uma ótima primeira impressão para o seu futuro sogro, pensou, em seguida, balançou a cabeça em negativa, afastando seus devaneios.

— Eu analisei as filmagens — Leo começou, finalmente. — Tem uma única pessoa que não aparecia nas gravações antes da morte do Hélia. E

começou a aparecer com certa frequência depois disso.

Áustria mordeu o lábio com tanta força que, imediatamente, sentiu gosto de sangue.

Ela nem precisava assistir às filmagens para saber de quem Leonardo estava falando.



— É

só uma questão de ter atenção plena no que está fazendo — Gabriela explicou, apontando para os celulares desligados em cima da geladeira. Ela encarou a faca que usava para cortar legumes, mais uma vez, antes de posicionar um pedaço de pimentão no centro da tábua, arrancando a ponta. —

Vai. Literatura.

Maya pensou em ressaltar, pela milésima vez, que não pretendia fazer o ENEM naquele ano, mas Gabriela não parecia interessada no futuro acadêmico de ninguém que não fosse ela mesma. Maya tinha julgado mais confortável desligar o celular, antes que ela fizesse perguntas sobre com quem estava conversando. Perguntas que ela não podia, em hipótese alguma, responder.

Ela apoiou o *notebook* de Gabriela nas pernas, lendo a pergunta:

— Toda produção literária da fase renascentista do século XVI, no Brasil, é chamada de Quinhentismo. — Maya se sentia como uma professora mal paga do ensino fundamental. — A literatura desse período foi escrita por portugueses e se resume à?

— Literatura de informação. — Gabriela fez uma careta, enquanto cortava mais pedaços verdes de pimentão. Estavam fazendo um yakissoba que tinha muitas chances de dar errado. — E literatura de catequese.

Maya revirou os olhos.

— *Portugueses* — praguejou, se referindo ao fato de que o segundo tipo era usado para doutrinar indígenas. — A gente pode dar uma pausa?

— Tenho certeza que meus concorrentes não estão fazendo pausas —

Gabriela zombou.

— Tudo bem, senhora, trabalhe enquanto eles dormem. — Maya colocou o *notebook* de Gabriela na mesa da cozinha e foi até a geladeira, tirando uma vasilha repleta de cogumelos que tinha comprado para o prato.

— Não dou a mínima pros concorrentes, estou dizendo que você vai fazer uma pausa enquanto terminamos nosso yakissoba. Revisamos essas questões

mais tarde.

Gabriela apontou para a janela da cozinha com a cabeça.

— Vamos ter sorte se a luz não tiver acabado mais tarde — resmungou.

— Parece que vai cair uma tempestade daquelas.

Maya deu de ombros.

— Nesse caso, tenho certeza que tem um simulado impresso perdido em algum canto do seu quarto. Podemos revisar manualmente, como faziam nos anos antes de Cristo — zombou.

Ela revirou os olhos antes de cortar mais um pedaço de pimentão.

— Tá, ótimo. Se eu não passar no ENEM, você vai me bancar até que eu passe. — Deixou os pimentões de lado, voltando-se para a cebola roxa. A mão que segurava a faca escorregou suavemente, a lâmina acertando um dos seus dedos. Uma gota gorda de sangue manchou a tábua. — Meu Deus — ela riu de nervoso —, que

desastre! — Gabi se levantou com a faca ainda em mãos, correndo para o banheiro de hóspedes.

— Você poderia ter usado a torneira da cozinha — Maya pontuou, tirando os legumes de cima da tábua. Colocou a madeira suja de sangue dentro da pia e abriu a torneira, uma careta de nojo preenchendo a face.

O *notebook* de Gabriela apitou em cima da mesa. Maya se aproximou para ver a notificação, um aviso de que novas notas haviam sido postadas no portal de American Saint.

— O professor de história postou as notas da última prova — Maya gritou, para que Gabriela ouvisse.

— Pode olhar quanto eu tirei! — Gabriela gritou de volta. — Meus dedos ainda estão sangrando.

Maya se sentou em frente ao *notebook*, resistindo ao impulso de checar o celular para ver se Áustria tinha respondido sua mensagem.

— Tem uma caixa de band-aids no meu armário — informou, concentrada em digitar cada letra do site de American Saint na barra de pesquisas.

— Da sua coleção especial de band-aids da Hello Kitty?

— Essa mesmo — Maya riu, acessando a área do aluno. O login automático de Gabi estava salvo. — Não use mais que um — brincou.

Gabriela riu, enquanto Maya zapeava pelo site, procurando pelo seu boletim virtual. A última vez que tinha conferido uma nota antes dos professores entregarem as provas tinha treze anos. Estava certa de que sua senha do portal ainda era alguma coisa como EuAmoJustinBieber12345.

— 9,5 — Maya anunciou. — E choca um total de zero pessoas. Nerd.

— Droga. Eu esperava um dez.

— Pobrezinha. Vai ter que estudar muito pra não ficar recuperação —

ironizou Maya. Por puro tédio, ela continuou vendo as notas de Gabriela, passando de história para as médias gerais. Ela fez uma careta quando notou dois pontos

extras em todas as matérias, intitulados como “trabalho de campo”. Maya vasculhou sua mente em busca de algum trabalho extra que tivessem feito naquele ano, sem encontrar nada exceto...

Maya fez uma careta.

— 9,5. — Gabriela revirou os olhos quando chegou na cozinha, o corte no dedo coberto por um band-aid cor de rosa. — Viu? É por isso que eu não posso fazer pausas. — A faca responsável pelo corte ainda estava em suas mãos, agora limpa. Maya encarou a ponta da lâmina, levantando-se da mesa.

Seu coração batia tão rápido no peito que ela estava perto de sentir dor física. Seu lado racional reconhecia que era impossível, mas tinha a impressão que Gabriela ouvia cada batimento no outro extremo da sala.

— Você mentiu.

Gabriela fez uma careta.

— O quê?

— Disse que não tinha ido no show de talentos do concurso — Maya lembrou.

— E eu não fui. — Ela franziu o cenho, uma risadinha do tipo “tá maluca?” escapando dos lábios. — Fiquei em casa estudando.

— Os professores subiram sua nota. — Maya apontou o *notebook*. —

“Dois pontos extras em todas as matérias para os alunos que comparecerem às atividades extracurriculares do Concurso Fibonacci” — disse, tinha a voz do diretor ainda fresca em sua memória. — Se você não foi...

— Devem ter me dado os pontos por engano. — Gabriela se aproximou da mesa para ver a tela, mas Maya empurrou seu *notebook* no chão. A tela se dividiu em pedaços, a imagem piscando várias vezes até se perder por completo. Gabi a encarou, os olhos arregalados. — Maya, você sabe que isso não faz nenhum sentido. Eu posso escrever um e-mail pra diretoria agora, dizendo que erraram na distribuição de pontos...

— Você estava lá. — Maya passou os olhos pela faca nas mãos de Gabriela mais uma vez. — Meu Deus, é óbvio! Você trocou as armas. Usou um dos revólveres da

sua mãe, não foi? Achou que aquele era o número da Áustria. — A testa de Maya latejou. Era como se seus neurônios estivessem

socando um ao outro para formar sinapses. *Pensar* causava dor física. Todos os acontecimentos das últimas semanas tinham voltado em sua mente, de uma forma repentina e agressiva, resultando em uma sentença óbvia. —

Você... Meu Deus, você matou o Hélia.

Gabriela não disse nada. Ela passou a faca de uma mão para a outra, lentamente, o band-aid rosa agora parecendo um erro de figurino em seus dedos pálidos. Ela respirou fundo antes de responder, mantendo os olhos fixados em Maya, os lábios curvados para baixo como se estivesse chateada em ter aquela conversa.

— Aquela escola ficou melhor sem ele — disse, simples —, *you* ficou melhor sem ele. — Maya fez uma careta, então ela continuou. — O quê?

Acreditou mesmo que eu não sabia? Hélia estava aqui o tempo inteiro. —

Gabriela revirou os olhos. — Dava pra sentir o perfume dele na sua cama. E

aquela vez que você estava com ele na cobertura e mentiu dizendo que estava vendo um episódio de *Grey's Anatomy*? Eu te disse várias coisas que nunca aconteceram na série e você concordou com todas. — Ela balançou a cabeça de um lado para o outro em desaprovação. — Honestamente, estava na cara de todo mundo, mesmo antes dos vídeos que eu vazei. Até a Áustria sabia, ela só estava ocupada demais tentando ser uma sapatona discreta pra querer causar uma cena.

— Como você...

— Ser uma pessoa sem amigos tem suas vantagens — ela suspirou, dando um passo à frente. Por instinto, Maya deu um para trás. — Eu sou invisível dentro de American Saint. Tão invisível que as pessoas nunca se preocuparam em esconder seus segredos de mim.

— Eu não acredito que teve essa frieza. — Maya tossiu, forçando sua garganta para que a voz se mantivesse firme. — Nós somos amigas há anos.

— Nós somos? — Gabriela aproximou-se mais um passo. Maya andou para trás, então sentiu suas costas baterem contra o armário de copos. Seu rosto retorceu em uma careta de dor. — É, nós somos — ela assentiu, esticando uma das mãos livres

para recuperar sua mochila esquecida em uma das cadeiras da mesa. — Mas se me permite o comentário, você não tem sido uma amiga muito boa nos últimos tempos. Você transou com *todas* as pessoas que fizeram *bullying* comigo. É algum tipo de fetiche de humilhação?

— Eu disse pro Hélia parar.

— Sim, porque esse era seu único motivo pra transar com ele, não é?

Estava tentando me proteger, é claro — ela riu, irônica. — Hélia destruiu meu psicológico e minha autoestima por anos, e você não pensou duas vezes antes de dar pra ele. De verdade. Você nem hesitou.

Maya moveu a cabeça em negativa. A cozinha da sua própria casa não parecia mais um espaço acolhedor, como se fosse quente e pequena demais para que as duas coexistissem em harmonia. Do lado de fora, raios furiosos cortavam o céu, anunciando a tempestade que estava por vir. Ela sentia um misto de raiva e tristeza ardendo no peito. Quase pensou que ia chorar, mas seus olhos estavam secos.

— Não foi assim que as coisas aconteceram.

— Tem razão. — Gabriela desceu o zíper da mochila, tão calma que parecia prestes a pegar um caderno. — Não podemos deixar a Áustria de lado nessa conversa, porque você também transou com ela. E adivinha? Ela também me infernizou por anos! Esse é o seu critério? Tem uma quedinha por *bullies*?

— Então foi por isso? — Maya subiu uma das mãos até o armário, aproveitando-se da distração de Gabi. Abriu a porta com o máximo de cuidado que tinha e tateou o espaço em busca de um copo. — Matou o Hélia porque ele fazia *bullying* com você? Tentou matar a Áustria por isso também?

Gabriela deu um meio sorriso, agora enfiando as mãos por completo dentro da mochila. Ela encarou o próprio reflexo na faca que carregava e atirou o objeto na pia, uma precisão assustadora que fez o coração de Maya bater ainda mais forte.

— Tentei matar a Áustria porque vi uma oportunidade. Não foi planejado, na verdade. Eu fui pro teatro com o carro da minha mãe, e ela sempre deixa um 38 carregado no porta-luvas. Ela não sabe que eu sei —

pontuou, sorridente —, você deve imaginar. Tantas armas perdidas pela casa, tenho certeza que ela mal se lembra de todas. É por isso que devemos tomar cuidado com

elas, hum? Não deixe seu filho sozinho com armas de fogo, aquele velho papinho. Enfim, eu tinha passado no camarim pra te dar boa sorte e vi o revólver com o nome dela. Então pensei... Bom, seja o que Deus quiser — deu uma risadinha. — Aparentemente, essa garota tem o corpo blindado. — Seus olhos reviraram. Maya sentiu seu coração dar um pulo quando Gabi tirou um revólver de dentro da mochila e apontou na sua direção. — Agora, o Hélia... O que aconteceu com o Hélia foi sua culpa, Maya. — Ela engatilhou o revólver. — Tire as mãos do armário. É hora de

termos essa conversa.

Hoje minha psicóloga disse que
*insira aqui uma frase que nunca
teria sido dita por um psicólogo*

O cabelo loiro de Áustria ficou dois tons mais escuro por causa da chuva.

Ela tinha acabado de descer do *uber* quando a tempestade desabou do céu, sua silhueta esguia encharcando-se em segundos enquanto seus dedos ansiosos se dividiam entre apertar o botão do interfone de Maya e ligar para ela, o celular já cansado de passar a mesma mensagem gravada: *Número fora de área ou desligado*.

Áustria respirou fundo, gotas de chuva ameaçando escorrer para dentro do seu nariz. Ela resistiu ao ímpeto de pedir ajuda para Leonardo, que tinha se comprometido em levar o HD e a ficha médica de Gabriela para a polícia.

Não estava certa de que aquilo era suficiente para prendê-la — e tinha certeza que os policiais achariam a história do espirro ridícula —, mas, com um pouco de sorte e estratégia, Maya conseguiria uma confissão da garota.

Os portões automáticos do condomínio se abriram de repente, o cheiro de terra molhada se tornando mais intenso. Áustria encarou o interfone com uma careta, certa de que não tinha ouvido a voz de Maya do outro lado. Ela sentiu um arrepio antes de correr para dentro, a chuva cada vez mais agressiva contra a pele. O uniforme cinzento de American Saint grudava em seu corpo, a água deixando sua calça mais fria e pesada.

Áustria demorou alguns minutos para chegar na portaria. Sentiu uma pontada de alívio ao não encontrar a presença do porteiro, a cadeira giratória pertencente a ele

ainda rodando, indicando uma saída breve. O homem não ficaria muito feliz em ver uma garota ensopada no seu hall de entrada, motivo pelo qual a loira apertou o passo até os elevadores. Pressionou o botão correspondente ao andar da cobertura e tentou ligar para Maya, mais uma vez. A tela do celular desligou entre seus dedos e só então ela percebeu que tinha o usado na chuva por tempo demais. Sacudiu o aparelho, tentando se livrar da umidade. Quando as portas do elevador se abriram mais uma vez, ela desistiu e enfiou o celular na calça.

A porta do apartamento de Maya estava aberta.

Ela tirou seus sapatos antes de entrar, os pés enrugados causando uma sensação desconfortável contra o piso de porcelanato.

— Maya? — Áustria chamou, enquanto passava pela cozinha. Seu cenho franziu ao notar os legumes abandonados, o *notebook* destruído no chão; ao lado da mesa, uma pequena e redonda gota de sangue manchando o piso. Ela não tinha certeza, mas a mochila em cima da cadeira não se parecia com algo que Maya usaria.

Áustria sentiu suas mãos tremerem. Agora, não sabia se era fruto do frio causado pela chuva ou da adrenalina correndo por seu corpo. Ela analisou o estado da cozinha com um pouco mais de calma. Com o canto dos olhos, viu o telefone de Maya em cima da geladeira e esticou os braços para alcançá-lo, seus dedos esmagando o botão de ligar com toda força assim que o aparelho estava em suas mãos. Quando a tela acendeu, buscou o contato PAI e digitou uma mensagem.

Encarou o *notebook* esvaçalhado no piso mais uma vez.

Era melhor que a polícia estivesse ali o quanto antes.

Áustria seguiu pelo resto da casa, não encontrando nenhum sinal de Maya nos quartos ou nos banheiros, exceto pelo cheiro de morango ainda impregnado no ar. As janelas fechadas impediam que o interior da casa se contaminasse com o aroma da chuva. Ela voltou para a cozinha, aproximando-se do fogueiro de madeira em cima da pia e escolhendo a faca que lhe parecia mais afiada. Subiu as escadas até a cobertura com o objeto pontiagudo próximo do peito, pronta para enfiá-lo no primeiro que se aproximasse demais. Tinha feito uma aula de defesa pessoal, certa vez, e sabia de cor quais eram os lugares mais sensíveis do corpo humano.

Quando chegou no topo, a porta que dava passagem até a área externa estava trancada. A mão de Áustria contornou a maçaneta, forçando-a de um lado para o outro, sem nenhum resultado, além do som metálico da língua da porta. Ela estava considerando descer e encontrar alguma coisa com o que pudesse avançar contra a superfície, mas um barulho estrondoso fez seu coração disparar antes disso.

Suas pernas tremeram.

Em um primeiro momento, Áustria deduziu que se tratava de mais um trovão. Suas teorias caíram por terra quando a porta da cobertura se escancarou, uma nuvem de fumaça quase imperceptível saindo da fechadura.

— Parece que nós temos visitas — a voz de Gabriela lutava uma batalha perdida contra os sons da chuva, sempre tão calma e plácida.

Áustria demorou alguns segundos para entender a cena que se

desenrolava diante dos seus olhos: Maya estava sentada em uma das espreguiçadeiras da cobertura, um dos pulsos amarrados nos pés do móvel.

Gabi aparecia logo atrás dela, segurando o revólver que, Áustria compreendeu, tinha acabado de destruir a fechadura da porta com um tiro certeiro.

— A polícia está chegando — ela gritou, finalmente dentro da cobertura, a chuva molhando seu rosto mais uma vez. Agora, segurava a faca apontada na direção de Gabi, ainda que ela não parecesse páreo para uma arma de fogo. — Nós mostramos as filmagens pra eles. Já sabem de tudo.

Gabriela franziu o cenho.

— As filmagens das câmeras de segurança da casa do Hélia — Maya respondeu ao perceber sua confusão, catando as palavras de Áustria no ar.

Suas roupas estavam encharcadas, o que levou Áustria a concluir que já estavam ali em cima há algum tempo. — O que tinha nelas, Gabi? — E a provocação de Maya era fruto de uma reles dedução. — Ou melhor, *quem* estava nelas?

— Você se arrependeu, não foi? — Áustria questionou. — Se arrependeu de matar o Hélia. Você foi até a mansão dos Golucci porque estava pensando em se entregar.

Dessa vez, foi Maya quem fez uma careta confusa.

Gabriela assentiu.

— Arrependimento não é a melhor palavra, mas eu passei um tempinho pensando que tinha feito uma má escolha, sim. Não sou uma *serial killer*.

Não é como se eu ficasse feliz matando as pessoas. — Ela soltou ar pelo nariz, fazendo a ideia soar absurda. — Eu só matei quem estava no meu caminho.

Maya puxou o pulso preso, a espreguiçadeira causando um barulho ao se mover.

— Por que ele estava no seu caminho? — Ela rangeu os dentes, os fios de cabelo escuros caindo na face.

Gabriela apontou o revólver para Maya.

— Não mexa nessas cordas, May — reclamou. — Vou repetir mais uma vez: Foi tudo culpa sua. — Ela se sentou na espreguiçadeira, passando o revólver de uma mão para a outra. Colocou a arma na cabeça de Maya, arrancando um suspiro exasperado de Áustria. — Você não deve se lembrar, mas minha mãe foi a responsável pelo julgamento do seu pai — disse, alto o suficiente para que Áustria ouvisse, mas sua atenção ainda era exclusiva de

Maya. — Ela tinha se formado em geografia antes de fazer direito, acreditam? Estávamos naquele momento de transição de carreira. Trabalhar muito, ganhar pouco. Minha mãe passou em um concurso público que foi nossa salvação. Pela primeira vez na vida, ela teria um salário gordo. Mas nós ainda tínhamos tantas dívidas batendo na porta... Seria complicado por um tempo, se o senhor Golucci não tivesse aparecido.

Maya puxou as cordas que prendiam seu pulso, mais uma vez.

Áustria mordeu o lábio ao observar a cena, temendo que a paciência de Gabriela estivesse se esgotando.

— O que ele fez? — ralhou Maya, a voz de uma firmeza invejável.

Áustria estava impressionada com o seu controle emocional, nenhum indício de lágrimas no rosto. A tranquilidade e a ousadia de Maya não pareciam condizer com uma pessoa na mira de uma arma. Gabriela hesitou, divertindo-se com a ansiedade que corria pelo ar. Um raio cruzou o céu, iluminando cada centímetro da cobertura, deixando os três rostos com sombras cinzentas por alguns minutos.

— Renato pagou uma grana pra minha mãe condenar o pobre Leonardo Jeong — soltou, sarcástica. — Em primeira instância, sem investigações. Foi uma atitude bem antiética de ambas as partes, mas vocês sabem. Ética é um privilégio de quem pode pagar por ela.

Maya mordeu o lábio.

Agora, Gabriela parecia ter acertado uma ferida. Mesmo assim, Maya não chorou. Seu peito apenas subiu e desceu em uma frequência mais rápida, como se precisasse de um pouco mais de oxigênio para manter a calma.

Áustria fez a pergunta por ela:

— E o que o Hélia tem a ver com isso?

Gabriela passou os olhos pela loira, o desprezo evidente em seu rosto.

— Maya sempre dizia que o pai dela não tinha feito aquilo. O tempo *inteiro*. Tantas vezes que Hélia resolveu investigar por conta própria. — Ela tirou a arma da cabeça de Maya, dando uma volta na espreguiçadeira. — E

ele descobriu. Ele estava pensando na melhor forma de te contar, May.

Contar pra todo mundo.

Áustria sentiu um desconforto na garganta. Ela apertou a base da faca com mais força, suas sobrancelhas se encontrando no centro da face.

— Não acredito que o senhor Golucci não entregou você.

— Até ele sabia que tinha um filho pé no saco — Gabi deu de ombros, limpando a água da chuva do rosto. — Foi tipo um crime perfeito, hum?

Como se o universo tivesse colaborado. Eu empurrei o Hélia na piscina, mas *ele* se drogou naquela manhã. O suficiente para não conseguir sair da água. O

senhor Golucci só precisou fazer uma escolha. O lance da morte accidental...

Era perfeito. Ele mesmo convenceu o diretor a subornar a polícia — ela falava pausadamente, saboreando cada palavra. — Estava com medo que uma nova investigação revelasse que a Golucci S.A é só uma fachada pra um esquema

milionário de tráfico de drogas. Eu entendo o lado dele, honestamente. Hélia já estava morto. E os vivos são os únicos que tem alguma coisa a perder.

— Os vivos são os únicos que tem alguma coisa a perder — Maya repetiu cada palavra, procurando por algum significado oculto dentro delas.

Puxou as cordas mais uma vez, recusando qualquer forma de rendição. Não conseguiu nada além de um olhar de escárnio vindo de Gabi. — Acho que essas palavras vão ter um sabor meio amargo quando a polícia chegar aqui.

Como se sente sabendo que é a sua vez de perder tudo? O ENEM, os planos pra faculdade. — Ela tentou investir contra as cordas de novo. — Já consigo ver todas essas coisas escorrendo pelo ralo. *Você* perdeu.

Gabriela pousou uma das mãos na cabeça de Maya.

— Que ingênua. Ninguém mata uma pessoa sem um plano, sabia? Um plano A, B, C... uma estratégia pra cada possibilidade. — Ela deixou Maya de lado, virando-se na direção do parapeito. Áustria aproveitou os segundos de distração para deslizar sua faca para Maya, os trovões disfarçando o som metálico do objeto. — Quando contei a verdade pro pai do Hélia, eu tinha um plano. Dentro da cadeia, poderia me enforcar com os lençóis. Eu sempre fui desse jeito, sabe? — ela soltou uma risada triste. — Sempre que algo estava prestes a dar errado eu pensava: “Ok, eu ainda posso... Você sabe. Acabar com tudo, resolver isso”. Foi engraçado ir na terapeuta e descobrir que nem todas as pessoas enxergam suicídio como a solução dos seus problemas —

ela deu uma pausa dramática.

Outro trovão clareou o céu, as nuvens se unindo em protesto. Áustria passou os olhos por Maya, a mão segurando a faca com toda força enquanto tentava cortar as amarras sem que Gabi percebesse. A chuva dificultava sua visão, mas Áustria achava que os dedos da garota estavam sangrando.

— Quer apostar, May? — Gabriela se virou na direção de Maya, recapitulando. — Você vai perder muito mais do que eu.

E sem hesitar, ela atirou.

Live fast die young bad girls do it well *-*

Um ser humano saudável pode perder cerca de 40% do sangue sem vir a óbito. Com 30% de sangue a menos, perde-se a consciência. Uma hemorragia interna pode matar com 10% de perda, enquanto uma pessoa pode sangrar até 30% do sangue pelos braços e se manter acordada. Um doador de sangue pode doar até 15%, dependendo do seu peso, sem apresentar sintomas sérios.

Maya não fazia ideia de como tinha conseguido informações tão específicas, mas elas rodopiavam por sua cabeça enquanto o sangue de Áustria se misturava com a água da chuva, uma mancha vermelha na região da coxa manchando sua calça. O pulso de Maya também sangrava, fruto das investidas contra a corda apertada. Agora, segurava a ponta afiada da faca contra os dedos, pressionando-a no pé da espreguiçadeira, a corda aos poucos se retalhando.

— Sabe qual é a minha especialidade em ciências? — Gabriela perguntou, aproximando-se de Maya mais uma vez. Áustria estava apoiada no parapeito do lado oposto, apertando sua coxa empapada de sangue. —

Anatomia. Eu não quero te matar, May, só quero que você se lembre de mim quando eu não estiver mais aqui. Que se lembre que perdeu muita coisa por ser uma amiga terrível e uma justiceira insistente. — Com a proximidade, Maya parou de cerrar a corda, temendo que a garota visse a faca em suas mãos. — Um tiro no pescoço. O que acha? — Ela encostou a arma em sua nuca, então desceu até as costas. — Ou na coluna. Em consideração aos nossos anos de amizade, vou deixar você escolher.

Maya sentiu um arrepio na espinha. Àquela altura, seu corpo já tinha se acostumado com a água fria da chuva, a certeza de que sentia uma reação ao toque gelado do cano do revólver. De onde estava, conseguia enxergar as luzes azuis e vermelhas da polícia refletindo nos prédios mais próximos, bem como o burburinho irritante das sirenes. Só precisava de uma distração que durasse pelos próximos dez minutos, o tempo de os policiais chegarem até ali.

— Eu não acredito que você atirou em mim — Áustria gemeu, de repente, o tom de voz afetado. — Quantas vezes eu fiz *bullying* com você?

Duas? — Ela fez uma careta, precisando de uma longa pausa para respirar.

Ela apertou a própria coxa com os dedos mais uma vez, uma verdadeira mina de sangue embaixo do tecido. — Eu devia ter enfiado sua cabeça na privada.

— Cala a boca, Áustria — Maya pediu, as mãos de Gabriela vacilaram por um instante ao redor da arma. Era de uma coragem e de uma burrice impressionante. Não ofender uma pessoa armada e maluca era uma lição de sobrevivência tão básica quanto não reagir a um assalto.

Áustria moveu a cabeça em negativa.

— Eu duvido que você tenha coragem de fazer isso de novo — ela encarou Gabi no outro extremo da cobertura —, na minha cabeça. Eu duvido.

— Áustria! — Maya protestou, virando-se para Gabriela. — Não atire.

Isso é entre você e eu.

— Você matou o Hélia quando ele estava drogado e sem chance de se defender — ela continuou, dando um passo à frente com certa dificuldade. —

Trocou as armas do número na esperança de que outra pessoa atirasse em mim. Acabou de atirar na minha perna de propósito — Áustria apontou para a porta, a fechadura esvaçada. — Sua mira é boa, não é? Você quer me matar, mas não tem coragem.

Maya fechou os olhos quando sentiu o revólver perder o contato com sua pele. Ela reprimiu um palavrão na garganta, irritada com a ousadia de Áustria. Voltou a usar a faca, pressionando a corda que amarrava seu pulso com mais força que antes.

Gabriela levantou o revólver na direção da loira.

— O seu maior defeito sempre foi ter confiança demais — ela moveu a cabeça em negativa. — Sempre arrogante, incapaz de admitir quando está errada.

— Os policiais já estão subindo — você tem poucos minutos. *Atira*. Ou vai passar os próximos vinte anos presa numa cela de dez metros quadrados, se martirizando por ter perdido a oportunidade da sua vida.

Maya fez uma careta, seu pulso ardendo pela fricção da pele contra a corda. Estava perto de se arrebentar. Ela só precisava de mais alguns minutos.

— Gabi! — ela chamou. — Coluna. Eu escolho a coluna.

Mas Gabriela não parecia mais interessada em Maya.

Seus olhos estavam em Áustria, no riacho de sangue escorrendo em suas pernas, na sua postura tão irreverente quanto arrogante.

Ela estava com *medo*. Maya tinha certeza que Áustria estava com medo,

mas ela se recusava a demonstrar. Com o canto dos olhos, conseguiu ver quando a loira encarou a porta da cobertura, esperando ansiosa pela presença dos policiais. Era isso, então. Estava ganhando tempo, para que Gabriela não causasse um dano irreversível em Maya.

Gabi ameaçou se virar na direção das espreguiçadeiras, mas Áustria chamou sua atenção antes que pudesse.

— Eu sei que você quer isso — provocou. — Canalize a raiva. Foram anos me odiando discretamente. Agora você tem a chance de colocar seu ódio no mundo. Coloca pra fora. Tenho certeza que vai te fazer bem.

Maya cerrou a corda que prendia seu pulso uma última vez. Ela demorou alguns segundos para perceber que estava livre, tendo alguma dificuldade para se manter de pé no piso molhado.

Gabriela passou os olhos por ela, os traços nublados e difíceis de se interpretar. Ameaçou atirar em sua direção, mas acabou virando-se para Áustria com um sorriso cínico.

— É como dizem os ingleses — Gabi passou a língua pelos lábios —

God Save The Queen — murmurou, errando a pronúncia de propósito. — Seu pedido é uma ordem, *rainha*.

O som do tiro pode ser ouvido no mesmo instante em que Maya empurrou o corpo de Gabi contra o parapeito. Foi como se o mundo parasse por alguns segundos. Maya não entendeu se por causa da chuva intensa, por causa dos seus fios de cabelo caindo no rosto, se pela adrenalina correndo em seu sangue ou pelo coração

batendo ferozmente contra a caixa torácica, mas ela teve a impressão de ter perdido um momento crucial. Suas mãos avançavam contra Gabriela em um instante e no outro ela não estava mais lá.

Maya ficou quieta por alguns segundos, encarando os próprios dedos, a ferida aberta em um dos pulsos, a água caindo cada vez mais. Não teve coragem de olhar o que acontecia lá embaixo. A imagem de uma Gabriela estatelada no asfalto era algo que ela não queria armazenar em sua memória.

— Acabou — disse, a voz ressoando no meio da tempestade. Era uma sensação estranha. Vazio, euforia, desespero. Sentimentos bons e ruins competindo por espaço dentro do seu peito. Ela se sentia incapaz de acreditar em tudo que tinha acontecido, cenas absurdas demais para que o seu cérebro processasse. Sua amiga tinha matado Hélia. Sua amiga estava morta. —

Agora acabou de verdade.

Áustria tossiu, a garganta seca.

— Eu sempre soube que ela era meio... — gaguejou — sei lá, maluca.

Foi como se uma luz se acendesse na cabeça de Maya, um pequeno filme rebobinando.

— Maluca é você, caramba! — Ela teve alguma dificuldade para cruzar a cobertura, seus pés chutando a água que se acumulava no chão. Sentou-se ao lado de Áustria, as costas da garota apoiadas no parapeito oposto ao que Gabi tinha despencado. — Como pode se colocar em risco desse jeito? —

Maya encarou seu corpo, procurando por ferimentos. O sangue ainda escorria da ferida na coxa, mas o vermelho intenso na barriga de Áustria parecia muito mais preocupante.

— Você preferia levar um tiro na coluna? — ela se esforçou para ser irônica, mas sua voz era baixa demais para que o sarcasmo funcionasse. Seus lábios também estavam roxos, os olhos perdiam o foco de tempos em tempos, como se o verde de suas íris fossem uma floresta cheia de fumaça.

— Não foi isso que eu disse! — Maya arrastou a camiseta de Áustria para cima, analisando o ferimento. A bala tinha acertado bem embaixo do umbigo, por pouco não destruindo seu piercing. — Eu preferia que você não tivesse se machucado —

reclamou, vendo uma poça de sangue se formar ao redor das pernas de Áustria, a cor vermelha se perdendo ao entrar em contato com a água.

— Vou ficar bem — ela tossiu. — Quer dizer, q-quantas pessoas morrem por causa de um tiro no estômago?

— Para de brincar com isso! — Maya reclamou, a voz saindo pela garganta como uma súplica, o tom esganiçado e embargado, muito próximo ao de alguém que está prestes a *chorar*. — Você vai ficar bem — repetiu, tendo a entonação mais confiante que a de Áustria. — E quando estiver melhor, vou te encher de soco pra aprender a não ser uma maluca irresponsável.

Áustria ficou em silêncio. Maya quase pensou que a garota estava perto de perder a consciência, mas, então, ela sorriu.

— Você está chorando — murmurou, levantando uma das mãos com dificuldade para tocar seu rosto. Seus dedos se aproximaram da sua linha d'água, como se para ter certeza que eram lágrimas e não gotas de chuva. Seu comentário foi uma deixa para que Maya chorasse ainda mais, a respiração tornando-se descompassada.

Maya levou as mãos até o próprio rosto, incrédula com a velocidade que as lágrimas caíam. Seu nariz fungava e a sensação de que era impossível respirar e chorar ao mesmo tempo atingiu seu corpo, resultando no desespero

típico de um choro copioso. Sua garganta ardia.

— Sim — ela limpou o nariz com as costas da mão —, mas não vamos falar sobre isso mais tarde. Vou ter todo prazer do mundo em fingir que você alucinou.

Áustria balançou a cabeça em negativa, o movimento lento.

— Não importa quanto sangue eu perca, eu sou incapaz de esquecer dessa cena. Você chorando por mim. Chorando com medo de me perder. É

bonito. Faz eu me sentir amada — ela deu um sorriso fraco, os lábios mais roxos do que antes. Seus olhos piscaram algumas vezes. — Eu me sinto cada vez mais fria, Maya. E acho que isso não é culpa da chuva.

— Os policiais estão subindo. — Maya pressionou o ferimento em sua barriga. — Você só precisa ficar acordada por mais alguns minutos.

Segundos. Vai ser rápido.

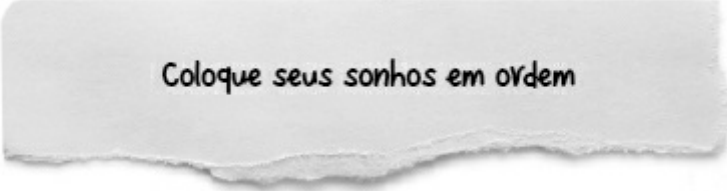
Áustria fez que sim, mas seu corpo não parecia concordar com tal gesto.

Seus olhos não ficaram abertos por muito mais tempo, a respiração cada vez mais devagar, quase imperceptível sem a ajuda de aparelhos. Um raio cruzou o céu quando a cabeça de Áustria tombou para o lado, perdendo de vez a consciência.

Foi quando Maya chorou mais. Chorou tanto que sentiu seus olhos incharem, incapaz de distinguir o que era água e o que eram lágrimas. O

sangue continuava jorrando das feridas de Áustria, mas Maya não conseguiu encontrar nenhum sinal do seu pulso. Ela continuou chorando até os policiais chegarem e, quando levaram seu corpo, chorou mais ainda.

Chorou o equivalente a uma tempestade inteira.



Coloque seus sonhos em ordem

Quando Áustria abriu os olhos e suas pupilas se retraíram diante das luzes brancas do teto, ela sentiu que seu corpo estava pesado. Ela demorou alguns segundos para conseguir se mexer, percebendo que seus lábios e seu nariz eram cobertos por um respirador de plástico. Virou a cabeça para o lado, encontrando uma tela escura onde seus batimentos cardíacos eram monitorados. Pequenas linhas verdes dançavam em formato de picos no monitor. Seu cabelo estava seco, mas tinha cheiro de chuva.

Ela franziu o cenho.

Antes que tivesse tempo de entender o que acontecia, uma enfermeira entrou na sala. Seus dedos gordos estavam em torno de uma fiel prancheta.

Ela abriu um sorriso de orelha a orelha ao notar que Áustria estava consciente.

— Olha só quem acordou — disse, num ânimo quase infantil. — Vou precisar fazer algumas perguntas, querida. — Aproximou-se da cama e, com o cuidado de quem carrega um recém-nascido, tirou o respirador do seu rosto.

— Em que ano estamos?

Áustria pensou por um instante.

— 2018.

— Quantos anos você tem?

— 17

— Seu nome?

— Áustria. — A enfermeira não pareceu satisfeita, então ela continuou.

— Áustria Fontes. Como o país.

— Bom — ela analisou a ficha que carregava na prancheta, verificando quais remédios deveria inserir no coquetel ligado as veias de Áustria —, nenhum dano neurológico aparente. O horário de visitas começou há dez minutos. Se sente confortável pra receber alguém?

Áustria fez que sim.

— Maya está aqui?

— Maya? — A enfermeira fez uma careta. — Não. Acho que não

registrei ninguém com esse nome, querida. Eu vou chamar seu irmão, sim?

Áustria assentiu, uma careta frustrada tomando conta do rosto. Ela forçou o corpo para baixo, sentindo o toque áspero dos lençóis da maca pinicarem sua pele. Suas pernas ainda estavam pesadas, e ela se arrependeu de não ter perguntado à enfermeira quantos dias tinham se passado.

Minutos depois, Miguel surgiu na porta do quarto, segurando um buquê de rosas brancas enlaçadas em uma fita vermelha.

— Parecem flores de velório — Áustria zombou, assim que ele apoiou uma das pernas na ponta da maca.

— Que bom ver você de volta, Tri — Miguel revirou os olhos. — Não são minhas. São da sua amiga. — Por um instante, Áustria pensou em Maya.

— Karen.

Áustria suspirou. Esticou uma das mãos para pegar o buquê, lendo o cartão grudado nos cabos sem muita empolgação.

Tri. Sinto muito pelo que aconteceu. E por ter sido meio babaca antes disso.

Simples. Funcional. Um pedido de desculpas que não era bem um pedido de desculpas, mas que combinava perfeitamente com Karen. Suas palavras tinham a deixado magoada, mas, apesar disso, ela não via motivos para insistir em não perdoá-la. Tinham cerca de seis meses até o fim do ano.

Era uma amizade de ensino médio que não vingaria depois disso, e uma rainha não é nada sem sua corte. Ela ainda precisava de pessoas ao seu lado, se quisesse continuar governando American Saint.

E Áustria queria, mas não da mesma forma que antes.

— Quem mais está aqui?

— Ainda não sabem que você acordou — disse, passando os olhos pelo quarto. — O hospital está ligando pras pessoas agora. Não dava mais pra manter o bar fechado, então papai não pôde ficar hoje.

— Maya não veio me visitar?

Miguel fez uma careta, tentando se localizar.

— A e-girl?

Áustria franziu o cenho.

— Ela não é e-girl.

— Tem as mechas descoloridas de e-girl. Se veste como e-girl, fala como e-girl...

— Já entendi — interrompeu. — Ela não veio?

Miguel riu da sua irritação.

— Veio. Estava aqui todos os dias, na verdade. Ela precisou sair, hoje cedo, para prestar depoimento. A polícia estava esperando você acordar para colher o relato

das duas, mas parece que se cansaram de esperar.

Áustria sentiu uma pontada de alívio ao saber que Maya não tinha desistido dela, depois da sua última jogada potencialmente suicida. Lembrou que a última coisa que tinha visto, antes de desmaiar, foram seus olhos vermelhos, suas lágrimas quentes se misturando com a água fria da chuva.

— Quanto tempo eu fiquei...

— Inconsciente? Cinco dias. — Miguel pegou as flores das mãos de Áustria, apoiando na pequena mesinha branca ao lado da maca. — Os médicos disseram que você perdeu sangue demais. Precisou fazer uma transfusão, mas seu tipo sanguíneo é AB+.

— O que a medicina chama de sangue perfeito — Áustria se divertiu, usando um tom um pouquinho narcisista —, porque recebe de todos os doadores.

Miguel moveu a cabeça em afirmativa.

— Que bom que não faltou nas aulas de biologia — disse, dando um sorrisinho sarcástico. — Eu vou deixar você descansar. — Ele colocou as mãos nos bolsos da calça. — Ah, uma última notícia. Sua mãe está aqui.

Digo, não *aqui*, mas na cidade.

Pela primeira vez, Áustria se sentiu desconfortável com o termo *sua*.

— Nossa mãe — corrigiu, quase que por impulso. Talvez fossem os efeitos de uma experiência de quase morte. Tentar ser um pouco mais gentil com as pessoas. — Por quê?

— Porque você quase morreu — ele riu. — Não parece um motivo bom o suficiente pra cruzar o oceano?

— Parece, é só que... Eu não esperava que ela fizesse isso.

— Ela é sua mãe, no final das contas — murmurou. — Pais fazem merda às vezes, mas isso não quer dizer que eles não nos amem. Acho que vocês duas vão ter muito pra conversar, agora que dividem uma experiência de quase morte.

Áustria soltou um risinho nervoso.

— Não é o tipo de coisa que eu gostaria de dividir com alguém.

— Parece que a imortalidade é uma característica das mulheres da nossa família — ele deu de ombros, caminhando em direção a porta. — Seu celular está dentro da gaveta. Ele sobreviveu, depois de deixar um tempinho no

arroz. É melhor se atualizar sobre o caso do Hélia com calma. São... —

Miguel mordeu o lábio — informações demais.

Áustria fez que sim. Ela observou os dedos do irmão girarem contra a maçaneta, então, não permitiu que fosse embora.

— Espera.

Miguel virou só a cabeça.

— O quê?

— Você estava certo.

— Sobre o quê?

— Sobre — ela mordeu o lábio, suas têmporas latejando. Seus pensamentos estavam um tanto embaralhados — eu estar saindo com uma garota. Acho que já me escondi por tempo demais, então, é isso. Você é gay, eu sou lésbica — Áustria abriu um sorriso. Tinha algo de emocionante em dizer a palavra pela primeira vez, para que outra pessoa ouvisse.

Ele abriu um sorriso.

— Bem-vinda ao mundo fora do armário.

Com alguma dificuldade, Áustria fez que sim.

— Obrigada.

A ansiedade tomou conta do seu corpo quando Miguel fechou a porta.

Os fios dos aparelhos grudados em sua pele a seguraram quando ameaçou pular da maca. Ela deu um suspiro frustrado e abriu a gaveta, esticando um dos braços,

tirando seu celular com certa dificuldade. As luzes do aparelho incomodaram suas pupilas e embaralharam sua visão.

Áustria deixou o celular no colo. Fechou os olhos e ficou assim por algum tempo, concentrada na própria respiração, tentando organizar seu ritmo de pensamentos. Pensou em tudo que queria dizer para Maya, listou as melhores palavras e, depois de algum tempo, sentiu-se segura para tentar de novo.

As notificações explodiram quando ela ligou a Internet, mas Áustria se forçou a ignorar todas elas. Entrou na conversa com Maya, sua última mensagem visualizada e sem resposta. Depois dos últimos acontecimentos, era óbvio que Maya não havia visto importância em respondê-la.

Áustria digitou uma mensagem. Apagou, digitou, reescreveu. A água tinha danificado o tempo de resposta do aparelho, e as letras apareciam na tela segundos depois de terem sido pressionadas. Ela ficou escrevendo e reescrevendo várias vezes até que as frases na tela parecessem ter sentido.

Áustria (12:21) diz:

Recentemente, eu ouvi uma música que diz: “As pessoas acham que o amor é pra se exibir, mas eu morreria por você em segredo”. Acho que essas palavras ficaram presas em algum canto da minha cabeça e eu as levei muito a sério, o que explica porque estou deitada em uma maca de hospital, enquanto escrevo essa mensagem. Fiquei inconsciente durante os últimos cinco dias. Por você. E, na verdade, não me arrependo disso. Eu faria tudo de novo.

Áustria apertou o botão “enviar”, antes que seu orgulho a impedisse.

Esperou alguns segundos, mas Maya não estava com a Internet do celular ligada. Ela saiu do aplicativo de mensagens e entrou no Google, seus dedos permaneciam hesitantes ao escrever o nome de Hélia.

Centenas de reportagens brilharam na tela.

Assassinato de herdeiro de empresa de transportes é solucionado, familiares próximos ainda estão sob investigação.

Aluna de American Saint fica gravemente ferida após receber tiros na cobertura de um prédio de luxo em São Paulo. Vizinhos comentam sobre a confusão.

Golucci S.A, empresa de transportes conhecida em todo Brasil, vai ser investigada por tráfico de drogas.

Áustria mordeu o lábio. Escolheu a primeira manchete e prendeu o ar antes de ler, sentindo seu estômago dar cambalhotas.

O assassinato de Hélia Golucci (17) foi solucionado nessa última quarta-feira, quando a responsável pelo crime foi confrontada por duas colegas de sala do colégio American Saint, grande nome entre a elite paulistana. Segundo o depoimento de uma delas, Gabriela Palhares (18) confessou o crime e disse tê-lo contado para Renato Golucci, pai da vítima, dias depois da morte.

Em novos vídeos vazados na Internet, vemos Gabriela aparecer, com frequência, entrando e saindo da mansão da família Golucci, o que, segundo filmagens analisadas pela polícia, não acontecia antes da morte. Em recente entrevista, Renato negou saber qualquer coisa sobre o assassinato do filho:

“Essa garota sempre teve problemas emocionais, que podem ter se agravado com a morte de Hélia. Nós conversamos poucas vezes. Sou um homem muito ocupado, mas quando ela aparecia nem sempre tinha coragem de ir embora.

Pensei que fosse amiga do meu filho e que estivesse sentida.”

Ao ser perguntado se a sua empresa estaria envolvida em um esquema de tráfico de drogas, Renato preferiu não responder.

Até o momento de fechamento dessa matéria, Gabriela Palhares se encontrava internada na UTI, inconsciente e com cirurgias de alto risco agendadas para os próximos dias. A jovem despencou da cobertura de um prédio de treze andares e corre risco de vida. Assim que se recuperar, será encaminhada para o presídio feminino de Tremembé, onde vai aguardar o julgamento em reclusão.

— A vadia sobreviveu — Áustria murmurou, soltando o celular no colo, incrédula. De repente, a voz de Gabriela voltou em seus ouvidos, suas palavras ainda recentes: Os únicos que podem perder coisas são os vivos.

A morte era fácil demais para alguém como ela.

Gabriela merecia viver, e não uma vida qualquer.

Uma vida que não valesse a pena.

Uma vida de perdas.

Áustria pegou o celular de volta. Desbloqueou a tela e digitou o nome da Golucci S.A na barra de pesquisas, dessa vez, esperando encontrar mais notícias sobre a investigação de tráfico de drogas. Ainda que tivesse namorado com Hélia por três anos e convivido com sua família durante esse tempo, ela não conhecia os Golucci *de verdade*. Não o suficiente para saber se Renato teria coragem de encobrir o assassinato do próprio filho.

Quanto, financeiramente falando, vale a coragem de um homem?

O celular de Áustria vibrou antes que ela pudesse ler as notícias. Sua visão se embaralhou mais uma vez, precisou piscar para recuperar o foco. O

nome de Maya brilhou na tela, e ela clicou na conversa, ansiosa para ver sua resposta. Os risquinhos de visualização de mensagem ficariam azuis em segundos, mas ela não se importou.

Maya (13:10) diz:

Eu não sei como digitar essa mensagem sem parecer emotiva, então: Você acordou e, de repente, eu sinto que poderia chorar de novo. Não só porque você acordou, mas porque eu não estava aí quando aconteceu. De qualquer forma, obrigada por ter arriscado sua vida por mim. Nunca mais faça isso de novo.

Maya (13:10) diz:

Esses cinco dias foram uma experiência fatídica (aprendi essa palavra nova lendo). Eu senti falta da sua presença, como se eu estivesse presa ao quarto do hospital esse tempo todo. Eu sei que é brega, mas aquela coisa de metade da laranja, quando uma não funciona sem a outra: Foi a primeira vez que eu acreditei nisso. Inclusive, enquanto estava na sala de espera, eu terminei o livro e, sintia-se orgulhosa, comecei outro. E nesse novo, uma frase me prendeu... Tenho certeza que você vai conhecer a história, então vou fazer uma adaptação: Qualquer que seja a substância das almas, a minha e a sua são feitas da mesma coisa. É o que chega mais perto de explicar o que senti. E o que eu sinto (eu poderia me alongar, mas

certas coisas devem ser ditas pessoalmente) Áustria fez uma careta. Demorou alguns minutos para lembrar que a citação pertencia a *Morro dos Ventos Uivantes*,

a cabeça ainda latejava.

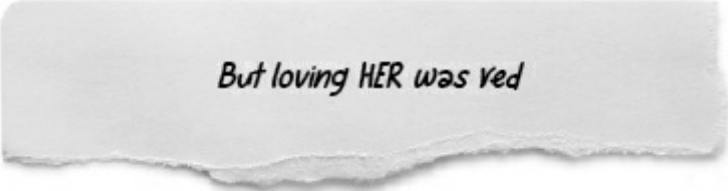
Antes que pudesse digitar uma resposta, Maya escreveu de novo: Maya (13:11) diz:

Não é meio inacreditável/incrível que você tenha acordado faltando dois dias para a festa de encerramento do concurso? Seu corpo é programado pra vencer essa coisa (Desculpa pelo tanto de textão)

Áustria deu um sorriso. Antes de responder, ela voltou para as abas de pesquisa e fechou cada uma delas, sentindo a pressão em seu estômago aos poucos se aliviar. Se Renato sabia ou não sobre o assassinato do filho, não era mais seu problema.

Hélia estava morto, mas ela estava viva.

E não queria perder mais nenhum segundo.



But loving HER was red

Maya soube que sua mãe tinha perdido as esperanças quanto ao concurso quando não encontrou nenhum vestido mirabolante enfiado de forma estratégica dentro do seu armário, no dia da festa de encerramento. Isso confirmava a fofoca que tinha ouvido no dia anterior, Lúcia e Min-Ji falando baixinho para que Maya não escutasse as suas teorias: Min-Ji julgava impossível vencer de um tiro. Segundo ela, uma concorrente tinha levado uma facada no concurso americano de 1970 e vencido por unanimidade, isso sem ficar internada por um dia sequer. Lúcia acreditava que, se Maya não ganhasse, ao menos ainda podia namorar a vencedora, o que era melhor que nada.

Enquanto afogava seu copo de refrigerante em doses de uma vodka clandestina que alguma garota do concurso havia fornecido, Maya sentia-se feliz ao mesmo tempo que sentia-se idiota. Não era confortável ser uma pessoa tão transparente assim. Nunca tinha dito nada sobre Áustria, mas, aparentemente, seus sentimentos eram previsíveis como os de qualquer outra adolescente cheia de hormônios.

Maya bebeu um pouco do refrigerante, girando o corpo no banco em frente ao bar cheio de neon e garrafas de bebidas coloridas. O lugar escolhido para a última festa

do Fibonacci era um hotel cinco estrelas, onde celebridades internacionais e magnatas costumavam se hospedar e, pela primeira vez em muito tempo, o clima não estava tétrico. Foi como se o fantasma invisível do assassinato de Hélia finalmente tivesse partido, um peso nos ombros que, aos poucos, desaparecia. Até Rosa Medeiros distribuía sorrisos para um jurado e outro.

As finalistas do concurso estavam resignadas quanto à vencedora do título. Era óbvio que Áustria ganharia mais uma vez e parte das garotas achava isso justo. Exclamavam um “ela quase morreu!” exagerado cada vez que tocavam no assunto e quem discordava não abria a boca, porque parecia indelicado questionar alguém com um namorado morto e uma experiência de quase morte recente no currículo.

Era uma pena que Luiza não estivesse ali. Analisando friamente e com todas as informações novas, Maya julgava como injusta a sua desclassificação. Yuri tinha provado sua inocência e, mesmo que ela tivesse tentando *carbonizar* todas as suas concorrentes, ela não estava errada sobre o irmão. Ouvira alguns burburinhos pelos corredores de American Saint mais cedo, naquele dia, e, segundo as fofocas, ele já estava em casa.

Psicologicamente abalado, provavelmente, mas inocentado e em casa.

— Ela acabou de chegar — a voz de Karen sobressaiu a música eletrônica que saía pelos alto falantes. Ela virou uma dose de vodka da sua garrafinha cor de rosa, antes de se sentar ao lado de Maya, recebendo um olhar escarnioso em resposta.

— Valeu — disse, obrigando-se a forçar um sorriso. Maya não tinha superado o ranço de Karen, nem sua vontade de puxar seus cabelos ruivos e atirá-la de uma escada por ter feito Áustria chorar daquele jeito, mas estavam em período de reconciliação. Ao menos, Karen pediu desculpas, além de ter se oferecido para ajudar na surpresa que Maya tinha passado a madrugada organizando.

Sua participação era mínima, visto que Maya era perfeccionista e gostava de trabalhar sozinha, mas ninguém podia dizer que ela não tinha tentado.

Maya se levantou do banco, levando consigo seu copo de refrigerante alcoolizado. Ela cruzou o salão, parando para cumprimentar uma ou duas garotas, dando um sorriso gentil para Rosa, um que precisava convencê-la de que era uma boa garota e não precisava ser seguida.

Áustria estava subindo as escadas da entrada do Hotel quando Maya chegou na secretaria, uma das funcionárias sentada na cadeira giratória enquanto um joguinho de tiros rodava na tela do celular, em modo silencioso.

Talvez Áustria tivesse algum tipo de super poder, no final das contas, porque ela não se parecia em nada com uma garota que tinha recém-saído do hospital. Seu cabelo estava dois tons mais loiro, a franja curta, finalmente, crescendo e começando a tampar os olhos, motivo pelo qual a usava como uma cortina, caindo um pouco para cada lado do rosto e deixando a testa aparente. Usava um vestido vermelho cheio de brilhos que se moviam junto com ela cada vez que dava um passo. Seu batom também era vermelho. *Tudo* era vermelho e, se o amor fosse uma cor, Maya tinha certeza que seria vermelho também. Não o vermelho que as pessoas estão acostumadas a ver, mas *aquela* tom de vermelho, que deixaria de ser o tom certo quando Áustria

se despisse. Ela era um pôr do sol supersaturado. Uma lua de sangue que acontece de dez em dez anos.

Áustria subiu o último degrau da escada e fez uma careta de dor, seu primeiro sinal de dificuldade até então. Foi quando o tecido do vestido se levantou alguns centímetros, e Maya notou a sequência de pontos em sua coxa, onde um dos tiros havia acertado. Se não fosse por isso, ela diria que Áustria tinha acabado de voltar de férias de um resort com tudo pago, daqueles que prometem revigoração total.

— Estou uns quarenta minutos atrasada — foi a primeira coisa que Áustria disse para Maya, quando se aproximou, seus olhos tinham um verde muito vivo. Não eram mais uma floresta fria e inóspita. Haviam se transformado em um belo jardim —, mas tenho a impressão que ninguém vai ter coragem de me corrigir.

— Que bom — falou, apontando os elevadores com a cabeça —, porque eu tenho planos que não estão exatamente — ela mordeu o lábio, murmurando a última parte — dentro das regras.

Áustria franziu o cenho.

— Que tipo de planos?

— Eu não entregaria o jogo assim, tão fácil. — Maya ergueu um dos ombros, mantendo um sorriso esperto no rosto. — Você só precisa fazer silêncio e me seguir.

— Isso é exatamente o que um sequestrador diria.

— Vai ser um sequestro rápido — garantiu. — Seu cativeiro é o último andar desse hotel. É bem melhor que todos os cativeiros que vemos em filmes, então acho que sou uma sequestradora muito simpática.

— Ah, com certeza você é — Áustria zombou, revirando os olhos. —

Vamos. Antes que alguém me encontre e pergunte se minha vida passou diante dos meus olhos, enquanto estava inconsciente. Acredita que um cara tentou me convencer a dar entrevista pra um canal sobre vida após a morte?

Se eu dissesse que ressuscitei e sou o novo Jesus Cristo, eles acreditariam.

— As pessoas precisam se agarrar em alguma coisa pra continuar vivendo — Maya riu, cruzando o saguão em direção aos elevadores. Ela segurou a porta para que Áustria entrasse. — Perdeu a oportunidade de ser o messias deles. Tem gente mais estranha na Internet. Tipo aquela galera que compra foto de pé. O cara só queria que você falasse “vinde a mim e eu vos aliviarei”. — Ela a encarou, enquanto entrava no elevador, uma interrogação surgindo da face. — Você deveria estar usando salto alto?

— Sim — Áustria respondeu, dando de ombros, uma mentira que ela não se esforçaria para fazer parecer verdade. — Nós não falamos sobre... —

passou a língua pelos lábios, observando o elevador subir, a mudança brusca de assunto — *ela*.

— Você já sabe o que aconteceu, não tem muito o que ser falado. —

Maya soltou o ar pela boca, frustrada. — Se ela morrer, espero que o inferno seja real e que Hélia esteja lá pra fazê-la reviver os piores dias da vida dela de novo, de novo e de novo. Se ela sobreviver... Sei lá, são trinta anos de cadeia. Ela vai sair aos quarenta e oito, sem amigos, sem emprego, sem vida.

— Mas vocês eram muito próximas. Não está se sentindo... mal?

Maya a encarou, séria.

— Estou torcendo pra Gabi morrer — disse, dando um suspiro longo em seguida. — É o meu tiro de misericórdia, eu acho. É triste saber que essa é a melhor opção

que ela tem, mas... foi ela quem se colocou nessa situação.

Áustria assentiu.

— O que aconteceu com a mãe dela?

— Está sendo investigada também. Por propina e suborno. — Os números do vigésimo andar brilharam na tela do elevador. — Acha que o senhor Golucci disse a verdade? Sobre não saber que a Gabi tinha matado o Hélia?

Ela deu de ombros.

— Acho que nunca vamos ter essa resposta. Eu prefiro dar um pontinho de fé pra humanidade e acreditar que ele não sabia.

Maya soltou um risinho.

— Eu acho que sabia — sibilou, convicta. — É um... *desgraçado*.

— Sabe o que eu estava pensando? — Áustria deu um passo em direção à porta. — Podemos ajudar a criar menos desgraçados. Eu sei que a Gabriela matou o Hélia pra proteger a mãe, mas acho que isso nunca aconteceria se...

Sei lá, tivesse uma rede de apoio ao redor. O mundo foi cruel com ela, e ela resolveu ser cruel de volta. American Saint deveria ser um lugar mais acolhedor.

A porta do elevador abriu.

— A rainha da escola finalmente vai olhar para os fracos e oprimidos?

— É sério! Quero conversar com a equipe administrativa e promover políticas contra *bullying*. Os alunos atingidos poderiam ter acesso a um psicólogo, além da diretoria dar advertências, suspensões, expulsões...

— Sugiro que compre umas duas agendas — Maya riu. — Suas advertências nunca vão caber só em uma.

Áustria revirou os olhos.

— Brincadeira, tá? Vamos ver isso. De uma forma que pareça mais prática e menos conclusão genérica de redação do ENEM — Maya deu um sorriso, oferecendo uma

das mãos para Áustria. Ela entrelaçou seus dedos nos dela antes de saírem do elevador. — Eu te ajudo.

Áustria fez que sim, encerrando o assunto. Ela passou os olhos pelos corredores frios e impessoais do Hotel, antes de abrir um sorriso.

— Nós podemos estar aqui?

— Não. — Maya achou graça. Soltoou a mão de Áustria por um instante, enquanto apoiava um dos pés na parede, gesto que a loira recebeu com uma careta. Maya tirou uma chave de dentro da sua meia arrastão, o acessório combinando perfeitamente com seu vestido xadrez, o tipo de peça que ficaria horrível em qualquer pessoa menos nela. — Karen estava querendo se desculpar, e o pai dela conhece uma pessoa que conhece uma pessoa...

Enfim. Temos a chave de uma suíte e nem pagamos nada. Ela fez mais pela comunidade LGBT que o governo — zombou, aproximando-se da porta de número 222, o mesmo número gravado na chave.

— Parece que ela está se esforçando — Áustria murmurou, pouco convencida. Ergueu os dedos na direção da maçaneta, pronta para entrar no quarto, mas Maya interceptou sua mão no meio do caminho.

— Espera — disse, soando nervosa. — O que eu vou fazer agora é brega, antiquado e à moda antiga, tem certeza que quer continuar?

Áustria a encarou, cerrando os olhos. Ficou algum tempo em silêncio, como se tentasse ouvir seus pensamentos.

— Li e aceito os termos de uso — respondeu, dando um empurrão de leve em Maya e abrindo a porta. — Vamos.

Ela deu um passo para trás, deixando que Áustria entrasse primeiro. A suíte era tão impessoal quanto todo o resto, mas tinha algo de aconchegante na lareira artificial no pé da cama, a jacuzzi na varanda do lado de fora borbulhando em tons de neon, iluminando uma mesa para duas pessoas.

— Tem uma coisa pra você na varanda — disse Maya, recebendo um olhar desconfiado de Áustria em resposta. — É uma bomba — ela alfinetou, enquanto a loira empurrava as portas de vidro —, cuidado!

— Engraçadinha.

Maya deu de ombros. Precisou controlar sua respiração à medida que Áustria se aproximava da mesa, para ter certeza que não teria um colapso

nervoso, que resultaria em falta de oxigênio para o cérebro. Ela nunca tinha feito nada parecido com aquilo antes e a ansiedade era a mesma de andar de bicicleta sem rodinhas pela primeira vez.

A primeira coisa que Áustria fez foi pegar o buquê em cima do tablado.

Ela analisou as pétalas das flores com curiosidade. Tinha o tom branco rosado nas pontas e vinho no miolo. Não era um buquê qualquer. Era um buquê de hibiscos da Síria.

Áustria levantou os olhos para Maya.

— Leia o bilhete — indicou.

— O hibisco da Síria...

— Em voz baixa.

— Tá com medo de ouvir as coisas que você mesmo escreveu?

Maya fez uma careta.

— Sim.

Áustria achou graça. Em um gesto atrevido, ela continuou lendo.

— O hibisco da Síria é a flor oficial da Coreia do Sul. Ela representa a eternidade, porque floresce em todas as épocas do ano e sobrevive a praticamente qualquer intempérie. — Maya se sentou na cama, nervosa. — É

um costume familiar usar essas flores em momentos importantes, como pedidos de casamento e noivado. Acho que nós somos novas demais pra essas duas coisas, então só me restou uma opção...

Maya sentiu que teria um ataque cardíaco.

— Tem mais coisa do outro lado — disse, visando alongar um pouco mais o momento antes da resposta. Se fosse um não, ela queria passar o máximo de tempo que podia sem ouvi-lo.

Áustria virou o cartão.

— Eu poderia terminar esse bilhete com um monte de coisas clichês e melosas que casais dizem, mas vou preferir ser honesta e autêntica. Quando conheci você, pensei que fosse perfeita. Quando te conheci de verdade, descobri que não era. — Ela soltou o ar pelo nariz, indignada. — E nesse tempo que passamos juntas, percebi que garotas perfeitas não existem. Somos todas garotas imperfeitas procurando quem saiba lidar com nossas imperfeições. Quem as aceite. E quem as ame — a voz de Áustria vacilou, por um instante. — Então, minha garota imperfeita, quer namorar comigo?

Áustria fungou, as bochechas, aos poucos, ficando tão vermelhas quanto seu batom. Maya teve certeza que viu uma lágrima escorrer por seu rosto, caindo direto no papel do bilhete e manchando a caligrafia redonda. Ela

colocou as flores de volta na mesa com cuidado e sorriu antes de entrar de volta no quarto, a noite fria bagunçando seus cabelos penteados.

Ela cruzou o espaço da varanda até a cama, em um silêncio temerário.

Maya sentia que seu coração poderia explodir a qualquer momento e, caso acontecesse, ela teria gratidão pelo barulho preenchendo o ambiente. Mil possibilidades passavam por sua mente, do “não estou pronta para um relacionamento” até o “não gosto de você desse jeito” e o clássico “não é você, sou eu”.

Maya encarou os olhos de Áustria quando ela parou em frente a cama. A garota passou a língua pelos lábios e, finalmente, soltou a palavra que Maya tanto queria ouvir:

— Quero. — Áustria se deitou na cama ao lado dela, tampando os olhos com os dedos, por causa da luz que atingia diretamente suas pupilas. —

Prometo não te fazer chorar de novo.

Maya sorriu, desligando o interruptor do quarto ao perceber seu gesto.

Ela também se deitou, as luzes neon da jacuzzi agora eram a única fonte de iluminação que tinham.

— Eu estava a um passo de sair correndo desse quarto por achar que você diria não.

— De jeito nenhum eu diria não. — Áustria aproximou as mãos do rosto de Maya, dedilhando o reflexo das cores da jacuzzi em sua pele. — Eu amo você. De verdade. Que nem uma idiota.

Mais uma vez, Maya teve a impressão que seu coração iria explodir, mas, dessa vez, seria uma explosão positiva – considerando que isso fosse possível. Ela conseguia imaginar todos os seus sentimentos entrando em uma combustão espontânea que não resultaria em cinzas, mas borboletas. Ela sorriu, apoiando os dedos na nuca de Áustria e colando seus lábios nos dela, puxando seu corpo para mais perto.

Tinha sido um grande acerto fazer o pedido em um lugar privado, ou estariam se agarrando em frente ao bar do hotel naquele momento, o que Áustria, muito provavelmente, consideraria como inapropriado. Mas, julgando pela forma que se beijavam, talvez ela deixasse suas regras de etiqueta de lado, por uma noite.

Elas rolaram na cama, uma confusão de tecidos festivos se esfregando.

Com cuidado para não pressionar seus machucados, Maya apoiou as duas pernas ao redor do seu corpo, a bunda apoiada no quadril da loira.

— Tem certeza que pode fazer isso? — perguntou, afastando seus rostos

por um instante. O batom vermelho de Áustria tinha um borrado mínimo no canto, o que dava um toque sexy em sua aparência já exuberante.

Ela pensou por um instante.

— Transar?

— É. Estou com medo de...

Machucar você, Maya quis dizer, mas não teve tempo de completar a frase. Áustria puxou seu corpo para baixo, colando os lábios nos dela mais uma vez, o gosto de refrigerante se misturando ao gosto de batom.

Áustria se afastou por um momento, mas seus dedos ainda estavam no pescoço de Maya. Dedilhando, arranhando, provocando.

— Eu transaria com você mesmo que não pudesse.

— Fala sério — Maya sorriu, num tom de dúvida sugestivo. — Tem uma festa acontecendo lá embaixo. — Ela sabia que Áustria não voltaria para o salão tão cedo, mas queria ouvir tal afirmação saindo de sua boca.

— Minha festa acontece onde você está — respondeu, o tom malicioso enquanto mordida o próprio lábio inferior e sujava os dentes com um pouco de batom. Ela puxou o cabelo de Maya ligeiramente para trás, um sorriso satisfeito despontando no rosto quando ela suspirou.

Maya se recusou a perder aquela batalha implícita. Seus dedos empurraram a alça do vestido de Áustria para baixo, as mãos tomando posse do seu seio esquerdo. Deu um sorriso vitorioso quando a loira gemeu, calando seus lábios com os dela.

Elas se beijaram com calma, as línguas apreciando cada toque, o orgulho de ambas impedindo que mais gemidos escapassem. Maya partiu o contato com uma sequência de beijos rápidos em sua boca, os olhos escuros encarando os seus. As luzes da jacuzzi faziam parecer que as íris de Áustria eram roxas, e Maya ainda ficava impressionada ao descobrir um novo ângulo, cor, posição onde ela se tornava ainda mais bonita.

— Também amo você — disse, dando-se conta de que não tinha escrito a sentença completa no bilhete — *minha* patricinha insuportável.

Áustria deixou uma risada escapar, puxando-a para mais um beijo.

A tornada de papel com o texto "If god hates gays why do we keep winning?"

Havia tanto rímel nos cílios de Áustria que ela conseguia enxergá-los sem ajuda de um espelho. Estavam duros, e sua impressão era que estava varrendo as próprias pálpebras, cada vez que piscava. Um rapaz, que ela não sabia o nome, terminava de formar cachos no seu cabelo com ajuda de um *babyliiss*, enquanto uma garota de

olhos muito escuros retocava o *blush* das suas bochechas com a precisão de um mestre.

Estavam, de novo, no Theatro Municipal de São Paulo. Dessa vez, para a final do concurso. A prefeitura da cidade tinha pagado uma boa grana para que o Fibonacci sediasse o último evento do ano ali, numa tentativa de abafar os últimos e terríveis acontecimentos. Se a limpeza de imagem daria certo, Áustria não sabia, mas conseguiu contar mais de dez repórteres na porta do espaço ao chegar, duas horas mais cedo.

— Meninas, vocês entram em dez minutos — Rosa murmurou, desaparecendo pelas coxias tão rápido que pareceu uma alucinação. A banda convidada para se apresentar no encerramento do concurso tocava os acordes finais de uma música melancólica.

Áustria encarou o próprio reflexo quando o cara dos cachos largou seu cabelo, passando para a próxima garota. Todas as concorrentes tinham um penteado parecido, cachos largos que lembravam divas de Hollywood, de 1960, e batons leves nos lábios. Tiveram a liberdade de escolher seus próprios vestidos, mas deveriam investir no simples e refinado. Áustria tinha selecionado um vestido cintilante que a própria mãe esquecera em São Paulo, antes de se mudar, o que era bonito e simbólico. Também estava usando luvas de seda, parecidas com as de Audrey Hepburn, em *Bonequinha de Luxo*.

— Você está linda, Tri — a voz de Karen preencheu o camarim. O tom doce era muito diferente daquele usado na última conversa, quando tinham trocado farpas.

Pelo espelho, Áustria a encarou. Estava usando um vestido tomara que caia rosa e brilhante, um colar exagerado no pescoço, que tirava toda atenção

das suas clavículas aparentes. Segurava um cigarro nas mãos e era questão de tempo até que fosse repreendida por isso, mas ela não se importava.

— Obrigada — disse, um pouco mais seca do que pretendia. — Você também.

— Então — ela olhou para as outras garotas que se arrumavam, o cheiro de perfumes diversos empestecendo o espaço. Era visível que queria um pouco de privacidade, mas Áustria não daria esse gostinho a ela —, amigas?

— Desde que você se comporte como uma amiga de verdade...

— Eu vou — Karen suspirou. — Falei sério no bilhete. Me arrependi de ter falado aquelas coisas.

Diferente de todas as jovens que gastavam seus últimos minutos em frente ao espelho, Maya já estava encostada ao batente da porta. Seu vestido era preto, usava luvas com o mesmo tecido de uma meia arrastão e tinha pintado as mechas brancas do cabelo de rosa e azul, respectivamente.

Segundo ela, era um tonalizante que sairia em poucos dias. Não tinha pretensão de vencer, então estava se divertindo.

De forma preguiçosa, ela se afastou do batente, aproximando-se das duas.

— Eu tenho certeza que vai — Maya deu um sorriso, apoiando as mãos nos ombros de Karen. — Já conversamos sobre isso — havia um tom de ameaça implícito na voz de Maya, algo que Áustria gostou de ouvir. Como se ela estivesse disposta a comprar briga com qualquer pessoa no mundo que a magoasse.

— Cinco minutos! — Dessa vez, não era a voz de Rosa, mas Áustria não conseguiu localizar quem falava.

— Posso falar com a Áustria rapidinho? — Maya pediu, forçando um sorriso simpático. Um tanto relutante, Karen assentiu, afastando-se na direção de uma das garotas que se arrumava para o concurso. Começou uma conversa sobre tintas de cabelo e maquiagem, porque era um assunto fácil de sustentar.

Karen era boa de papo.

— O que foi? — Áustria perguntou, ajeitando as mechas coloridas do cabelo de Maya, que deu um longo suspiro antes de responder.

— Ela morreu.

Áustria fez uma careta consternada. Demorou para responder, temendo soar insensível.

— Acho que era melhor assim.

Maya deu de ombros.

— A investigação sobre a Golucci S.A continua, mas eu silencieei o assunto em todas as redes sociais. Independente do resultado, não muda o que aconteceu com meu pai, então... vou usar a ignorância a meu favor.

— Você tem razão — ela assentiu. — Esse assunto já tomou muito do nosso tempo.

— Meninas — mais uma voz desconhecida —, precisam entrar em um minuto.

Maya revirou os olhos discretamente, todo aquele circo parecendo uma baita inconveniência. As duas seguiram para o corredor das coxias, onde uma mulher de rosto longo organizou todas as garotas em uma fila por altura.

Áustria não sabia definir seus sentimentos naquela noite. Ela queria ganhar, mas não como antes. Conseguia entender que seu valor não era medido por uma coroa de ouro e que, se outra pessoa ganhasse, esse não seria o fim da sua carreira. Haveriam outros concursos, outras chances, outras coroas. Só não haveria uma outra vida, e, por isso, ela deveria gozar da sua liberdade *nessa*.

Áustria passou os dedos pela barriga, tentando localizar os pontos cirúrgicos marcados na pele. As cicatrizes da coxa estavam escondidas pelo vestido longo e, talvez, uma Áustria do passado tivesse vergonha delas, mas ela não tinha. Eram vívidas. Eram marcas de uma sobrevivente.

— Ao longo dos últimos meses, nós preparamos essas garotas com tudo que tínhamos de melhor — a voz de Rosa ecoou pelos alto falantes. — Elas são as mais bonitas, mais educadas e mais talentosas de São Paulo, mas, hoje, só uma delas leva o título de Miss Fibonacci pra casa. Uma salva de palmas para as nossas concorrentes, por favor. — A plateia seguiu a ordem de Rosa, alguns assobios animados se destacando das palmas. A moça nas coxias fez um sinal para que entrassem, as luzes brancas do palco cegando todas elas.

Áustria não conseguia ver quem estava na plateia, mas sabia que Paula, Miguel e Osmar tinham combinado de ir, como uma oferta de paz em família.

Depois dali, pela primeira vez em anos, Áustria poderia escolher o restaurante onde jantariam, o que tinha sido uma oferta de Paula. Seus colegas de American Saint também estavam em algum lugar da plateia amontoadas. E, se quisesse acreditar em planos espirituais, diria que Hélia estava também, mesmo que por Maya, e não por ela.

Um dos juízes entregou um envelope prateado para Rosa. No centro do palco, uma mesa de madeira guardava a coroa, a faixa de primeiro lugar, um buquê de flores e um cheque, em tamanho real, no valor de dez mil reais. Era

a primeira vez que Áustria participava de um concurso valendo prêmios em dinheiro. Ela lembrava de ter passado boa parte da sua infância vendo aqueles cheques no programa do Silvio Santos.

— E em terceiro lugar... — Rosa começou, ficando em silêncio por alguns segundos, causando certa expectativa na plateia. — Melissa Farias.

Outro juiz cruzou o palco, uma coroa de bronze nas mãos. Ele deu um sorriso para Melissa e colocou o acessório em seus cabelos cacheados cor de cobre. A garota acenou para a plateia, que batia palmas, e fez uma referência, agradecida.

— Prontas para o segundo lugar? — Rosa se virou para as garotas, voltando-se para a plateia em seguida. — Todo mundo pronto? — Mais palmas e assovios. Áustria sentiu uma pontada no estômago, a ansiedade corroendo seu corpo. — Em segundo lugar... Maya Jeong.

Maya franziu o cenho, encarando Rosa de braços cruzados, como estava desde que subira no palco. Ela passou os olhos pelas outras meninas em fila, como se pudesse ter outra Maya Jeong, ou como se tivessem chamado seu nome por engano. Depois de alguns segundos em pura incredulidade, ela caminhou até o centro do palco e recebeu sua coroa de prata, posicionando-se ao lado de Melissa, para assistir ao anúncio do primeiro lugar.

Áustria sentiu suas mãos suarem dentro das luvas. Tinha escrito um discurso cheio de palavras difíceis, citando Madame Bovary e pedindo pela paz mundial, no mesmo dia em que tinha se inscrito no concurso. Agora, por mais que ele estivesse decorado no fundo do seu cérebro, ele não fazia mais sentido.

Se ganhasse, não tinha certeza do que falar.

— E o nosso primeiro lugar ficou com... — Rosa encarou a plateia, um sorriso plastificado nos lábios. Áustria não tinha certeza se o silêncio na plateia era total ou se seu coração estava batendo rápido demais, naquele ponto do nervosismo em que você começa a ouvir as próprias batidas pelas orelhas, o que explicaria porque não conseguia escutar nenhum burburinho.

Rosa deu uma volta dramática pelo palco, os olhos cheios de brilho ao perceber a quem pertencia a coroa de ouro. Ela ficou na ponta dos pés, empolgada, então anunciou — Áustria Fontes.

Áustria quase engasgou. Ela sabia, desde o começo, que tinha chances reais de ganhar, mas receber a notícia era assustador. E mágico. E estranho. E

desafiador, porque agora ela sentia que tinha uma chance de tomar uma atitude inesperada. Fazer algo que não esperavam dela, pela primeira vez.

Rosa cruzou o palco, tirando a coroa de ouro da mesinha com uma das mãos, apoiando o microfone na outra.

— Venha, querida — ela sorriu. Atrás dela, Maya bateu uma sequência de palmas silenciosas.

Áustria recuperou o controle da situação, acenando para a plateia enquanto desfilava até a coroa. Rosa colocou o acessório em seus cachos loiros, entregando-lhe o buquê de peônias, que era quase maior que sua cabeça.

— E como de costume, vamos deixar a nossa Miss Fibonacci dar uma palavrinha para a plateia. — Rosa entregou o microfone para Áustria e sussurrou, sem que ninguém ouvisse: — Você é um primor. Tenho certeza que ninguém, nesse palco, seria capaz de fazer um discurso melhor.

Áustria deu um passo para frente, o breu da plateia fazendo suas pernas vacilarem. Ela ouviu alguém gritar seu nome, mas não fazia ideia de quem era.

Ela passou o microfone de uma mão para a outra, até reunir a coragem necessária para começar.

— Algumas semanas atrás, Rosa perguntou o que eu mais queria na vida — disse, reflexiva. — Eu não hesitei na resposta. Eu respondi que queria vencer. Sempre, e independente de quem estivesse do outro lado. E parece que foi isso que eu fiz, não? — ela riu, arrancando algumas risadinhas da plateia também. — Mas, nos últimos dias, eu percebi que existem coisas mais importantes que vencer. O que eu mais quero na vida não é uma coroa —

Áustria deu uma pausa, sentindo seus olhos arderem. — O que eu mais quero na vida é ser feliz. E *livre*. — Uma salva de palmas veio da plateia, gritos se misturavam com assovios. — E eu espero não deixar vocês entediados, mas

gostaria de aproveitar que estamos falando de liberdade pra contar algumas coisas sobre mim. Coisas que vocês nunca souberam.

Rosa franziu o cenho. Áustria deu um sorriso tranquilizador para ela, caminhando na direção de Maya e Melissa. Ela desligou o microfone por um instante, murmurando para Maya:

— Eu disse que você não ia ganhar de mim — ela provocou, num tom de brincadeira. Conseguiu um longo revirar de olhos da parte de Maya. —

Bom, vamos lá. O primeiro que vocês precisam saber é que eu sou bolsista.

Eu tenho uma boa situação financeira, mas não boa o bastante para pagar a mensalidade de doze mil reais de American Saint. Não sou milionária. Nunca fui. — Áustria mordeu o lábio. O silêncio da plateia agora era reconfortante.

Estavam ouvindo o que tinha a dizer, prestando atenção nela. — A segunda coisa é que minha família está longe de ser perfeita. Minha mãe levou um tiro de bala perdida alguns anos atrás e quase morreu, o que deixou as coisas meio estranhas desde então, mas ela está se esforçando pra melhorar. —

Suspiros gerais. Alguns emocionados, outros em choque. — E eu também, acho.

— Acho que nós ouvimos o bastante — Rosa deu um passo para frente, mas Áustria não permitiu que ela a interrompesse.

— Terceira e última coisa — ela ergueu uma das mãos na direção de Maya, apontando —, eu estou namorando a garota mais bonita desse palco.

— Maya deu um passo para frente, entrelaçando os dedos na mão que ela oferecia.

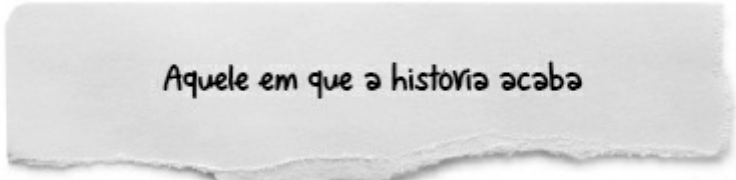
Áustria devolveu o microfone para Rosa, mas a plateia não estava prestando mais atenção nela. Alguém puxou um coro de “beija, beija, beija” —

e pelo tom de voz, Áustria deduziu que foi Miguel — e todos pareciam absurdamente empolgados com o relacionamento delas, como se fossem o Neymar e a Bruna Marquezine daquele teatro.

— Parece que você vai ganhar a sua mesa de som — Áustria deu um sorriso para Maya antes de beijá-la, bem na frente daquela plateia de pessoas que a conheciam a vida toda, mas não a conheciam *de verdade*.

Pequenos papeizinhos de celofane despencaram do teto, uma música pop animada, que Áustria não conseguiu identificar, tocando no fundo. Suas coroas quase despencaram durante o beijo, o que fez a loira sorrir.

— Você ganhou o primeiro lugar — Maya apoiou a testa na dela, suas mãos em volta da sua cintura —, mas eu sinto que quem venceu fui eu.



Aquele em que a história acaba

OUTUBRO DE 2019

Maya teve que apresentar sua carteira de identidade para entrar no prédio da faculdade de Áustria. A garota tinha mandado uma mensagem segundos atrás, dando as coordenadas de como chegar na sala onde ela estava, mas, mesmo que Maya tivesse visitado o espaço milhares de vezes, ainda se sentia um tanto perdida. A USP parecia ter vida própria: Um campus enorme, com centenas de pessoas indo e vindo de todos os cantos, carregando malas, mochilas, lanches ou pranchetas. Algumas andavam com pressa, outras caminhavam na mesma velocidade que um rio de águas serenas. Parte era simpática e empolgada, parte parecia ter acabado de chegar no matadouro. Era um ecossistema delicado, cada peça se movia individualmente para fazer algo maior e coletivo funcionar.

Ela seguiu as placas que indicavam o prédio de moda e pegou o elevador em direção ao subsolo, aproveitando a pequena pausa para atualizar o seu e-mail. Arrastou a aba de novas mensagens para baixo várias vezes, mesmo que a notificação já sinalizasse um zero, desde o primeiro toque. Ela tinha perdido. Provavelmente tinha perdido.

Maya suspirou quando o sinal se perdeu. As portas do elevador abriram, revelando as paredes cinzentas do subsolo, onde araras de roupas e tecidos remendados se escondiam.

— Ei, Maya — uma garota com dois coques no topo da cabeça cumprimentou, com um aceno simpático que mostrava suas unhas enormes.

Maya acenou de volta, caminhando em direção ao fim do corredor.

— E aí, Maya? — dessa vez foi um rapaz de pele negra e um imponente cabelo afro quem falou, um pequeno sorriso no rosto.

— Oi, Zuri — ela sorriu de volta. Tinha se tornado um rosto conhecido dentro da USP, depois de tocar em todas as calouradas do primeiro semestre.

As coisas tinham acontecido rápido. Na sua primeira apresentação, alguém gravou seus sets e postou no TikTok. O vídeo de poucos segundos tinha

conseguido mais de um milhão de visualizações e agora, dentro daquele território, ela era quase uma subcelebridade.

Maya bateu na última porta do corredor, a única que contava com um adesivo de estrela cor de rosa com a letra A no centro.

— Pode entrar.

— Trouxe seu almoço — Maya contou, colocando o corpo para dentro da sala. Era meio um camarim, meio um estúdio de fotos. — As pessoas devem me odiar porque peguei todos os sushis de atum do self-service.

— Se eu estivesse na fila esperando pra comer, te daria uma bandejada

— Áustria zombou, rodando na cadeira em frente ao espelho cheio de luzes.

Ela estava dentro de um longo vestido vermelho, revisando o PDF de uma das suas aulas. — Obrigada. Hoje vai ser corrido. Cheguei aqui às oito da manhã e ainda tem uns três vestidos pra fotografar.

— Tenho certeza que as fotos vão ficar ótimas — Maya incentivou, sentando-se no sofá de couro preto, em frente ao cenário branco que tinham montado. Áustria se levantou da cadeira, aconchegando-se ao lado dela e erguendo as duas mãos, pedindo seu sushi.

— De repente todos os alunos da faculdade de moda querem que eu modele pros projetos deles. — Ela tirou os sapatos de salto vermelhos, cruzando as pernas em cima do sofá. Sorriu para Maya quando ela entregou uma pequena embalagem de isopor repleta de peixe cru. — Samantha vai enlouquecer em breve.

— Ah, que isso — Maya zombou. — Só por que ela quer te mandar pra Milão e você prefere continuar ajudando os pobres universitários oprimidos?

— Não tem graça — ela protestou, enfiando um pedaço de atum na boca. — Eu espero que ela entenda. Ou desista de mim, sei lá. O que acontecer primeiro.

— Você não acha que seria uma boa oportunidade?

— Não. — Áustria fez uma careta. — Eu achava que queria trabalhar com essa coisa de modelo, mas acabou virando só um *hobby*. Algo que eu faço pra alimentar meu narcisismo. Não tem nada mais relaxante do que passar um dia inteiro com as pessoas te dizendo que você é linda, que tudo encaixa perfeitamente em você... — ela deu um sorriso maligno. — *Sério*.

Eu me tornei uma garota de desejos simples — ofereceu uma peça de sushi para Maya, que negou. — Só quero terminar o meu curso de letras, me especializar em literatura inglesa, dar umas aulas, posar pra umas fotos —

Áustria mordeu o lábio, fingindo pensar —, fazer um mochilão com minha namorada, transar quatro vezes na semana e ter uma marca de perfume com meu nome.

Maya arqueou uma das sobrancelhas, achando graça.

— Qual foi a do perfume?

— Sei lá. Um perfume chamado Áustria parece sonoro — ela deu de ombros. — Preciso de algum sonho inalcançável pra continuar vivendo. Sou competitiva. E falando em oportunidades, já recebeu algum e-mail?

Maya fez uma careta.

— Eu estava torcendo pra você não perguntar isso.

Áustria suspirou, irritada.

— Bom, eles não te recusaram ainda, então...

— Eu prefiro ser realista.

— Eu não. — Ela se remexeu no sofá, inquieta. — Me dá seu celular.

Ela ajeitou a touca amarelo-neon que usava no cabelo, curiosa. Tirou o aparelho do bolso da calça e o entregou, ainda sem entender sua proposta.

Áustria colocou o telefone em cima da mesinha em frente ao sofá.

— Você vai receber um e-mail nos próximos cinco minutos.

— Fala sério.

— Estou falando! — Áustria empurrou o celular para o centro da mesa com os dedos, como se fosse importante que ele estivesse perfeitamente alinhado. — Você é muito talentosa. Se eles te recusarem, vai ser a escolha mais idiota das suas vidas insignificantes.

— É uma banda só de garotos. — Maya mordeu o lábio. — Sei lá.

Talvez estejam procurando um quarto — ela fez ênfase na letra O — integrante.

— Se eles te recusarem — Áustria repetiu —, eu coloco fogo na gravadora deles. — Ela cruzou os braços, emburrada. — Mandou um vídeo tocando baixo, não foi?

Maya confirmou.

— Mas também mandei alguns na mesa de som. Só os que viralizaram na Internet.

— Você vai ver — ela sorriu, enquanto enfiava mais um pedaço de sushi na boca. — Cinco minutos.

Maya riu, desacreditada. Áustria continuou comendo, no mais completo silêncio, como se isso fizesse parte do seu ritual para receber o maldito e-mail de resposta. Maya tinha visto um banner sobre o concurso colado nas paredes da USP e decidido se candidatar por pura vaidade, mas, depois de um tempo,

tinha começado a achar a ideia de fazer parte de uma banda realmente interessante. Ainda que fosse apaixonada pelo trabalho de DJ, sentia falta de ter alguém com quem dividir os perrengues do mundo da música. Além disso, depois de se formar, tinha focado tanto na própria carreira que não tivera tempo de fazer muitos amigos. Conhecera pessoas, é claro, mas não construiu um laço significativo com ninguém. Era em momentos como esse que sentia falta de Hélia.

Fora esses detalhes, o guitarrista tinha uma prótese mecânica no lugar de uma das mãos, e ela achou incrível que ele conseguisse tocar ainda assim.

Maya queria *muito* ser aceita naquela droga de concurso. E se não passasse, culparia o patriarcado sem nenhum peso na consciência.

Dois minutos tinham se perdido, quando Áustria terminou o seu sushi.

Maya apontou para o relógio.

— Três minutos.

— Confia — alfinetou, levantando-se para ir até o pequeno banheiro no canto do estúdio para escovar os dentes. O telefone ainda não tinha dado sinal de vida quando ela voltou, motivo pelo qual fez uma careta indignada.

Áustria até arriscou apertar o botão *home*, para conferir que nenhuma notificação tinha sido perdida. Ela bufou, e Maya riu porque, apesar do nervosismo, não tinha mais nada que pudesse fazer a respeito.

— Esses caras vão me fazer comprar um galão de gasolina, é sério?

— Dois minutos.

— Para — Áustria protestou. — Você tá me deixando nervosa.

— É da minha carreira que estamos falando. — Maya achou graça.

— Se não mandarem um e-mail agora, eles ainda têm o dia inteiro. Só vou perder as esperanças quando o relógio bater meia noite e um.

— Sessenta segundos — Maya provocou.

Como em um passe de mágica, a tela do celular se acendeu, anunciando um e-mail novo na caixa de entrada. Maya encarou Áustria como se ela fosse uma bruxa, incrédula.

— Eu aposto que é spam — disse Maya, pegando o celular com cuidado, como se ele pudesse explodir.

Áustria se levantou do sofá, ansiosa.

— Leia em voz alta.

O e-mail demorou alguns segundos para carregar.

— Maya Jeong — ela começou —, depois de analisarmos mais de vinte mil vídeos de inscritos, temos o prazer de anunciar que encontramos em você

exatamente o que procurávamos no nosso quarto elemento. — Maya se levantou do sofá também. — Estou te passando o *Whatsapp* pessoal do nosso agente e gostaríamos que entrasse em contato para marcar uma reunião o quanto antes. Estamos todos ansiosos para te conhecer pessoalmente. — Ela bloqueou o celular, ainda em choque. — Meu Deus. *Meu Deus!*

— Eu disse que eles não iam desperdiçar uma chance dessas — Áustria murmurou, convencida, apoiando as duas mãos na cintura de Maya. — Em breve, o Brasil inteiro vai conhecer a minha garota — disse, sorrindo. — Já pensou? Você viajando o país inteiro com uma banda? Eu vou ficar com ciúmes. Virar uma daquelas namoradas insuportáveis que fuçam no *Whatsapp* por horas até achar alguma mensagem duvidosa pra tirar de contexto.

Maya riu.

— Eu nunca duvidaria da sua capacidade de ser insuportável —

debochou.

— Não é esse tipo de coisa que você diz quando quer acalmar uma garota ciumenta.

— Eu nunca duvidaria da sua capacidade de ser uma patricinha insuportável — corrigiu.

A loira revirou os olhos, forçando uma voz afetada.

— Estou muito perto de soltar um palavrão.

— Tudo bem, eu vou falar o que você quer ouvir. — Maya se aproximou dos lábios dela, dando um selinho breve. Deu uma pausa mais longa que o necessário por pura provocação. — Não importa quantos estados eu conheça, você sempre vai ser meu lar.

Áustria abriu um sorriso.

— Muito melhor — aprovou, beijando-a em seguida.

F I M

AGRADECIMENTOS

Escrever um livro em dois meses é um processo doido — e estressante.

Não vou dizer que fiquei noites em claro porque seria mentira, afinal sou uma pessoa diurna. Mesmo assim, minha rotina virou de cabeça para baixo e esse livro consumiu todo meu foco durante esses sessenta e poucos dias. Todas as pessoas que fizeram parte desse processo foram essenciais pra que eu não desistisse e não jogasse tudo pro alto.

Primeiramente, agradeço à minha mãe por ter me dado muitos livros na infância, se não essa (e nenhuma outra) história seria possível. Segundo, agradeço meu namorado por ter me aturado escrevendo por vários finais de semana seguidos sem reclamar do tédio. Terceiro, quero agradecer minha melhor amiga, Luciene (e muitos outros nomes) por me apoiar em todas minhas decisões, mesmo quando a vida é uma loucura e o tempo é escasso.

Fica aqui o meu muito obrigada, central de spoiler.

Preciso agradecer também as minhas betas maravilhosas: Tai, Julie, Liv e VicMendes, que leram a história antes de todo mundo e transformaram esse livro na melhor versão que ele podia ser. Um agradecimento simbólico pro Rafael, que não pode betar essa história, mas betou todas as outras (e ama agradecimentos de livros).

Um grande obrigada pra Maidy, que também leu o livro primeiro e torceu pelo casal principal como se a vida dependesse disso. Obrigada por todo apoio e por ter surtado com esse livro como se fosse a história mais incrível de todos os tempos (talvez seja? risos).

Não posso esquecer de agradecer também a Andy e a Tine, as duas espiãs demais que sempre lidam com todos os meus surtos (e surtam em conjunto). Graças a vocês duas essa vida de escritora fica muito mais fácil <3

Obrigada aos meus leitores também, sem vocês esse lançamento nunca aconteceria.

Por fim (mas não menos importante) obrigada toda equipe da Qualis que acreditou nesse livro desde o primeiro segundo em que apresentei a ideia e fez de tudo para que ele estivesse no mundo.